



MUSEU DOS EX-COMBATENTES DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA II GUERRA MUNDIAL (CAXIAS DO SUL):

HISTÓRIA E MEMÓRIAS

Prefeitura de Caxias do Sul

Secretaria da Cultura

Departamento de Memória e Patrimônio Cultural

Rosana Peccini (Organizadora)



MUSEU DOS EX-COMBATENTES DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA II GUERRA MUNDIAL (CAXIAS DO SUL):

HISTÓRIA E MEMÓRIAS

Prefeitura de Caxias do Sul

Secretaria da Cultura

Departamento de Memória e Patrimônio Cultural

Rosana Peccini (Organizadora)

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Dom José Gislón

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

*Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento
Tecnológico:*
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Márcio Miranda Alves
Matheus de Mesquita Silveira
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese
Thiago de Oliveira Gamba

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
*Escuela Interdisciplinar de Derechos Fundamentales
Praeeminentia Iustitia/Peru*

Juan Emmerich
Universidad Nacional de La Plata/Argentina

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
Universidad Nacional del Centro/Argentina

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



MUSEU DOS EX-COMBATENTES DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA II GUERRA MUNDIAL (CAXIAS DO SUL):

HISTÓRIA E MEMÓRIAS

Prefeitura de Caxias do Sul

Secretaria da Cultura

Departamento de Memória e Patrimônio Cultural

Rosana Peccini (Organizadora)

Apoio:



Realização:



**PREFEITURA
DE CAXIAS DO SUL**

SMC
Secretaria
da Cultura



© dos organizadores

1ª edição: 2023

Revisão: João Luís Ferreira Horn

Editoração e Capa: Igor Rodrigues de Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade de Caxias do Sul

UCS – BICE – Processamento Técnico

C384m Caxias do Sul (RS). Secretaria Municipal da Cultura Museu dos Ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial (Caxias do Sul) [recurso eletrônico] : história e memórias / Prefeitura de Caxias do Sul. Secretaria da Cultura. Departamento de Memória e Patrimônio Cultural, Museu dos Ex-combatentes da FEB na II Guerra Mundial ; org. Rosana Peccini ; [textos] Loraine Slomp Giron ... [et al.]. – Caxias do Sul, RS : EducS, 2023.

Dados eletrônicos (1 arquivo)

Apresenta bibliografia.

Vários colaboradores.

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5807-260-7

1. Ex-combatentes - História. 2. Guerra Mundial, 1939-1945. 3. Brasil. Exército. Força Expedicionária Brasileira. 4. Museus históricos - Caxias do Sul (RS). I. Museu dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial. II. Peccini, Rosana. III. Giron, Loraine Slomp. IV. Título.

CDU 2. ed.: 355.1-057.36-057.75(091)

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|--|------------------------------|
| 1. Ex-combatentes - História | 355.1-057.36-057.75(091) |
| 2. Guerra Mundial, | 1939-1945 94(100)“1939/1945” |
| 3. Brasil. Exército. Força Expedicionária Brasileira | 355.35(81) |
| 4. Museus históricos - Caxias do Sul (RS) | 069:94(816.5) |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária

Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197

Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

Este livro não pode ser comercializado, pois
destina-se à distribuição para escolas.



EXPEDIENTE PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL

Prefeito

Adiló Angelo Didomenico

Vice-prefeita

Paula Cristina Ioris de Oliveira

Chefe de Gabinete

Grégora Fortuna dos Passos

Secretária Municipal da Cultura

Cristina Nora Calcagnotto

Diretora Geral

Magali Helena de Quadros

Diretor de Museus

Itamar Ferretto Comaru

Organizadora

Rosana Peccini

Escritores

Lorraine Slomp Giron

Maria Inez Argenta

Marizete Eliza Ferrazza Raimann

Denise Brosila Spiandorello

Humberto Ferreira da Silva

Rosana Peccini

Guilherme Griebler

Dennison de Oliveira

Julio Cezar Fidalgo Zary

André Luiz dos Santos Franco

Sônia Mary Storch Fries

Susana de Araujo Gastal

Eliana Gasparini Xerri

Sílvio Jorge Ulivi Ribeiro

Colaboradores

Gilce Maria Pastore

Guilherme Dalmoro

Gabriel Macedo da Silva

Gabriele Catherine Campeol

Patzlaff

AGRADECIMENTOS

Essa publicação é uma homenagem a todos ex-combatentes brasileiros que atuaram no teatro de operações da Itália.

Agradecemos a todos que colaboraram com esta publicação, de forma especial aos pracinhas e seus familiares, o exército, todos os escritores com seus artigos, colaboradores e patrocinadores.

Patrocinadores:

Maria Elisabeth Arioli dos Reis

Dirceu Luiz Manfro Ramos

Grupo Di Paolo

*“Nunca pense que a guerra, não importa quão necessária
nem quão justificada, não é um crime.
Pergunte aos soldados e aos mortos.”*

Ernest Hemingway

SUMÁRIO

	PREFÁCIO	10
	<i>Cristina Nora Calcagnotto</i>	
1	MUSEU DOS EX-COMBATENTES DA FEB NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	11
	<i>Rosana Peccini</i>	
2	PROCESSAMENTO DO ACERVO DO MUSEU DA FEB	29
	<i>Denise Brosina Spiandorello</i> <i>Marizete Eliza Ferrazza Raimann</i>	
3	"BRASILIANI DALLE TRUPPE DI COLORI, BRASILIANI LIBERATORI DALL'ITALIA"	41
	<i>Sônia Storchi Fries</i>	
4	MEMÓRIAS DA SEGUNDA GUERRA	72
	<i>Lorraine Slomp Giron</i>	
5	ABORDAGENS SOBRE O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: BREVE INCURSÃO NA IMPRENSA DE CAXIAS DO SUL	83
	<i>Eliana Xerri</i>	
6	A COBRA VAI FUMAR: IMAGENS E IMAGINÁRIO DA FEB NA SEGUNDA GUERRA	97
	<i>Susana Gastal</i> <i>Felipe Zaltron de Sá</i>	
7	NO FRONT DA MEMÓRIA: A COLEÇÃO MUSEALIZADA DOS VETERANOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA EM JUIZ DE FORA	109
	<i>Humberto Ferreira Silva</i>	
8	MEMÓRIA DA GUERRA: SETENTA E CINCO ANOS APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	122
	<i>Guilherme Griebler</i>	
9	DUE PADRI DUE MONDI	133
	<i>Silvio Jorge Ulivi Ribeiro</i>	
10	DOIS PAIS, DOIS MUNDOS	156
	<i>Silvio Ribeiro Jorge Ulivi Ribeiro</i>	
11	INFINITAMENTE AO SEU LADO	179
	<i>Maria Inez Argenta</i>	
12	ALIMENTAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA HISTÓRIA E NA HISTORIOGRAFIA (1950-2020)	198
	<i>Dennison de Oliveira</i>	
13	O PROCESSO DE UNIFORMIZAÇÃO DA FEB, ENTRE 1943 E 1945.	209
	<i>Julio Zary</i>	
14	A FUNÇÃO DA FEB NOS CAMPOS DE BATALHA DA ITÁLIA	219
	<i>André Luiz dos Santos Franco</i>	

PREFÁCIO

No ano em que a Força Expedicionária Brasileira comemora os seus 80 anos, esta publicação nasce.

Uma relevante pesquisa feita por pessoas que emprestaram o seu olhar para elucidar a temática e contribuir, de maneira instigante e curiosa, para a preservação da história dando visibilidade a mais algumas memórias.

O Museu da FEB, mantido pela Diretoria de Museus e Memória da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul, um dos poucos espaços museológicos da Força Expedicionária ainda existentes no Brasil, segue, com o apoio da iniciativa privada por meio de familiares dos antigos pracinhas, em pleno funcionamento. Recebe visitantes de todo o país e atua como um importante lugar de pesquisa e discussão, assim como a obra em tela.

Museu dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial: História e Memórias traz diferentes perspectivas sobre uma narrativa há muito revisitada, mas por vezes sombreada, apagada ou até mesmo esquecida.

Com ela, é tempo de lembrar, honrar e homenagear.

Pela sensibilidade da organizadora, dos autores, dos colaboradores, da editora e dos patrocinadores, o nosso agradecimento. Aos atores desta história e aos seus familiares, o nosso reconhecimento.

Aos leitores, uma boa reflexão!

*Cristina Nora Calcagnotto
Secretária Municipal da Cultura
Caxias do Sul, agosto de 2023.*

MUSEU DOS EX-COMBATENTES DA FEB NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

INTRODUÇÃO

Rosana Peccini¹

Esta publicação nasceu da vontade de contribuir para o conhecimento e ampliá-lo sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Percebe-se pouco espaço sobre a FEB nos livros didáticos, e os textos aqui propostos serão constantemente acrescidos de novas interpretações, novos artigos, novas memórias e, sempre que possível, continuarão a desenvolver temas para que os feitos dos pracinhas não se percam. Não é prioridade deste museu citar fatos, datas e números, pois já estão amplamente divulgados, visto que as publicações são inúmeras e o próprio exército mantém viva a memória da FEB.

O Museu dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial quer, antes de tudo, preservar a memória de cada pracinha, de cada soldado, seja ele cabo, tenente ou general. Este museu não ficará restrito aos combatentes que fizeram parte da associação por eles criada em Caxias do Sul, em 18 de setembro de 1955; mas divulgará respeitosamente todas as memórias que se puder preservar.

Após a declaração de guerra, em 22 de agosto de 1942, o Governo do Brasil criou, em 09 de agosto de 1943, a Força Expedicionária Brasileira, nomeando, em 28 de dezembro do mesmo ano, para comandá-la, o General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes.

Um dos motivos que impulsionou o governo do Brasil a entrar na guerra contra os países do Eixo foram os torpedeamentos dos navios mercantes indefesos que produziram aproximadamente 1081 mortes de civis. O Brasil teve 35 navios torpedeados, sendo que o Taubaté (22/03/1941) foi o primeiro e o único que afundou antes do Brasil declarar guerra ao Eixo.

No mar Mediterrâneo, aviões de caça da Luftwaffe atacaram o navio durante uma hora e dez minutos seguidos. O capitão do navio garantiu que os pilotos tinham como ver a bandeira nacional – fato negado pelos pilotos alemães. Treze tripulantes foram feridos e um morreu. José Francisco

¹ Professora de História. Doutoranda em Turismo, Coordenadora do Museu dos Ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial.

Fraga foi o primeiro brasileiro a morrer devido ao conflito europeu. (MONTEIRO, 2013, p. 29)

Algumas publicações divergem em relação aos números de navios e mortes provocadas pelos ataques dos submarinos alemães. Há autores que não consideram o Taubaté por ter sido agredido antes da declaração de guerra do Brasil contra o Eixo. Em razão disso algumas diferenças de dados aparecem, sem, no entanto, prejudicar os textos.

Com a decisão pró-guerra de Getúlio Vargas, a organização da FEB seguiu os moldes americanos, com tropas de todas as armas, serviços e outros órgãos de apoio logístico. Os seus integrantes eram de diversos estados brasileiros. Os estados brasileiros que contribuíram mais significativamente com o contingente humano foram: Guanabara, 6.094; São Paulo, 3.889; Minas Gerais, 2.947; Estado do Rio, 1.942; Rio Grande do Sul, 1880; Paraná, 1542; Santa Catarina, 956; Bahia, 686; Mato Grosso, 679; Pernambuco, 651; Ceará, 377.

A FEB foi constituída de uma Divisão de Infantaria Expedicionária (1º DIE), foi comandada cumulativamente pelo General Mascarenhas de Moraes e era a força de operações de combate. Contava com a Infantaria Divisionária (três regimentos) comandada pelo General de Brigada Euclides Zenóbio da Costa, com a Artilharia Divisionária (quatro grupos de Artilharia e uma esquadrilha de ligação e observação) comandada pelo General de Brigada Oswaldo Cordeiro de Farias, com um Batalhão de Engenharia, um de Saúde, um de Esquadrão de Reconhecimento e Unidades menores de outros serviços. Os Órgãos não Divisionários, para atividades de apoio, foram comandados pelo General de Brigada Olympio Falconieri da Cunha.

O transporte dos soldados foi realizado por mar, com exceção de 111 militares, dos quais 67 enfermeiras, que viajaram por via aérea; os demais componentes da FEB foram conduzidos do porto do Rio de Janeiro para o de Nápoles em navios de transporte de tropas americanas, entre 02 de julho de 1944 e 08 de fevereiro de 1945, em quatro oportunidades.

Na Itália, a FEB incorporou-se ao IV Corpo do V Exército Americano, dando início as suas operações de combate no princípio de setembro de 1944, no setor do rio Arno, ao norte da cidade de Pisa. Lutou contra tropas altamente treinadas, em terrenos montanhosos, suportando temperaturas que chegavam a -20°C.

Nos últimos dias de sua ofensiva, cercou e aprisionou a 148ª Divisão de Infantaria alemã, comandada pelo General Otto Fretter Pico e a Divisão Itália, comandada pelo General Mário Carloni.

As principais vitórias da FEB foram: Mazzaroza, 16/09/1944; Camaione, 18/09/1944; Monte Prano, 26/09/1944; Fornaci, 06/10/1944; Galicano, 07/10/1944; Earga, 11/10/1944; Sanquirino, 30/10/1944; Monte Cavallaro, 16/11/1944; Monte Castelo, 21/02/1945; La Serra, 25/02/1945; Santa Maria Viliana, 04/03/1945; Castelnuovo, 05/03/1945; Montese, 14/04/1945; Paravento, 15/04/1945; Monte Maiolo, 19/04/1945; Riviera, 20/04/1945; Zocca, 21/04/1945; Formigini, 27/04/1945; Collecchio, 27/04/1945; Castelvetro, 28/04/1945; e Fornovo de Taro, 28/04/1945.

O contingente humano da FEB que foi deslocado do porto do Rio de Janeiro para Nápoles foi de 25.334, sendo que 457 foram mortos no Teatro de Operações de Guerra, 35 foram aprisionados pelo inimigo e 1.577 foram feridos em ação por armas de guerra e 658 foram feridos fora da linha de combate. Dos 25.334 integrantes da FEB, 15.069 pertenciam à 1ª DIE e os 10.265 restantes aos órgãos de apoio.

Em relação aos inimigos feitos prisioneiros pela FEB são 20.573, sendo que 9 divisões eram alemãs e 3 divisões eram italianas. Dos 20.573 inimigos capturados, 2 generais, 892 oficiais e 19.679 praças. Dos 457 mortos da FEB 13 eram oficiais e 444 eram praças.

Após a rendição de todas as tropas inimigas na Itália, em 02 de maio de 1945, a FEB ficou distribuída em diversas cidades ao norte daquele país, com a missão de neutralizar algumas resistências isoladas, de manter a ordem e de assegurar os serviços públicos locais. Assim se deram as últimas missões da FEB na Itália antes do regresso.

Em junho, deslocou-se para o acampamento em Francolise, próximo a Nápoles, onde permaneceu aguardando regressar ao Brasil, o que foi efetuado entre 06 de julho e 19 de setembro de 1945, em cinco escalões de embarque.

Para os estudiosos da História do Brasil na II Guerra Mundial recomenda-se a leitura do livro “Memórias” tomo I e tomo II, do Marechal J. B. Mascarenhas de Moraes. O seu relato é minucioso e crítico, colocando várias questões sobre as características, realizações e dificuldades que os soldados brasileiros tiveram que enfrentar, como é o caso dos uniformes brasileiros, inadequados ao clima do rigoroso inverno na Itália. (Inverno

de 1944-45 atingiu -20° C.) Moraes chama atenção sobre as adversidades, pois:

Os expedicionários brasileiros, mal preparados psicologicamente, sofreram e venceram, mais que quaisquer outros, desde a travessia do Atlântico até a frente de batalha, situações difíceis que sucediam continuamente diante do desconhecido da guerra.

As autoridades americanas se decepcionaram com o insuficiente estado sanitário da primeira tropa brasileira a desembarcar no território italiano e continuaram a se decepcionar com a imprestabilidade dos uniformes, agasalhos e calçados dos brasileiros, socorridos em tempo pela ação pessoal do General Mark Clark, comandante do V Exército.

As autoridades militares brasileiras se fizeram de surdas, no Brasil [...] Era sob esse vexame injustificável que a tropa brasileira iniciaria, em setembro de 1944, suas operações de guerra: armamento e munição americanos, calçados e agasalhos americanos, alimentação quase toda americana, pois até o café, cujo grão vinha do Brasil, não podia ser aproveitado por falta de aparelhagem para torrar e moer.

Relativamente aos uniformes, convém salientar que além da má qualidade e péssimo acabamento – impróprios para temperaturas tão baixas – tinham o inconveniente de muito se assemelharem, pela cor, aos do inimigo, provocando perigosas confusões entre os combatentes, em particular para a aviação, os observadores de artilharia e para nossos aliados, aos quais, no ardor do combate, poderiam tomar-nos como adversários. (MORAIS, p. 128, 1984)

Nas fotos a seguir, vemos o pracinha Adelino Marcos Vencato vestindo o uniforme que os americanos providenciaram para os soldados. Buscou-se informação com o Comandante Zary, para saber se de fato esse seria o uniforme de inverno. Zary esclarece que na verdade, o combatente estava usando o uniforme de inverno, mas com o lado de dentro para fora, isto é, no avesso, como se pode comprovar na sequência das imagens.

FIGURA: US Army Pile Cap.



FONTE: arquivo particular de Júlio Zary.

FIGURA: Adelino Marcos Vencato com uniforme de inverno fornecido pelo exército norte-americano. Detalhe: o pracinha está usando o casaco e o boné com o forro para fora



FONTE: arquivo particular da família Vencato.

FIGURA: uniforme norte-americano de inverno: M 43 field jacket pile liner.



FONTE: arquivo particular de Julio Zary.

O estágio realizado pelos soldados brasileiros em Vada, de início, espantou a tropa americana pela quase total semelhança dos uniformes – também verde-oliva – e por não separar negros e brancos (MORAIS, 1984, p. 165). Assim como uniformes, alimentação e falta de preparo psicológico chamava a atenção das autoridades americanas o contingente humano no que diz respeito à nossa miscigenação.

FIGURA: motorista Adelino Marcos Vencato, no meio, com seus companheiros



FONTE: acervo da família Vencato.

A primeira missão de guerra recebida pelo Destacamento FEB, do IV Corpo de Exército, consistiu no seu deslocamento, a 13 de setembro, de Vada para Vecchiano (8 Km ao norte de Pisa), a fim de ficar em condições de substituir as tropas norte-americanas na área de Massaciucoli – Filetto-Vecchiano. O General Zenóbio da Costa deslocou-se na noite de 15 de setembro e se articulou de maneira a substituir os americanos. A progressão rumo ao norte marcou as primeiras vitórias da FEB com a ocupação de Massarosa e Bozzano.

Praticamente uma das últimas missões foi a rendição dos alemães da 148ª Divisão Alemã, que ocorre entre 29 e 30 de abril de 1945, com a rendição do General Otto Fretter Pico e do General Mario Carloni. A rendição começou pela remoção dos feridos mais graves, depois os feridos menos graves, em seguida o corpo da tropa e por últimos os generais, que acompanharam a tarefa até o fim. “Terminava, assim, o singular feito d’armas que decorria de uma rendição incondicional, imposta pela decisão em combate” (MORAIS, 1984).

FIGURA: rendição



German General Otto Fretter-Pico, Commander of the 148th Infantry Division, and General Mario Carloni Surrendering to the Brazilian Expeditionary Force in 1945 during the Battle of Collecchio. #Sir

FONTE: <https://me.me/i/e3-german-general-otto-fretter-pico-commander-of-the-148th-infantry-2061905>

ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DA FEB E A FORMAÇÃO DO MUSEU DOS EX-COMBATENTES DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA II GUERRA MUNDIAL

Visando à integração dos pracinhas de todo o Brasil, em 1946, foi fundada a Associação Nacional dos Ex-combatentes do Brasil. No mesmo ano, em Caxias do Sul, os ex-combatentes criaram a Associação Nacional dos Ex-combatentes da FEB ligada à central do Rio de Janeiro. Seus integrantes eram os veteranos da FEB (boina azul) e os integrantes que atuaram na defesa do litoral (boina verde). A entidade foi mantida com mensalidades dos associados, que mantinha atividades de integração com outras associações, voltadas ao intercâmbio, eventos de integração e participação nas convenções nacionais. Segundo Arioli (2011, p. 38), não deu certo porque era cedo demais para relembrar a guerra:

Quando eu vim para cá, fizeram uma associação, lá no ano de 1946. Eu fui um dos fundadores dessa associação, era na frente do cinema, numa salinha, uns 10 se reuniam ali, mas não tinha entusiasmo, estavam todos pensando no trabalho e no serviço, ninguém queria saber de lembrar da

guerra. Mas durou pouco. A associação não vingou, porque era muito cedo para lembrar uma coisa que recém tinha terminado. Talvez tivesse dado certo, por exemplo, lá em Curitiba, os caras foram bacanas, pegaram um governador bacana, eles conseguiram um terreno, o governo construiu um baita, é o maior do Brasil, é uma quadra inteira, tem canhões alemães, tem um avião daqueles nossos em cima dum pedestal, fizeram uma associação que o governo estadual ajudou.

Conforme a Ata do dia 18 de setembro de 1955, folha nº 1, vinte e um ex-combatentes se reuniram na casa do Sr. Any Dancwadt para tratar dos seguintes itens:

1. Fundação da Associação dos ex-combatentes em Caxias do Sul;
2. Promover a eleição da diretoria da referida associação; Com o comparecimento de vinte e um ex-combatentes, abaixo assinados, foi posta a palavra a quem dela quisesse fazer uso, e como o Sr. Valdemar da Veiga aceitasse o oferecimento, iniciou-se a seção na qual a referido cidadão exaltou a necessidade de união de todos os presentes a fim de salvaguardar os interesses dos ex-combatentes no que tange a seus direitos. Em prosseguimento tomou a palavra o Sr. Any Dancwadt que falou sobre o desamparo em que se encontra os “Febianos” e ao mesmo tempo do descaso do governo com referência àqueles que derramaram sangue e arriscaram sua vida representando e defendendo o Brasil no último conflito mundial. Depois de falarem outros presentes sobre a necessidade de organizarem-se, foi posta em votação uma chapa os membros da Diretoria, e que por meio do voto simbólico ficou assim constituída: Presidente de Honra: Marechal Mascarenhas de Moraes – Presidente Valdemar da Veiga – Vice-Presidente Ricieri Cervelin Secretário Geral Any Dancwadt – Secretário Finanças João Balbino Gonçalves² – Tesoureiro Olisses Guerra³ – Secret. A. Social Acacio S. Martins – Secretário de Difusão e Publicidade Roberto Ariolli⁴. Reinaldo Fadanelli⁵ – Renato José Cipriani – Constantino Menegassi. Nada mais havendo a tratar, eu, Any Dancwadt lavrei a presente ata que será por mim assinada e pelos demais presentes que também a assinaram, depois de lida e aprovada. Olices Guerra⁶, Adelino Marcos Vencato, Zeferino de

² Nome escrito conforme a ATA

³ Nome escrito conforme a ATA

⁴ Nome escrito conforme a ATA.

⁵ Nome escrito conforme a ATA.

⁶ Nome escrito conforme a ATA.

Lima⁷, Claudino Cousseau, Zulmiro Morone, Angelo Fabro⁸, Mario Salvarego, Any Dancwadt, Antonio Maltauro, Cesario [inteligível], Any Dancwadt, João Balbino Gonçalves Moreira, Renato José Cipriani, Constantino Menegazzi, Domingos Perazzolo, João Rech, Reinaldo Fadaneli, Henrique Misturini, Waldemar da Veiga⁹, Ricieri Cervelin, Alicio Germano Giongo, Acacio Soares Marin

Na convenção de 1970, realizada em Vitória, Caxias do Sul foi escolhida para sediar o próximo encontro. Em 1971, o febiano Alberto Arioli foi escolhido presidente. Nas suas metas estavam a organização da convenção, a construção da sede, a organização de um museu e o encaminhamento dos processos para a reforma dos ex-combatentes. Nesse período todos os combatentes da região foram reformados e passaram a receber os benefícios que a Lei lhes assegurava.

Com a ajuda dos companheiros, com o apoio do Exército Brasileiro, dos empresários e das prefeituras da região a Associação de Caxias do Sul realizou uma convenção (1972), que marcou pela qualidade. Na programação do evento teve passeios, eventos culturais e cívicos. A convenção aconteceu durante as comemorações alusivas aos 150 anos de Independência do Brasil.

Em 1976, os febianos resolveram fundar uma nova associação composta somente com combatentes que participam realmente na II Guerra na Itália, o que se concretizou em 05 de setembro desse ano, ficando a partir de então como a Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Regional Caxias do Sul.

Durante o processo de desligamento, foi efetuada a aquisição da sede própria, graças a venda de um terreno doado pela prefeitura Municipal no período do prefeito Hermes João Webber e pela doação de C\$ 60.000,00 doados pelo então prefeito Mário Vanin.

LEI Nº 2.242, DE 16 DE OUTUBRO DE 1975.

Autoriza venda de imóvel doado à Associação dos Ex-combatentes do Brasil.-

O Poder Legislativo aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º – Fica o Poder Executivo autorizado a permitir a venda pela Associação dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira, do lote de sua propriedade, de nº 2, da quadra 601, do Bairro Cinquentenário,

⁷ Nome escrito conforme a ATA.

⁸ Nome escrito conforme a ATA.

⁹ Nome escrito conforme a ATA.

nesta cidade, com escritura de doação nº 677, do Livro 6, Fls. 22 a 25 V., Lavrada no 3º Tabelionato desta Comarca, em 03 de setembro de 1.968.

Art. 2º – O produto da venda do imóvel referido no artigo anterior será aplicado na compra de um prédio de alvenaria, com 02 (dois) pavimentos, sito à Rua Visconde de Pelotas, 249, com terreno de 10 X 50 metros, de propriedade de Josefina Franzoi e outros, que servirá de sede para a Associação dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira.

Art. 3º – Para a aquisição do imóvel referido no artigo 2º, a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, receberá como complementação a título de auxílio, a importância de Cr\$ 66.000, 00 (sessenta e seis mil cruzeiros).

Parágrafo Único – Para fazer face ao presente encargo, fica o Poder Executivo autorizado a abrir crédito especial cujo recurso correrá pela dotação orçamentária 2.17/3.2.6.0 – Fundo de Reserva Orçamentária.

Art. 4º – O imóvel a ser adquirido pela Associação dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira será escriturado para a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, instituindo-se, porém, usufruto pelo espaço de 25 (vinte e cinco) anos a favor da Associação.

Parágrafo Único – Decorrido o prazo a que se refere este artigo, o imóvel, com benfeitorias, acervo, será incorporado ao patrimônio do Município, independente do pagamento de qualquer importância a título de indenização.

Art. 5º – Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL, em 16 de outubro de 1.975.

Dr. Mário David Vanin
PREFEITO MUNICIPAL

Para a reforma do prédio, o governo do estado repassou uma verba de C\$ 30.000, 00. As obras iniciaram imediatamente: o primeiro andar ficou reservado ao Centro Cívico e Museu dos Ex-Combatentes da FEB e o andar térreo foi destinado a encontros de confraternização das famílias, que acontecem regularmente na primeira quarta-feira de cada mês.¹⁰

A criação do museu foi iniciativa do Sr. Alberto Arioli e demais associados. O estatuto da entidade previa que, em caso de dissolução, o acervo do museu seria transferido automaticamente para a Fundação Osório, no Rio de Janeiro. Para mantê-lo na cidade, foi decidido passar todo o patrimônio em nome da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, conforme Lei 2.242 de 16 de outubro de 1975, com usufruto dos associados e por doações oriundas da comunidade e do poder público municipal. Em 1976, no dia 02 de setembro foi inaugurado com a ajuda do estado e do Município.

A Ata nº 1 de 14 de novembro de 1988 trata do desmembramento da Regional para a adequação da Lei Sarney, nº 7505, de 02 de julho de 1986 que “dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda conce-

¹⁰ No ano de 2020, em função da pandemia pelo Covid, foi realizado um único encontro.

dados a operações de caráter cultural ou artístico.” Na Ata nº 2 de 30 de novembro de 1988 são aprovados 11 artigos para o museu e centro cívico, e são publicados no Diário Oficial do Estado no dia 09 de dezembro de 1988. A Ata nº 3 de 31 de janeiro de 1990, dá conta das despesas com a reforma do prédio realizada com a verba doada pela Randon S.A. através da Lei Sarney.

Ata nº 01. Ata de instalação do Museu e Centro Cívico dos Ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira – F. E. B. [sic] Aos quatorze dias do mês de novembro de mil novecentos e oitenta e oito, na sede dos veteranos da FEB todos os companheiros atendendo a uma convocação do seu presidente, tendo em vista a decisão sobre o museu e centro cívico pertencente a nossa Regional. Alberto Arioli, presidente da mesma, foi explanada aos companheiros a questão referente a Lei Sarney de número 7505 (sete mil quinhentos e cinco) de dois de julho de mil novecentos e oitenta e seis, pela qual somente é possível receber verbas para o museu, se o mesmo tiver o CGC próprio, bem como o Estatuto, visto que a citada Lei em seu artigo número vinte diz: “somente obterá inscrição no CPC [sic] a entidade que faça prova de ter como objetivo social provável a prática de atividades culturais incentivada pela Lei número 7505 de 2-07-86, e esteja inscrita no cadastro Geral de contribuinte do ministério da fazenda.” [...] Depois de várias ponderações dos presentes foi aprovado pela unanimidade, que o museu seja desmembrado da Regional, para que tenha vida própria, mas que a sua manutenção, guarda e controle continue sendo feita sob a supervisão dos veteranos constante de: um diretor, um coordenador de visitação e um coordenador fiscal, todos os cargos sem remuneração de espécie alguma. [...]

Na Ata nº 2, do dia 30 de novembro¹¹ foram aprovados os estatutos da seguinte forma:

Capítulo 1. Artigo 1º – O museu e Centro Cívico dos Ex-Combatentes é um órgão subordinado a Regional de Caxias do Sul da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, com prédio próprio, sito a rua Visconde de Pelotas, 249, tem como finalidade: [sic] Preservar, conservar, adquirir, recolher, restaurar, divulgar e expor para fins de estudo, educação, cultura, promoção e incentivo de manifestações cívicas e patrióticas, comemorando os grandes feitos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e do 1º Grupo de Aviação e caça da Força Aérea Brasileira (FAB), no teatro de Operações da Itália, durante a II Guerra Mundial; Proporcionar aos interessados através do acervo exposto uma aproximação com todos os visitantes, patrocinadores reuniões cívicas, socioculturais e artísticas, cultivar a memória e tradições visando realçar o valor do Soldado Brasileiro, durante a II Guerra Mundial, bem como sua integração no contexto mais amplo da História da Pátria e a participação da Feb e da Fab [sic] naquele conflito mundial; Propor aos visitantes, através da exposição de peças autênticas, armamentos, uniformes, biblioteca completa, textos e painéis fotográfi-

¹¹ Nesta Ata o relator escreveu a data de forma incompleta, mas a probabilidade é que ela seja do mesmo ano da Ata nº 1, ou seja, 1988.

cos que retratam as diversas etapas da história das Forças Armadas, bem como uma análise crítica da situação vivida, hoje, comparada ao passado. Capítulo II – Da organização: artigo 2º – A regional de Caxias do Sul Anvefeb tem a responsabilidade de fornecer os meios necessários, para o museu, em referência organizar os seus serviços. Artigo 3º – O museu e centro cívico dos ex-combatentes da FEB têm a seguinte organização: diretor, coordenador da visitação; coordenador do acervo e coordenador fiscal. [...] Artigo 11º. Em caso de dissolução da Regional de Caxias do Sul, consequentemente, do próprio museu, **o patrimônio reverterá para a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul – setor de Museu Histórico ligado à Secretaria da Educação, que dará apoio e continuidade à preservação do acervo histórico existente. (grifo meu)**

A Ata nº 4 de 04 de setembro de 2002 trata da tutela do município e da revitalização do acervo. Em 2005 o museu iniciou a revitalização, sendo reinaugurado em 14 de junho de 2007 permanecendo suas características até os dias de hoje.

ACERVO

O acervo do Museu dos Ex-Combatentes é composto de aproximadamente 1000 peças e foi formado principalmente por doações realizadas pelos veteranos da região e do exército. São fotografias, armas, fardamentos, insígnias, capacetes, objetos de uso pessoal e imagens que registram o cotidiano dos soldados na II Guerra Mundial. Estas peças estão assim distribuídas: mostruário com o roteiro da FEB, vitrinas expondo armas, petrechos bélicos, fardamentos, equipamentos, condecorações e objetos utilizados pelos expedicionários da FEB e do 1º Grupo de Caça da FAB, ou capturados das tropas nazistas ou fascistas, no Teatro de Operações da Itália, durante a II Guerra Mundial; manequins expondo uniformes usados na Campanha da Itália; exposições de fotografias históricas da FEB e do 1º Grupo de Caça da FAB; biblioteca especializada sobre a FEB e sobre II Guerra Mundial, aberta ao público no horário de visitação, para leitura e pesquisa, mapoteca com cartas topográficas das regiões de combate da FEB, na Itália; arquivo com documentos históricos da FEB e sobre a Campanha na Itália; além de Periódicos de campanha e artigos sobre a FEB publicados nos jornais da época.

LA BELLEZA NACE DEL DIÁLOGO, DE LA RUPTURA DEL SILENCIO Y DE LA RECUPERACIÓN DE ESE SILENCIO. (CHAR APUD MECHLER; CEDOLA, 2020¹²)

O ano de 2020 marca os 75 anos do fim da II Guerra Mundial, por isso ocorrem várias homenagens em todas as partes do mundo durante o ano. O ponto de partida desta publicação é o Museu dos Ex-Combatentes na II Guerra Mundial, situado em Caxias do Sul, que também se propõe não só a homenagear como também a preservar memórias e divulgar a história da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Além de aproveitar os 75 anos que estão em comemoração, é importante produzir conhecimento científico para contribuir com a formação dos educadores. Espera-se, dessa forma, criar mais espaços nos livros didáticos para a história da FEB e dos nossos pracinhas, não permitindo que aconteçam descasos como o citado abaixo:

Na cidade de Olímpia – SP, em 1977, foi encontrado em um terreno baldio um cadáver de um homem em avançado estado de decomposição. Em um saco plástico, o corpo foi sepultado na cova nº 4382 da quadra 19, destinada a indigentes. Na documentação não constava nome nem outra identificação, apenas a palavra “brasileiro.” Após alguns meses, a polícia encontrou os pertences do falecido. Em um saco de farrapos, enrolados em jornais velhos e amarrados com barbante, estavam os poucos objetos que o identificavam como dois emblemas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), uma plaqueta de identificação de combatente, uma medalha da FEB e dois certificados. Tratava-se de um veterano da FEB e como ele vários outros padeceram no pós-guerra e em condições semelhantes faleceram (SOARES *apud* FERREIRA, 1985).

O pracinha acima morreu sem a mínima dignidade humana; sua história não foi ouvida, mas silenciada. É doloroso pensar que após 75 anos do fim da guerra ainda há uma grande luta para preservar a memória da FEB, evitando o esquecimento e o descaso com os soldados brasileiros.

No momento em que se identifica os pesquisadores da área sobre a História da II Guerra Mundial e consequentemente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), alguns destacam-se não só pela produção acadêmica, mas também pelas suas experiências vividas em relação à temática. Por isso, após a leitura de artigos e de conhecer a história de vida, buscou-se convidar para esta edição autores como Zary, que tem Mestrado em Operações Militares pelo Ministério da Defesa/Exército

¹² Hernán Cédola é um pintor Argentino da cidade de La Plata, atualmente com a exposição BERND MECHLER, HERNÁN CÉDOLA, Düsseldorf Dialogues, Opening: September 18, 2020. Dot Fiftyone gallery.

Brasileiro (2005) e Experiência na área de História Militar, com ênfase na FEB e atualmente é o Comandante do 2º Batalhão de Polícia do Exército. Seu artigo trata de um tema precioso para a FEB: os uniformes. Eles demonstram a rápida adaptação que os soldados tiveram que fazer para suportarem as temperaturas negativas que chegavam a -20°C com uniformes inadequados àquela realidade. Nesta mesma direção, contamos com Franco, que é Coronel de Comunicações, adido do Exército na Itália, formado em Ciências Militares (Escola de Comando e Estado-Maior do Exército) e mestre em História (Universidade Federal do Paraná). Por sua área de atuação participa ativamente das comemorações que estão sendo realizadas neste ano de 2020.



FONTE: Arquivo pessoal de Franco, 26 de setembro de 2020. Coronel Santos Franco e o prefeito de Alto Reno Terme, Sr. Giuseppe Nanni.

Franco é o adido militar brasileiro em Roma e por isso possui ampla vivência com a história da FEB na Itália participando das celebrações que lá ocorrem. Seu artigo propõe analisar a FEB transitando entre a função manifesta e a função latente das tropas. “Enquanto função manifesta, a FEB foi um instrumento de ação bélica do Estado brasileiro [...] a função latente estava atrelada ao inconsciente coletivo dos militares [...] conflitando, por vezes, com a destinação imposta pelo Estado. Neste sentido, seu artigo vai além da simples constatação para uma análise profunda do modo de ser e pensar dos nossos soldados.

Dennison de Oliveira, é professor de História da UFPR e conclui que embora a guerra tenha sido um processo marcado por conflitos e

contradições, a alimentação da FEB sempre foi considerada satisfatória, senão excelente.

FOTO: quadro de autoria do Cel. Estigarriba e está localizado na Aditância Brasileira em Roma, enviada pelo Coronel Santos Franco em 04/06/2020. A tela é inspirada na liberação pela FEB da cidade de Massarosa.



O destaque para com a história dos ex-combatentes é um esforço de dar vida às vozes que já se calaram; por isso, a primeira parte desta publicação é dedicada à História Oral, pois como relata Pollak (1992, p. 2), “os elementos constitutivos da memória são, em primeiro lugar os vívidos pessoalmente.” Nesta direção temos o artigo de Fries que resgata vinte entrevistas gravadas e transcritas pela Unidade Banco de Memória¹³ do Arquivo histórico Municipal João Spadari Adami (AHM|SA), contando a história da guerra a partir das memórias dos ex-combatentes. Essas entrevistas são balizadoras sobre a formação e a trajetória da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e, consequentemente, o entendimento de como se organizou, como atuou e como se desfez ainda nos palcos da Itália.

O artigo de Giron que entrelaça a sua experiência pessoal com a sua formação como doutora em História. Isto possibilita a percepção dos reflexos da guerra na região de imigração italiana, como a proibição de usar os dialetos italianos, próprios desta região, bem como as trocas dos nomes italianos de logradouros e praças por nomes brasileiros.

¹³ O Banco de Memória do AHM|SA possui 1.168 entrevistas gravadas, sendo que destas, 1.002 já estão transcritas, perfazendo um total de 62.615 minutos.

Continuando o raciocínio em Pollak (1992, p. 2), em relação aos elementos constitutivos da memória, temos os acontecimentos

[...] vividos por tabela; ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos pelas quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, por fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. [...] Esse sentimento é tão forte que podemos falar da memória quase herdada.

Para marcar esta memória temos o relato de Ribeiro, filho de um pracinha brasileiro com mãe italiana. Ele diz: [...] sinto-me filho de dois mundos e de dois pais, desconhecido e distante deles que em tempos e lugares diferentes me criaram. Esta situação vivida por Ribeiro é uma consequência da guerra que foi vivida por tabela, como na definição de Pollak. Também Argenta faz um resgate da História de seu pai e transcreve as experiências por ela vivida e que marcaram sua memória filial, pois, como diz Calvino “quem comanda a narração não é a voz, é o ouvido.” Argenta destaca que seu pai não tinha problemas em falar da guerra e de forma especial da tomada de Monte Castelo, pois participou ativamente das três incursões que foram necessárias para esta vitória.

Xerri associa o jornal “O Momento” com a historiografia, de tal forma que demonstra possibilidades interpretativas a respeito do contexto local, nacional e mundial especialmente no ano de 1942. Como afirma Burke (2017), pinturas, estátuas, publicações e assim por diante permitem a nós, posterioridade, compartilhar as experiências não verbais ou o conhecimento de culturas passadas.

As exigências não verbais as quais se refere Burke são presentes no artigo de Gastal e Zaltron de Sá, que selecionaram algumas imagens para a compreensão da cultura visual que foi amplamente utilizada no período de 1939-1945. Suástica, insígnias dos soldados brasileiros, bandeiras, fotografias e pinturas não são meras imagens; mais que isso: são significados constantemente se reposicionando perante novas leituras e novos momentos. Como a suástica que tem um valor positivo na organização do nazismo e posteriormente, com o fim da guerra passa a ter um valor negativo. A suástica ficou de tal forma marcada que é quase impossível identificá-la com o que realmente ela representava para os povos antigos que a criaram.

Griebler faz uma explanação sobre o contexto histórico mundial desde a severidade do Tratado de Versalhes e a culminação da II Guerra Mundial, principalmente no território europeu. Segue com a consequente repercussão da guerra no território brasileiro e a organização da FEB com a entrada do Brasil no conflito.

Incluímos nesta edição dois textos sobre a museologia. Primeiramente Silva demonstra as possíveis interpretações sobre os espaços musealizados com as coleções dos veteranos da FEB levando em conta a necessidade de respeito aos direitos humanos. Em segundo lugar, Spiandorello e Raimann, que a partir de 2005 se responsabilizaram pela organização do acervo que passou então para o município de Caxias do Sul. As autoras trabalharam em duas frentes, ou seja, Spiandorello ficou encarregada da preservação e manutenção do acervo, bem como do tratamento da reserva técnica; Raimann, encarregada do registro e catalogação do acervo utilizando o Programa Donato. Espera-se que com este artigo sobre o processamento do acervo do Museu da FEB possa contribuir com o conhecimento sobre as boas práticas para conservação e preservação da memória nos museus.

FIGURA: Desfile do dia 7 de setembro, provavelmente de 1982. Momento em que a ANVFEB – Regional de Caxias do Sul desfila diante do palanque oficial. Rua Sinimbu, Praça Rui Barbosa, hoje novamente Praça Dante Alighieri.



FONTE: Alberto Arioli – Ex-combatente da FEB.

REFERÊNCIAS

- ARIOLI, Alberto. *Cabedelo: a odisseia de uma vida*. Caxias do Sul, RS: Quatrilho Editorial, 2012.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica* – São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- DICKER, Joël. *Os últimos dias de nossos pais*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- FESTA DA LIBERDADE EM MONTESE – Itália, Homenagem a FEB, 25 de Abril de 2015. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IXnChZjHyoU>. Acesso em: set. 2020.
- LE CERIMONIE a Pistoia per il giorno dedicato ai caduti. *YouTube*. Disponível em: https://youtu.be/k_swGSzIAmk. Acesso em: maio 2020.
- MONTANO, Gaggio. *Gaggio Montano ricorda la riconquista di Monte Castello*. Disponível em: <https://vergatoneWS24.it/2016/02/19/gaggio-montano-ricorda-la-riconquista-di-monte-castello/>. Acesso em: maio 2020.
- MORAIS, João Batista Mascarenhas de. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.
- NANNI, Giuseppe. “Grazie Soldato” (Cap 5). *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=icrUoddxraE>. Acesso em: maio de 2020.
- PASINI, Valério. Grazie Soldato (Cap 6). *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qE16mVEGlyo>. Acesso em: junho de 2020.
- ROMANO. “Grazie Soldato” – Romano (Cap 9). *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=29vULCBtZLc>. Acesso em: julho de 2020.
- SABATON. Smoking Snakes (Legendado). *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1M7sUCElJKo>. Acesso em: maio 2020.
- Livro de Atas do Museu e Centro cívico dos Ex-combatentes da F.E.B. (1955, 1988).
- Arquivo da Associação contendo diversas pastas. Cada pasta é individual, ou seja, corresponde a um ex-combatente e possui documentos variados.
- Teatro de operações na Itália, 1944-1945, diversos autores.
- Correspondências recebidas 1944-1966.
- Sumário Histórico. Museu da FEB
- Listagem da FEB. Sem informações. 5 volumes com os nomes dos ex-combatentes.

PROCESSAMENTO DO ACERVO DO MUSEU DA FEB

*Denise Brosina Spiandorello¹⁴
Marizete Eliza Ferrazza Raimann¹⁵*

Ao refletirmos sobre o acervo de um museu, primeiramente é necessário questionarmos os objetos que compõem esse acervo, qual a intenção de guardá-los e a que os mesmos remetem. Uma coleção supõe uma certa curiosidade investigando a sua origem, o seu sentido, a função que desempenha; enfim, o valor que ela representa enquanto história.

O Museu e o Centro Cívico dos ex-combatentes (nome jurídico no registro) iniciaram, em 1973, com a arrecadação de doações de peças, documentos, fotografias e outros, específicos do grupo participante da Segunda Guerra Mundial; mas somente em 1975, ele foi inaugurado. Com sede própria, dispunha de espaço para o museu e para o encontro dos associados (Casamata).

No ano de 2005, a Sede da Associação e o Museu da FEB passaram para o Município de Caxias do Sul, sendo incorporados à Divisão de Museus da cidade. Iniciou-se o processo de revitalização de sua sede, a conservação, o registro e a catalogação do acervo. A seguir, fotos do acervo do Museu da FEB, antes da revitalização.

FIGURA 1 – Interior do Museu da FEB



FONTE: acervo Museu da FEB

¹⁴ * Licenciatura Plena em Educação Artística/Cursos de Restauração em Papel.

¹⁵ ** Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literatura/Especialização em Educação e Alfabetização.

FIGURA 2 – Acervo exposto no Museu da FEB



FONTE: acervo Museu da FEB.

FIGURA 3 – Insígnias e Condecorações



FONTE: acervo Museu da FEB.

FIGURA 4 – Quadro Mural e Equipamentos de Comunicação



FONTE: acervo Museu da FEB.

Ao iniciar o processo de conservação, registro e catalogação do acervo, a primeira ação da Equipe do Museu Municipal, responsável

pela Conservação e Registro, foi conhecer o acervo guardado pelos ex-combatentes da FEB – Regional Caxias do Sul. Na ocasião, observou-se a tipologia do acervo, sua originalidade e natureza, o estado de conservação, as condições de armazenamento das peças nas vitrines e estantes e das fotografias que se encontravam expostas nas paredes do museu. Observou-se, ainda, o estado de conservação do prédio que precisava de reparos em sua estrutura. Diante disso, foi constatado que o acervo se encontrava em condições regulares de conservação, necessitando de ações específicas para sua preservação.

Após esse diagnóstico, elaborou-se um plano de ação para a preservação do acervo salvaguardado pelos ex-combatentes:

1º. O acervo referente a armamentos permaneceria na sede do Museu da FEB durante os reparos no prédio, em vista dos trâmites específicos exigidos para sua transferência. A higienização e manuseio das armas foram realizados por especialistas “in loco”, sob a supervisão da Direção do Museu Municipal e Equipes de Catalogação e Conservação. Após a higienização, este acervo foi embalado e armazenado em segurança.

2º. A reforma do prédio poderia prejudicar os trabalhos de conservação das outras peças. Optou-se, então, por transferi-las para o Setor de Conservação do Museu Municipal a fim de efetuar o tratamento necessário e o seu registro. As peças foram transferidas, com exceção da Biblioteca e Hemeroteca (acondicionadas e armazenadas em local adequado). A linha de trabalho que norteou as ações foi da Conservação Preventiva.

Assim que as peças chegaram ao Museu Municipal, foram agrupadas por tipologia ou função para que fosse organizado o processo de higienização e realizado o processamento técnico. As ações específicas de cada setor serão descritas separadamente.

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DO ACERVO DA FEB

A conservação do acervo foi realizada de acordo com natureza dos materiais:

1. **Acervo Têxtil** – compreende o acervo de tecidos e assemelhados (fardamentos, mochilas, gorros, boinas quepes, toalhas, luvas, insígnias, lembranças...). Esse acervo se encontrava em condições regulares de conservação. Iniciou-se o tratamento pela higienização mecânica das peças (uso de aspirador) e por pequenos consertos nas que apresentaram sinais

de desgaste (fixação de fios, costura de pequenos furos e fixação de alguns botões que estavam pendentes).

Duas peças apresentaram sinais de desgaste avançado devido à presença de traças e cupins nas estantes que as abrigavam: uma calça e um gorro de lã. Na calça, nos locais que apresentavam sinais de desgaste acentuado, foi alinhavado um suporte interno, em tecido, e o gorro antigo foi fixado em um gorro novo, confeccionado em tricô industrial. Essa medida de conservação preventiva foi tomada para manter a integridade das peças e prolongar a vida dos objetos museológicos, ambos de importante valor histórico.

FIGURA 5 – Conservação de Têxteis



FONTE: Acervo Museu da FEB.

2. Acervo de metais – composto por placas de identificação, capacetes, balas, armas, máquina de código Morse, aparelhos de comunicação (rádios, telefones e outros), talheres, pratos, copos, cantis, placas comemorativas, objetos de toalete, bússolas, máscaras e outros.

As peças compostas por esse material foram higienizadas de acordo com a origem do metal: as compostas por ferro ou flandres foram higienizadas com esponja macia e álcool; as compostas por alumínio, cobre ou latão, foram higienizadas com uma flanela macia. As peças que tinham em sua composição outros materiais, como couro e/ou plástico, nestas partes foram higienizadas com água e sabão neutro. Para finalizar o processo de conservação, as peças receberam uma fina camada de proteção com cera incolor em pasta.

3. Acervo de madeira – o acervo contava com poucas peças desta natureza, destacando-se a escultura de uma cobra com a inscrição: “A Cobra vai fumar” e uma placa “Casamata.” Ao serem avaliadas, observou-se que

apresentavam sinais da ação de cupins. Num primeiro momento elas foram higienizadas com água e sabão neutro e, após a secagem destas peças, foram tratadas com insumos específicos contra esses insetos, permanecendo em quarentena. Após esse período, constatou-se que a ação dos cupins havia estabilizado. Procedeu-se, então, o acabamento das peças com uma fina camada de cera incolor em pasta.

A madeira estava presente ainda nas bases das Placas Comemorativas e também em detalhes dos armamentos, apresentando boas condições de conservação.

4. Acervo em papel – composto por documentos, fotografias, cédulas, passes de soldados, revistas, jornais, livros, álbuns de recortes e outros.

Todo este acervo foi higienizado com pincel macio, sendo que as fotografias, no lado da emulsão, receberam tratamento diferenciado. Os documentos e fotografias que estavam fragilizados receberam suportes em papel neutro e foram acondicionados e armazenados em papel com PH de boa qualidade. Foram realizados pequenos consertos com papel japonês e CMC quando necessário (rasgos, furos, vincos fortes). O volume do acervo de papel era grande, sendo higienizado ao longo dos anos.

FIGURA 6 – Restauração de Documento



FONTE: Denise Spiandorello.

O acervo de fotografias com cenas da 2^o Guerra Mundial expostas nas paredes do Museu da FEB foram higienizadas e passaram por processo de digitalização, sendo as originais guardadas envoltas em papel de boa qualidade. Algumas destas fotografias foram selecionadas, reproduzidas e retornaram às paredes do museu na nova expografia. Aproximadamente seis fotografias estavam coladas em Eucatex e, após serem fotografadas, garantindo a preservação das suas imagens, foram removidas desse suporte. Algumas estavam fixadas com fita adesiva e outras com cola e após sua remoção, quando necessário, foi realizado pequenos consertos com papel japonês e CMC. Para guardá-las em boas condições de conservação,

foram criados suportes em papel neutro para apoiar as fotografias mais frágeis e, posteriormente, todas foram acondicionadas em papel de boa qualidade e armazenadas em arquivos de aço.

FIGURA 7 – Conservação de Fotografia



FONTE: Denise Spiandorello.

A Hemeroteca (acervo de jornais, revistas, periódicos, boletins e outros) apresentava condições variáveis de conservação; alguns jornais se encontravam em boas condições e outros necessitaram remoção de fitas e/ou consertos de rasgos. Iniciou-se o trabalho, com a higienização desse material e os que necessitavam de pequenos reparos aos poucos foram consertados. Alguns álbuns de recortes também passaram pelo mesmo processo. As revistas estavam em melhores condições de conservação. Em algumas, removeu-se os grampos que apresentavam sinais de ferrugem e foram costuradas as lombadas.

A Biblioteca (acervo de livros) estava em boas condições de conservação, poucos livros foram transferidos ao Setor de Conservação do Museu Municipal para terem suas páginas ou capas consertadas.

Fatores que interferem diretamente no estado de conservação das peças e atitudes tomadas pela direção do museu e equipe de conservação:

1. **Deterioração Física** – a oscilação da temperatura e a umidade relativa do ar interferem nas peças. Ideal: umidade relativa do ar – 45% a 60%; temperatura – entre 18°C e 20°C.

Identificou-se a necessidade de uso de Medidor de Temperatura e Umidade Relativa do ar e de Desumidificador. Optou-se pela instalação dos mesmos na área de exposição do acervo.

2. **Deterioração causada pela luz** – Incidência de luz solar ou artificial (raios ultravioleta, raios infravermelhos, tempo de exposição à luz) podem provocar o desbotamento e/ou branqueamento de tecidos, papéis, fotografias e outros.

Para diminuir a incidência de luz interna e externa houve a instalação de cortinas nas janelas da área de exposição e a colocação de insulfilme na sala de vídeo. Optou-se, também, na área de exposição, pelo acionamento das luzes internas por sensor de presença.

3. Deterioração química – poluição do ar (sujeiras, fumaças e gases) acelera e/ou aumenta o risco de danos físicos nas peças e a sujeira atrai insetos.

A proteção das janelas com vidros e cortinas formou uma barreira física contra a poluição, somados aos cuidados com a higienização periódica do acervo evitaram a acumulação de sujeira nas peças, conservando-as.

4. Deterioração biológica – o controle ambiental (temperatura e umidade relativa) e o controle de pragas (micro-organismos, fungos, bactérias, insetos e roedores) podem provocar manchas nos objetos e sua destruição. A origem dos materiais e a falta de controle ambiental podem acelerar a deterioração das peças.

A higienização periódica das peças, do espaço de exposição e de guarda do acervo, juntamente com o controle de pragas (cupins, traças e roedores) norteou as ações do Museu da FEB, preservando seu acervo.

5. Fatores Humanos – o fogo, o furto, o vandalismo, o manuseio incorreto das peças podem interferir na preservação do acervo dos museus.

Medidas de prevenção foram tomadas, como: instalação de alarme antifurto na sede do museu; criação de vitrines para exposição de peças de tamanhos menores; orientação do pessoal que atua no museu quanto ao manuseio correto das peças; orientação ao público visitante quanto à importância histórica do acervo.

6. Desastres naturais – vendavais, enchentes, temporais.

É necessário observar normas de salvamento de acervos caso ocorra algum desastre natural.

Observações finais: na área de exposição e/ou da guarda do acervo não é permitido comidas e bebidas. Todo museu deve reservar uma área específica para isso. As canetas, tintas, clips, alfinetes, colas e fitas adesivas são veículos de deterioração do acervo e devem ser evitados.

REGISTRO E CATALOGAÇÃO DO ACERVO DA FEB

O setor, que trabalha em parceria com o de Conservação Preventiva, tem a responsabilidade de fotografar a peça, identificá-la com o registro

do número, fazer as anotações no Livro de Registro e confeccionar as fichas catalográficas em papel e no Programa Donato. Esse, criado pelo SIMBA (Sistema de Informações do Museu de Belas Artes – RJ) com o objetivo de possibilitar uma ficha de catalogação mais específica do seu acervo, acabou sendo instituído em muitos museus do País. O museu de Caxias do Sul, por meio de um projeto realizado em 2003, com apoio da Fundação VITAE, passou a utilizar esse programa.

Como se tratava de um acervo específico, foi necessário estudar as possibilidades para o registro no Livro do Museu da FEB. Sempre que possível, o ex-combatente Alberto Arioli acompanhava o trabalho, assessorando com informações específicas da peça, seja de sua utilização seja do histórico.

O Livro de Registro é um instrumento que protege o patrimônio do museu e oferece um quadro exato das aquisições e a quantidade de peças existentes. Com a preocupação de constar dos elementos mais relevantes acerca da peça, o livro criado para o Museu da FEB apresentou itens que pudessem ser devidamente preenchidos dando uma síntese do objeto, tais quais: nº de registro (optou-se por utilizar a sigla FEB seguida do número em ordem crescente); denominação da peça (o nome específico do objeto a ser descrito); data de ingresso no museu; origem (local de fabricação da peça); procedência (local de onde veio a peça); modo de aquisição (no caso específico da associação, o acervo se formou através de doações ou coletas); proprietário; doador; e arrecadador. Esses itens resumem os dados que constam na ficha catalográfica.

QUADRO 1 – Dados do Livro de Registro

Nº registro	Denomin. Peça	Data ingresso	Origem	Procedência	Modo de aquisição	Proprietário	Doador	Arrecadador
-------------	---------------	---------------	--------	-------------	-------------------	--------------	--------	-------------

FONTE: Marizete Raimann.

Assim que foi definida a forma de registro, partiu-se para as próximas etapas: fotografar a peça e marcar o número de registro, usando verniz e nanquim preto ou branco, com exceção dos têxteis cujos números foram bordados em etiqueta. Concluído esse trabalho, passou-se para a confecção da ficha de catalogação. Como não se tinha um recibo de doação do acervo doado, foram analisados os registros que a associação havia feito ao receber as peças. No entanto, pouco havia no livro de registros que existia e, na medida em que o trabalho evoluía, muitas dúvidas foram surgindo. Cada vez mais o então presidente da Associação Alberto

Arioli esteve presente para auxiliar no histórico de cada objeto, foto ou documento.

FIGURA 8 – Identificação Numérica da Peça



FONTE: Marizete Raimann.

A ficha de processamento técnico apresenta itens específicos referentes ao objeto como: número recebido, nome, função, material e técnica, dimensões, imagem, descrição e histórico, observações entre outros. Ao final do trabalho de registro, as fichas de catalogação foram compiladas em formato de caderno, permitindo, assim, fácil acesso ao mediador e/ou pesquisador. Além da ficha impressa, todo o acervo do Museu da FEB encontra-se registrado no Programa Donato.

Sabe-se que novas informações vão surgindo e alterações se fazem necessárias em qualquer momento da história.

FIGURA 09 – Etiquetas de Identificação do Acervo Exposto



FONTE: Marizete Raimann.

FIGURA 11 – Acervo em Exposição



FONTE: Marizete Raimann.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em maio de 2007, o acervo do museu dos ex-combatentes da II Guerra Mundial retornou ao seu espaço original como Museu dos Ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

A revitalização da casa contemplou melhorias: obras de conservação do prédio, criação da sala de vídeo e de novas vitrines para exposição das peças, construção de rampa de acessibilidade, instalação de alarme (medidas de segurança), instalação de iluminação com sensor (área de exposição) e criação da Reserva Técnica para armazenar o acervo não exposto.

Os Setores de Conservação e de Registro atuaram na criação e no desenvolvimento de suportes para peças destacadas na nova expografia do museu (ex: base para placas de identificação, estrutura para os braceletes e mochilas, outros) e na confecção de etiquetas (foto e identificação da peça).

No decorrer dos anos, familiares dos ex-combatentes fizeram novas doações que foram devidamente registradas e incorporadas ao acervo. Com isso, fez-se necessário a reestruturação da Reserva Técnica. Para melhor acondicionar seu acervo, novas estantes e mapotecas foram instaladas no piso inferior do museu, junto à “Casamata.”

As Equipes de Conservação e Registro do Museu Municipal continuaram assessorando o museu nessas questões. Nova parceria se fez com alunos do Curso de História da UCS que passaram a atuar na conservação do acervo, supervisionados pela coordenadora do museu e de professores da área de história.

As Equipes de Conservação e Registro e os profissionais atuantes no museu trabalharam seguindo as orientações mundiais de registro e conservação de acervos museológicos. Buscaram, também, qualificar os mediadores e orientar o público visitante quanto à preservação do acervo.

Vale lembrar que o acervo de um museu se renova sempre. Novas doações chegam, informações se agregam e alterações, muitas vezes, fazem-se necessárias nas fichas de catalogação. A conservação preventiva do acervo de um museu deve ser de caráter permanente para preservar sua história.

REFERÊNCIAS

- BARUKY, Sandra; COURY, Nazareth. **Cadernos Técnicos de Conservação Fotográfica**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.
- BREITSAMETER, Sílvia M. Jansson. **Curso de Conservação de documentos, impressos e manuscritos**. Porto Alegre: [s. n.º], 2008
- FERREZ, Helena Dodd, BIANCHINI, Maria Helena. **Thesaurus para acervos museológicos**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-memória, 1987.
- FREITAS, Maria da Conceição Gomes de. **Manual de Conservação de Documentos**. B&C Acervos: Porto Alegre, 2001.
- PAROLINI, Prof.^a Eulália; CASTRO, Prof.^o Adler Homero de; OLIVEIRA, Prof.^o Mario Mendonça de *et al.* **Orientação para a Preservação e Difusão do Acervo Cultural do Exército Brasileiro**, Ministério do Exército, Secretaria Geral do Exército, Diretoria de Assuntos Culturais. Rio de Janeiro: [s. n.º], 1998.
- PAULA, Teresa Cristina Toledo de. **Introdução à Conservação de Têxteis e materiais assemelhados**. Porto Alegre: [s. n.º], 2002.
- SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia Aplicada em Museus**. São Paulo: Mackenzie, 2000.

AGRADECIMENTOS

3º GAAA – Exército

Alberto Arioli, ex-combatente e presidente da Associação dos Veteranos da FEB – Caxias do Sul;

Arquivo Histórico João Spadari Adami

Casa das Armas

"BRASILIANI DALLE TRUPPE DI COLORI, BRASILIANI LIBERATORI DALL'ITALIA"

Sônia Storchi Fries

INTRODUÇÃO

Dando início a esta introdução, ressalto que este artigo é apenas uma abreviatura do que constituiu a participação dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira de Caxias do Sul e região nordeste do RS na Segunda Guerra Mundial. A abrangência das fontes suscita aprofundamento do estudo, especialmente das entrevistas, que ultrapassam o caráter subjetivo das recordações e incorporam fatos e vivências reais. Nesse sentido, pode-se dizer que, assim como a vida, a história também é tecida pela memória, os relatos dos veteranos aqui ressaltados perpassam pela trajetória da FEB, entrelaçando-se com a história da Segunda Guerra Mundial.

O trabalho tem como foco principal um conjunto de 20 entrevistas realizadas pela Unidade Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, contextualizando-se as narrativas às diferentes fases e aos momentos que envolveram a participação do Brasil no conflito. Para acompanhar as narrativas dos veteranos elencados, procuramos enfocar o período que antecede ao envio das tropas para a Itália, abrangendo o *torpedeamento* dos navios brasileiros e suas repercussões em Caxias do Sul, a fase de declaração de guerra às nações do Eixo, a formação da FEB, passando pelo recrutamento e treinamento do corpo expedicionário, a viagem à Europa e o desembarque no Porto de Nápoles. A atuação dos expedicionários na Itália abrange o treinamento com o exército norte-americano, o *cotidiano* no front, o fim das hostilidades, a viagem de volta, a *recepção* do povo brasileiro, o retorno para a casa, a desmobilização, a readaptação à nova vida. O título, "Brasiliani dalle truppe di colori, brasiliani liberatori dall'Italia" reporta à entrevista de Germano Didoné e faz menção ao modo como os italianos referiam-se aos soldados brasileiros após a rendição do exército alemão, isto é, tropas brasileiras com soldados de diversas cores – brancos, mulatos, negros – os libertadores da Itália.

Antes de serem integrados como combatentes da FEB, esses homens desempenhavam atividades diversas; sequer imaginavam envolverem-se em um conflito global e que se tornaria a guerra mais abrangente da humanidade. Diante das circunstâncias, assumiram uma nova identidade: a de combatentes. No entanto, o Exército brasileiro estava obsoleto para o tipo de guerra que se travava na Europa; seus efetivos eram insuficientes e estavam despreparados para o campo de batalha. A mobilização para formar o corpo de guerra da FEB se estendeu por todos os estados brasileiros. Feita a convocação e seleção, o corpo expedicionário foi formado por reservistas de 1ª e 2ª categorias, soldados do tiro de guerra e recrutas oriundos das cidades e zona rural de todos os Estados brasileiros. Partiram para a Europa com pouco preparo, aprenderam a usar armamentos e habituaram-se à disciplina do Exército norte-americano, ao qual foram incorporados. Mas o maior aprendizado se deu no front. Nos sete meses e dezenove dias que permaneceram na Itália enfrentaram intensos combates, lamentaram a morte de companheiros, sentiram o frio e a lama das trincheiras, choraram de saudades da família, sentiram falta da sopa quente da mãe e não deixaram de cumprir uma só das missões que lhes foram conferidas. Retornaram com a gratidão e o reconhecimento do povo italiano, posteriormente traduzido nos monumentos erigidos para homenageá-los. No retorno ao Brasil, foram aclamados como heróis pelos brasileiros. Antes mesmo do retorno ao Brasil, foram desmobilizados e se tornaram ex-combatentes. A readaptação do pós-guerra para os civis foi mais difícil, era preciso reconstruir suas identidades anteriores como ex-combatentes e reelaborar as experiências da guerra. Para tal muito contribuíram as associações por eles fundadas. A Associação Nacional de Veteranos da FEB – Seccional de Caxias do Sul, foi constituída em 1946. Além de promover a integração entre os ex-combatentes, a entidade foi essencial para a reintegração à nova vida. Para eles a sede da Associação representava local de encontro, de *compartilhamento* de lembranças, de vínculos identitários associados ao sentimento de pertencimento à Força Expedicionária Brasileira e às forças combatentes que lutaram na Segunda Guerra Mundial.

A COBRA VAI FUMAR, O BRASIL VAI À GUERRA

Em 1939, quando a Alemanha de Adolf Hitler invadiu a Polônia dando início à Segunda Guerra, o então Presidente Getúlio Vargas declarou a neutralidade do Brasil em relação ao conflito, posição homologada pelos

representantes das nações americanas na Conferência do Panamá. Em 1940, na Conferência de Havana, foi pactuado o compromisso de solidariedade continental contra possíveis agressões externas a qualquer nação do continente americano. Enquanto perdurou o estado de neutralidade, Vargas habilmente soube usufruir das vantagens de manter relações comerciais e diplomáticas tanto com os Estados Unidos quanto com a Alemanha. Durou pouco mais de dois anos a imparcialidade brasileira. Após o ataque, em 1941, à base naval de **Pearl Harbor** por aviões japoneses, os Estados Unidos declararam guerra contra as potências do Eixo: Roma – Berlim – Tóquio. Consoante aos princípios da Carta de Havana, a posição do Brasil seria a de engajamento aos Estados Unidos e a decorrente participação no conflito. Em agosto de 1942, os alemães, cientes da posição estratégica do Brasil, iniciaram o torpedeamento de navios brasileiros no Oceano Atlântico. As ações surpreenderam, a comoção se alastrou por todo território nacional, manifestações, passeatas, atos de repúdio ao nazismo pressionavam o Presidente da República a declarar guerra contra a Alemanha e assim, ainda no mês de agosto, Getúlio Vargas reuniu o ministério para oficializar a posição brasileira ao lado dos países aliados contra as chamadas “Potências do Eixo.”

Entre a declaração de guerra e o envio de tropas para o front havia uma atmosfera de dúvidas; dizia-se: **“É mais fácil uma cobra fumar cachimbo do que o Brasil entrar na Guerra.”** O País havia declarado guerra e estava defasado para a modalidade daquela conflagração, além da estrutura precária para o treinamento de combatentes. A fim de preparar-se para o conflito, o exército enviou militares para fazer treinamento nos Estados Unidos e em novembro de 1943 foi criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Para formar o corpo de guerra, os soldados dos quartéis foram convocados e voluntários de todas regiões brasileiras foram recrutados. Comandos pelo General João Batista Mascarenhas de Moraes, a FEB enviou para Itália 25.334 soldados chamados pelo nome de “pracinhas.”

O Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial em 30 de junho de 1944 ao lado dos países aliados: Estados Unidos, Inglaterra, União Soviética e grupos de resistências de outros países que lutavam contra ao nazismo. Os pracinhas brasileiros foram integrados ao 5º Exército Americano e atuaram em combates no norte da Itália. A “cobra fumou”, o Brasil participou da Segunda Guerra Mundial e no uniforme dos soldados e oficiais militares foi estampada a figura de uma cobra fumando, que se

tornou a insígnia da FEB. O desembarque do primeiro escalão se deu em 30 de junho de 1944, era a primeira força latino-americana a desembarcar em solo italiano. Foram sete meses e dezenove dias desde a chegada até a última ação em abril de 1945, ao longo desse período os brasileiros lutaram e comemoram vitórias, como as de Camaione, Monte Castelo e Montese.

Integraram a Força Expedicionária Brasileira 121 soldados e 12 civis voluntários de Caxias do Sul e região nordeste do Rio Grande do Sul. Combateram em trincheiras, aprenderam na marra a lutar, lamentaram a morte de companheiros no front, choraram de saudade dos familiares, ofereceram do próprio alimento a mulheres e crianças italianas famintas.

Em 2002, quando o Banco de Memória – unidade do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami – iniciou a realização de entrevistas voltadas à preservação da memória dos nossos veteranos que lutaram na Segunda Guerra Mundial a maioria já havia falecido, em torno de vinte apenas estavam entre nós. Apesar da idade avançada, sem vacilar todos cumpriam o ritual mensal de se reunirem na sede da Associação dos Veteranos da FEB para o almoço das quartas-feiras. O contato permitiu perceber que os laços de identidade que os envolvia era o sentimento de pertencimento à Força Expedicionária Brasileira e às forças combatentes, mesmo não pertencendo às mesmas unidades e de não terem se encontrado no front. Esses expedicionários sentiam que compartilhavam experiências comuns e que participaram de momentos importantes da história do Brasil e da humanidade. Esse acervo de testemunhos foi acrescido de novos depoimentos gentilmente doados ao AHM|SA por Gustavo Guertler em 10 de setembro de 2002. As entrevistas se complementam e narram a atuação desses veteranos, abrangendo o contexto da época, o torpedeamento dos navios brasileiros pelos alemães, a declaração de guerra às nações do Eixo, o treinamento, as viagens para a Europa, o cotidiano no front, o final da guerra e o retorno para ao Brasil. As narrativas transcendem o caráter individual, inter-relacionando-se com a própria história da FEB e à memória oficial da Segunda Guerra Mundial.

A partir desses testemunhos, procuramos recompor a trajetória desses veteranos, todos civis transformados em soldados. Iniciamos pelos relatos que retratam Caxias do Sul na época, passando pelo treinamento, a saída do Brasil, a viagem, a chegada na Itália, a vida nos acampamentos, situações de combates e vitórias, o fim da guerra, o retorno para o Brasil, a volta para a casa e o reencontro com a família. São reminiscências pro-

fundas de suas vidas e, ao mesmo tempo, registros de uma guerra gravada nos monumentos, nos documentários, nas fotografias, nos jornais e documentos da época.

OS ECOS DA GUERRA RESSOAVAM EM CAXIAS

Em meados da década de 1930, Caxias do Sul acompanhava os rumos da política nacional e internacional: o povo aclamava o governo de Getúlio Vargas e aplaudia as obras de Benito Mussolini na Itália. A cidade entrava na modernidade; a economia era beneficiada pela diminuição das importações. No campo das ideias, autoridades vindas da Itália propagavam o fascismo. A igreja católica utilizava o púlpito para combater o comunismo e o Jornal Staffetta Riograndense apresentava o fascismo como alternativa para a nação brasileira. O jornal O Momento difundia as ideias de Plínio Salgado. A maioria da população via com simpatia os rumos da “jovem Itália”, mas desconhecia o verdadeiro teor do Partido Nacional Fascista. A classe média e o empresariado em geral aderiram ao Partido Republicano Liberal, que também agregava líderes do “fascio” local. Em todos os segmentos havia os que discordavam: comunistas, democratas, nacionalistas. Em meio a esses discursos, o sentimento patriótico afluía entre os italianos e descendentes. As campanhas nacionalistas cresciam, os fascistas eram considerados traidores da pátria, aqueles que apoiassem a Itália eram inimigos do Brasil, portanto, um quinta-coluna; os estrangeiros reuniam todas essas qualidades. A nova ordem implantada pelo Estado Novo impediu a população de falar o italiano em público e foi proibida a edição de jornais em língua estrangeira. Pelo rádio e pela imprensa a população acompanhava o desenrolar dos conflitos na Europa. No discurso das ideias, os nacionalistas tentavam converter os adeptos do Eixo, viam com maus olhos os de descendência italiana e exigiam a nacionalização dos estrangeiros. O torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães acirrou ainda mais os nacionalistas. O povo foi para a rua, espocava foguetes, acionava buzinas, exigia a entrada do Brasil na Guerra. Intelectuais, políticos eram trazidos para Praça Dante Alighieri para manifestar seu patriotismo. A Liga de Defesa Nacional organizava manifestações públicas, comícios relâmpagos e, através do jornal A Época apelava para todos se unirem à causa dos Aliados. Em 1944, ela organizou uma passeata que levou os manifestantes a trocar as placas da Praça Dante Alighieri e da Av. Itália, mudando-as para Rui Barbosa e Av. Brasil, respectivamente.

“Caxias viveu a guerra sem estar na guerra. Todas noites se fazia blecaute. As luzes da cidade apagavam, todo mundo fechava as janelas e as cortinas para que os aviões não vissem que aqui tinha uma cidade. [...] O povo fazia passeatas com bandeiras, quando tinha placa com nome italiano, eles arrancavam. [...] Aqui a maioria da população era descendente de italianos, os mais antigos torciam pela sua pátria, que era a Itália. Eles ouviam rádio escondido. Tinha perseguição policial, não se podia entrar em repartições públicas se não falasse o português. Então os colonos nem vinham pra cidade com medo de serem presos.”

ARIOLI, Alberto. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHM/JSa). Caxias do Sul, 28 de abril de 1995

“Com o torpedeamento dos navios brasileiros pelos alemães houve uma mudança radical, Caxias se preparou para a guerra. É incrível, assim parece uma coisa meio romântica. Então, todas as noites tinha comício em Caxias. O que acontecia nos comícios? Era lá na Praça [Dante Alighieri], duas ou três mil pessoas, os oradores naquela sacada bonita do [Cine Theatro] Central, ali atrás, discursavam, era o Percy Vargas de Abreu e Lima, o pai do Renan Falcão de Azevedo [Olmiro de Azevedo], eles eram muito, sabe como é, nacionalistas. O que aconteceu? A tal de Liga de Defesa Nacional, que existe até hoje, começou a formar núcleos de voluntários porque as tropas estavam sendo formadas, isso já em 1943. A gurizada dos colégios andava pelas ruas, ia de casa em casa para recolher metal, latas, coisas assim e levava tudo lá na Metalúrgica Gazola, levavam vidro pra fundir e fazer de novo. Era o esforço de guerra que chamavam. Panfletos eram distribuídos nas ruas, as mulheres também participavam, se preparou um grupo de voluntárias enfermeiras, até as irmãs Leonardelli estavam junto, que eram de família de bem [...] Elas formaram um núcleo, faziam comício na Praça, elas vestidas de branco, com touca na cabeça. [...] Caxias viveu o clima, se fazia simulação de combate aéreo, aviões vindo bombardear. Por exemplo, no sábado às nove horas tinha blecaute. Todo o mundo fechava as cortinas, apagava as luzes e ficava uma hora a sirene do Central tocando, toda a cidade ouvia a sirene, era uma barulheira. Então a população se preparava psicologicamente para a guerra como se estivesse acontecendo aqui”

ARIOLI, Alberto. Entrevista concedida à Gustavo Guertler, em 10 de setembro de 2002 e doada ao AHM/JSa.

“Depois que os alemães atacaram os navios brasileiros, o movimento na Praça era grande. Eu tirava guarda na rua. Eu cheguei a ver algumas

manifestações, mas assim de fazer a guarda ali, assistia de longe. A população fazia manifestação, mas não dava tumulto. E faziam blecaute, a cidade ficava no escuro pra evitar o movimento de noite.”

RODRIGUES, Álvaro Batista. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 11 de novembro de 2003

EU VENHO DAS FÁBRICAS, DAS PLANTAÇÕES, DOS CAMPOS, DOS QUARTÉIS...

Os combatentes da Serra Gaúcha, que integraram o corpo expedicionário da FEB, eram oriundos de várias localidades e exerciam ofícios diversos, denotando pouco preparo para enfrentar o desafio que os aguardava. Na sua maioria eram trabalhadores rurais e operários urbanos. Alguns já haviam prestado serviço militar, outros estavam nos quartéis cumprindo este serviço e houve aqueles que, pela idade, ainda não haviam se apresentado para o alistamento militar e se ofereceram como voluntários. Os efetivos selecionados, com a idade média de vinte anos, foram convocados para completar o corpo de mais de 25 mil expedicionários destinados a ir para o front na Europa ao lado dos países aliados. Entre os convocados, a maioria apresentava baixo grau de instrução e ainda que houvesse voluntários tanto civis quanto do meio militar, a maior parte dos soldados, suboficiais e oficiais da FEB foi convocada e, em poucos meses, foram transformados de cidadãos civis em soldados.

“Naquela época, a maior parte dos soldados brasileiros era analfabeta, vai se empregar em que, né? Só na indústria, na campanha, no comércio não. Eu ainda tinha o 3º ano primário, mas tinha gente que não, que era analfabeta. Então, o grande mal do Brasil foi ter mandado analfabetos para guerra, porque não sabiam nem escrever uma carta para os pais.”

MOREIRA, João Balbino Gonçalves. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 28 de outubro de 2003.

“Antes de ir pra guerra, eu trabalhava na erva-mate, fazia a erva de chimarrão, trabalhava com a máquina de sulfato nas costas, na trilhadeira de trigo, começava na segunda feira e terminava no sábado.”

SANDI, Raimundo Bortolo. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 21 de outubro de 2003.¹⁶

“Eu sentei praça de 1939 a 40 em General Câmara. Depois eu voltei na caserna, fiquei mais um ano e meio na caserna no 9º Batalhão de Caçadores. Aí eu pedi a minha exclusão, porque quem tinha completado

¹⁶ Condecorado com medalhas de bravura

um ano e meio de praça podia pedir exclusão, o Brasil ainda não tinha declarado guerra. Eu fui pra civil, fui trabalhar. Quando o Brasil declarou guerra, eles me convocaram, veio a convocação da classe 19, 20 e 21, eu estava incluído. Então eu fui servir novamente. Servi mais dois anos e meio. Depois abriu o voluntariado pra quem quisesse se apresentar como voluntário pra ir pra guerra. Aí eu me apresentei, junto comigo foram mais dez cabos, daí eu já era cabo.”

GUERRA, Olices Alcides. Entrevista concedida a Gustavo Guertler, em 19 de outubro de 2002 e doada ao AHM/JSA.

“Eu fui na base do embalo, dos pendores cívicos. Eu fiquei, assim... eu estava emocionado e brabo com o que os alemães estavam fazendo conosco, afundando os nossos navios. [...] Quando abriu o voluntariado, em março de [19]44, porque não tinha gente o suficiente para completar o quadro, era uma divisão de mais de 25.000 homens que a FEB devia mandar pra Itália, era o compromisso do Brasil com os aliados, abriu o voluntariado para os civis para completar os quadros. [...] Então deu no jornal, não sei se era O Momento ou A Época, eram os jornaizinhos daqui, eram semanários, deu lá: civis podem servir na Força Aérea Brasileira, apresentem-se nos quartéis, quem quiser. Então, cheguei e disse pro meu pai: pai, eu acho que abriu vagas, eu vou servir! Eu não disse que era pra ir pra FEB, eu não contei. Eu me apresentei aqui como voluntário, mas os meus pais não sabiam que eu ia pra FEB. Na época não se sabia onde a FEB ia. Soubemos que estávamos na Itália quando estávamos lá! Nós pensávamos que íamos para o norte da África, no sul da França, ou na própria Inglaterra.”

ARIOLI, Alberto. Entrevista concedida a Gustavo Guertler, em 10 de setembro de 2002 e doada ao AHM/JSA.

“Eu fui convocado, eu estava trabalhando na colônia. [...] Eu fui servir no 9º Batalhão de Caçadores. A gente sabia que a guerra estava se encaminhando, mas não sabia quanto tempo ficaríamos no quartel, dois, três, anos, não se sabia nada. [...] Muita gente foi voluntária, mas eu fui escalado. Botaram a companhia em fileira e tiravam fulano, fulano, fulano e aí me tiraram, eu já estava no exército há ano quando me escalaram, aí eu fui pra guerra.”

MICHELI, Plínio. Entrevista à Unidade Banco de Memória Oral (AHM/JSA), Caxias do Sul, 17 de outubro de 2003.

“Eu trabalhava como capataz de turma aqui quando fizeram a BR 116. Daí me apresentei pra fazer o serviço militar, fui pro exército em

Porto Alegre. Lá fiquei um ano, dois anos, três anos, quatro anos fiquei preso dentro daquele quartel sem poder sair, não dava, não deixavam sair de jeito nenhum. Então, quando pediram voluntários, me apresentei, eu sabia da guerra e já estava cansado daquele negócio de não sairmos. Eu e mais uma turminha nos apresentamos, nós estávamos dispostos a se apresentar como voluntários. [...] Me apresentei e fui selecionado voluntário. [...] Escrevi uma carta pros meus pais dizendo tudo da minha vida, mandei uma mala de roupa pra casa e fui embora.”

ROSA, Álvaro Pereira da. Entrevista concedida a Gustavo Guertler, em 10 de setembro de 2002 e doada ao AHMJSA.

“No meu tempo de servir, eu fui pro quartel. Fiquei três meses lá, depois veio aquele pedido pros soldados irem para a guerra. Aí escolheram trinta companheiros aqui, nós saímos daqui de Caxias no dia 1º de janeiro de 1945, fomos pra Porto Alegre fazer exames, lá se juntaram mais companheiros pra ir pra guerra. Aí fomos para o Rio de Janeiro de trem, esperamos mais um pouco e depois pegamos um navio, carregaram cinco mil e tantos companheiros, soldados que iam pra Europa lutar.”

DIDONÉ, Germano. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA), Caxias do Sul, 16 de outubro 2003.

“Eu servi em 1942 na fronteira com o Uruguai, em Quaraí. Sai daqui de Bento Gonçalves no dia 02 de fevereiro de 1942 e só voltei pra casa no dia 12 de outubro de 1945. [...] Fiquei uma barbaridade de tempo nesse quartel, na cidade não tinha nada, não tinha luz, nós íamos sempre pro Uruguai. Fiquei lá vinte e dois meses, eu sempre com os cavalos, todos os dias: lavar os cavalos, andar, fazer instrução a cavalo, era assim o serviço. Ninguém falava nada da guerra, não tinha nem jornal, não tinha nada e nós lá. Bom, um dia veio o comandante falou no boletim e disse que no dia seguinte aqueles que quisessem ir para o Rio de Janeiro era para se apresentar como voluntário. Nós estávamos lá com todos os cavalos, quinhentos e tantos cavalos e o comandante veio em cada pelotão pedir quem queria ir como voluntário para o Rio de Janeiro. No meu pelotão quase todos largaram os cavalos, mais da metade queria ir embora. Em quase todos os pelotões foi assim e era o primeiro contingente que se deslocava do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro, era pra ir 44, 45 unidades de cada cavalaria. Naquela época tinha quinze regimentos, era quinze aqui do Rio Grande do Sul e outros dezesseis Regimentos de Cavalaria em Minas Gerais. Em todos os quartéis de cavalaria pediram voluntários para ir pro Rio de Janeiro. No quartel de Quaraí, muitos aceitaram, que-

riam ir embora porque não tinha nada naquele lugar, vinte e dois meses sem aproveitar a vida, queriam ir embora.”

PÉRTILE, Francisco. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Bento Gonçalves, 20 de outubro de 2003.¹⁷

A VIAGEM PARA O RIO DE JANEIRO

Feita a seleção médica, o passo seguinte foi o preparo dos jovens soldados para o combate. Os treinamentos iniciaram nos quartéis espalhados em várias cidades do Rio Grande do Sul, como Porto Alegre, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Santa Maria, Caxias do Sul, Passo Fundo, Alegrete. Posteriormente, continuou em outros estados brasileiros, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais com regimentos compostos por batalhões que incorporavam soldados advindos das diversas unidades espalhadas pelo Brasil. A saída do Rio Grande do Sul aconteceu em etapas e o deslocamento foi de trem até o Rio de Janeiro, de onde alguns foram deslocados para São Paulo e incorporados ao 6º Regimento de Infantaria de Caçapava; outros juntaram-se ao 11º Regimento de Infantaria com sede em São João Del Rei, Minas Gerais e houve os que ingressaram no 1º RI do Rio de Janeiro.

A viagem ao Rio de Janeiro se alongou por cerca de sete dias. Alojados em vagões de carga, esses soldados partiram sem nenhum conforto. Dia após dia se alimentaram do mesmo cardápio e descansaram seus corpos no chão desnudo ou em colchões improvisados com o capim recolhido à beira da estrada durante as paradas para o almoço. A tristeza da partida se misturava à expectativa acerca do futuro, enfim, o que seria essa guerra? Os nossos pracinhas de ascendência italiana sentiam a responsabilidade de suas origens, como brasileiros lutariam para defender a pátria de seu avós e quem sabe a fluência do idioma e suas raízes culturais seriam seus aliados na superação dos desafios.

“Do nosso Regimento de Cavalaria em Quaraí se apresentaram 45 voluntários. De lá fomos pra Alegrete, onde tinha outro Regimento de Cavalaria, pegaram mais voluntários. E começaram a carregar, a carregar, o trem parou em Santa Maria, Cacequi, os últimos que embarcaram foi em Cruz Alta, eram os que estavam servindo na zona de Santo Ângelo,

¹⁷ Condecorado com a medalha “Cruz de Combate de 1ª Classe”, maior distinção do Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial.

os últimos 45. Éramos quatrocentos e pouco, não chegava quinhentos, fomos com o Maria Fumaça para o Rio de Janeiro.”

PÉRTILE, Francisco. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHM|SA). Bento Gonçalves, 20 de outubro de 2003.

“O Maria Fumaça não andava naquela serra, a comida era feita dentro de um carro... aquelas carretas de campanha e tinha os fogões em cima, tinha tudo pra fazer comida. O trem parava, dois vagões eram só pros carros de comida. O trem parava, a gente ficava fora, onde tinha um desvio, nós parávamos para almoçar. Nós pousamos sete, oito noites no trem, todos no chão, no vagão de carga, não tinha cama, botaram umas tábuas compridas, uma no meio e outra no lado, éramos em vinte e cinco ou trinta em cada vagão, deram as mantas e a gente dormia assim, botaram as tábuas, mas a gente dormia no chão, era melhor. Deitar no banco pra quê? Todos os soldados foram nos vagões de carga. [...] Custou para chegar no Rio de Janeiro, parece que era duas horas da madrugada. Nós fomos todos para o quartel da segurança do presidente, no Batalhão da Guarda Guanabara. Ficamos lá sessenta e cinco dias, não tinha começado nada ainda, estavam aprontando. E mais gente começou a chegar, sempre mais gente. Ficamos lá e depois nos mandaram para Minas Gerais, onde ficamos setenta e oito dias. [...] Então daí nós trocamos a farda, trocamos tudo, as botas, as bombachas, as esporas, tudo ficou em Minas Gerais, trocamos a farda para irmos para a Europa. Aí começamos a fazer instrução mesmo. Instrução de treinamento de guerra, de combate.”

PÉRTILE, Francisco. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHM|SA). Bento Gonçalves, 20 de outubro de 2003.

“No dia 28 de outubro, às duas horas da tarde, partiram 80 pracinhas do 8º Regimento de Infantaria – éramos em 80 e 50 do 6º RAM [Regimento de Artilharia Montada], partimos de Cruz Alta. Bom, na estação as famílias desses pracinhas lamentavam porque eles iam pra guerra. Eu não tinha parente e nem ninguém lá, pra mim tanto fazia uma coisa ou outra. Muita gente entrou carregada no trem, começaram a beber, se passaram. O trem chegou em Santa Maria às seis horas da tarde, mais 130, mais 50 da Artilharia e 80 da Infantaria, isso aí somou um contingente de 260. Partimos com um trem de carga, desses de carregar porcos, saímos dia 28 de outubro e chegamos ao Rio de Janeiro no dia 3 de novembro, na Vila Militar. Eles pregaram umas tábuas dentro dos vagões e nós dormia em cima das tábuas, sem colchão, sem nada. Eu fiz um colchão, porque eu não era dos mais burro. Quando o trem parou

pra nós jantarmos em Barbacena, eu sai e fui cortar aquela barba de bode. Cortei com a faca trincheira e fiz um colchão com a manta, costurei a manta e botei o capim dentro. Dormi assim até o Rio de Janeiro, seis dias e sete noites. Chegamos no Rio um calor de 40 graus, fomos para no 2º Regimento de Infantaria, ficamos alojados ali. Ficamos até o dia 23 de dezembro e depois fomos à São Paulo pro 6º Regimento de Infantaria. Não tinha uma unidade definida ainda, eram contingentes que saíam de outras unidades pra completar as unidades da FEB. Aí incorporamos no 6º Regimento em Caçapava, Estado de São Paulo. Ficamos no 6º Regimento até março, quando voltamos ao Rio de Janeiro na Avenida Militar pra completar as instruções e embarcar para a Europa.”

MOREIRA, João Balbino Gonçalves. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 28 de outubro de 2003.

O TREINAMENTO

A declaração de guerra contra o Eixo colocou o Brasil diante da necessidade imediata da formação de um corpo de guerra a ser enviado para o campo de batalha. Todavia, o exército brasileiro não estava preparado para o desafio que se avistava; há duas décadas seguia os princípios da chamada escola francesa e seu armamento era antiquado, sendo necessária a sua modernização para atuar junto às forças do V Exército norte-americano. À época o Brasil possuía poucos oficiais da ativa para integrar a missão acertada entre os Presidentes Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. O envio de tropas brasileira para lutar ao lado dos aliados na Europa dependia do reaparelhamento do Exército brasileiro, o que motivou a criação da Força Expedicionária Brasileira. Termos de cooperação militar foram firmados entre os presidentes dos dois países e, ainda, na fase de estruturação da FEB foi enviado aos Estados Unidos oficiais brasileiros para cursos e treinamentos, o que permitiu a familiarização com os armamentos e estratégias empregadas pelas tropas norte-americanas. No entanto, não houve tempo e nem recursos para o treinamento de todas as divisões expedicionárias, o preparo mesmo se deu mesmo no campo de batalha.

Com o Estado de Guerra, os efetivos que estavam cumprindo o serviço militar obrigatório permaneceram à disposição do Exército até o fim da guerra. Embora houvesse tanto voluntários civis quanto militares, a grande maioria dos soldados, suboficiais e oficiais da FEB foram convocados. A idade média desses jovens era de vinte anos e, como menciona a

Canção do Expedicionário, vinham de todos os recantos do Brasil. A força da FEB foi formada pela Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE), constituída pelas seguintes unidades: 1º Regimento de Infantaria, Rio de Janeiro-RJ; 6º Regimento de Infantaria, Caçapava-SP; 11º Regimento de Infantaria, São João Del Rei-MG; quatro grupos de artilharia, 9º Batalhão de Engenharia, Aquidauana-MT; um esquadrão de reconhecimento, 1º Batalhão de Saúde, tropas especiais e 67 enfermeiras.

“Os 121 de Caxias que foram lutar na Itália eram todos militares, já estavam servindo há três, quatro anos aqui. Então eles foram conscientes e já tinham um treinamento. Eu não, eu era civil, não tinha nada a ver com o Exército, nada a ver com nada, mas eu fui consciente, como os meus companheiros, os outros onze que foram comigo. Eu queria ir porque eu vivi a época.”

ARIOLI, Alberto. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHM|SA). Caxias do Sul, 28 de abril de 1995.

“Em São Leopoldo foi uma outra situação, foi parecida com aqui. Era todo o dia ordem unida. Fazer ordem unida que eu digo é marchar no meio da cidade, o comandante era um de Caxias, ele ia a cavalo e tinha uma espada, passava no meio da cidade, no meio dos alemães, que não gostavam porque aquilo era ostensivo. Eu não sei o que eles pensavam, eles iam nas ruas, olhavam, mas ninguém aplaudia. A gente ia também a Novo Hamburgo fazer treinamento a pé, Novo Hamburgo era distrito de São Leopoldo. [...] Acampávamos dois dias, depois vínhamos fazer treinamento de combate, mas no estilo francês antigo, porque o regulamento disciplinar do exército brasileiro era ligado ao francês da guerra de 1914.

ARIOLI, Alberto. Entrevista concedida a Gustavo Guertler, em 10 de setembro de 2002 e doada ao AHM|SA.

“As instruções em São João Del Rei eram nas montanhas, um lugar mesmo pra isso, com montanhas como na Europa. O 11º RI (Regimento de Infantaria) é o batalhão de infantaria de montanha, nós fomos incorporados lá. E o 10º. RI, que era de Juiz de Fora, e o 12º. RI, que era de Belo Horizonte, foram todos pra lá, fizeram um regimento só, nós estávamos lá, éramos cinco mil e duzentos soldados. Nós ficamos lá 78 dias, depois voltamos para Rio de Janeiro e ficamos mais seis meses, quase sete meses fazendo instrução sempre pra guerra. Todos os dias instrução, não tinha chamada de noite, podia sair a hora que quisesse, era tudo a vontade. Era sábado, domingo; na quarta-feira não tinha expediente, podia sair. Daí eles começaram a fazer inspeção de saúde, [...], fizeram

duas, três vezes. Uma vez foram doze médicos, passava assim todo mundo peladinho, entrava lá, doze médicos, entre cada três brasileiros tinha um médico americano no meio. Que inspeção de saúde, quase meio-dia chó!”

PÉRTILE, Francisco. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Bento Gonçalves, 20 de outubro de 2003.

“Eu servi aqui em Caxias, entrei no exército em 1942, quando fui pra Itália eu já tinha quase três anos de exército. Eu estava preparado física e psicologicamente, eu sabia, em parte, o que era uma guerra. Nós saímos daqui na véspera de Natal, 24 de dezembro de 1944, e chegamos no Rio de Janeiro em 01 de janeiro de 1945. Ficamos no Rio de Janeiro uma porção de tempo sem treinamento nenhum, nada, só fazendo vacina, mais isso e mais aquilo, afinal, era para ficarmos aguardando para ser integrado à Força Expedicionária Brasileira e ao V exército americano, onde íamos incorporar quando chegássemos na Itália. Ficamos mais de um mês no Rio de Janeiro, ficamos nos preparando pra isso sem treinamento de guerra. Quando chegamos na Itália, aí sim, aí pegamos um treinamento forçado, era quase dia e noite, não tinha descanso nunca. Quem nos dava o treinamento eram soldados americanos de origem portuguesa, falavam português, eles é que nos passavam tudo.”

ZUANAZZI, Antônio Romeu. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 05 de novembro de 2003.

“Nós tínhamos treinamento aqui, mas era um treinamento que já vinha de muito longo tempo, ele era baseado na instrução militar francesa, a instrução, o treinamento, tudo era do exército francês. Mas, infelizmente, na época da guerra nada daquilo serviu, tudo teve que ser modificado, armamento, tudo. Nós saímos daqui e fomos ao Rio de Janeiro, então lá houve muito treinamento, muita instrução, instrução real mesmo, como se fosse na guerra. Na Itália também houve, lá tivemos uma boa etapa de instruções, mas instruções reais, já com outros equipamentos, outros armamentos, tudo diferente; não era pelo nosso, nós não usávamos nada do nosso, era tudo diferente.”

ANTUÉRPPIO, Menem. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 28 de abril de 1995.

A VIAGEM PARA O ALÉM-MAR

O embarque dos combatentes da FEB para a Europa foi cercado de sigilo e acompanhado de expectativas e incertezas, a maioria dos expedicionários desconheciam onde aportariam. A viagem tinha a ex-

cepcionalidade de ser realizada sob circunstâncias de estado de guerra, o que significava riscos de ataques por parte da aviação ou de submarinos alemães. Além da apreensão da partida para a guerra, a maioria dos soldados nunca havia feito uma viagem transatlântica e a ansiedade engasgava na possibilidade real de não mais ver os seus entes queridos; aliás, para muitos oficiais graduados e praças sequer houve a chance da despedida por estarem distantes de suas cidades de origem.

À época, a navegação marítima constituía o principal meio de transporte de longa distância e o Brasil não dispunha de navios seguros e rápidos para transportar os mais de 25 mil homens que integravam a Divisão Expedicionária. Conforme acordo firmado, os Estados Unidos cederam os navios General Mann e o General Meigs para realizar o transporte, que foi acompanhado por comboios de segurança brasileiros e norte-americanos.

A bordo, a tripulação estava sob responsabilidade dos Estados Unidos, havendo que adotar as normas e procedimentos de segurança estabelecidos. Os soldados permaneceram separados dos oficiais e ocuparam os compartimentos coletivos, recebendo um cartão numerado que ordenava os turnos de almoço e o registro das refeições feitas a bordo. Começou no navio o contato com os soldados e hábitos norte-americanos.

A FEB fracionou seu corpo de guerra em cinco escalões para o deslocamento até Nápoles. O primeiro embarcou em 2 de julho de 1944 a bordo do navio General Mann. Era formado pelo 6º Regimento de Infantaria, com 5.075 homens, integrando 304 oficiais. O segundo e o terceiro partiram no dia 22 de setembro de 1944. As tropas seguiram nos navios o General Meigs e General Mann, era integrada pelo 1º e 2º Regimentos de Infantaria, compondo um total de 10.375 homens, sendo 686 oficiais. O quarto escalão partiu a 23 de novembro de 1944 a bordo do navio General Meigs; o efetivo era de 4.691 homens, os quais foram designados a substituições e preenchimento de claros. O quinto escalão, composto por 5.082 soldados, partiu em 8 de fevereiro de 1945 a bordo do General Meigs.

O desembarque em solo italiano surpreendeu e impactou os soldados brasileiros. O Porto de Nápoles e arredores se mostravam completamente destruídos pelos constantes bombardeiros. O espanto misturou-se à sensação de medo e à constatação do que era a guerra real; sim, a cobra iria fumar. O passo seguinte ao desembarque, foi o deslocamento para os respectivos alojamentos.

“Eu fui no segundo escalão, todos chegaram em Nápoles. Fomos sempre comboiados com dois destroyers, um cruzador na frente, tinha os blimps, aquele aviãozinho charuto voador, chamavam assim, tinha balões dirigíveis que controlavam os alemães para não afundarem o nosso navio. Então, imagina cinco mil e poucos homens dentro do navio, General Meigs se chamava o navio, um navio de passageiros adaptado para tropa. Nos compartimentos tinha beliches, cabia uns 200 homens assim. Dentro, claro, era tudo de ferro, tinha portas que eram estanques, se estourasse um torpedo nesse navio, as portas se fechavam automaticamente, morria todo mundo lá dentro afogado pelo impacto. [...] O navio tinha quatro andares pra chegar a bordo, lá em cima na proa, quatro andares com escadas altas de marinheiro, uma que subia, outra que descia [...] Então, entramos no Mediterrâneo, era de manhã, na popa, lá em cima, era dia já, eu vi o Vesúvio: nós estamos na Itália!” – Como é que tu sabes que nós estamos na Itália? – Está aí o Vesúvio! Eu tinha visto nos filmes, né? Então a gente desceu, o navio não podia chegar no porto, porque tinha uns cinquenta navios afundados. Até chegar ao porto tinha uns 200 m., eles tinham feito buracos nos cascos dos navios afundados e colocaram pranchas, então desembarcamos do nosso navio e subíamos nas pranchas com a água ali até chegar no cais. Não podia ancorar no cais porque estava cheio de navios afundados pelos bombardeios. Chegamos em Nápoles e aí que começou a odisseia.”

ARIOLI, Alberto. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 28 de abril de 1995

“Eu fui no segundo escalão. Vinha um caminhão do exército cheio de soldados, quando desembarcavam aqueles, vinha outro caminhão, e assim foi indo. Fomos em mais de oito mil soldados. Quando embarcou todo mundo, que trancaram a porta, veio o Getúlio Vargas, que era o Presidente do Brasil, e disse pra nós: “Deus lhe leve, Deus lhe traga, até a volta.” O nosso navio foi escoltado pelo Zepelim e destroyers.”

DETÓFOLI, João Batista. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 23 de outubro de 2003

“Na viagem nós conversávamos, conversas de soldado, atochando um para o outro. Quando nós chegamos na Itália, no Porto de Nápoles, que eles disseram que íamos desembarcar, eu peguei minha muamba e subi no convés. Olhei a cidade de Nápoles, olhei assim... toda destruída. Baixei a cabeça e fiquei pensando... Levantei os olhos, olhei de novo e disse para mim mesmo: Moreira, tu estás acreditando que existe a guerra? Agora

tu estás vendo o que é a guerra? Daí peguei a minha muamba, desci para embarcar nos caminhões. Fomos para onde tinha os bombardeios, aonde a gente não dormia mais direito, aonde se tinha medo. A gente pensava vem um italiano e me prende, vem os alemães e me surram, todas essas coisas eu pensava, eu tinha muito medo de pisar em cima de uma mina. Daí tivemos uns vinte dias de treinamento e já entrei no campo de batalha. Eu fui escalado para a patrulha de reconhecimento.”

OLIVEIRA, Nêmio Moreira de. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 13 de outubro 2003.

“Daí um dia veio a ordem mesmo de embarcar. Então o pessoal dizia a cobra vai fumar. O navio era americano, tinha sete ou oito andares: o porão das máquinas, o porão dos mantimentos, sete andares de passageiros. Bom, ele era alto como aqueles pinheiros, né? Tinha trinta metros por cima da água. Eu me assustei quando vi aquele bicho, nunca tinha visto um navio tão grande. [...] Nós começamos a embarcar às seis horas da manhã, nos levavam no carro de carga, tudo fechado, para não descobrirem, sabe, tinha os quinta-coluna que podiam comunicar logo. Embarcamos na Vila Militar, sempre os carros fechadinhos pra dar a impressão que era carga. Um carro atrás do outro, terminou o carregamento seis horas da tarde, um dia inteiro, 7.200 homens embarcaram no navio. E tinha outro navio, naquele embarcaram 4.500 combatentes. De noite tiraram o navio daquele lugar, levaram lá longe, mal se enxergava aquele edifício do Rio de Janeiro. O navio ficou parado lá toda a noite. De manhã, às nove ou dez horas partimos a caminho da Europa.”

PÉRTILE, Francisco. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Bento Gonçalves, 20 de outubro de 2003.

“No dia cinco de fevereiro veio a ordem pro embarque. A minha companhia foi a última a embarcar. Fechou as portas do navio, não entrava e não saía mais ninguém. De madrugada o navio saiu do porto, foi pra Baía da Guanabara e lá ele ficou parado todo o dia e toda a noite, só no dia sete começou a viagem pra Itália. Dentro do navio eu andava sempre de calção e salva vida. Um calor! Principalmente na passagem do Equador. Cada dia tocava um alarme e o comandante gritava: abandonar o navio! Era instrução. Mas nós não sabíamos que era instrução, pensávamos que era a viagem mesmo. Foi indo, foi indo até que descobrimos que era treinamento. [...] Uma noite, antes de passarmos pelo Estreito de Gibraltar, de madrugada soou o alarme. Começou aquela correria, acusou um submarino perto. Aí saiu um caça mina que estava na frente;

foi vasculhar. Depois de uma hora mais ou menos se ouviu um estrondo: foi um caça mina nosso que largou uma bomba pra assustar o submarino, ele estava nos guarnecendo. Entramos no Mediterrâneo, só depois de três dias chegamos em Nápoles.”

GUERRA, Olices Alcides. Entrevista concedida a Gustavo Guertler, em 19 de outubro de 2002 e doada ao AHM/SA

“Nápoles estava destruída. Aí recebemos o fardamento americano e aguardamos o embarque pra Livorno, uma outra cidade portuária. De Livorno fomos à Pisa e depois para Staffoli. Em Staffoli alguns soldados nossos estavam fazendo treinamento, esperando a vez pra ir pro front. Conforme baixava lá, eles pegavam ali. Se fazia o treinamento natural, como se estivesse no front: treinamento com granada, bomba, com bazuca, metralhadora. Eu fiquei ali mais ou menos do dia 20 ou 25 de fevereiro até o dia 1º de abril de [19]45. Quando voltei, o capitão da minha companhia disse: cabo Guerra, te prepara que amanhã de manhã você vai pro front. Eu disse: “mas capitão, é 1º de abril! – “Não, não estamos brincando, nós estamos em guerra. Me preparei, às quatro horas da manhã tocou a alvorada, levantei, arrumei os apetrechos, embarquei no caminhão. Andamos 150 km, o front ficava em Porretta, uma outra cidade. Aí incorporei na Companhia de Comando Regimental com a função de armeiro do regimento.”

GUERRA, Olices Alcides. Entrevista concedida a Gustavo Guertler, em 19 de outubro de 2002 e doada ao AHM/SA.

A CAMPANHA NA ITÁLIA

A campanha brasileira na Itália iniciou em setembro de 1944 e se alongou até 2 de maio de 1945, quando foi declarado o cessar fogo no front italiano. A última operação dos expedicionários foi a Ofensiva da Primavera, investida esta que mobilizou os aliados a enfrentar o que ainda restava das forças alemãs em solo italiano.

A Campanha na Itália se refere às operações realizadas pelas forças aliadas entre 1943 até o final da guerra na Europa em 1945. O propósito era combater as tropas alemãs e libertar os italianos do domínio nazista. As ações iniciaram no Mar Mediterrâneo, começando pela Sicília, estendendo-se ao sul para, posteriormente, chegar ao norte do país. Coube às tropas brasileiras atuar ao norte ao lado dos aliados para romper a chamada Linha Gótica, que se constituía na última defesa alemã na Itália. Nessa região se deu o batismo de fogo dos expedicionários brasileiros, libertando as cidades de Massarosa, Camaiore e Monte Prato. Os alvos estratégicos

da missão era *Monte Castello* e a cidade de *Montese*, na Cordilheira dos *Apeninos*. A rendição dos alemães se deu em 29 de abril de 1945, quando a 148ª Divisão de Infantaria alemã, remanescente da 90ª Divisão Panzer e da Divisão Bersaglieri italiana, com 14.624 soldados, entregaram suas armas, entre eles dois generais e cerca de 800 oficiais. Durante dois dias, os alemães foram cercados pelo esquadrão de reconhecimento do Capitão Plínio Pitaluga na cidade de Fornovo di Taro. No dia anterior, Benito Mussolini era executado pelos partisans quando tentava fugir da Itália. No dia 2 de maio, o último corpo do exército alemão na Itália assinou sua rendição e em 8 de maio a guerra na Europa chegava ao fim com a capitulação definitiva da Alemanha.

O Brasil participou da Campanha enviando 25.334 expedicionários para a frente de combate, um grupamento de caças da Força Aérea Brasileira, uma esquadra de navios da Marinha e um grupo de 67 enfermeiras. Morreram em combate 465 soldados, sepultados no cemitério de Pistoia. Cerca de 3.000 homens ficaram feridos. Em 1960, os restos mortais dos combatentes foram transferidos para o Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial, no Rio de Janeiro. Simbolicamente, as cinzas de um dos mortos permaneceram em Pistoia.

“Na Itália tivemos que fazer uma mudança, íamos enfrentar um outro tipo de guerra, não era a guerra de avançar, era diferente, era de patrulhas que saíam de noite pra localizar o inimigo. Nós abandonamos todo os nossos armamentos, não se usou uma arma que fosse, passamos a usar armamento americano. Então tivemos que nos preparar pra lutar com aquelas armas. Tivemos um preparo de três semanas quando chegamos, tivemos um preparo forte, uma coisa como se estivéssemos na guerra mesmo, nada era de festim, tudo era real, com armas, com balas reais e também tínhamos que nos cuidar porque podíamos morrer.”

ZUANAZZI, Antônio Romeu. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 05 de novembro de 2003.

“Eu fiz instrução na Itália, um mês de treinamento. De noite passavam filme. O que passava no filme, no dia seguinte nós tínhamos que fazer, repetir. Então, durante um mês foi atirar de metralhadora, se jogar no chão pra se proteger, fazer trincheira, tudo o que passava no filme, no dia seguinte tínhamos que repetir. Só depois fui pro campo de batalha.”

DIDONÉ, Germano. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA), Caxias do Sul, 16 de outubro 2003.

“Em Monte Castelo, os bombardeios passavam por cima. Aí o pessoal começou a morrer, um chorava, outro chamava a mãe porque estava ferido e ia morrer. Ficamos toda a noite, todo o dia, a metralhadora dava 1200 tiros por minuto, chegava a tirar lascas daqueles murinhos de pedra, nós estávamos na boca do tigre. Nossa Senhora! Depois largavam aquela fumaça pra esconder o inimigo. Eu fui no primeiro e no segundo ataque. Então veio a ordem para retornar. Era seis horas, anoitecia. Era inverno, parece que era o dia 24 de novembro. [...] De noite começou a cair neve, ela estava alta assim. Houve muitos desaparecidos, contaram o pessoal, faltavam doze. Não se sabia se estavam presos ou embaixo da neve. Não dava para procurar. O inimigo lá em cima nos cuidando, a gente tinha que usar capote branco que nem a neve pra eles não verem. Daí deu uma parada. Depois de três meses voltamos a atacar e tomamos Monte Castelo. Aí apareceram os brasileiros perdidos, um aqui, outro lá, três juntinhos congelados embaixo da neve com a arma perto, mortos, congelados! Depois de Monte Castelo, nós tomamos Castelnuovo.”

PÉRTILE, Francisco. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Bento Gonçalves, 20 de outubro de 2003.

“A maior vitória nossa foi quando rendemos a 148ª Divisão de Infantaria Alemã, se renderam com tudo o que se possa imaginar. Colecchio era um lugar tipo Galópolis, com montanhas de lado a lado, os alemães ficaram encurralados ali. Em torno de vinte mil homens. Então o meu Pelotão subiu, eu parei no cemitério, eu fiquei ali dois dias bombardeando, era tiro de morteiro, eu via os caras se movimentando, eles ficaram encurralados. Eles tiveram que se entregar, não tinha outra, eles ficaram dois dias resistindo. Foram muitos mortos, feridos então aos montes. Porque era bombardeio não de tiro direto, era de artilharia, de longa distância e aí esfaqueava ainda mais, o cara mata uns trinta, quarenta por vez. Aí os alemães se entregaram. Foi uma coisa incrível! Era uma estrada reta, grande, não tinha asfalto. Então, quando mandaram nós descer, eu do cemitério, descemos e ali ficamos esperando, eles vinham assim, em duzentos, trezentos homens marchando: plant, plant, plant, vinham na frente, paravam, se viravam pro comandante deles, o capitão dava a mão um por um e se despedia, eles atiravam fora as armas, os canhões. Tinha mais de mil cavalos normandos, aqueles com as patas desse tamanho pra transportar a artilharia, eles não tinham mais gaso-

lina, então eles traziam aqueles canhões em carretas com dois cavalos normandos. Foi preciso dois dias pra poder receber toda a divisão.”

ARIOLI Alberto. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHM|SA). Caxias do Sul, 11 de novembro de 2005

“A rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã foi feita pelos expedicionários brasileiros, a divisão completa, nem o americano fez isso. Nos livros deles consta que foi o exército dos Estados Unidos, o V Exército, como ele chamavam que tomou Forno Coléccio. Mentira, a tropa que estava lá era a nossa. O meu regimento tinha mais ou menos 2.000 homens e os alemães vinham. Vinham cantando e marchando. Chegavam na beira da estrada assim e jogavam as armas ao lado, olha, fez uma montanha de 30, 40 metros de armas individuais. Vinham em marcha de soldado mesmo, conscientes. Eles paravam ali, o tenente deles passava um por um, dava a mão, dava continência, davam a mão e seguiam para o campo de concentração, os caminhões levavam eles. Eles estavam derrotados mas mantinha aquela disciplina de soldado.”

ARIOLI, Alberto. Entrevista concedida a Gustavo Guertler, em 10 de setembro de 2002 e doada ao AHM|SA.

“Quando eu cheguei em Livorno, eu fui fazer instrução. A instrução era feia [pesada] lá, era muito forte. Então pediram um pessoal para ir na polícia. Eu me apresentei e entrei na polícia. Ficar na polícia era brabo: eles tomavam uma cidade, então nós tínhamos que ir pra lá tomar conta. Qualquer coisa e a polícia tinha que ir pra lá. Nós tínhamos informações todos os dias, se prendessem meia dúzia de italianos, chamavam a polícia pra ir lá buscar. [...] As cidades ficavam desertas, e nós lá nos jipes, ficávamos andando, andando... de vez em quando tinha um chamado pra isso, pra àquilo, tomaram uma cidade. O front passava e nós ficava lá até que acalmava, o pessoal morto, fedendo, que barbaridade! A nossa vida foi essa lá.”

ROSA, Álvaro Pereira. Entrevista concedida a Gustavo Guertler, em 12 de setembro de 2002 e doada ao AHM|SA.

“Quando chegou o 11º Regimento de Minas Gerais e o 1º Regimento de Infantaria nós já estávamos combatendo em Camaiori, Monte Prano. Eles vieram e ajudaram. Depois damos a volta, sempre indo pro Vale do Pó. O general Mark Clark deu pro nosso general Mascarenhas de Moraes a missão de subir o morro de 1.220 m. de altura pra fazer o reconhecimento. Os alemães estavam um pouco longe do nosso acampamento e nós atrás de um perau cuidando, ouvindo eles falarem, vendo por onde eles saíam.

Ficamos lá o dia inteiro, só saímos de noite pra eles não nos verem. Nós fizemos isso várias vezes, nós estávamos em sete ou nove lá escondidos, observando, até que chegamos lá em cima do monte. Os alemães ainda tiveram a coragem de ir atrás de uma igreja, nós damos uma rajada de tiros, quase derrubamos a igreja. O pior é que a nossa metralhadora fazia um fogo desse tamanho, nós dávamos um tiro e corríamos. Se não fizessemos isso, estávamos todos mortos. Não se enxergava as metralhadoras dos alemães, elas não faziam fogo nenhum. Quando ouvíamos o chiar das bombas era puft, no chão, e cuidar de não se deitar em cima das minas, tinha o caçador de minas, tinha que deitar dentro das marcas, se tu caías fora podia cair em cima de uma mina, como eu vi, um cara deitou fora da marca um pouquinho, ficou em cima da mina, perdeu a metade do corpo, ele gritava me ajudem, me levem. Acho que o cara morreu, a gente estava num combate, não dava para socorrer. Eu vi tudo isso.”

SANDI, Raimundo Bortolo. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 21 de outubro de 2003.

“Logo que eu cheguei eu tive um acidente, bati a cabeça. Me recuperei, mas não fui mais para o campo de batalha. Eu cuidava dos feridos. Eu trouxe dezesseis comigo de volta até Natal. Era a nossa aviação que levava os soldados doentes de volta pro Brasil.”

BUSSELATO, Melsi. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 13 de 2003.

“A nossa aviação ajudou muito na campanha da Itália. Na tomada de Montese, os alemães estavam lá acampados, lá nas trincheiras, foi a nossa aviação que destruiu as casamatas de cimento armado de quase um metro de grossura.”

MICHELI, Plínio. Entrevista à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA), Caxias do Sul, 17 de outubro de 2003.

“Tinha muita pobreza na Itália, miséria total. Vou contar um pequeno caso pra senhora ter uma ideia. O nosso acampamento em Staffoli tinha 4.000 homens mais ou menos, faziam o café da manhã e o que sobrava botavam no lixo. Então vinham as mulheres, homens não vinham porque estavam na guerra ou estavam presos, só se via mulheres na rua, velhos e crianças, as mulheres chegavam e pegavam o pó usado do café que estava na lata de lixo. Elas levavam pão, biscoito, o que tinha de comida elas levavam. Tinha muita mulher nova que se vendia por cigarro, por chocolate, por comida, se prostituíam pra poderem viver. Vinha aquela

criança pedindo chocolate, cigarro pra mãe, pro nonno fumar. E a gente dava, o nosso povo não é de uma maldade total.”

ZUANAZZI, Antônio Romeu. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 05 de novembro de 2003

O DIA DA VITÓRIA, O DIA DA LIBERTAÇÃO

O dia da vitória chegou antes na Itália. Em 2 de maio de 1945 as forças alemãs se renderam ao IV Corpo do Exército, do qual fazia parte a FEB. Embora o país se encontrasse devastado, com desemprego, racionamento de comida e vestuário, os italianos festejaram com esperança o cessar fogo após seis anos de conflito. Os sinos das igrejas badalaram, nas ruas, nas janelas os italianos acenaram lenços brancos, agitaram a bandeira do país, cantaram *Bella Ciao*, canção que representava a resistência contra a opressão e o que há de pior na humanidade, um hino de esperança de uma Itália liberta dos horrores do fascismo e da ocupação nazista; o dia da vitória também era o dia da libertação.

Ainda em prontidão, a notícia do fim da guerra surpreendeu os expedicionários brasileiros, em suas mentes pairou uma sensação de dúvida, afinal, poderia ser uma mentira ou um engano, parecia inconcebível crer na vitória. Mas o que parecia boato se confirmou: era possível saborear a vitória e celebrar com os italianos a libertação. Para os pracinhas brasileiros, o dia da vitória também representou o dia do triunfo, pois os combatentes foram para o front com um treinamento precário, aprenderam a lutar, superaram os desafios, deixaram a terra natal para defender uma pátria que não era a sua para, então, proteger ideais que são da humanidade: a liberdade, a democracia e a autodeterminação de todos povos.

Enquanto aguardavam o retorno para o Brasil, os expedicionários da FEB aproveitaram suas licenças para conhecer a Itália, o futuro não passava de uma suposição e, possivelmente, jamais retornariam. Conheceram Roma, Pisa, Veneza, o Vaticano; fizeram amigos italianos, o que para muitos dos nossos expedicionários não foi difícil, como descendentes de imigrantes conheciam o idioma e as conversas já iniciavam no dialeto, *paesà, sono brasiliano, sono figlio di immigrati italiani*. Foram cinco meses de espera, o último contingente só chegou ao Brasil em 3 de outubro de 1945.

“A Itália estava destruída, tinha viúvas, órfãos, o povo passava fome. A gente dava comida pros italianos. Quando os soldados brasileiros passavam, os italianos festejavam, jogavam flores pra nós. Eles diziam

‘Brasiliani dalle truppe di colori, brasiliani liberatori dall’Italia’. Eles falavam assim porque na nossa tropa tinha soldados pretos, soldados brancos.”

DIDONÉ, Germano. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA), Caxias do Sul, 16 de outubro 2003.

“Nunca na vida eu faria guerra. Se eu tivesse a ideia de fazer uma guerra, eu botava todas as crianças num lado, lá onde as forças não pudessem chegar, protegia as crianças. Porque é doloroso ver uma criança na guerra, quase nuas, com frio, com fome, órfãos. Elas chegavam pra nós e diziam assim “Brasiliani, ha da mangiare, ha da mangiare!”. Quem não chora diante de uma cena dessas?”

OLIVEIRA, Nêmio Moreira de. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 13 de outubro 2003

“No dia que acabou a guerra, um chorava aqui, o outro lá, choravam só de ouvir o sino tocar, era parelho. O sino tocava em toda a Itália, tocou todo dia. Aí ficou um troço, parecia que tinha morrido um da família. Tudo assim, mas que tristeza! Depois viemos embora, fomos pra Alessandria. Veio um comboio americano e levaram nós até Alessandria, lá tinha dois quartéis italianos, éramos dez mil e pouco, fomos todos lá. Depois de três dias, veio o Mascarenhas de Moraes fazer discurso e dar os parabéns pela vitória. Todo mundo em forma. Mas durante três dias ninguém falava, uma turminha aqui, as armas lá, tudo abandonado. Fora do quartel era só soldado, Então todo mundo lá quieto, uma turma aqui, outra ali. Eu dizia: “Mas como assim, que tristeza é essa? Não tinha mais tiro, não tinha mais avião que passava bombardear, não tinha canhão atirando, não tinha mais nada. Então se dizia, “mas que tristeza! O que vai ser”? Todos emocionados. E ninguém tirava isso da cabeça, era tudo igual. O general fez o discurso no terceiro dia e depois dali, então, a gente começou a passear, veio a roupa de passeio e aí começamos a conversar. Saímos fora, tiramos a roupa verde e botemos lá do lado, começamos a conversar, começamos a caminhar pra cá e pra lá, conversava com os italianos. Aí começou a passar toda a tristeza que nós tínhamos, até parecia que tínhamos melhorado de uma doença. Sete, quase oito meses com bombardeios sempre parelho, sempre, sempre, se não era aqui, era lá, se não era lá, era em outro lugar. Não é sopa”!

PÉRTILE, Francisco. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Bento Gonçalves, 20 de outubro de 2003.)

ADEUS ITÁLIA, DE VOLTA PARA A CASA

A bordo dos navios General Meigs e General Mann, os expedicionários da FEB também retornaram em etapas. O primeiro escalão embarcou em 11 de julho de 1945 e o último chegou ao Rio de Janeiro no dia 03 de outubro do mesmo ano. A viagem de volta foi tranquila, não havia destroyers, blimps, escoltas de segurança, as forças aliadas haviam vencido e os países do Eixo formalizado suas rendições. Esses expedicionários voltavam diferentes: foram como jovens soldados improvisados e retornavam como soldados experientes e altamente qualificados, retornavam como homens cientes do que era a guerra real.

A guerra é sempre uma experiência traumática. Os sentimentos e as cenas vividas nos campos de batalhas seriam difíceis de sufocar e de serem esquecidas. O futuro também inquietava os corações e as mentes dos expedicionários: continuariam no exército ou retomariam às ocupações deixadas? Retornar à vida anterior recaía-lhes como probabilidade, mas não era um anseio. Em meio a tantas conjecturas, mal sabiam que seus destinos estavam sendo articulados em alto-mar pelo Presidente Getúlio Vargas, o Ministério da Guerra e pelo Estado-Maior do Exército. No dia 18 de julho de 1945 o primeiro escalão expedicionário aportava no Rio de Janeiro e, através de Aviso Ministerial, a FEB foi extinta como corpo regular do Exército brasileiro na data de 06 de julho de 1945. A resolução permitiu que apenas os oficiais pudessem optar por permanecer no Exército, em decorrência, soldados e cabos seriam desmobilizados. A apressada dissolução da FEB demonstrava o temor da ditadura de Getúlio Vargas, visto que a vitória dos aliados fortaleceu a oposição ao governo. O presidente temia que os pracinhas apoiassem conspirações para tomar o poder.

O retorno do primeiro escalão foi aguardado com expectativa. No dia do desfile a Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, ficou intransitável, nem os policiais conseguiram conter a emoção e o delírio dos milhares de brasileiros que queriam homenagear os heróis brasileiros que lutaram na Segunda Guerra Mundial. Com o anúncio, por meio de alto-falantes, da chegada do Presidente da República, um grupo grande de pessoas se aglomerou defronte à tribuna oficial, entre vivas e aplausos e ali permaneceu por quase vinte minutos, atrasando o desfile. Das sacadas e janelas dos edifícios, as pessoas davam vivas, agitavam bandeiras, jogavam serpentinas, papel picado, confetes expressando admiração e orgulho: “a

cobra fumou” e o Brasil lutou com bravura pela liberdade e democracia na Europa. Durante o desfile, populares se acotovelaram para se aproximar dos combatentes, arrancaram emblemas, botões para guardarem como lembrança. Com menos intensidade, as homenagens se repetiram no retorno dos outros quatro escalões.

Já desmobilizados, os expedicionários aguardaram nos quartéis as suas dispensas e o pagamento dos soldos devidos. Foram proibidos de andar uniformizados, de dar declarações públicas, de portar medalhas e condecorações. A desmobilização atingiu a todos os que não estavam vinculados à carreira militar, ou seja, pracinhas, soldados e sargentos, convocados ou voluntários. Assim, repentinamente, jovens que foram desagregados de suas famílias e que há muito se encontravam distantes de seus lares foram devolvidos aos seus locais de origem. Levaram na bagagem cicatrizes, lembranças, traumas, uma ou outra medalha, alguns cruzeiros e a passagem de volta. Sem nenhum amparo psicológico ou assistencial, retomaram suas rotinas na labuta pela sobrevivência. A readaptação foi difícil, além das sequelas do front, muitos enfrentaram dificuldades para conseguir emprego e assistência médica. A acolhida pela família foi fundamental, como também foi o apoio das associações dos veteranos por eles criadas. Juntos eles se mobilizaram para auxiliar os companheiros mais necessitados, organizaram suas sedes, promoveram atividades de integração, como passeios, viagens, convenções nacionais.

Ligada à sede central do Rio de Janeiro, a Associação Nacional dos Veteranos da FEB de Caxias do Sul foi fundada em 1946. Com sede própria desde 1956, sempre desempenhou um papel importante na integração entre os ex-combatentes e foi essencial para a reintegração à nova vida. Desde 1976, a sede conta com um espaço dedicado à memória dos veteranos, composto de Museu e Centro Cívico. Em 2007, o local foi concedido, em comodato, à Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, integrando a Divisão de Museus a cargo da Secretaria Municipal da Cultura. Hoje, dos 121 soldados e 12 civis voluntários que integraram as tropas da FEB, apenas Alberto Arioli se encontra entre nós. Por muitos anos ele esteve à frente da Associação, seu propósito sempre esteve associado aos vínculos identitários que unia os expedicionários, sentimento de pertencimento à Força Expedicionária Brasileira e às forças combatentes que lutaram na Segunda Guerra Mundial. Sua atuação, compartilhada com seus companheiros de feitos e lembranças, contribuiu para que a sede da Associação se tornasse o ponto de encontro e lugar de memória deste grupo social. Ao longo dos anos a Associação se tornou a voz de seus membros junto

aos órgãos oficiais, lutou pelos seus direitos, representou os veteranos em comemorações ou eventos onde seus nomes fossem pronunciados.

As primeiras leis de amparo aos ex-combatentes foram aprovadas em 1947. Algumas sequer foram cumpridas; outras foram mal vistas, como a chamada Lei da Praia, de 1949, que assegurava direito a auxílios e pensões a qualquer pessoa enviada à “zona de guerra”, porém a lei só incluía às vias navegáveis e cidades do litoral brasileiro que se encontravam na zona de guerra. Somente na década de 1980 é que se intensificou o processo de reconhecimento dos ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial. Hoje eles dispõem de pensão especial, com extensão do benefício a dependentes, além de assistência médica, hospitalar e educacional. Para muitos o benefício chegou tarde, pois faleceram sem usufruir desse amparo.

“Na volta, peguei o trem no Rio de Janeiro, fizemos baldeação em São Paulo, paramos em Santa Catariana. Em Lages perdi a passagem, então vim de ônibus, vim por Antônio Prado, não parei em Flores da Cunha. Parei em Caxias, o meu pai estava esperando, se eu tivesse parado em Flores da Cunha, não teríamos nos encontrado. Fazia uma semana que ele estava me esperando, era dia 15 de agosto. Fazia quatro anos que eu estava longe de casa, mas foi uma choradeira, ele chorando de um lado, eu chorando do outro, ficamos assim mais de meia hora antes de dizer uma palavra. [...] Daí fomos falar com o João Pasqualetto, que ele tinha um auto de praça. Viemos com o auto de praça, o pai saiu de Caxias largando foguetes. Depois, aqui em casa ficamos na cozinha, fizeram um caldo de galo velho, encheu a cozinha de gente e nós tomando caldo e comendo a carne do galo velho. Depois fomos dormir. De manhã, quando acordei, levantei os olhos e olhei ao redor da casa. Eu vi o pé de camélia, quando eu sai ele estava baixinho e na volta já estava lá em cima. Olhei pra mãe e disse, eu não vou abrir a mala, vou voltar pro Rio de Janeiro. Mas por que eu disse isso! Ela começou a chorar, dizia, tudo o que eu rezei, tudo o que eu fiz e ainda tu queres me abandonar! Eu não queria ficar. Eu queria voltar, estava acostumado com o barulho e aqui tudo calmo. Quando a mamãe disse, tu vais me abandonar, e ela chorava... daí fiquei em casa. Fiquei, mas estava doido também, demorou pra eu me acostumar a trabalhar na colônia, não foi fácil. [...] Eu queria continuar a carreira militar, voltava como terceiro sargento.”

SANDI, Raimundo Bortolo. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 21 de outubro de 2003.

“Eu voltei no primeiro escalão, foi em 18 julho. Eles seguraram o navio pra não chegar de noite, entrou na Baía da Guanabara de noite, no Pão de Açúcar. Olha, o pessoal chorava, se abraçava, foi uma emoção assim... sem explicação. Depois de descer do navio, estava o pessoal da LBA com pacotinhos de sanduíches, a gente comia ali mesmo. E começou o desfile na Avenida Rio Branco, para irmos até a Central são mais ou menos 1.500 m. Começamos a desfilar duas da tarde, chegamos lá oito da noite. Começamos o desfile, o Getúlio Vargas estava no palanque oficial. Aí o povo invadiu, tinha um milhão de pessoas nas ruas. Mas foi um desastre, eu cheguei todo rasgado, eu só consegui segurar a minha arma, me tiraram as *insignes*, as moças se atiravam na gente, beijavam, puxavam. Foi uma emoção, eu ainda sinto hoje, é uma lembrança. O pessoal abraçava, éramos os primeiros a chegar, fomos amassados, espremidos, no dia seguinte eu estava todo doído.”

ARIOLI, Alberto. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 28 de abril de 1995

“Ficamos uma semana na Vila Militar no Rio de Janeiro, mas quem era do 6º RI de Caçapava foi mandado pra São Paulo, desfilamos também em São Paulo. Então, como eu era o mais moço e sabia datilografia, me seguram, eu fui o último a sair do 6º RI, que tinha 6.000 homens. Eu fiquei quinze dias, eu dizia, quero ir pra casa, quero ver minha família. [...] Me seguram até o fim, eu fiquei datilografando os certificados de reservistas, fiquei até não ter mais ninguém, como dizem, sai, apaga a luz, fecha a porta. Foi assim. Então me deram um passe de trem, foi mais uma semana pra chegar em casa.”

ARIOLI, Alberto. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 28 de abril de 1995.

“Eu fui o primeiro a chegar em Caxias. Foi uma loucura, eu não tinha mais condições para nada, queria dormir, dormir, dormir. Eles vieram me buscar, queriam fazer uma sessão cívica, foi no dia quatro, eu tive que ir no palco, o Dom José Baréa estava lá discursando, eu lá no meio dos caras como um babaca, eu era uma atração, fui o primeiro a chegar. Uns dias depois chegou mais gente, no dia 7 de Setembro estávamos em cinco, nós desfilamos na Praça [Dante Alighieri], as alunas do [Colégio] São José fizeram um cordão, as moças mais bonitas de bandeira e nós no meio desfilando. A banda do 9º BC tocando. Foi uma semana assim corrida, iam nos buscar para falarmos nos colégios, no [Colégio] São Carlos, no José Bonifácio fomos dar palestras, e eu lá, não queria nada com nada. [...]

O primeiro mês eu fiquei sempre dormindo, acordava ao meio dia, à tarde vinha gente lá em casa, a minha mãe dizia, o Alberto está dormindo, está cansado, e coisa. Volta e meia ela me apalpava, ela não acreditava que eu não tinha sido ferido. Ela me olhava e eu, o que é mãe? Nada filho, tu tá com a camisa fora do lugar. Coitadinha! Eu não tinha nada, não levei um tiro. Passava na minha frente bazuca estourando e tal, eu ali me rastejando, me atirando no chão, mas nada, voltei. Voltei, era pra voltar mesmo.”

ARIOLI, Alberto. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 28 de abril de 1995.

“Na volta, eu peguei no sono embaixo do banco do trem, era pra desembarcar em Porto Alegre e depois pegar o caminhão e vir pra Caxias. Eu continuei no trem, quando acordei, vi que não era Caxias, eu não estava no Rio Grande do Sul, acho que eu estava em Santa Catarina. Então voltei depois, eu tive que esperar o dia que o trem vinha pra Caxias. [...] Cheguei e fui direto pra casa, eles nem sabiam que eu ia chegar. Depois de um mês, o meu falecido pai, a minha falecida mãe, o padre Frazoi da Igreja [Nossa Senhora] me fizeram uma festinha.”

DIDONÉ, Germano. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA), Caxias do Sul, 16 de outubro 2003.

“Cheguei em Santa Maria, peguei o trem e vim pra Porto Alegre, dormi lá. No outro dia, peguei o ônibus e vim pra Caxias, fiquei aqui um dia. Quando foi de tardezinha, um vizinho do meu irmão lá de Cazuza Ferreira me viu e perguntou se eu não era o filho do Benjamim, aquele que foi pra guerra. Digo, sou eu mesmo, aquele valentão. Ele disse, Nêmio, amanhã eu vou ver o teu irmão José. Digo, então se tu vais ver, avisa o José que amanhã, no ônibus pra Cazuza Ferreira, eu chego lá. Então ele avisou. Ai, lá na fazenda do falecido pai, no Arroio dos Moreira, eu desembarquei sozinho com a minha mochila. Enfim, vou chegar em casa! Quando eu cheguei, o papai, a falecida mamãe, os irmãos todos vieram me encontrar. Nós tínhamos um potreiro pra botar os animais, vacas, cavalos, quando me avistaram, todos saíram correndo, a minha mãe quase não podia caminhar, era uma mulher meia fraca, mas veio, veio correndo e se agarrou em mim, o pai também se agarrou, os irmãos ao redor. Daí, o pai disse, Nêmio, tu voltaste, que bom que tu está aqui conosco! Fizeram aquele alarde. Fomos pra casa, sentamos e eles começaram a especular. Digo, é, eu andei por lá, fizemos a guerra. – E tu está contente de voltar? – Eu estou muito faceiro com vocês todos em roda de mim.”

OLIVEIRA, Nêmio Moreira de. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 13 de outubro 2003.

“Eu fiz três processos, fiz em 1970, 1974. Fui fazer inspeção de saúde em Porto Alegre na Policlínica, fizeram todo exames lá, depois disseram que eu ainda não era competente para ser pensionado. Fiquei quieto de novo, fazer o quê? Daí eu tinha companheiros de Caxias que sabiam, eles vieram me buscar e disseram, vem lá, vamos fazer um novo processo, tu tens direito a receber. Então eu fui pra Caxias, fiz o processo e entreguei no quartel, pediram pra entregar no quartel. Quatro meses depois, foi em 1979, recebi [correspondência] que era pra ir a Porto Alegre fazer inspeção de saúde no hospital militar, fiquei lá três semanas fazendo a inspeção. Então aí por 1980 foram aprovados os papéis e recebi a primeira pensão, pensão integral.”

ANTONIOLLI, Aquilino. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 03 de dezembro 2003.

“Daí dei baixa e vim pra São Francisco [de Paula], estava todo mundo lá, eles não sabiam que eu estava de volta, cheguei de surpresa. Fiquei um tempo lá e depois fui pra Canela morar, fiquei muito tempo lá. [...] Não foi fácil a volta, não é fácil esquecer a guerra. Em Canela tinha um médico, era amigo do meu pai, ele sabia das doenças da guerra, ele se chamava Dr. Pedro Sander, me fez o tratamento de neurose de guerra sem eu saber. Ele me tratou por mais de um ano, nunca me cobrou um tostão. Devo minha vida ao Dr. Pedro. O exército não se preocupava, nos largou de uma hora pra outra e não fez nada, o médico amigo do meu pai é que fez. Muita gente ficou com neurose de guerra. Tinha um aqui em Caxias, o Severino Erlo, ele não podia ouvir um barulho de nada e já se jogava no chão, chorava. Era neurose de guerra, sofreu muito aquele homem. E teve muitos outros.”

RODRIGUES, Álvaro Batista. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 11 de novembro de 2003.

“Bom é o seguinte, quando nós voltamos da Itália, o governo já nos desmobilizou na Itália, era o Getúlio Vargas, ele tinha medo pela questão política, achava que ia ser derrubado, lá lutamos pela liberdade e aqui não tinha. Não tinha em termos, né? Então fomos desativados já na Itália, nós recebemos os nossos certificados de reservistas na Itália. Veja só! [...] O nosso soldado foi atirado, assim não tinha assistência médica, tinha gente que estava doente por aí, morreram com quarenta anos, não houve preparação nenhuma pra vida civil. Quem morava na colônia, que foi

a maioria, eles estavam bem, voltaram pra casa dos pais, tiveram a sua coloniazinha, foram bem, mas na cidade foi um desastre.”

ARIOLI, Alberto. Entrevista concedida à Unidade Banco de Memória Oral (AHMJSA). Caxias do Sul, 11 de novembro de 2005.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Patrícia da Silva. EM LUTO E LUTA: construindo a memória da FEB. Tese de Doutorado apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais – CPDOC. Rio de Janeiro, Abril, 2013.

MERON, Luciano Bastos. Memórias do Front: relatos de guerra de veteranos da FEB. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2009

ENTREVISTAS

Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami – Unidade Banco de Memória

Alberto Arioli (1925-2021)

Nêmio Moreira de Oliveira (1920-2012)

João Balbino Gonçalves Moreira (1921-2009)

Plínio Michelli (1922-2002)

Francisco Pértile (1920-2017)

Antônio Romeu Zuanazzi (1924-2003)

Germano Didoné (1922-2005)

João Batista Detófoli (1920-2008)

Raimundo Bortolo Sandi (1920-2014)

Álvaro Batista Rodrigues (1923-2003)

Melsi Buselatto (1922-2011)

Aquilino Antonioli (1920-)

Antuérpio Menem (1921-2016)

Álvaro Batista da Rosa (1919-2008)

Olices Alcides Guerra (1921-2006)

TEMPOS DE INOCÊNCIA

“Vamos apreciar sem vertigem o tamanho da minha inocência”
Arthur Rimbaud

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) caiu sobre a pequena cidade de Caxias do Sul como uma bomba. Cerca de 60% da sua população vivia na zona rural; a cidade se resumia à rua Júlio de Castilhos, que ia da atual Praça Getúlio Vargas até o parque Cinquentenário. Algumas estradas cortavam a cidade como a antiga estrada Rio Branco e a de Flores da Cunha, ao longo das quais havia algumas propriedades rurais esparsas. Três quadras de cada lado da Avenida Júlio completavam a cidade, que tinha então quatro bairros: O Centro, a Caipora, o São Pelegrino e o distante arrabalde de Santa Catarina, na velha estrada que levava de Caxias à Nova Trento (atual Flores da Cunha). A população do município era de pouco mais de 50 mil habitantes – destes, cerca de 29 mil viviam na zona urbana.¹⁹

A conformação política do município estava então em constante mutação. Pela divisão administrativa de 1939, compreendia seis distritos: São Marcos, Ana Rech, Galópolis, Vila Seca, Fazenda Souza e Boca da Serra. Alguns distritos haviam pertencido ao município de São Francisco de Paula, do qual Caxias anexou o distrito de Vila Seca.²⁰ Em 1934, Nova Milano e Nova Vicenza se emanciparam de Caxias para formar o município de Farroupilha.²¹

¹⁸ * Doutora em Ciências Sociais pela PUC SP.

¹⁹ ALBUM COMEMORATIVO DO 75º ANIVERSÁRIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Globo, 1950. 156 p.

²⁰ DOCUMENTÁRIO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL 1875-1975. org. Dumienne Paranhos Antunes. São Leopoldo: Artegráfica, 1950p.269-289

²¹ GIIRON, Loraine Slomp. Caxias do Sul: Evolução histórica. Caxias do Sul EDUCS, 1977, p. 72.

Apesar de pequena, a cidade dispunha de muitas empresas, cerca de 300 indústrias e 400 casas comerciais distribuídas entre a cidade e seus distritos.

Foi em 1939, ano início da Guerra, que a Avenida Júlio de Castilhos começou a ser calçada com paralelepípedos,²² mesmo ano em que começou a construção da Estrada Federal (hoje BR 116), que ligaria o Brasil de Sul a Norte. No Rio Grande do Sul a estrada uniria Porto Alegre à Vacaria. O engenheiro responsável pela obra visitou o prefeito municipal Dante Marcucci.²³ Visita que resultaria na mudança do roteiro da estrada e o destino da cidade perdida na serra. Deve-se destacar que era uma estrada de chão dotada de uma única pista. Só na década de 1960 começou a ser asfaltada e, na década de 1990, teve alguns trechos duplicados.

A Europa em conflito refletia-se no Brasil. Era o início da violenta campanha de nacionalização que iria se estender durante a década seguinte. O Decreto nº 383, de 14 de abril de 1938, proibiu os estrangeiros da posse de negócios, seja indústria, comércio ou serviços, bem como a publicação de jornais em língua estrangeira.²⁴ Foi quando o *II Giornale Dell'Agricoltore* passou a se chamar *O Jornal do Agricultor*.

Em 1938, o governo passou a controlar as línguas estrangeiras faladas no Brasil. Eu nasci na chamada Estação Forqueta, que nunca foi distrito de Caxias. Eu morava em Forqueta que pertencia à recém-emancipada Nova Vicenza. Ali, a maioria da população só falava italiano. Foi neste período que fui proibida de falar o dialeto. Eu tinha 3 anos. Foi assim que fiquei sabendo da guerra e apanhei para aprender a falar só em português. Nas casas da pequena localidade, ouvia-se o rádio, a emissora mais ouvida era a Rádio Farroupilha, de Porto Alegre, além da rádio Nacional do Rio de Janeiro, então capital federal. Assim se ficava sabendo o que acontecia na Europa.

A luz elétrica só funcionava das 8 da manhã às 8 da noite. Quem fornecia a eletricidade era a usina de Jacob Gregoletto. A vida na pequena localidade era centrada no trem que levava e trazia passageiros da capital do estado. A guerra parecia estar muito longe, pois Forqueta estava perdida nas encostas da Serra.

²² Jornal A Epoca, 22 de novembro de 1939, p.1+

²³ Idem, 29 de novembro de 1939, p.3.

²⁴ GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do Littorio*. O fascismo no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2017, p. 214.

Em 1939, começou a Guerra na Europa, mas o Brasil continuava neutro. O presidente Getúlio Vargas, que governava o Brasil sob o Estado Novo, prometeu permanecer neutro. Porém, a Guerra não poderia ser discutida pela população. Assim, os jornais locais traziam poucas notícias das lutas, por outro lado estava ativa na cidade a Liga de Segurança Nacional²⁵ promovendo atividades cívicas.

Em uma manhã, gritos cortaram o ar: eram lamentos muito fortes como se alguém tivesse sido ferido. Os gritos duraram um longo tempo, depois fiquei sabendo que quem tinha gritado, daquele jeito horrível, era tia Maria, mãe de Joãozinho, primo de meu pai. Corria o ano de 1941, e o governo o tinha decidido chamar a classe de 1919, para aumentar o efetivo do exército nacional. Era o começo da Guerra para o Brasil. Muitos forquetenses foram recrutados, um deles era o filho mais velho da família Borges, cujo pai Otacílio era o chefe da Estação situada defronte a nossa casa. Eu achava que os recrutas eram heróis, pois iriam lutar na guerra.

Os Borges eram “os brasileiros” vizinhos. Havia poucos deles, remanescentes dos trabalhadores que construíram a estrada de ferro. Mas a maioria absoluta era constituída por italianos e tirolese. Poucos falavam português, motivo pelo qual ficaram aterrorizados com as novas determinações de não falar em idioma estrangeiro. Tirolese era o nome dado pelos italianos aos imigrantes trentinos, em geral de origem alemã, que povoaram a Segunda Légua da antiga colônia Caxias. Os Slomp eram os *Grotta*, apelido que emigrou da Itália com a família. Portanto, eu também era uma *Grotta* tirolese.

Na colônia, após o recrutamento dos jovens, tudo parecia igual. Afinal, o Brasil não tinha entrado na Guerra. Eu sabia das notícias dos combates na Europa por meio das transmissões do Repórter Esso, que era apresentado diariamente a uma hora da tarde pela Rádio Farroupilha de Porto Alegre. Meu apelido era Repórter Esso, pois, como o noticiário, eu era a primeira a dar as últimas notícias.

Meu pai assinava o *Correio do Povo*, jornal da Capital do estado. O ano de 1940 foi importante para mim, pois aprendi a ler. Assim eu lia as manchetes; para minha idade, eu era bem informada. Nada aconteceu em 1941 que tenha marcado minha vida. A não ser meu desejo de entrar na escola. Vivia pedindo a meus pais para me levarem à escola. Acho que

²⁵ Jornal *A Época* de 19 de novembro de 1939, p.4.

fui uma das poucas crianças a desejar estudar muito cedo. Creio que era por causa de minha irmã, que já estudava e que me ensinou a ler.

TEMPOS DE GUERRA

“Agora vais saber o que é o imperialismo”

Primo Slomp, meu pai

Tudo mudou em 1942. A região viveu a mais longa estiagem de sua história, secaram os regatos e as fontes e que abasteciam os poços. Foi o ano que nos mudamos de Forqueta para o centro de Caxias, bem ao lado do Cine Apollo, anos depois rebatizado de Cine Teatro Ópera. A cidade me pareceu um lugar inóspito, nos dias de chuva as ruas se enchiam de barro, que os carros espalhavam pelas calçadas. As casas eram separadas por muros e fechadas por portões. Eu sentia saudades dos espaços amplos e dos matos onde as cercas, quando existentes, podiam ser passadas sem esforço.

Nossos vizinhos eram o tenente César Simões, esposa e três filhos. O tenente Simões nos avisou que deveríamos fechar as janelas e seguir o blecaute, estabelecido na cidade pelo 9º BC, pertencente à 3ª Região Militar. Ele nos informou que Caxias poderia ser bombardeada pelos aviões alemães do Eixo. Os vizinhos seguintes eram Olympio Rosas, sua mulher Miloca e sua filha Adelaide. Eles tinham uma empregada negra, chamada de Sea Adelina, que tinha sido escrava e não fazia as refeições com a família – costume que estranhei na cidade, pois na nossa casa almoçávamos todos juntos. Então eu não entendia de classes sociais, pois na Forqueta todos éramos iguais, ao menos assim pensava.

O medo era grande, por causa da Guerra. Daí a necessidade de seguir à risca as instruções dadas pelo Exército. Durante três anos as janelas das casas de Caxias permaneceram vedadas à noite, para que os inimigos não vissem que existia uma cidade.

Em 1943, entrei na escola. Foi minha grande alegria. As irmãs falavam francês e as saudações eram feitas nesta língua. Apesar das proibições, a Guerra algumas vezes era o assunto dos sermões da Catedral, nas missas das 8 horas da manhã, aonde íamos em fila e uniformizadas. As orações, em geral, eram feitas em latim. Na escola vivíamos apavoradas com a possibilidade de o Brasil ser invadido pelos nazistas e rezávamos pela paz. Pela Rádio Farroupilha, acompanhávamos as batalhas e as vitórias crescentes dos Aliados. Naquela época, não se falava em fascistas, que

viviam na cidade. Nem na escola nem em casa se pronunciava a expressão “quintas-colunas”, que, na verdade, caracterizava a maioria absoluta da região, que torcia pela vitória da Itália e da Alemanha. Ninguém falava no Japão, como se não fizesse parte do conflito.

A Força Expedicionária Brasileira enviou 25.334 mil pracinhas para a Segunda Guerra Mundial. Dentre eles, 121 soldados e 12 civis voluntários de Caxias. De Forqueta foi apenas um pracinha Archimedes Perotoni; os outros foram até o Rio de Janeiro e de lá voltaram no fim da Guerra, as mães choraram por nada.

Com a cabeça feita pela escola e pela imprensa, eu torcia pelos Aliados. Levava para casa o que eu ouvia e as discussões eram inevitáveis. Meu pai, como a maioria da população, apoiava o Eixo. A seu jeito, punha em dúvida o que eu falava e me mandava estudar mais. Mas nem precisava fazê-lo, pois eu vivia lendo, e cada vez mais estava convencida de estar certa. Como eu era pequena, não eram brigas, mas apenas discussões que acabavam com meus argumentos. Em algumas famílias, por causa de Guerra, ocorreram profundas cisões; algumas nunca superadas.

Foi quando nasceu minha irmã mais nova e eu fiquei tão enciumada que até tentei matá-la, atirando-a de uma escada. Ainda bem que ela não se feriu. Entre os problemas da guerra e da minha nova irmãzinha, o tempo passava.

Falou-se muito da mudança dos nomes de cidades, de ruas e da Praça Dante Alighieri que passou a se chamar Ruy Barbosa. Foram os jacobinos que fizeram isso segundo meu pai, na escola disseram que foram os membros da Liga da Defesa Nacional. O medo de falar italiano era grande, segundo o tenente Simões isto era muito bom, pois, segundo ele: “estes gringos tinham de aprender a língua pátria.” Eu concordava com tais ideias e atos.

Em 1944 partiram de trem 79 jovens caxienses, sob a benção do padre Eugênio Ângelo Giordani, acompanhada pelo choro das mães, rumo ao Rio de Janeiro.

Finalmente, em 8 de maio de 1945, a Guerra acabou e eu participei do comício da vitória realizado na rua Sinimbu, nas escadarias da Catedral de Santa Teresa. Foi um delírio patriótico, voltei para casa feliz. No almoço recebi um banho de água fria. Meu pai me alertou que não era para ficar tão contente, pois, logo eu aprenderia o que era o imperialismo.

Fui em busca da *Enciclopédia Jackson*, para entender o que era imperialismo. Com minha irmãzinha chegara também o *Tesouro da Juventude*, o *Mundo Pitoresco* e o *Grande Dicionário e Enciclopédia Jackson* (impressos em Nova Iorque em 1942). Eu lia e consultava esses grossos volumes sem parar. Não entendi coisa nenhuma, lá dizia que era uma “opinião favorável ao império e a suas colônias”, e outras coisas que não entendi. Não adiantava perguntar para meu pai o que ele queria dizer. As pessoas não respondiam às minhas perguntas. Passaram-se muitos anos antes que eu conhecesse a resposta. Assim, guardei a pergunta. Muitos anos de estudos depois, encontrei a resposta para os tempos da Guerra.

Terminei o ginásio na mesma escola, e na década de 1950 estudei como aluna interna no Colégio Bom Conselho, de Porto Alegre, para concluir o curso científico. O tempo de internato foi, a um só tempo, uma prisão e um aprendizado. O tempo passou; me formei em História e Geografia (eram unidas); comecei a lecionar. Ainda assim, a pergunta continuava sem resposta.

A democracia nascente durou pouco e o Brasil carecia de livros, de traduções de obras clássicas e de liberdade. Com o Golpe de 1964, tudo se proibia, tudo se perseguia. Os livros eram caçados como se fossem malfeitores.

Numa viagem à cidade uruguaia de Rivera, comprei *O capital*, de Karl Marx, em edição abreviada em espanhol. Foi o começo da descoberta. A Segunda Guerra me instigava, fazendo-me a perguntar sobre o passado. O que teria ocorrido durante a Segunda Guerra, num pequeno lugar perdido povoado por estrangeiros, seus filhos e netos? Como os pobres imigrantes se tornaram inimigos da pátria sem saber o motivo?

Na década de 1980, comecei a estudar os movimentos conservadores da região. A pesquisa evidenciou uma divisão ideológica entre as camadas sociais urbanas. Os trabalhadores nas indústrias tendiam ao socialismo; os funcionários e trabalhadores no setor serviços, ao integralismo. A burguesia parecia liberal, mas depois descobri guardava um passado fascista. Decidi aprofundar o estudo da ação fascista na região. Elaborei um projeto e fui admitida em 1986 no programa de Doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Os objetivos eram o de identificar a ação fascista regional e o papel da burguesia na difusão do movimento e estabelecer os meios utilizados pelo fascismo italiano na propaganda do movimento fascista no exterior e a repercussão do fascismo junto à

comunidade regional. Eu tinha um projeto, comecei uma pesquisa e os resultados foram inesperados.

TEMPOS DE SABER

“A dúvida é o princípio da sabedoria”

Aristóteles

A participação dos muitos italianos e de seus filhos na Primeira Mundial (1914-1918) estreitou os vínculos existentes entre eles imigrantes e a Itália. Envolvidos no movimento em favor da pátria distante em guerra, enviaram 392 soldados em armas convocados e voluntários – bem como cerca de 33 milhões de liras para auxiliar nas despesas do conflito.

Nas cidades da região, as sociedades italianas, antes voltadas ao auxílio mútuo, passaram a sediar as ações em prol da pátria distante. Promoveram campanhas para auxiliar os imigrantes pobres a participarem da Guerra. A “Duca degli Abruzzi”, de Porto Alegre, a mais rica de todas sustentou alguns voluntários, que participaram luta.²⁶ Morreram quatorze, sendo dois caxienses: Angelo Bracagioli e Raffaele Zambelli.²⁷ Segundo a mesma fonte, a cidade contava com 6,500 moradores.

O período entre guerras (1919-1939) marcou nova aproximação entre a região colonial e a Itália, com a vinda de uma nova leva de imigrantes, que era composta por: técnicos, descontentes com a guerra e emissários do governo fascista (1922-1943).

A tomada do poder por Mussolini aproximou a Igreja Católica do governo Italiano, especialmente depois da assinatura dos Tratados Lateranenses (1929). A aproximação desencadeou na imprensa regional intensa campanha de propaganda do governo do primeiro-ministro italiano Benito Mussolini.

O *Correio Riograndense*, um dos jornais regionais, apresentava o movimento integralista como o fascismo brasileiro, e ambos como movimentos cristãos que deveriam ser apoiados. Esse tipo de posição foi aceito pela população local, que lia e acreditava no que era veiculado pelo semanário católico dos frades capuchinhos. As campanhas e os atos realizados pelo fascismo italiano eram publicados na imprensa da região. Os púlpitos da Igreja Católica tornaram-se veículos de propaganda do fascismo. As sociedades italianas de mútuo socorro se tornaram local de

²⁶ CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. Porto Alegre: Globo, 1925. p. 420.

²⁷ *Ibidem* p.423.

encontro dos imigrantes, e mais do que isto, de centros de culto cívico à pátria distante. O amor pela Itália renascia no coração dos filhos que tinham sido expulsos dela pela fome e miséria.

A política fascista democratizou a diplomacia e aproximou-a dos imigrantes. Estes passaram ser tratados como *italiani all'estero* (italianos no exterior) e os cônsules passaram a ser figuras ilustres locais. Foi o caso do médico Romolo Carbone e do industrial Silvio Toigo, autoridades respeitadas na cidade. O apoio ao fascismo foi grande, comprovado nas comemorações realizadas em 1925 pelo cinquentenário da imigração italiana ao Rio Grande do Sul. Na ocasião, veio ao estado o embaixador italiano, que apoiou o evento. O próprio Mussolini enviou mensagem cumprimentando os imigrantes, publicada no álbum comemorativo.

Os italianos criaram escolas e fâscios, aquelas destinadas ao ensino das vantagens do fascismo italiano, e estes ao culto à pátria italiana.

A participação política dos imigrantes italianos até então era tímida e se restringia ao âmbito municipal. Nas históricas lutas que dividiam o Rio Grande, os colonos costumavam apoiar as posições conservadoras. Poucos eram republicanos, e a maioria seguia os libertadores. Um exemplo da participação política dos imigrantes foi a eleição do italiano Celeste Gobbato à prefeitura de Caxias, contrariando a lei, pois era proibida a eleição de estrangeiros.

Foi nessa época que a cidade recebeu o maior número de técnicos italianos, muitos adeptos ao fascismo. Uma das obras de Gobbato foi a aprovação da Cúria Romana para a criação do bispado (1936), reunindo os municípios povoados por italianos e seus descendentes. A diocese foi criada contra a vontade do arcebispo de Porto Alegre.²⁸

Entre 1925 e 1939, os imigrantes tutelados pelo fascismo agiram na região, eram enviados por um governo legítimo e que na região agiam de acordo com a lei, abriram escolas, jornais e fâscios. A ação do fascismo italiano visava a cooptar a burguesia regional. O povo e os agricultores italianos de origem não se interessaram pelo fascismo. A posição fascista de reconhecer os imigrantes como “italianos no exterior”, possibilitou a adoção por eles de uma nacionalidade tardia. Imigrantes já naturalizados passaram a agir como se fossem súditos do Reino da Itália. Sem abandonar sua prática política tradicional, passaram a apoiar a política fascista.

²⁸ GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do Littorio*. O fascismo no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul, EDUCS, 2017, p. 150.

Houve troca de favores entre a burguesia e os representantes do movimento. Aquela festejava os representantes, e estes, por sua vez, concediam bolsas de estudo, viagens e estádios aos imigrantes e a seus filhos. Tudo dentro da legalidade.

A situação mudou em 1938, com as medidas tomadas pelo novo regime em relação aos estrangeiros. Os decretos-lei de março e de abril de 1938 passam a cuidar das atividades dos estrangeiros no Brasil. Em 19 de março um edital do Serviço de Registros de Estrangeiros determinava a aplicação do decreto que previa a expulsão dos estrangeiros que não seguissem as normas previstas nos artigos 236 e 237.²⁹ Os estrangeiros passaram a ser controlados e suas empresas, nacionalizadas.

O Estado brasileiro em sua ação nacionalizante proibiu a circulação de jornais em língua estrangeira, bem como o ensino e os sermões nas igrejas. Em pouco tempo, falar italiano se tornou um crime e os fascistas rapidamente debandaram ou se tornaram brasileiros à força da lei.

Deve-se salientar que a ação do governo não era contra os fascistas locais, mas contra a população em geral que falava o dialeto italiano. Numa espécie de socialização das culpas, todos os italianos que vivam na região, havia mais de cinquenta anos, tornaram-se suspeitos. Ser italiano tornou-se um crime.

Os fascistas que haviam participado do movimento nada sofreram. Passando a colaborar com o governo brasileiro na produção de armas e munições, tornaram-se elementos de confiança do poder público. A apreensão de armas, livros, e objetos referentes à Itália atingiu a população como um todo. Foi proibido falar em italiano nos locais públicos. O processo de nacionalização sumária atingiu a cidade com o impacto de um terremoto, modificando de forma decisiva as relações familiares e antigos hábitos. A culpa pelo fascismo recaiu sobre toda a população.

Segundo o questionário respondidos pelos delegados de Caxias, em 1941, foram presas 23 pessoas por porte de arma, nove por serem comunistas, três por serem fascistas e três por serem integralistas. Apenas um fascista respondeu a processo e foi absolvido.³⁰

O fascismo regional nada mais foi do que um reflexo do fascismo italiano, resultado de uma ação externa. Mesmo que o movimento gozasse da simpatia de grande parte da população, nunca foi um movimento

²⁹ *A Época*, 19.3.1939, p.1

³⁰ Repartição Central de Polícia. Questionário. Município de Caxias. Assinado pelo Delegado Adão Massena Vieira. Datado de 11 de fevereiro de 1943.

de massas. Não são as afinidades ideológicas que movimentam o processo histórico, mas as condições materiais. O fascismo na região nunca passou de um instrumento da burguesia para melhorar suas condições de produção.

Terminada a Guerra, o Estado brasileiro retratou-se ao prestigiar a construção do Monumento Nacional ao Imigrante. O projeto foi iniciado em 1950. Da comissão executiva para a obra faziam parte homens que haviam liderado o movimento fascista. Na base do monumento lê-se: “A Nação Brasileira ao Imigrante.” Inaugurado por Getúlio Vargas, o monumento marcou a reconciliação entre o Brasil e os estrangeiros que o povoaram. A comemoração do 75º aniversário da imigração constituiu o marco final dos conflitos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 1951, chegou outra leva de imigrantes italianos, sob a proteção da Igreja Católica. Eram personagens importantes do regime, que não puderam continuar na Itália. Na cidade, encontraram acolhida junto aos fascistas que aqui permaneceram.

Mussolini, afirmou que “o fascismo não pode ser transplantado”, mas os italianos sempre puderam ser transplantados. Milhares de imigrantes italianos foram obrigados a deixar a pátria, levando para muitas partes do mundo a cultura, a crença, os hábitos, a língua e os valores.

Os “italianos no exterior” chegados na década de 1920 traziam os ideais fascistas e tentaram transplantar o movimento, mas não tiveram êxito. A conjuntura internacional e a posição pelo Brasil durante o Estado Novo cortaram seu projeto. A árvore fascista foi cortada, mas suas raízes permaneceram intocadas. Os fascistas seguiram sendo italianos e fascistas até o final de suas vidas, e muitos ainda o são.

A Segunda Guerra Mundial marcou a região, muito mais que a ação fascista. Lembrando que a “a língua de um povo é a sua alma” (J.G. Fichte). A proibição de falar o dialeto foi um golpe no saudável bilinguismo que existia entre os imigrantes. Como resultado o dialeto se tornou língua de uso interno nas famílias e nas lides rurais.

REFERÊNCIAS

CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD. Porto Alegre: Globo, 1925.

DOCUMENTÁRIO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL 1875-1975. Dumienne Paranhos Antunes (org.). São Leopoldo: Artegráfica, 1950.

GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do Littorio*. O fascismo no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2017.

REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLÍCIA. Questionário. Município de Caxias. Assinado pelo Delegado Adão Massena Vieira. Data: de 11 de fevereiro de 1943.

II Giornale Dell'Agricoltore, 1934-1938. Circulou de 28 de fevereiro de 1934 a 23 de março de 1940. Semanal. Língua italiana. Linha Editorial: voz dos rurais da zona Colonial Italiana do RS. Números consultados do 1 ao 220. Diretor: Adolfo Randazzo.

O Bandeirante. Duração de 24 de abril de 1937 a 18 de dezembro de 1977. Diretor: Ibanez Lisboa. Semanal, foram publicados 73 exemplares. Foram consultados todos os exemplares publicados. Órgãos oficiais do integralismo regional.

O Momento. Circulou entre 6 de janeiro de 1933 e 30 de junho de 1951. Semanal. Órgão do Partido Republicano Liberal. Números consultados: 1 ao 958.

Caxias. Circulou entre 4 de junho de 1927 e 14 de julho de 1932. Órgão independente (posição pró-Vargas e A Revolução de 30). Diretores: Adolfo Pena e Emílio Fonini. Semanal.

A Época. Circulou entre 2 de fevereiro de 1938 e 19 de agosto de 1956. Semanal. Jornal independente em prol das aspirações coletivas.

ABORDAGENS SOBRE O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: BREVE INCURSÃO NA IMPRENSA DE CAXIAS DO SUL

Eliana Xerri³¹

*Eu só peço a Deus
Que a guerra não me seja indiferente
É um monstro grande e pisa forte
Toda fome e inocência dessa gente.*
León Gieco, 1978

Resumo: São recorrentes os estudos sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, mas não são comuns possibilidades reflexivas locais utilizando jornais. Assim, por meio de revisão bibliográfica, o presente artigo busca perceber de que forma o jornal *O Momento*, na sua edição comemorativa aos 10 anos de circulação, apresenta a decisão governamental brasileira em entrar oficialmente no conflito após a reunião dos chanceleres no ano de 1942. São apresentadas, de forma breve, narrativas de historiadores sobre o conflito e a participação do Brasil; também se utiliza de estudos sobre a fonte impressa como objeto de pesquisa; assim como são abordados dados sobre Caxias no ano de 1942. Ao associar historiografia, metodologia interdisciplinar com o uso do jornal, objetiva-se demonstrar possibilidades interpretativas a respeito do contexto local, nacional e mundial, no qual a grande guerra atingiu a todos, e instigar novos estudos sobre o tema.

Palavras-chave: Caxias. Segunda Guerra Mundial. Brasil. jornal *O Momento*.

Abstract: Studies on the participation of Brazil in the second world war are recurrent, but local reflective possibilities using newspapers are not common. Thus, through a bibliographic review, this article seeks to understand how the newspaper *O Momento*, in its commemorative edition to the 10th anniversary of circulation, presents the Brazilian government's decision to officially enter the conflict after the meeting of foreign ministers in 1942. Historians' narratives about the conflict and the participation of Brazil are briefly presented; it also uses studies on the printed source as a research object; as; data on Caxias in 1942 are approached. By associating historiography, an interdisciplinary methodology with the use of the newspaper, the objective is to demonstrate interpretive possibilities regarding the local, national and world context in which the great war reached everyone and to instigate new studies on the theme.

Keywords: Caxias. World War II. Brazil. *O Momento* newspaper.

A guerra não é indiferente, ela é o resultado de ações humanas em nome de poder, lucro, e, embora também produza conhecimentos, tecno-

³¹ * Graduada em história pela UFPel. Mestra em História pela PUCRS. Doutora em Educação pela PUCRS. Professora do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História UCS.

logias, a guerra é apresentada nesse estudo a partir da imprensa de Caxias do Sul quando da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

O conflito mundial, ocorrido entre 1939 e 1945, expressa mazelas presentes no século XX na medida em que revela, nos artigos e livros já publicados, as violações e os desejos cometidos por parcelas da humanidade em busca de domínio, o que resultou em milhares de perdas humanas. Assim

Temos como certo que a guerra moderna envolve todos os cidadãos e mobiliza a maioria; é travada com armamentos que exigem um desvio de toda a economia para a sua produção, e são usados em quantidades inimagináveis; produz indizível destruição e domina e transforma absolutamente a vida dos países nela envolvidos (HOBSBAWM, 1995, p. 51).

A Segunda Guerra Mundial atingiu, direta e indiretamente, todos os países. Seus efeitos são lembrados e refletidos cotidianamente, seja de forma acadêmica ou mesmo de forma comparativa quando há explosões que remetem às bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagazaki, como a explosão no Porto de Beirute em 4 de agosto deste ano³². Em conformidade às memórias, aos documentos, aos filmes, aos documentários, enfim, a segunda guerra sensibiliza a humanidade e uma das perguntas frequentes é: por que ocorreu?

Tendo sido marcante também no Brasil, o grande conflito está relacionado a várias narrativas históricas. Nessa perspectiva, é importante demonstrar, por meio de revisão bibliográfica pertinente ao tema, de que forma o País adentrou na grande guerra, considerando abordagens publicadas nos últimos anos por historiadores brasileiros, cujas produções ora confirmam a historiografia anterior, ora apresentam novas perspectivas.

Para aproximar o leitor do contexto, é apresentada, de forma inclusiva, como a imprensa de Caxias do Sul, em especial o jornal *O Momento*, informa a decisão do governo brasileiro em participar do conflito.

A SEGUNDA GUERRA — O GOVERNO BRASILEIRO

Os anos compreendidos entre 1930 e 1945 são denominados de primeiro governo de Getúlio Vargas. Sobre o período há diversas interpretações para a condução de Vargas ao poder em 1930: alguns historiadores utilizam o termo revolução; outros apontam um golpe. Independentemente

³² Para observar as semelhanças entre as explosões de 1945 e de 2020 acessar <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/15/investigacao-de-explosao-que-devastou-porto-de-beirute-vai-demorar-diz-presidente-libanes.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2020.

de qual termo o leitor venha a aderir, o mais significativo para este trabalho é que o governo esteve por 15 anos ininterruptamente sob o poder de Vargas, sendo marcado por ações democráticas e também por ações autoritárias que constituíram o Estado Novo (1937-1945). Dessa forma,

Na prática, após o levante de novembro de 1935, a Constituição de 1934 deixou de vigorar. O governo decretou consecutivos estados de sítio e de guerra até que o golpe de 1937 fosse anunciado, quando formalmente o país ganhava uma nova Constituição. As prisões brasileiras nunca haviam recebido tantos presos políticos, entre eles parlamentares, trabalhadores, professores, todos acusados de fazerem parte de planos comunistas violentos contra o governo. (D'ARAUJO, 1997, p. 27).

Ao referir-se aos acontecimentos de 1935, a autora anuncia-os como o prelúdio do Estado Novo, no qual o autoritarismo baseado na centralização do poder nas mãos do governante e com forte apelo nacionalista, se fez presente até 1945.

O Estado Novo definiu-se pelo autoritarismo graças ao intenso controle político, social e cultural e pelo cerceamento das liberdades em muitos planos; houve repressão e violência extrema expressa nos atos de tortura. O período se caracterizou também pelas significativas mudanças promovidas pelo governo. Elas ocorreram em vários níveis: reorganização do Estado, reordenamento da economia, novo direcionamento das esferas pública e privada, nova relação do Estado com a sociedade, do poder com a cultura, das classes sociais com o poder, do líder com as massas. (CAPELATO, 2007, p. 113).

O reordenamento da forma de governar continuou sendo pautado por práticas de caráter populista, pois, além de ser uma ação permanente do presidente, significava busca de apoio junto às massas para as ações do Estado brasileiro, como a adesão oficial do Brasil ao lado dos aliados na Segunda Guerra Mundial.

Dentro dos marcos temporais do Estado Novo é que, a nível mundial, desenrolou-se a segunda guerra. Por muitos anos a posição do governo brasileiro foi de neutralidade frente ao conflito, tendo inclusive posicionamentos associados a práticas autoritárias fascistas, como, por exemplo, as prisões, a censura, declaração da lei de segurança nacional, bem como da Constituição de 1937 – a Polaca – que entre outras medidas representou retrocesso no que diz respeito à democracia e aos direitos humanos. Essas são algumas das características do Estado Novo, aqui elencadas para auxiliar na compreensão do contexto da época.

CAXIAS, CAXIAS DO SUL E O JORNAL "O MOMENTO"

Nominada por Caxias durante os anos de 1910 até 1944³³, a cidade teve um aumento populacional significativo resultante de fatores como o processo de industrialização e consequentemente, o êxodo rural, conforme o texto abaixo:

No fim da década de 40 e início da seguinte, a cidade vivenciava um crescimento acelerado e desordenado, como consequência das transformações econômicas e sociais em curso. No censo de 1950, em seu relatório preliminar, a população da zona urbana e suburbana, criadas por lei, chegava a 32.096 pessoas, morando em 5.852 domicílios. A população em 1940 era de 17.411 pessoas, o que indica um crescimento de 84,3% ou 6,3% ao ano, valor que supera o crescimento de muitas cidades europeias no início da Revolução Industrial. Na época, a cidade apresentava as primeiras edificações verticalizadas no núcleo central. Na periferia, fora da cidade oficial, fracionam-se glebas em lotes residenciais. Traçavam-se ruas em estado precário e sem infraestrutura (MARCHIORO; CALCAGNO, 2010, p. 73).

Com os dados acima é possível compreender o cenário caxiense durante a grande guerra além de estabelecer o contexto de circulação do jornal *O Momento*, cuja significância auxilia no estabelecimento de relações com os contextos sociais. Para De Luca e Martins (2013, p. 8) a importância do uso da imprensa como fonte e objeto para a História se explica porque:

A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir à transfor-

³³ Diferentes foram as denominações de Caxias do Sul, sejam elas oficiais sejam aquelas surgidas informalmente e mantidas pela tradição. A primeira denominação surge nos primórdios da imigração italiana. Em 1875, Caxias aparece nos documentos oficiais como Fundos de Nova Palmira. [...] Com a concentração inicial dos imigrantes recém-chegados à Colônia na área que atualmente corresponde à Nova Milano (distrito do município de Farroupilha), Caxias ficou conhecida como Nova Milano ou Barracão. [...] Em 11 de abril de 1877, por determinação da Inspetoria Especial de Terras e Colonização da Província do Rio Grande do Sul, a denominação oficial passava a ser Colônia Caxias. [...] Apesar da denominação oficial, a Colônia Caxias era também conhecida por Campo dos Bugres, remetendo aos antigos habitantes da região: os índios caingangues. [...] A partir de 1880, quando a colônia foi dividida em três diferentes sedes (Caxias, Nova Milano e Nova Trento), o povoado que abrigava a Diretoria da Colônia e a Comissão de Terras e Colonização passou a denominar-se Sede Dante ou Sede Principal. [...] Em 12 de abril de 1884, com a anexação da Colônia Caxias ao município de São Sebastião do Caí como seu 5º distrito, o nome mudava para Freguesia de Santa Tereza de Caxias. [...] Em 20 de junho de 1890, por ato do governo estadual, o então distrito foi emancipado de São Sebastião do Caí, tornando-se município e passou a denominar-se Vila de Santa Tereza de Caxias [...] o Decreto nº 1607/1910 elevava a vila à condição de cidade, simplificando seu nome para Caxias. O Decreto nº 720 de 29 de dezembro de 1944 que, além de fixar nova divisão territorial, acrescentou ao nome da cidade, um elemento indicador de sua posição geográfica. Dessa forma, adota a denominação de Caxias do Sul. <https://caxias.rs.gov.br/cidade/origem-do-nome>

mação da Colônia em império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para reconstrução do passado.

Mesmo que houvesse periódicos não oficiais antes de 1808, é importante lembrar que apenas naquele ano a imprensa foi permitida oficialmente no Brasil. Assim, passa a integrar oficialmente a vida daqueles cidadãos alfabetizados. Por muito tempo a historiografia desconsiderou como fonte a imprensa, no entanto, nas últimas décadas ela ganhou relevância por considerar as representações oriundas do seu endereçamento e de sua recepção junto aos leitores. Nesse sentido, é importante considerar que durante o Estado Novo a imprensa foi cerceada. Para isso, colabora para o entendimento De Luca (2013, p. 171), ao afirmar que:

O direito individual de livre manifestação, por sua vez, subordinava-se a condições e limites prescritos em lei. Em nome de garantir a paz, a ordem e a segurança pública, justifica-se a censura prévia à imprensa, teatro, cinema e radiofusão, além de se facultar às autoridades competência para proibir a circulação, a difusão ou a representação do que quer que fosse considerado impróprio.

Dessa forma, a escolha do jornal *O Momento* se explica por ser um impresso jornalístico de cunho integralista, coincidindo com a postura adotada pelo governo brasileiro até o ingresso do Brasil no conflito mundial contra os países do eixo. Para Capelato (2007, p. 109), durante o período,

Uma das soluções era o controle social através da presença de um Estado forte comandado por um líder carismático, capaz de conduzir as massas no caminho da ordem. Essa política foi adotada em alguns países europeus, assumindo características específicas em cada um deles. Regimes como o fascismo na Itália, o nazismo na Alemanha, o salazarismo em Portugal e o franquismo na Espanha foram constituídos nessa época. O sucesso das experiências italiana e alemã serviu de inspiração para reformas políticas que ocorreram em alguns países latino-americanos: Brasil e Argentina especialmente.

Logo, as notícias que circulavam entre a população brasileira e na serra gaúcha encontravam no *O Momento* um porta voz aliado do governo. Segundo Pozenato e Giron (2004, p. 101)

Em 6 de janeiro de 1933 foi criado o semanário *O Momento*, órgão do Partido Republicano Liberal, que circulou com várias modificações até 1951. [...] Sua linha era bastante conservadora, e as notícias locais eram apresentadas sem uma separação clara entre notícia e divulgação e doutrinação política-partidária.

Com tiragem semanal nos primeiros anos, o jornal não era o único a existir na cidade, o seu maior concorrente foi *A Época*, surgido a partir de um grupo desejoso de fazer um jornal com mais qualidade, conforme apontado pelas autoras, definia-se como “Jornal da Mocidade em Prol das Aspirações Coletivas.” Foi considerado durante a Segunda Guerra “arauto do Movimento Nacionalista, sendo lido por alguns e temido por outros. A *Época* foi um jornal de denúncia contra o fascismo e os fascistas regionais” (p. 102).

Embora o meio de comunicação com maior alcance e influência fosse o rádio, se percebe que a imprensa jornalística era importante na Serra Gaúcha e demonstrava posicionamentos diversos sobre os acontecimentos.

1942 – BRASIL E A GUERRA

A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial tem sido tema de estudos acadêmicos desde a década de 1940, entre eles estão os desenvolvidos por Carlos Fico (2019) e por Lilian Schwarcz e Heloisa M. Starling (2015), que abordam a participação do Brasil a partir da reunião de chanceleres ocorrida no Rio de Janeiro e do envio das forças armadas. Para Schwarcz e Starling (2015), o Brasil tentou manter-se neutro até 1942.

Até onde foi possível, a política externa brasileira manteve-se neutra nos anos que antecederam o litígio internacional. Vargas conduziu o jogo até que, com o ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor, em 1941, foi pressionado a tomar posição: só em 28 de janeiro de 1942, no final da Reunião dos Chanceleres das Repúblicas Americanas, realizada no Rio de Janeiro, o Brasil rompeu relações comerciais e diplomáticas com as potências do Eixo. A reação não se fez esperar: submarinos alemães torpedearam navios marcantes brasileiros em águas territoriais do país. A população saiu para as ruas e promoveu as primeiras grandes manifestações públicas desde o início da ditadura: exigia a entrada imediata do Brasil na guerra ao lado dos Aliados.

Importante ressaltar que o posicionamento do Brasil se deu com o rompimento de relações com os países do eixo, ou seja, até a reunião dos chanceleres em janeiro de 1942, a postura do Brasil era de aproximação com os dois blocos diretamente envolvidos.

Outro elemento que sobressai é ação sobre a base americana de Pearl Harbor como fator importante para a decisão brasileira, ou seja, entende-se que a pressão dos Estados Unidos foi determinante para a decisão brasileira, o que desencadeou a reação nazista aos navios brasileiros.

A partir de 1942, com a entrada do Brasil na guerra e a cessão de uma base aeronaval dos Estados Unidos, próxima à cidade de Natal, para contribuir com a linha de defesa do Norte da África, a colaboração com a administração Roosevelt mudou de patamar e o projeto de industrializar o Brasil saiu do papel. (idem, p. 384).

Outra razão para a entrada do Brasil no conflito está associada à questão econômica, isto é, fazia parte do projeto desenvolvido por Vargas a implementação de setores industriais que servissem de base para a indústria nacional. Assim, era premente a instalação de siderurgia. Para Schwarcz e Starling (2015, p. 385):

A questão da siderurgia estava no centro desse projeto, vinha do ideário da Aliança Liberal, em 1930, e fazia parte do compromisso de Vargas com as Forças Armadas em troca do apoio militar para o golpe de 1937. Em 1942, com empréstimos de longo prazo do Export-Import Bank, o Estado Novo criou a Companhia Vale do Rio Doce, para exploração de minério de ferro, e construiu a imensa usina siderúrgica em Volta Redonda, uma cidade industrial inteiramente planejada, vizinha ao Rio de Janeiro, símbolo da autossuficiência econômica que Vargas ambiocinava para o Brasil.

Além das questões de caráter humanitário, ou seja, controlar e levar ao fim o poderio nazifascista no continente europeu, as relações econômicas foram importantes para o posicionamento do Brasil. A intervenção estatal na economia brasileira, própria do governo iniciado em 1930, contou com o estabelecimento de uma economia mista, mas com controle acionário estatal sobre a Companhia Siderúrgica Nacional (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

A reflexão do Brasil no conflito também recebe a contribuição de Pinheiro (2013, p. 153) ao afirmar que “o torpedeamento de 19 navios mercantes na costa brasileira por submarinos alemães acirraria os ânimos das elites e da população em favor da declaração de guerra, finalmente assinada em 22 de agosto de 1942.” Fica presente, novamente a questão envolvendo o ataque sofrido pelos navios brasileiros por submarinos alemães. No que tange à questão econômica, a autora colabora reafirmando esse fator para o envolvimento do Brasil na guerra:

Com o alinhamento do Brasil, os Estados Unidos garantiram o apoio do maior país do continente por meio da exclusividade no fornecimento de materiais estratégicos para a indústria de guerra e da permissão para o estabelecimento de tropas norte-americanas no território nacional, incluindo autorização para construção e utilização da base militar de Natal. Já o Brasil, além da promessa de reequipamento militar e do financiamento para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) de Volta redonda – que seria a primeira siderurgia brasileira – obteve

apoio para o envio de tropas ao teatro de operações (Força Expedicionária Brasileira – FEB).

A respeito da participação brasileira no conflito e o fim do governo de Getúlio Vargas, o historiador Fico (2019, p. 14) aponta que:

O Brasil participou da Segunda Guerra Mundial, que eclodiu justamente durante o Estado Novo, com o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) à Itália. A contradição entre lutar, externamente, contra o nazismo e o fascismo e viver, internamente, uma ditadura, foi a principal causa da queda de Getúlio Vargas, que acabaria deposto pelo Alto Comando do Exército em 1945.

As narrativas apresentadas representam uma parcela diminuta dos debates historiográficos em torno da participação do Brasil no conflito e das posições assumidas pelo governo ditatorial de Vargas tendo três aspectos apresentados: a ofensiva contra os navios brasileiros; a pressão dos EUA após o ataque à Pearl Harbor; e o apoio financeiro desse país para a efetivação da indústria de base no Brasil. Um elemento não exclui o outro; pelo contrário, eles interagem entre si, bem como são associados a outros fatores da grande guerra. As condições aqui apontadas não têm o propósito de reduzir a historiografia a respeito do tema, mas sim apresentar algumas das razões da participação do Brasil no conflito e indicar possibilidades de refletir sobre o conflito em Caxias através do jornal *O Momento*.

***O MOMENTO* MENSAGENS OFICIAIS E LOCAIS**

O jornal, como fonte e objeto da ciência histórica, faculta percepções associadas às suas características materiais, às suas narrativas, aos seus proprietários, aos seus endereçamentos entre outras. Dessa forma, faz-se necessário mencionar Cruz e Peixoto (2007, p. 260) que afirmam sobre a escolha do jornal:

Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico no decorrer de toda pesquisa desde a definição do tema à redação do texto final. A Imprensa é linguagem constitutiva do social, detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe.

Tendo por propósito esquadriñar a relação entre o jornal e a sociedade caxiense em 1942, é apresentada a edição do jornal datada de 06

de fevereiro e disponibilizada de forma *online* no Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul.

FIGURA 1 – Primeira página da edição de 6 de fevereiro de 1942



FONTE: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=24865&p=0>

A publicação é comemorativa pelos 10 anos de existência do jornal, sob o título “Mais Uma Etapa Vencida” ao final da primeira coluna está resumidamente descrita uma das transformações pelos quais o impresso passou:

Seria difícil historiar todo o passado longínquo deste jornal, desde os instantes de indecisões que a nossa grande Pátria atravessou, com a política desagregadora, quando este jornal pertencia á *[sic]* um partido político que como todos os outros, banqueou, numa hora feliz e de luz nas consciências, até essa hora em que, com os espíritos voltados para a luminosa estrada do dever, seguem todos os brasileiros, o “O Momento” chega no limiar de um novo ano, trazendo daqueles tempos as cicatrizes, cujos sinais vão desaparecendo, confundidos pelo despertar desse instante benedito, em que não há lugar para ressentimentos, nem ódios, nem rancores entre patrícios.

No extrato selecionado, está presente a necessidade comemorativa pela longevidade do jornal, assim como a necessidade de deixar esclarecido que em 1942, ano em que o Brasil tomava decisões sobre seu posicionamento na guerra, o impresso não mais estava relacionado a um partido político, demonstrando sua posição pró-nacionalismo, indicado no restante da primeira página, quando se lê o título “Se Formos Agredidos, Se Tentarem Violar Qualquer Trecho de Nosso Território, o Brasil, Coêso, Lutará Confiante na Bravura de Seus Soldados” (Getúlio Vargas), o opção

em colocar como anúncio do texto as palavras em letra maiúscula expressam o chamamento ao leitor para tão importante matéria.

O texto começa homenageando Getúlio Vargas: “sobre o vulto do homem que nos deu o Estado Novo e integrou o Brasil nos seus verdadeiros destinos [...]”. A frase inicial alinha o posicionamento do jornal com as diretrizes governamentais, inclusive saudando o autoritarismo. Na sequência transcreve parte do discurso do presidente como forma de honrá-lo por ser o “construtor do Brasil Novo.”

Ainda na primeira página o jornal apresenta a notícia sobre a Conferência dos Chanceléres,³⁴ realizada no Rio de Janeiro e apresentada anteriormente nesse trabalho como uma das ações que resultaram na decisão brasileira sobre participar da guerra. Ao lado da matéria, segue sob o título “O Brasil nunca vacilou”, reprodução do texto *Do Jornal Do Estado*,³⁵ em que são apresentados parágrafos sobre a coragem do povo brasileiro, aqui significados pela passagem transcrita: “Tomamos, agora, uma atitude. Dentro dela iremos para a vida ou para a morte.” A frase referencia os ânimos presentes na sociedade pós anúncio das decisões oriundas da reunião dos chanceleres assim como o sentimento de exaltação ao país e à necessidade de doar-se em defesa do mesmo.

FIGURA 2 – Narrativa sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial



FONTE: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=24865&p=0>

³⁴ Mantida ortografia do jornal.

³⁵ Idem.

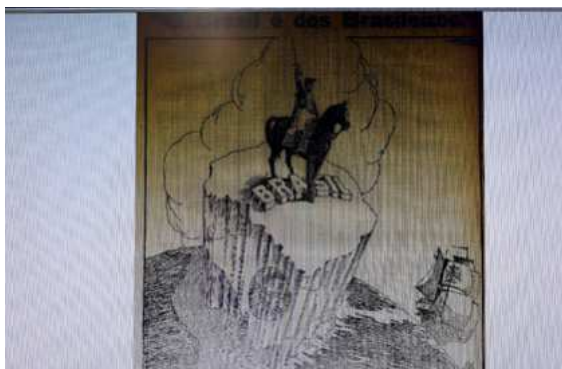
A página dois apresenta o texto intitulado “ABAIXO OS CALABARES”, tendo como autor Jefferson Carvalho Dantas, cujo conteúdo exalta a decisão brasileira e utiliza sua escrita para ofender os que se associavam às ideias dos países do eixo “O Brasil, pelos seus dignos e altivos representantes, acaba de, máo [sic] grado a ameaça dos ‘eixistas’, romper as relações diplomáticas com os povos sequisosos de domínio.” Em duas colunas o autor demonstra a sua percepção sobre o engajamento da população de todo território nacional à decisão tomada após a reunião dos chanceleres.

A terceira página traz uma nota do Bispado de Caxias, também se posicionando a favor das decisões governamentais e reforçando que “Cada brasileiro é chamado ao cumprimento do dever e em cada um de nós o Governo há de encontrar um soldado disciplinado e obediente, uma sentinela avançada e vigilante.” Embora a mensagem esteja na parte inferior da página, está enquadrada por linhas pretas e fortes, para chamar a atenção do leitor sobre o posicionamento da instituição.

Ao lado da matéria do Bispado de Caxias, está descrita, em três colunas, a sessão da Liga de Defesa Nacional, realizada na terça feira, com a participação de “grande e seletto público”, cujo ardor patriótico transparecia em todos os presentes.

Já na página 5, a matéria principal, apresentada em letras maiúsculas e em negrito, anuncia as ações desempenhadas no Estado para conter o avanço de ideias de cunho nazista. Na sequência, página seis, *O Momento* reproduz texto *Do Estado* com o título, novamente em negrito e com letras maiúsculas “O Brasil é Dos Brasileiros”, sendo que a próxima página apresenta uma imagem de Dom Pedro I anunciando a independência sobre o mapa do Brasil. Quem assina o texto é Paranhos Antunes e a imagem Néry.

FIGURA 3 – “O Brasil é dos Brasileiros”



FONTE: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=24865&p=6&Miniatura=false&Texto=false>.

Sob a gravura, segue o texto com o mesmo título, em que há justificativa e explicação sobre a escolha da imagem, associando-a com o contexto mundial: “Nos instantes de luta por que passam os povos da velha Europa, nós, deste continente, bem sentimos que não são mais as caravelas enfumadas que singram os mares em direção à América, mas sim máquinas terríveis, que procuram envolve-la, arrastando-nos para a miséria.”

O trecho demonstra mais uma vez o tom enfático e apoiador do jornal à entrada do Brasil no conflito e é significativo que Paranhos Antunes utilize letra minúscula ao escrever Europa e maiúscula para América, demonstrando desvalia sobre o velho continente e enaltecimento ao continente ao qual o Brasil pertence.

A página nove anuncia sob o título “Mais um Passo”; em duas colunas, a importância da imprensa no cenário brasileiro e mundial; e nas três colunas seguintes o público é informado sobre a biografia do novo titular do Exército Nacional, General Cordeiro de Farias.

O prefeito municipal, Dr. Dante Marcucci, publica a Nota Oficial da Interventoria, na página 10, onde alerta sobre o rompimento do Brasil com os países do eixo e alerta “Ainda que surjam situações mais graves a população não deverá adotar uma atitude agressiva para com os súditos das nações referidas, residentes no Brasil, suas pessoas, seus bens e sua honra.” O texto significa a tensão que se estabeleceu na sociedade brasileira e em particular na de Caxias, cuja população em grande número

descendia de imigrantes europeus, sobretudo italianos, e, para chamar a atenção do público, a nota está enquadrada por linhas pretas e fortes.

Encerra a edição com a página doze, reservada pelo jornal para homenagear Caxias, uma vez que transcorria o 10º ano da circulação do impresso.

Em doze páginas, o jornal *O Momento* informa os leitores, por meio dos escritos, sobre o cenário local, nacional e mundial. Assim, a edição cumpre a função jornalística e o apoio às decisões governamentais frente à condição do Brasil no conflito. Posição que será oficialmente anunciada em 22 de agosto de 1942 pelo presidente Getúlio Vargas.

Embora não seja o objetivo desse artigo, é importante salientar a atuação da Força Expedicionária Brasileira que de forma efetiva para o enfraquecimento do autoritarismo europeu, conforme Regina da Luz Moreira a FEB:

[...] perdeu 454 soldados que durante muitos anos permaneceram no cemitério de Pistóia (Itália). Em outubro de 1960, suas cinzas foram transferidas para o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, erguido no Rio de Janeiro, no recém-criado aterro do Flamengo. Sua participação no conflito foi importante pois tornou evidente a contradição vivida pelo Estado Novo, que enviava tropas para lutar pela democracia no exterior, mas internamente mantinha um regime ditatorial. O retorno dos contingentes da FEB precipitou, assim, a queda de Vargas em 1945.

Finalmente é necessário considerar que a participação do Brasil no conflito, obedeceu aos critérios estabelecidos, desde a reunião dos chanceleres em janeiro de 1942 e acabou por resultar na dedicação e, consequente, morte de vários brasileiros que lutaram contra o autoritarismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caxias, como era denominada no ano de 1942, apresentava-se como uma cidade promissora pautada pelo desenvolvimento da economia que passa a ter na industrialização um dos seus setores mais importantes a partir daquela data. Caxias também possuía quantidade significativa de moradores descendentes de imigrantes europeus, sobretudo italianos, que, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, passaram a sofrer os efeitos da participação brasileira.

Refletir, por intermédio do jornal *O Momento*, em sua edição de 06 de fevereiro de 1942, permitiu compreender a passagem de postura política e jornalística do impresso em situação de acirramento das ideias frente

à Grande Guerra. O impresso possui artigos de colaboradores locais e também reproduz textos de outros jornais e discursos governamentais, todos afirmando a necessidade de ações patrióticas por parte da população.

Considera-se, finalmente, a importância dos jornais como fontes históricas possibilitadoras de reflexões sobre os contextos políticos, sociais da época, pois a imprensa traduz comportamentos com base em suas informações que podem associar-se a novos conhecimentos.

Parafraseando León Gieco, “a guerra é um monstro”, deixa fome, mortes e viola os direitos. Portanto, é imperativo estudar as mais diferentes perspectivas, a fim de resguardar a ética social.

REFERÊNCIAS

CAPELATO, Maria Helena. “O Estado Novo: o que trouxe de novo?.” In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. n^o(org.) **O Brasil Republicano o tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CRUZ, Heloisa de F. e PEIXOTO, Maria do R. da C. “Na Oficina do historiador: Conversas sobre História e Imprensa.” Projeto História, São Paulo, n^o 35, p. 253-270, dez. 2007.

D’ARAUJO, Maria Celina. **A Era Vargas**. São Paulo: Moderna, 1997.

FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo da morte de Vargas aos dias atuais**. São Paulo: Contexto, 2019.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARCHIORO, Juarez; CALCAGNO, Nelson V. “Crescimento da cidade e legislação urbanística.” In: GIRON, Loraine S.; NASCIMENTO, Roberto R. F. (org.). **Caxias Centenária**. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MOREIRA, Regina da Luz. Força Expedicionária Brasileira. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

O MOMENTO, Jornal. 06 de fevereiro de 1942. Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=24865&p=11&Miniatura=false&Texto=false>, acesso em: 02 de agosto de 2020.

POZENATO, Kenia M. M.; GIRON, Loraine S. **100 Anos de Imprensa Regional 1897-1997**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: companhia das Letras, 2015.

É através do jornal que reflexões sobre as percepções locais sobre a participação do Brasil são possíveis.

O jornal **O Momento** foi analisado no período de 1942, ano da entrada do país no conflito.

A COBRA VAI FUMAR: IMAGENS E IMAGINÁRIO DA FEB NA SEGUNDA GUERRA

Susana Gastal³⁶
Felipe Zalttron de Sá³⁷

Seria difícil pensar o momento contemporâneo, e mesmo o passado recente, sem considerar a presença de uma *cultura visual*. Para Jameson (2002), essa expressão substitui os termos *cultura de massa*, tão em voga desde os anos 1970. A expressão *cultura de massa* surgira como proposta de superação da dicotomia cultura erudita *versus* cultura popular, ao mesmo tempo abrindo possibilidades à reflexão que levasse a novas contradições, no caso, com a introdução do debate em torno da *cultura visual*.

Outra questão importante, a partir de Debord (1997), é que a cultura visual vem a se sobrepor aos aportes filosóficos que discursavam/discursam sobre o *ter* em detrimento do *ser*, ao valorizar o *parecer*: o [a]parecer naquilo que agora não apresenta valor de uso ou valor de troca, pois “[...] consumimos menos a coisa em si que sua idéia abstrata, aberta a todos os investimentos libidinais engenhosamente reunidos para nós pela propaganda” (JAMESON, 2002, p. 12). O espetáculo vive da comunicação que, para Debord, é unilateral, uma emissão sem resposta do receptor. O contato entre as pessoas não se dá pela comunicação direta, mas mediado por ela; na mediação e pela mediação, cria-se a distância entre os interlocutores, o *seu isolamento*.

Quase em simultâneo à Segunda Guerra, ou mesmo em decorrência dela, houve avanço técnicos da fotografia, do cinema, da televisão, levando a que a espetacularização, em termos de visualidade, se tornasse plenamente manifesta em *imagens*, que, neste caso seria “un fragmento del universo perceptivo y que apresenta la característica de prolongar su existencia en el curso del tiempo” (ZUNZUNEGUI, 1998, p. 22).

A sociedade do espetáculo e da imagem irá implicar em uma semiótica do texto avançando para além do linguístico e incluindo, nas suas teorizações, o *texto visual*. Uma semiótica que não irá se dedicar apenas às imagens produzidas pelas artes plásticas ou pelos meios de comuni-

³⁶ Professora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul.

³⁷ Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul.

cação, mas também a outras visualidades, como por exemplo, à moda, às expressões corporais, à arquitetura e a publicidade, lidando com elas de uma maneira plural e aberta, como campo de produção e processo de significação (JAMESON, 2002). Entre outros, o uso de imagens foi fundamental para criação do imaginário bélico do III Reich, depois também assumido pelos Estados Unidos, entre outros, por meio de produtos do grupo Disney ou mesmo do próprio governo americano.³⁸

As imagens do III Reich estiveram marcadas, entre outros: [a] pelos imponentes desfiles de tropas; [b] pelos cenários monumentais, estruturados no espaço urbano; [c] pela presença de bandeiras gigantescas; [d] pelas saudações Heil Hitler [Salve Hitler] ou Sieg Heil [Salve a Vitória]; [e] a saudação incorporando a expressão corporal do braço direito estendido; [f] pela águia dourada; e [g] pela suástica. Na Figura 1, à exceção do desfile de tropas, os demais signos estão presentes, inclusive com a introdução [canto inferior à direita], da máquina filmadora, registrando a imagem. No mesmo viés, a Figura 1 representa a expressão corporal impositiva trazida pelo regime militar, assim como a suástica, a bandeira e os monumentos [águia dourada³⁹ e arquitetura monumental], construindo e reforçando um imaginário de força e poder do Deutschland Über Alles [Alemanha Acima de Tudo].

FIGURA 1 – III Reich e sua construção de imagem



FONTE: Aventuras na História.⁴⁰

³⁸ Filme de propaganda americano *Brazil at War*, apontando a similaridade entre os dois países em 1943 (em inglês). Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/transcoded/c/c9/Brazil_at_War_%281943%29.ogv/Brazil_at_War_%281943%29.ogv.240p.vp9.webm. Acesso em: 31 maio 2023.

³⁹ Para detalhes sobre a águia dourada que foi encontrada no Rio da Prata, próximo a Montevideu/Uruguai, ver: Souza, J. A águia nazista que virou uma dor de cabeça para os uruguaios até hoje. Nossa UOL. Disponível em: <https://historiasdomar.blogosfera.uol.com.br/2019/09/26/a-agua-nazista-que-virou-uma-dor-de-cabeca-para-os-uruguaios-ate-hoje/>. Acesso em: 31 maio 2023.

⁴⁰ Trespach, R. As 10 maiores fake News sobre o Terceiro Reich. AH – Aventuras na História. Disponível em <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/10-fake-news->

Centrando a atenção na suástica e em sua importância simbólica, segundo o United States Holocaust Memorial Museum (s.d.), sua presença é muito antiga, a começar pela palavra, que teria origem no sânscrito *svtika*, significando ‘boa sorte’ ou ‘bem-estar’, levando a que, no início do século XX, fosse moda na Europa usar a cruz gamada como talismã de boa sorte. Aqui cabe retomar o teórico Umberto Eco (1999), que nos lembra que os universos se dão como textos e tais textos, como mundos. Estes serão, cada vez mais, *textos visuais*, implicando em uma série de estratégias enunciativas, que remetam menos a um Estado real, e mais a um conjunto de expectativas culturais que autorizem uma construção visual coerente de um mundo possível, no sentido de o fazer *parecer verdade*.

No caso da suástica, a mesma fonte já citada registra em relação a ela: “O desenho (uma cruz gamada) parece ter sido utilizado pela primeira vez na Eurásia, há cerca de 7.000 anos, talvez como uma representação do movimento do Sol no céu. Até hoje, é um símbolo sagrado no hinduísmo, no budismo, no jainismo e no odinismo.” Em 1920 o Partido Nazista Alemão a adota como símbolo, conotando-a com o sentido de pureza racial e superioridade ariana.

No seu livro *Mein Kampf*, Adolf Hitler escreveu: “Enquanto isso, eu mesmo, depois de inúmeras tentativas, havia chegado a uma forma final: uma bandeira com fundo vermelho, um disco branco e uma suástica preta no meio. Após longas experimentações, também cheguei a uma proporção definida entre o tamanho da bandeira e o tamanho do disco branco, bem como entre a forma e a espessura da suástica” (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, s.d.).

O registro de Hitler permite pensar na teoria da Gestalt, significando que a forma passa a ser definida como um todo que é mais do que as partes, e em que num deslizamento de significante este mais não deve ser entendido apenas como coerência, mas como um outro, mediatizado pela forma, mas, apesar disso, dela distinto e, enquanto aparição, a imagem. Ou seja, a imagem se torna o próprio significante de si, em que resta apenas a forma. O *imaginário*, por sua vez, é a forma como o sujeito se constitui no discurso significante, na construção daquele todo que será maior do que as partes. A cultura contemporânea caracterizar-se-ia por uma construção de sentido marcada pela recepção de imagens e imaginários e não de *realidades*, pelo menos não na acepção que este conceito teria para sensibilidades marcadas pela tradição ou mesmo pela modernidade.

Essas primeiras ideias foram chamadas para apresentar algumas imagens associadas à participação do Brasil na II Guerra, por meio da Força Expedicionária Brasileira (FEB). O governo brasileiro oficializou seu apoio aos Aliados em setembro de 1942; a formalização da Declaração de Guerra pela Alemanha e Itália se dando em 31 de agosto de 1943; e a FEB sendo criada em 23 de novembro do mesmo ano. Mas somente em 2 de julho de 1944 a Força Expedicionária Brasileira embarcou rumo à Itália um contingente que chegou a 24.334⁴¹ expedicionários, dos quais 465 foram mortos (SILVA, 2003; ALEIXO, 2013).

Especialistas registram que tal apoio e envolvimento foram lentos, porque haveria restrições do Governo Vargas, em períodos anteriores simpático ao Eixo nazifascista, em aderir aos Aliados. E a concretização só teria se dado por pressão popular e da imprensa:

No dia 22 de agosto de 1942, o governo declarou guerra à Alemanha e à Itália e, duas semanas depois, decretou a mobilização geral. Segundo um dos líderes dos opositores do governo Getúlio Vargas, Luiz Arroba Martins, a mobilização pró-guerra dos estudantes de Direito e outros setores integrava uma estratégia para derrubar o governo. Já o secretário de Segurança de São Paulo, Acácio Nogueira, acreditava que a declaração de guerra em agosto de 1942 e o engajamento dos opositores nesse ato transformava-os em colaboradores do governo... A propaganda em favor dos Estados Unidos, de caráter democrático e liberal, confundia-se com a oposição ao regime e molestava as autoridades do Estado Novo. O general Dutra, ministro da Guerra, identificava-as com as atividades comunistas. (SILVA, 2003, p. 19).

Para Foguel (2018, p. 20), a demora se devia, ainda, à precariedade dos equipamentos brasileiros, assim como, porque

[...] o Exército carregava ainda uma filosofia elitista arcaica e focada em reprimir movimentos políticos internos que pouco havia mudado desde o século XIX e que levava ao fracasso a tentativa de modernizar seus métodos de treinamento para o combate externo e filosofia de ação, entre o final da década de 1910 e o início da década de 1920, tentativa esta trazida por uma missão contatada ao exército francês

O cartaz [Figura 2] para incentivar o alistamento, entretanto, transmitia o otimismo em relação à guerra e registrava, na sua imagem, o apoio da população, porque, ainda segundo Silva (2003, p. 9),

[...] tornou-se obrigatório divulgar informações sobre as mobilizações organizadas pela sociedade que se demonstrava favorável à entrada do Brasil

⁴¹ Outras fontes falam em 25.700 ou 25.334 membros.

na guerra. Esta peculiaridade também gerou uma série de opiniões, pois a população ganhava espaço para contestar a ditadura Vargas e ao mesmo tempo impulsionava mudanças no comportamento político do Governo. Neste sentido, o embarque e o engajamento da FEB em apoio aos Estados Unidos, concretizavam os anseios da população.

Nesse mesmo viés, o cartaz apresenta certa imposição do imaginário de *empoderamento do militar*, representado pelo soldado em primeiro plano e passo decido à frente, e até mesmo a população ao fundo, talvez indicando que bastaria, em pequeno passo, o alistamento da população brasileira, para que a guerra chegasse ao fim.

FIGURA 2: Cartaz do DIP para incentivar o alistamento



FONTE: Pinterest⁴²

Tendo embarcado para Itália no início de julho, em setembro a FEB já participava da reconquista pelas Tropas Aliadas de várias localidades naquele país. As imagens retomam o otimismo, ao registrar a confraternização dos Pracinhas com a população local, passando longe da agressividade dos campos de batalhas [Figura 3].

FIGURA 3: Soldados da FEB em Massarosa (Itália) em 16 de setembro de 1944.



FONTE: Foto Durval Jr. (Wikipédia).

⁴² Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/129408189280820470/>. Acesso em: 31 maio 2023.

A adoção da frase “A Cobra Vai Fumar”, por outro lado, tem origens imprecisas. Uma versão seria a de que um jornal teria publicado algo como, que “[...] seria mais fácil uma cobra fumar, do que o Brasil entrar em guerra contra a Alemanha” (ALEIXO, 2013, p. 27), mas pesquisadores que se dedicaram a temática não encontraram registros sobre tal. Por outro lado, na Itália, incorporar-se ao V Exército norte-americano significou depender dele “[...] desde os alimentos até o uniforme da FEB, o que por muito tempo [...] foi motivo de vexame para os homens da FEB. Mas algo haveria de ser original, o emblema adotado pela FEB e que era fixado ao uniforme o desenho da ‘Cobra Fumando’.” (SILVA, 2003, p. 22-23).

Nunca se haverá de saber, com precisão, qual a versão verdadeira. Nunca se saberá se o dito, passado de boca em boca, se referia, como querem alguns, ao charuto do chefe exigente e severo que a todos intimidava; ou se quem o disse, pela primeira vez, foi o soldado mineiro que viu partirem os companheiros, no velho trem ‘Maria Fumaça’; ou se a referência à cobra que fumava era um gesto de afirmação da presença da FEB na guerra, ante o negativismo e o deboche dos que dela duvidavam. A única verdade incontestável é que o símbolo da cobra fumando nasceu no coração do pracinha mais humilde – daí a extraordinária motivação psicológica que logrou alcançar, apesar de suas imperfeições de natureza visual. (SILVA, 2003, p. 23).

Para Foguel (2018), por trás da origem do emblema, estaria a disputa política dentro do Exército, em que os oficiais se dividiam entre o apoio ao Eixo e aos Aliados. Correia (1967, p. 616), que faz um resgate da expressão A Cobra Vai Fumar, além de registrar várias possíveis fontes da mesma, conclui que ela estaria presente nos quartéis, sendo depois generalizada entre os Pracinhas na Europa. Ele registra a imagem, copiada na Figura 4.

FIGURA 4 – Uma das primeiras imagens da ‘Cobra Fumando’



FONTE: Revista Operacional.⁴³

⁴³ A Cobra Fumou, Entenda o símbolo da FEB. Disponível em <https://www.revistaoperacional.com.br/2015/historia-2/a-cobra-fumou-entenda-o-simbolo-da-feb/>. Acesso em: 31 maio

Em depoimento gravado, Ewaldo Meyer, que era 3º Sargento no QG da 3ª Sessão do Estado Maior da FEB em Porreta-Terme [Itália], no ano de 1944, declarou que em certa ocasião o Capitão Vernon Valters, oficial de ligação do V Exército dos Estados Unidos com a FEB, durante visita ao QG, perguntou a ele o porquê da expressão. Resposta dada à medida do possível, pois como colocado a origem era e ainda é imprecisa, Valters pediu ao sargento que desenhasse a cobra, mesmo que ele alegasse não ser desenhista. Explicou que iria levar o desenho ao Gen. Mascaranhas e mesmo à Disney, para criar o emblema a ser colocado no braço dos Pracinhas, uma vez que todas demais divisões tinham um emblema no uniforme, menos os brasileiros. “No Exército, mandou a gente obedece”, explica Meyer, que atendeu ao pedido com um desenho a sua maneira. Meses depois chegaram os emblemas. Segundo Meyer, a cobra não era igual, mas parecida ao seu original⁴⁴. [Ver Figura 4]

Outra versão [Figura 5], que difere da Figura 4, circula na Internet como sendo a marca que teria sido elaborada por um desenhista da Disney. Ao mesmo tempo, há notícia que em 1945, a pedido do jornal O Globo, a cobra fumando ganhou uma releitura pelas mãos da própria Walt Disney, podendo tratar-se, talvez, da imagem na Figura 5.

FIGURA 5: Criação da Cobra Vai Fumar atribuída ao Estúdio Disney



FONTE: Pinterest⁴⁵

Outras imagens trazem a Cobra com alterações e adequações, corroborando a dificuldade de realizar um resgate histórico mais preciso [Figura 6 e 7].

2023.

⁴⁴ Sargento Ewaldo Meyer e a origem do desenho da cobra fumando na Segunda Guerra Mundial <https://www.youtube.com/watch?v=99YrCy1UHFY>. Acesso em: 31 maio 2023.

⁴⁵ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/210402613829842667/>. Acesso em: 31 maio 2023.

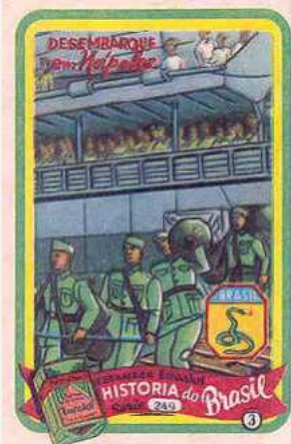
FIGURA 6 E 7: Novos símbolos do desenho Cobra Vai Fumar



A ‘Cobra’ aparece numa das séries de estampas, produzidas pela perfumaria Eucalol⁴⁶, como parte de seu marketing, narrando a participação do Brasil na II Guerra, com a FEB. “As estampas foram desenhadas por Willy von Paraski e impressas pela Gráfica F. Lanzarra, São Paulo, Litográfica Rebizzi e Gráfica Mauá, ambas do Rio de Janeiro, e algumas outras menores.»⁴⁷ No verso de cada estampa, um texto reforça a imagem sobre o momento reportado. Foram impressas 44 estampas, no total, sendo que algumas retratavam cotidianos de guerra, a cultura brasileira e a relação do Brasil com os EUA.

⁴⁶ Começaram a ser emitidas em 1928, pela Perfumaria Myrta S/A, do Rio de Janeiro. Coloridas e em preto e branco acompanhavam o Sabonete Eucalol – três sabonetes em cada caixa com três estampas – e o Creme Dental Eucalol – uma estampa por tubo.

⁴⁷ Almeida, A. Brasil na Segunda Guerra – Estampas Eucalol conta História da FEB. Disponível em: <https://segundaguerra.org/brasil-na-segunda-guerra-estampas-eucalol-conta-historia-da-feb/>. Acesso em: 31 maio 2023.

FIGURA 8 ⁴⁸	FIGURA 9 ⁴⁹
	
FIGURA 10 ⁵⁰	FIGURA 11
	

⁴⁸ Texto no verso: **Força Expedicionária Brasileira** – Declarada a guerra, ao Eixo, tornou-se necessário enviar forças militares para combater o inimigo, na Europa. Ao então Ministro da Guerra, Gal. Eurico Dutra coube a incumbência de organizar a Força Expedicionária Brasileira, tropa selecionada do nosso Exército e que se tornou mundialmente famosa como FEB.

⁴⁹ General Mann Transatlântico Armado em Transporte de Guerra A bordo do transatlântico “General Mann” armado em transporte de guerra norte-americano, os nossos pracinhas que partiam para os campos da Itália, receberam a visita do Presidente Getúlio

⁵⁰ Texto no verso: Chega a Nápoles (Itália), o 1º Escalão da FEB – Depois de uma viagem sem dificuldades, graças à escolta dos nossos vasos de guerra em colaboração com unidades americanas e inglesas, chegou a Nápoles o 1º escalão da FEB, precedendo ao 2º, 3º e 4º escalões, num total de 25.334 homens para lutar contra os Alemães, na Itália.

Apenas a Figura 10 se refere ao emblema, sob o título “O Distintivo do 5º Exército e da FEB”, explicando: “A gravura do verso nos mostra os distintivos que irmanaram dois povos na luta contra o inimigo comum: o do 5º Exército Americano e o da FEB, representado por uma cobra fumando um cachimbo. ‘Cobra fumando é uma expressão pitoresca muito usada pelos soldados, nos quartéis’ (ALMEIDA, s/d).

O certo é que o lema e emblema se tornaram populares, levando inclusive a brincadeiras no campo de batalha, como registra a Figura 11, no que seria o primeiro tiro, disparado em 16 de setembro – mesma data da imagem que registra chegada da tropa em Massarosa (Figura 3), em cuja cápsula está escrito “A cobra está fumando.”

FIGURA 11 – 1º tiro na Itália, em 6 de setembro de 1944



FONTE: Aleixo, 2013, p.14.

Nesse contexto, à guisa de encaminhamentos finais, é possível indicar que as guerras precisam de imagens fortes, que reforcem o heroísmo e apaguem a barbárie que sempre acompanha tais conflitos, no caso da FEB, levando à morte de quase 500 Pracinhas. Enquanto o III Reich buscou na suástica o imaginário [subentendido] *boa sorte* associado desde a antiguidade à cruz gamada, ou seja, trazendo elementos tradicionais e a incorporação a sua [re]apresentação em novos aspectos, elaborados pessoalmente por Hitler.

O emblema febianco tem percurso diferente. Seu caminho anterior ao que levou o emblema a instalar-se nos uniformes dos Pracinhas, indica forte presença da expressão “A Cobra Vai Fumar” no interior dos quartéis, para indicar a irritação ou falta de bom humor entre os oficiais, no trato com os soldados. O primeiro desenho, da mesma maneira, é criado por um sargento brasileiro, instigado por um oficial norte-americano, com certeza procurando elevar o ânimo da tropa de Pracinhas.

Nesse viés, a presença de ambos, a cobra a partir da base, pelo dito popular, e a suástica elaborada dentro de um planejamento de visualidade mais amplo, visando conquistas bélicas, remetem ao mesmo imaginário de *poder* e *empoderamento*. Nesses termos, os dois signos alimentam uma memória, construída social e historicamente, que se perpetua em seu significado para além do momento histórico que as gerou.

Apagar essa memória ou substituí-la por um novo discurso é também parte do texto, aqui visual, proposto para análise. Se processo, e em permanente movimento, o texto pode sofrer alterações em relação às *possíveis* intenções primeiras. Se a suástica originalmente esteve presente e ligada a relações sociais e culturais “positivas”, a utilização dela para reforçar a lógica nazista [re]apresenta a associação à negatividade imposta pela guerra. E que mesmo fixando esse imaginário de poder, nos dias atuais, também tem sido ressignificada a novas relações, seja para rememorar este período, seja para exaltá-lo. A Cobra Fumando, por sua vez, e talvez por ter nascido entre as camadas populares do Exército brasileiro, tem percorrido o caminho da vaga lembrança ou do apagamento.

REFERÊNCIAS

- ALEIXO, Mario Clovis Oliveira. **A atuação da Força Expedicionária Brasileira nas páginas do jornal O Cruzeiro do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/90186/000914391.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- CORREIA, Jones. A cobra está fumando! **Revista de assuntos militares e estudo de problemas brasileiros**, v. 54, nº 616, 1967. Disponível em <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/index.php/ADN/article/view/5135>
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- FOGUEL, Israel. **II Guerra Mundial**: A Cobra Fumou. São Paulo: Clube de Autores, 2018.
- JAMESON, Fredric. **As marcas do visível**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- JAMESON, Fredric. **Cultura do dinheiro**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo**: A lógica cultural do capitalismo tardio. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Enciclopédia do Holocausto**. A história da Suástica. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/history-of-the-swastika#:~:text=A%20palavra%20su%C3%A1stica%20vem%20do,movimento%20do%20Sol%20no%20c%C3%A9u.>

SILVA, Letícia Borges da. **Histórias de guerra:** a participação da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19631/1/HistoriasGuerraParticipacao.pdf>

ZUNZUNEGUI, Santos. **Pensar la imagen.** Madri: Catedra, 1998.

NO FRONT DA MEMÓRIA: A COLEÇÃO MUSEALIZADA DOS VETERANOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA EM JUIZ DE FORA

Humberto Ferreira Silva⁵¹

Resumo: Em 1944, o Brasil enviou tropas para combater na Europa. Após vários meses de preparo e combate, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) colaborou no esforço aliado no avanço ao norte da Itália durante a libertação do território das forças Nazifascistas. Passados 75 anos do fim da guerra, as associações de veteranos ainda resistem como lugar de memória dos dias vividos no front italiano. Com o gradual desaparecimento dos expedicionários, as agremiações vivem o dilema da perda de seus acervos. Nesse contexto, os veteranos, os familiares e amigos buscam preservar os registros dessa trajetória, como o caso da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB) de Juiz de Fora – MG. A instituição preserva um acervo com fotografias e objetos formado ao longo das últimas décadas. Expostos em sua sede, o museu pode ser um meio de transformação da associação na manutenção de suas atividades. Analisaremos as possibilidades de construção de um discurso expositivo a partir desse acervo, inserido em um contexto de memória local. A institucionalização do museu será possível por meio do reconhecimento desse acervo pela sociedade como parte de suas memórias, onde somente essa ressonância entre o museu e o público poderá trazer o debate sobre o seu reconhecimento como patrimônio.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira. Memória. Patrimônio

INTRODUÇÃO

“Um dia tudo isso será esquecido”, sentenciou um dos personagens do filme “A Estrada 47.” Após um ataque de pânico na linha de frente, um grupo de soldados brasileiros composto pelo Tenente Penha, Guimarães, “Piauí”, Laurindo e o correspondente de guerra Rui, encaram uma tensa jornada para desarmarem um campo minado que bloqueava o acesso à estrada 47 pelos Aliados. Embora seja uma obra de ficção, o longa-metragem do diretor Vicente Ferraz representa aspectos importantes da participação brasileira na II Guerra Mundial (1939-1945). O filme tornou-se um bom suporte para captar algumas lembranças, exercendo um papel de formação e reorganização enquanto enquadramento da memória. Ligado

⁵¹ * Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Habilitação em Patrimônio Histórico – UFJF. Mestre em Museologia e Patrimônio pelo Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG – PMUS) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Professor nos anos finais do ensino fundamental na Escola Municipal Coronel Francisco Ferreira de Carvalho.

não só às capacidades cognitivas, o filme, testemunho e documentário, pode captar as emoções, tornando-se um agente em potencial para as reelaborações sucessivas da memória coletiva por meio de canais televisivos da memória nacional (POLLAK, 1989).

Após 75 anos do fim da guerra, o conhecimento da participação da FEB no conflito é pequeno entre os próprios brasileiros. Em uma época de conflito recordada pela barbárie, os seus líderes militares, o Holocausto, a bomba atômica e as suas consequências devastadoras, a memória de muitos está distante da luta de Guimarães, “Piauí”, Laurindo e outros cidadãos-soldados que foram à Europa. Talvez por ter sido uma guerra que não fora travada em nosso território mas mesmo assim não podemos falar que foi totalmente esquecida, pois em algumas conversas informais percebemos as lembranças de vizinhos que foram à guerra ou de próprios familiares. Sendo assim, um dos episódios centrais do século XX ficou marcado na memória coletiva, pelas músicas populares, pelos romances, diários, feriados, nomes de lugares e pelas instituições, como também monumentos. A guerra, para o brasileiro, é rememorada em publicações e pesquisas por uma época de escassez de produtos: os torpedeamentos dos navios mercantes nacionais, as políticas públicas de mobilização pelo regime Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945) e o esforço coletivo de guerra para enfrentar os exércitos nazifascistas na Itália (CYTRYNOWICZ, 2015). Mas como essa guerra foi enfrentada por nossos pracinhas? Por que os soldados brasileiros foram lutar em nome de uma democracia que não existia em seu próprio país? Como foi o desempenho da única tropa sul-americana contra o experiente inimigo nazista? E a vida no pós-guerra?

O filme “A Estrada 47” tem o mérito de registrar o lado humano do pracinha e sua perplexidade diante de uma situação muitas vezes sem sentido. A distância de casa, as tristezas, o medo, a busca pela sobrevivência, a camaradagem com os companheiros, enfim, todas as experiências dessa situação limite são transformadas em memórias traumáticas ou não. O regresso ao Brasil de forma vitoriosa, em meio a festas e homenagens, não revelava as dificuldades sofridas por muitos expedicionários em sua reintegração. Os laços de amizade criados na campanha da Itália e a necessidade de auxiliar os companheiros foram a semente para a criação de associações em todo o país. Analisaremos essas agremiações enquanto locais de guarda dessa memória e salvaguarda de acervos que deram

origem a museus em várias seções regionais e na sede principal, a Casa da FEB no Rio de Janeiro-RJ.

Na sequência realizaremos um pequeno estudo do acervo do Museu da FEB da ANVFEB de Juiz de Fora-MG e sua relação com os próprios veteranos e quais eram as narrativas encontradas desse conflito. Essa pesquisa sobre a instituição foi o resultado do trabalho de conclusão da graduação de História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e será relevante para analisarmos as potencialidades desses acervos e o seu valor social enquanto museu histórico.

"VOCÊ SABE DE ONDE EU VENHO?": A ESCRITA MUSEOLÓGICA DA FEB

A Canção do Expedicionário lançada em outubro de 1944, evoca a lembrança do desejo de retornar à terra natal brasileira. Rubem Braga, cronista e correspondente de guerra na campanha da FEB, definiu que a nossa tropa era um bom resumo do povo do Brasil, pois além de ter representantes de todas as classes sociais e estados da federação, apresentava todas as nossas falhas e virtudes, incoerências e mitos (NETO, 1995). Ao regressarem, ainda no navio, um pracinha ostentava uma bandeira nazista, troféu de uma guerra que transformou a vida daqueles jovens. Conviveram com a pobreza, a brutalidade e enfrentaram um inimigo experiente, recordado na cruz suástica. Iniciava aí uma recordação daqueles dias vividos em território distante.

As fotografias, os uniformes, as cartas recebidas, agora, são semióforos, não detinham mais a utilidade original para que foram fabricados, mas agora eram dotados de um significado, estabelecendo uma mediação entre o visível e o invisível para aquele grupo (POMIAN, 1984). Após a guerra, estes objetos históricos correspondiam a uma necessidade de um presente que demonstrava o progressivo esquecimento com a FEB. A formação de coleções sobre esse evento representa a seleção de fotos e experiências em um novo arranjo, resgatando assim a perda histórica de forma a ser guardado e lembrado (RANGEL, 2011).

Os espaços museais da FEB, por sua tipologia de acervo, podem ser considerados museus militares, inseridos nos museus de história. A salvaguarda de objetos relativos a campanhas remonta às expedições militares e comerciais dos romanos; os troféus de guerra conquistados eram expostos como forma de propaganda dos feitos nos chamados "Museums", localizados em um cômodo da Villa reservado às reuniões

filosóficas (MATTOS, 2010). A partir de pesquisas contemporâneas no campo da Museologia, um museu militar é caracterizado como uma instituição permanente, sem fins lucrativos que adquire, conserva, pesquisa, interpreta e exibe a evidência tangível e intangível da história militar e serve a sociedade para o questionamento e exposição dos impactos de conflitos como também a perpetuação de valores pacifistas em seu meio (TEIXEIRA, 2011).

O MUSEU DA FEB EM JUIZ DE FORA-MG: UMA FACE DA GLÓRIA.

Em contraponto ao livro lançado pelo jornalista William Waack, *As Duas Faces da Glória*, Ruy de Oliveira Fonseca intitulou a publicação de seu diário de campanha como “Uma face da glória” (FONSECA, 2002). Talvez esse título seja representativo para a escolha daqueles testemunhos históricos e monumento como um discurso identitário que desse aos expedicionários credibilidade junto à sociedade (CHOAY, 2001). O museu é um meio de formar uma rede de receptores, mantenedores e transmissores dos feitos da FEB; do herói que fora defender o Brasil e o mundo de seu agressor aos tempos de paz, mantendo o papel de guardião da democracia. A exposição é um ato comunicativo que almeja ser elucidativo do que foi a campanha de forma a manter um vínculo sentimental e proporcionar uma identificação do grupo dos pracinhas com o público (AMARAL, 2001).

O espaço proporciona um diálogo com a definição de museu memória da pesquisadora Myrian Sepúlveda dos Santos. Os objetos preservados são fragmentos do passado, símbolos daquela campanha, como citado anteriormente elas contemplam o imediato (visível) e não aquele invisível que se pretende salvaguardar (SANTOS, 2006). A memória não está aprisionada naqueles objetos, sendo assim, o autêntico como substituto da experiência perdida mantém uma ressonância a um público restrito de curiosos e entusiastas (CHAGAS, 2002). Em um museu de memória como esse a história da FEB está submetida ao poder mágico, simbólico e afetivo dos objetos, propondo uma interação e um estímulo à imaginação de alguns e uma recordação para outros, como observado pela historiadora Maria do Carmo Amaral sobre o Museu do Expedicionário de Curitiba – PR (AMARAL, 2001).

Mantendo um olhar atento diante da exposição, deparamo-nos com algumas questões. A observação dos objetos como geradores de novas lei-

turas em uma pesquisa histórica, relaciona-se ao diálogo do pesquisador Francisco Régis Lopes Ramos com a perspectiva de palavra geradora do educador Paulo Freire (RAMOS, 2004). Um conjunto de capacetes em uma vitrine representa não só a evolução desse equipamento entre as Forças Armadas brasileiras, mas também a todos os eventos históricos relacionados com o modelo utilizado pelas tropas paulistas durante a Revolução Constitucionalista de 1932, à incorporação desses modelos ao Exército brasileiro e, posteriormente, a adoção do capacete americano, já na II Guerra Mundial. Em uma nova exposição, esses objetos podem estar relacionados à aliança entre o Brasil e os Estados Unidos da América, à formação da FEB com o uso do modelo estado-unidense exposto. As possibilidades desse acervo encontram ressonância em um diálogo com seus próprios protagonistas: os pracinhas da FEB.

OS VETERANOS E O MUSEU: VOZES DE UM CONFLITO

Passos vagarosos e olhar contemplativo, as fotografias e objetos parecem aproximar o passado. A relação entre o veterano, homem/sujeito e o documento/bem cultural, onde se encontra o despertar da memória, abrindo caminhos para a comunicação de ideias, sentimentos, sensações e intuições (CHAGAS, 2002). Quem são esses sujeitos e quais são as reminiscências que surgem a partir dos objetos museológicos? Quando falamos sujeitos, nos referimos aos responsáveis diretos, como indivíduos formadores de uma identidade coletiva. O processo de pesquisa e divulgação se torna instigante com os relatos dos veteranos e a sua possibilidade de apropriação e sentido à coleção.

Quais são então as lembranças que surgem no contato do veterano, seu olhar, com a coleção exposta no museu? Tivemos uma grande oportunidade de contar com relatos de alguns associados, fato que possibilita uma maior compreensão desses objetos e documentos expostos e seu significado. Se ao museu falta um planejamento museológico, como legendas explicativas, as entrevistas constituem o espaço de um maior sentido e interpretação ao apresentarem narrativas intrínsecas ao documento/bem cultural. A referência aos associados e companheiros falecidos em combate é destaque na exposição, como fora descrito. José Maria da Silva Nicodemos, nascido no distrito de Araci no município de São João Nepomuceno-MG, em 26 de Setembro de 1922, integrou a FEB como Cabo apontador do morteiro 81 mm da Companhia de Petrechos Pesados do 11º RI, sediado em São João Del-Rei-MG. Ao contemplar as fotografias

de seus companheiros, Zé Maria estabelece um diálogo com José Lopes de Oliveira (In Memoriam), nascido em Tabuleiro-MG, que foi à guerra como soldado cozinheiro da Companhia de Petrechos Pesados I:

São, de companheiros nossos que por aqui passaram... não digo a maioria, 90% deles aí serviram no 12º RI, no pré-guerra, e... alguns deles participaram da Associação, mas tem alguns também que não são daqui, que não serviram, quer dizer não participaram da Associação mas forma companheiros, ali por exemplo tem a foto do... Frei Orlando, né?! Ali a foto do Frei Orlando, ele não serviu, ele serviu no 11, mas foi um companheiro, perdeu a vida, não em combate mas num acidente. Zé Lopes: – Foi no campo de batalha né?! É, um acidente de arma de fogo, disparada acidentalmente que o vitimou... **Zé Lopes:** – Diz que ele foi arredar uma pedra com o fuzil! Foi um guerrilheiro italiano, eu não lembro mais o nome do italiano não. **Humberto:** – Tem mais algum que foi companheiro de vocês? Acho que consta até mortos em combate. Sim, tem, tem si... o que mais que eu vou dizer?!... aí tem a foto de um soldado de nome Altivo, aqui de Juiz de Fora, eu recordo dele, Altivo Isidoro, eu recordo dele, recordo como funcionário do Laticínio Candido Tostes... depois da guerra, trabalhou lá... já ouvi duas ou mais vezes uma história a respeito dele... que, história essa que fala, num feito, de coragem né?! Demonstrada por ele, que ele recebeu a medalha americana chamada Silver Star, ou seja, medalha de Prata, agora com relação a isso eu fico muito preocupado, porque há vários anos, fazendo parte da Associação, junto com os demais companheiros aí, eu fui um dos que sempre, que tive contato com pessoas da família dele... eu sempre pedi, que fosse trazido aqui, pra gente tirar, eu falo cópia Xerox, porque do diploma, porque medalha sem diploma não vale nada, que pra gente também enriquecer esse pequeno museu, esse memorial aqui, mas infelizmente até agora que nós estamos conversando aqui, não valeu meu pedido não... a Fátima nossa secretária ali, também nos ajudou muito com esse pedido, ... até agora nada, é pena né?! Porque... é um feito sem similar, porque é, digamos assim, o que eu lembro da minha Companhia, do meu Batalhão, do meu Regimento, não é... nunca ouvi falar de um soldado tivesse recebido da mão do Comando americano, a medalha de Prata... entendeu... quer dizer, é uma coisa extraordinária, que deveria estar aqui para as pessoas até se orgulharem de um conterrâneo que foi homenageado dessa forma... ⁵²

Nessa conversa, Zé Maria cita o 12º Regimento de Infantaria, que na época era situado em Juiz de Fora e de onde fizeram parte a maioria dos associados. A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária foi composta por três unidades de Infantaria: o 1º, o 6º e 11º, respectivamente das cidades do Rio de Janeiro, Caçapava (SP) e São João Del-Rei (MG). A escolha dessas pequenas cidades interioranas é creditada ao fato de se localizarem em eixos ferroviários que facilitavam a locomoção à capital federal, o Rio de Janeiro. Tanto o 12º RI de Juiz de Fora quanto o 10º RI, em Belo

⁵² Entrevistado no dia 08/11/2011.

Horizonte foram deslocados para São João Del Rei, compondo o 11º RI em conjunto com elemento oriundos do sul e nordeste do país (COSTA, 2009). O contingente das duas cidades mineiras contou com 1.572 praças (ANDRADE, 1950).

A recordação de Frei Orlando provoca um diálogo entre os dois veteranos sobre a causa de sua morte. Capelão militar do 11º RI, Antônio Alvares da Silva, conhecido como Frei Orlando, o sacerdote faleceu em 20 de fevereiro de 1945, vítima de um disparo acidental dado por um militar italiano ao tentar remover uma pedra, que impedia a passagem do Jeep, como lembrou Zé Lopes. Figura querida entre o 11º RI e toda a FEB, Frei Orlando morreu a caminho de mais uma de suas visitas à linha de frente próxima à Bombiana; hoje é considerado patrono do Exército Brasileiro e personagem marcante entre os veteranos. Após a recordação de Frei Orlando, Zé Maria ao fitar o mural de fotografias, relembra da condecoração concedida ao soldado Altivo e destaca importância de ser registrado no museu por meio do diploma da medalha Silver Star, deixando transparecer sua percepção sobre esse espaço museal e seu gênero.

O processo de preparação e organização da FEB não passa despercebido nas reminiscências dos veteranos, pois Zé Maria faz uma análise crítica do sigilo do embarque ou falta do mesmo em consideração à espionagem feita por partidários do Eixo após o Brasil se posicionar ao lado dos Aliados:

Nesses anos todos de organização e preparo, e a participação, viagem para Europa, participação no território italiano, de combates de luta armada... eu fico pensando em coisas que aconteceram no passado na preparação, por exemplo, um determinado dia de setembro de 1944... nós, quando eu falo estou referindo ao meu pelotão minha companhia mas pode-se dizer que o batalhão né?! E também o regimento, nós estávamos preparados... pouco, pouco mais de 05:00 horas da manhã.. com uma bagagem previamente organizada, descemos em direção da Estação ferroviária chamada Realengo, na região chamada Vila Militar, na cidade do Rio de Janeiro... ao chegar na estação, uma composição ferroviária composta de máquinas e vagões de passageiros, estavam a nossa disposição, a nossa espera... nós embarcamos, dali nós fomos direto para o cais do porto... no Rio de Janeiro, onde o navio transporte já nos esperava... então eu com o passar do tempo, lembrando coisas daquela época, eu fico querendo entender porque a composição na qual eu estava, eu acredito que os outros também, as outras companhias, os outros batalhões estavam também embarcadas... porque estavam com as janelas fechadas? Porque eram muito comum, Quinta – coluna, espionagem, coisa... então eu acho que aquilo dali era pra que ninguém visse que estava um contingente militar, indo para o cais, indo para o cais do porto... Ora fazer o que no cais do porto? É até aí eu concordo, mas acontece o seguinte.. que poucos dias antes foi realizado

um desfile, e ali tem uma foto, foi realizado um desfile na Avenida Rio Branco, começando no Aterro, no então Aterro do Flamengo, em direção à Avenida Rio Branco... e após o desfile... uma marcha forçada, até o... aquartelamento, o chamado morro do Capistrano na Vila Militar... ora, foi chamado, a imprensa publicou, fotos, foi chamado de desfile da despedida... aí e o Quinta Coluna e espionagem, se aquilo foi chamado de desfile da despedida, despedida pra onde? Então isso pra mim é muito estranho, não consigo entender até hoje... ali tem a foto, desfile no Rio de Janeiro.⁵³

A chegada a um país estranho, destruído pela guerra, trouxe a verdadeira dimensão do que encontrariam na Itália. Zé Lopes como cozinheiro teve um contato próximo com a população e relata de maneira simples:

[...] chegamos lá, logo vimos só pobreza, logo que chegamos no cais do porto, só pobreza, até cigarro eles pedia... porque o alemão quando passou primeiro do que nós levou tudo que eles tinha... e então eles pedia, pedia comida, pedia cigarro, pedia tudo... e a gente fazia, na medida do possível, servia, porque não tinha, a gente tinha então dava sobra de comida, alguma manteiga também, eu já ajudei, pacote de manteiga e foi assim... tanto que eles são gratos até hoje, cê vê né?! **Humberto: – Pelas fotografias vemos que existem homenagens até hoje...** Pois é, o caso... o Toninho chega lá, o pessoal daqui chega lá eles não sabem o que vai fazer. É verdade, para o resto da vida rapaz... e a gente tinha contato assim, chegava às vezes, apanhava amizade numa casa, a gente ia naquela casa, frequentava aquela casa né?! É lá tinha os muares, dormia debaixo de casa numa estrebaria que tinha sempre debaixo de casa, a gente ia pra lá, conversava, quando tinha folga era assim... eu, inclusive eu gostei de uma menina lá... e na casa dela, eles dormia juntos com os muar lá embaixo.. então agente às vezes ficava lá dentro de casa conversando, até na hora de ir dormir, eles iam dormir a gente ia pro rumo da gente e eles iam dormir... então o italiano, a italiana ficava esperando a moça entrar pra dentro... e eu ia embora pra lá, outro dia conversava de novo. **Humberto: – Você teve contato com ela depois?** Não, aí não, aí depois quando muda daquele lugar, esquecia todo mundo... não via mais, mas era muito bom, sabe?! Agente respeitava também⁵⁴

A recordação ao inimigo é recorrente. Antônio José dos Reis (In Memoriam), natural de Juiz de Fora-MG, também serviu no 11º RI; soldado telefonista, ao manusear os antigos telefones de campanha, relembra uma passagem inusitada gravada em sua memória:

Teve uma vez, eu estava instalando uma linha telefônica, meia-noite, quando eu olho para trás, tinha um alemão, atrás de mim, com um porrete, eu virei pra ele, ele largou o porrete, eu voltei para a companhia e ele veio me acompanhando e eu entreguei ele para o Capitão, tava morrendo de fome, coitado! Pegou um pão com manteiga e comeu. (COSTA, 2009).

⁵³ Entrevistado no dia 07/11/2011

⁵⁴ Entrevistado no dia 08/11/2011

As hostilidades foram encerradas no dia 02 de maio em toda Itália. Antes mesmo, em 29/04/1945, Mussolini, sua esposa e partidários foram executados em Milão; o governo fascista havia sido derrotado pelos Aliados e partigianos. Zé Maria adota um tom crítico ao apontar para a fotografia de Benito Mussolini:

Digamos, assim, 48 horas, vamos dizer assim, eu passei em frente a esse local onde foram executados, expostos os corpos de Benito Mussolini e do secretário dele... entende enfim, a turma dele. Num posto de gasolina, ainda tinha marca de sangue lá no chão... uma grande multidão de curiosos, agora, na minha opinião, particular, é que foi um erro... ele tinha que ser submetido a um julgamento, um tribunal, pra provar que o lado de cá é que tá certo e não o dele, agora, o que fizeram não mostrou nada, uma vingança... posso acrescentar mais uma coisa, igual fizeram com o Kadafi agora, 40 anos como ditador, trucidaram o homem, não era para trucidar, era pra prendê-lo, leva-lo para o tribunal, apresentar os crimes que ele cometeu e os jurados decidir, que é pra provar que o lado de cá é que tá certo e não fazer o que fizeram, essa é minha opinião... opinião de um simples Cabo da Força Expedicionária Brasileira, digamos assim.⁵⁵

A lembrança aos companheiros talvez esteja presente em muitas dessas narrativas ao recordarem passagens vividas no front. Se em alguns momentos algumas fotografias trazem um sentimento de inquietação, contrariedade, outras trazem grandes emoções, principalmente aos companheiros que se foram na guerra. Chama atenção uma pintura em óleo sobre tela de um Cabo da Força Expedicionária Brasileira, assinado por Cazi, provavelmente de 1962, em meio corpo tendo ao fundo a bandeira brasileira. Em seu uniforme contém as medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 2ª Classe (Figura 5). Porém, não há mais nenhuma identificação sobre quem foi esse militar. José Maria dá o seguinte relato:

O Cabo Hélio Thomaz foi um companheiro inseparável quando servimos juntos na Força Expedicionária Brasileira, na C.P.P. no Pelotão de morteiros 81 mm. Eu servia na 1ª Seção e o Cabo Hélio na 3ª Seção do 5º Pelotão. No dia 29 de novembro de 1944, aproximadamente 10 horas da noite, hora italiana, horário italiano, por uma razão qualquer que eu não recordo o Capitão comandante da minha companhia estava presente na minha posição, uma aldeia no sopé do Monte Castelo, uma aldeia chamada Bombiana. O telefone tocou, deu sinal, o soldado telefonista passou o telefone para o Capitão e esse após um momento de silêncio, desligou o aparelho, virou-se para mim e pediu que eu chamasse o Cabo José Tomás Barbosa e o Soldado Arlindo Mazzer. Isso feito, descemos nós 4, preparamos uma lona, lona essa que serviu para transporte do corpo do Cabo Hélio. Quanto o Capitão informou o que iríamos fazer,

⁵⁵ Entrevistado no dia 08/11/2011.

tivemos uma reação ao mesmo tempo: tristeza, mágoa e muito ódio, pode acreditar. Um companheiro super alegre, comunicativo, brincalhão e um ótimo militar... pois bem... estava morto, tínhamos que cumprir a missão de resgatar o corpo dele e assim fizemos. Chovia muito, não chuva tipo tempestade mas chuva garoa, essa chuva fininha... região montanhosa, muita lama. Depois de algumas horas de caminhada na direção daquilo que se chamava no meu entendimento era o cemitério da aldeia, dada os bombardeios sofridos na sua área... bombardeio de Artilharia, das várias armas... morteiro. Era impressionante, impressionante mesmo... esqueletos, pedaços de madeira de caixões, até que conseguimos chegar no lugar onde estava o Hélio. O ódio que eu mencionei a pouco dobrou, tenho certeza... seu cadáver estava de bruços... todo perfurado, corpo todo perfurado, o sangue ainda espalhado em torno. Fizemos, digamos assim, uma espécie de embalagem com a lona que havíamos levado, para esse fim e retornamos e conforme combinado depusemos seu cadáver, seu corpo naquilo que restava da capela católica dessa aldeia chamada Bombiana, em seguida, com todos, nós 4, professávamos a religião Católica. Fizemos uma oração, um Pai-nosso. Voltamos para posição, o Capitão tomou as providências junto ao Batalhão informando o local exato onde havia sido depositado o corpo do Cabo Hélio. Agora, eu devo dizer duas coisas, primeiro o sacrifício que nós fizemos para recuperar o corpo dele... muita lama, muito frio... um cuidado excepcional para não fazer nenhum barulho, porque praticamente estávamos na margem da chamada “terra de ninguém” e qualquer descuido de nossa parte poderia ocasionar... uma reação inimiga que seria muito difícil para nós. Bem tem duas maneiras de concluir esse relato, primeiro, o tempo gasto para que isso fosse concretizado... Humberto começamos essa, começamos essa missão 10 horas da noite, acredite-se quiser, quando terminamos ou melhor quando chegamos na... naquilo que restava na capela da religião católica eram 6 horas da manhã... A outra parte é dizer que o ódio que eu já mencionei, havia tomado conta de nós, principalmente eu e o Cabo Tomás Barbosa, que persistimos na mesma missão, na mesma seção de morteiros com a missão de preparar o tiro das peças, das armas. Afirmo, tranquilamente pra você... posso afirmar que a partir daquele momento, não sei, se levados pelo ódio, pela vontade de vingar a morte do Cabo Hélio, posso te afirmar que... toda vez que recebíamos pedido de tiro nesta ou naquela área, nessa ou naquela posição, informada pelos observadores... nós... nós atirávamos, com as granadas mais mortíferas... você pode acreditar que esse procedimento nos dava impressão de que assim procedendo, assim fazendo... nós abreviaríamos as horas numa linha de frente... isso levado mesmo por ódio, atirávamos se fosse uma posição informado pelo observador ainda que semidestruída, fosse uma habitação, nós nunca deixamos de usar a granada incendiária, que era para liquidar mesmo com que tivesse do lado de lá. Falo pra você com muita honestidade... esta foi uma das maiores emoções que eu senti, na minha participação na luta na frente italiana, nas montanhas denominadas Apeninos... perdemos um companheiro, perdemos um companheiro, alegre, extrovertido, tudo nele era na base da brincadeira, é o que eu posso te falar.⁵⁶

⁵⁶ Entrevistado no dia 11/10/2011

AS COLEÇÕES DA FEB ENQUANTO PATRIMÔNIO NACIONAL: TOMBAMENTO E RECONHECIMENTO.

O encerramento das atividades das associações coloca em sério risco a salvaguarda do patrimônio contido nas sedes. Alguns dos principais museus da FEB como o do Rio de Janeiro e o de Curitiba já perderam partes de seus acervos, considerados de padrão mundial (MAXIMIANO, 2010). Cabe ressaltar que os objetos relativos a campanhas militares mantêm um grande mercado de colecionadores a nível mundial, sendo esses acervos alvos de especulação.

O grande marco de proteção ao patrimônio material no Brasil é o Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Em seu artigo 1º, define-se que o patrimônio histórico e artístico nacional é o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil. Os bens selecionados receberiam a inscrição no livro de Tombo. Qual a razão desse patrimônio das associações continuar sendo restrito apenas aos veteranos e aos entusiastas? Será que não existe um valor público?

Podemos apontar alguns fatores com as dificuldades de reintegração social, profissional de uma parcela de ex-combatentes. Somados a isso, podemos notar uma desvalorização histórica e simbólica na participação brasileira na guerra. Outro aspecto essencial em nossos dias é uma ligação errônea da imagem dos ex-combatentes aos militares que participaram do golpe civil militar de 1964. Devido a essa relação, a memória febianiana foi um tema esquecido pela historiografia e quando abordado era feito de forma a questionar a contribuição da FEB para a campanha dos Aliados na Itália. Nos últimos 20 anos, podemos acompanhar novas pesquisas históricas distantes de preconceitos defenderam que se a atuação brasileira não foi decisiva para a vitória dos Aliados em território italiano tampouco seu valor foi inexistente (FERRAZ, 2005). O esforço atual dos pracinhas em verem seus acervos e a própria memória da FEB recordada e estudada ganha cada vez mais espaço no meio acadêmico. Sendo assim, é imprescindível a preservação dessas coleções.

CONCLUSÃO

Desde o anteprojeto de criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (SPAN) realizado pelo poeta Mário de Andrade, os museus são considerados alicerces da identidade cultural brasileira. O espaço

conquistado pelos museus na sociedade demonstra a sua democratização enquanto instrumento de trabalho a ser utilizado por diversos segmentos sociais. Consideramos então que o tombamento de coleções, como as dos museus da FEB, não devem ser um fim em si mesmo, mas um caminho de reconhecimento. Os bens patrimoniais só são preservados se forem constituídos em valor, não só para os veteranos, familiares e entusiastas, mas num valor social para um povo.

A institucionalização desses museus demanda o devido investimento de sentido nas coleções custodiadas em diversas instituições pelo Brasil afora. Manter um museu não significa ter um espaço com objetos expostos, e sim uma instituição que preserva, pesquisa e comunica o seu acervo. Sendo assim, faz-se urgente o intercâmbio de informações sobre as coleções referentes a FEB, em um esforço comum que busque dinamizar a informação para a sociedade e, por consequência, a sua apropriação e seu reconhecimento.

Recordar a FEB traz à memória o perigo dos governos autoritários, as ideologias racistas, antissemita e xenofóbicas que marcaram a maior barbárie da história da humanidade. A proposta do Museu da Paz, em Jaraguá do Sul – SC, é inspiradora, ao propor um acervo sobre a guerra para refletir e construir a paz. A exemplo dessa instituição, podemos perceber que a preservação só acontecerá quando investirmos nessas coleções o sentido e o significado necessários em uma proposta museológica que possa unir a representação da guerra com a profunda ausência do diálogo e a necessidade do respeito aos direitos humanos. A preservação das coleções remanescentes demonstra que o sacrifício e a dedicação desses brasileiros não podem ser esquecidos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria do Carmo. **O Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba-Paraná, 2001.

ANDRADE, Delmiro Pereira de. **O 11º RI na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bibliex Editora, 1950.

CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e memória. **Ciências & Letras**, Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, nº 1, p.3-383, jan./jun. 2002.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do patrimônio**. Trad. de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

COSTA, Marcos Antonio Tavares da. **A Força Expedicionária Brasileira: memórias de um conflito**. 2009. 256p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2009.

CYTRYNOWICZ, Roney. O front é aqui. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, nº 116, p. 20-23, 2015.

FERRAZ, Francisco César. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FONSECA, Ruy de Oliveira. **Uma face da glória: reminiscências e diário de campanha**. Rio de Janeiro: Agora da Ilha, 2002.

MATTOS, Y.; MATTOS, I. **Abracaldabra: uma aventura afetivo-cognitiva na relação museu – educação**. Ouro Preto: UFOP, 2010.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, Sujos e Fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Editora Grua, 2010.

NETO, Ricardo B. **A nossa Segunda Guerra: os Brasileiros em combate 1942-1945**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento e silêncio.” **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, nº 3, p. 3-16, 1989.

POMIAN, Krzysztof. **Coleção**. In: ENCICLOPEDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, v.1, p. 51-86, 1984.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

RANGEL, Marcio F. A coleção do Museu de Astronomia e Ciências Afins. In: Alda Heizer; Maria Margaret Lopes. **Colecionismo, prática de campo e representações**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, MinC, IPHAN, 2006. (Coleção Museu, Memória e Cidadania).

TEIXEIRA, Mariana Jacob. **A natureza e gestão das coleções dos museus militares na dependência da Direção de História e Cultura Militar (Exército)**. Dissertação – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio, Porto, 2011.

FONTES ORAIS:

– Entrevistas documentadas, gravadas e transcritas, com os seguintes veteranos da Segunda Guerra Mundial que se encontram na Associação Nacional dos Veteranos da FEB – Seção Regional Juiz de Fora/MG:

José Lopes de Oliveira, soldado cozinheiro do 11º RI

José Maria da Silva Nicodemos, cabo chefe de peça do morteiro 81mm do 11º RI.

MEMÓRIA DA GUERRA: SETENTA E CINCO ANOS APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Guilherme Griebler⁵⁷

INTRODUÇÃO

Mais de sete décadas passaram do maior conflito que o homem já viu. E o Brasil teve uma participação peculiar nele: negociações com ambos os lados, neutralidade e abstenção impostas à população, e ainda uma demora para reunir um exército mal preparado, marcaram a passagem do nosso país pelo acontecido.

Branco (1960) comenta o total abandono que a Força Expedicionária Brasileira sofreu na volta da guerra por parte do governo, mostrando a preocupação de ocorrer uma rebelião onde os soldados pudessem expressar suas desilusões.

A pressa com que se articularam aquelas providências, pois que a ordem atribuída à FEB foi expedida no exato momento em que os primeiros elementos deixavam o Porto de Nápoles, revelava as preocupações do Governo numa propalada rebelião contra a ordem constituída, que se dizia em articulação no seio dos expedicionários, os quais pensavam mais em retornar ao convívio da família e da Pátria do que em reformas de caráter político, muito embora reconhecessem a necessidade de tal medida. (BRANCO, 1960, p. 539).

Por meio de algumas ações promovidas pelo governo, houve a urgência na desmobilização das tropas brasileiras, o que expõem a falta de sensibilidade do governo em relação aos seus heróis de guerra, embora se note uma ideologia política por trás de tal feito.

Mas nem tudo foram problemas nesta participação: nosso país foi o único que trouxe seus mortos de volta; criou vínculos com o povo onde lutou, pois sempre que podiam os ajudavam. Além disso, foi o único país latino a lutar sobre sua própria bandeira. Porém, informações como estas se perdem quando não se trabalha a memória de maneira adequada.

⁵⁷ * Mestre em História pela Universidade de Caxias do Sul.

HISTÓRIA E MEMÓRIA

A história e a memória, seja ela coletiva, seja individual, não podem ser confundidas. A primeira seria a continuidade da segunda, que só é possível onde há um grupo social, ou seja, a história apresenta um caráter mais impessoal; já a memória permite a renovação de fatos muitas vezes esquecidos.

Nesse sentido, a evolução dos meios de comunicação e sua rapidez provocaram aquilo que Nora (1993) chama de “fenômeno de curta duração”, onde os fatos, por serem mais dinâmicos, tornam a história mais dinâmica. O historiador completa:

Aceleração: o que o fenômeno acaba de nos revelar bruscamente, é toda a distância entre a memória verdadeira, social, intocada, aquela cujas sociedades ditas primitivas, ou arcaicas representaram o modelo e guardaram consigo o segredo – e a história que é o que nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado, porque são levadas pela mudança (NORA, 1993, p. 8).

O uso da metáfora “aceleração” quer dizer que caminhamos cada vez mais rápido para um passado completamente morto. Expandimos nossa percepção sobre ele quando as lembranças que nós temos acabam em contato com as de outros de um mesmo grupo. Apesar da história e da memória possuírem conotações diferentes, ambas necessitam ser administradas. A primeira, por ser volátil, busca o ocorrido de uma situação que já é passado, ainda que de maneira fragmentada e dificultosa. A segunda, por ser uma ação sólida, sempre acontece no presente.

Como a memória é sempre muito questionada por sua “integridade” pela história, os “lugares de memória” sobrevivem à ideia de que não existe memória espontânea, que se faz necessário à manutenção de datas comemorativas e à criação de instituições. Neste caso, a perpetuação dos lugares de memória possibilita, ao ensino de história, um distanciamento dos efeitos causados pelos fenômenos do imediatismo e também dos avanços da sociedade. Nora (1993) também acredita que a aproximação do historiador com seu objeto de estudo, em um contexto de História do Tempo Presente, evitaria o uso de narrativas direcionadas que pudessem de alguma forma limitar os estudos.

A sociedade que vive cada vez mais a doce sensação da informação instantânea, amarga também seu esquecimento prematuro. Os processos históricos, que antes sempre se viam ligados a documentações oficiais,

que geralmente seriam documentos impressos, se veem agora com certa variedade de fontes de pesquisa.

O historiador e sociólogo Pollak (1992) traz alguns questionamentos quanto ao uso de fontes, no que diz respeito ao seu caráter interpretativo.

No caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material (POLLAK, 1992, p. 200).

A desconfiança do autor em relação às fontes está diretamente relacionada aos conceitos e às características da memória atribuídos por ele. Entende-se como memória os acontecimentos que envolvem pessoas ou personagens, e que nem sempre precisam ter uma ligação direta com quem os relata. Dessa forma, Pollak (1992) afirma que a memória pode ser “herdada”, geralmente de algum familiar ou por algum marco que envolva a sociedade de uma maneira mais ampla.

[...] pudemos verificar, na maior parte das regiões francesas, que, embora haja datas oficiais relativas ao fim da Primeira Guerra Mundial, dia 11 de novembro, e da Segunda Guerra, dia 8 de maio, na prática, quase que espontânea e automaticamente, as populações só guardavam uma única data, o 11 de novembro. O 8 de maio era claramente identificado como um feriado qualquer, como um domingo, enquanto no 11 de novembro realizavam-se comemorações duplas, alusivas a ambas as guerras. As memórias individuais e a atuação das associações de ex-combatentes juntavam-se para atribuir à Primeira Guerra um peso maior para a história da França do que a Segunda, através de uma memória mais traumática, ligada ao número de vítimas (POLLAK, 1992, p. 203).

O que se percebe é que houve uma substituição cronológica, ou seja, grande parte da população pode nem ter presenciado o fato ocorrido. Porém, acabou assumindo todo o seu significado, em função do grande trauma que lhes foi ensinado. Se um fato traumático ou memorável por boas qualidades pode superar outro na categoria de importância para determinado grupo, deixando de lado a discussão sobre o que seria realmente importante, isso nos mostra que a memória é seletiva, e, portanto, escolhe o que preservar e o que esquecer.

Pollak (1992) utiliza o termo “flutuações” quando se refere ao fato de a memória transitar entre os fragmentos herdados e a lembrança coletiva que muitas vezes se dá por processos políticos. Ela é algo que se constrói, mas que não necessariamente o sujeito participe ativamente de sua ação. Pelo contrário, ele pode acabar sendo conduzido a uma reflexão

que não parte de si mesmo. Quando tratamos de situações traumáticas, ou de grande apelo emocional, a memória, enquanto processo oriundo de herança, aborda o tema de identidade sem qualquer pretensão de aprofundamento, mas que naquele momento, dadas as circunstâncias, mostra-se suficiente. Ainda de acordo com Pollak (1992, p. 206):

Gostaria de enfatizar que, quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual.

Então, ainda que constituindo uma conotação simples, a memória é peça fundamental na formação da identidade de um indivíduo. Halbwachs (1990) traz a ideia de que a memória coletiva inspira, de certa forma, a confiança, uma vez que somos forçados a crer em coisas que não vimos, e a sentir emoções das quais não participamos da criação, e completa:

Durante o curso de minha vida, o grupo de que fazia parte foi o teatro de certo número de acontecimentos, dos quais digo que me lembro, mas que não conheci senão pelos jornais ou depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Ocupam um lugar na memória da nação. Porém eu mesmo não os assisti. Quando os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros. [...] Uma memória emprestada, que não é minha. [...] Por uma parte de minha personalidade, estou engajado no grupo, de modo que nada do que nele ocorre, nada do que o transformou antes que nele entrasse me é completamente estranho. Mas se quiser reconstituir em sua integridade a lembrança de tal acontecimento, seria necessário que juntasse todas as reproduções deformadas e parciais de que é objeto entre os membros do grupo (HALBWACHS, 1990, p. 54-55).

Conforme Halbwachs (1990), a importância da memória, como um todo, se dá com a ideia que seria a partir da lembrança coletiva que se poderia buscar a reorganização do passado como algo consistente.

O CONTEXTO MUNDIAL

A severidade do Tratado de Versalhes que, após a Primeira Guerra Mundial praticamente aleijava a indústria alemã, praticamente pressupunha a chegada de uma figura como a de Adolf Hitler. Não apenas por ele ter tido grande perspicácia de observar o contexto social em que se encontrava e tomar partido disso para benefício próprio, como também por todas as condições que foram propícias para a instauração de um regime

totalitário, entre elas: inflação a níveis astronômicos, desemprego, déficit em todas as áreas da estrutura social etc.

Para o Brasil, o fato de adentrar a guerra ao lado dos aliados, oportunizou alguns benefícios como a criação da Companhia Siderúrgica Nacional. Financiada com dinheiro norte-americano, a Siderúrgica Nacional foi um grande marco no desenvolvimento industrial brasileiro.

A REPERCUSSÃO DA GUERRA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Como já foi mencionado, o fato de os meios de comunicação não serem totalmente difundidos e as regiões serranas serem de colonização alemã e italiana, obviamente fariam alguns habitantes apoiarem as forças do eixo. Porém, devemos lembrar que a própria situação política do Brasil gerava uma série de controversas, pelo fato do país estar vivendo um regime autoritário que controlava os movimentos de oposição, em todas as suas formas de manifestação, gerando um clima de tensão política. Nessas condições, os expedientes necessários para deter tensões e disputas ideológicas pelo próprio poder enfrentava dificuldades. Contudo, a entrada do Brasil ao lado dos aliados foi o encerramento destas disputas.

Na região de Caxias do Sul, houve pelo menos o início de um nacionalismo forçado, já que todo e qualquer cidadão acusado de espionagem teria suas posses apreendidas e seria levado às delegacias locais. Desta maneira, houve um forte discurso do nacionalismo, limitando os interesses antagônicos. A título de curiosidade, alguns meses antes de cometer suicídio, Getúlio Vargas vem a Caxias do Sul para inaugurar o Monumento Nacional ao Imigrante que seria destinado a todos e qualquer imigrante. Muitos tomam esse monumento como uma espécie de desculpas à população da região que sofreu com as perseguições, por parte do governo, durante os anos do conflito.

A POLÍTICA NACIONAL

O fato de o Brasil participar na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados expressa uma ambiguidade por parte do governo brasileiro como já foi mencionado anteriormente. Houve hesitação por parte do governo getulista que flertou a possibilidade de ingressar ao lado do eixo movido por Alemanha, Itália e Japão. O fato da região Sul do Brasil, em especial a Serra Gaúcha, constituir-se por predominância de imigração alemã e italiana, criou uma situação complexa. Isso, porque parte da população que vivia ao Nordeste do estado era de origem europeia, não falava português,

tinha dificuldades de acompanhar os desdobramentos do que ocorria em seus países de origem. A falta de informações que chegava apenas pelos jornais, à grande massa, não lhes permitia entender as dimensões da guerra, tal como lutar contra os próprios parentes. O rádio era um artigo de luxo que, na ocasião, tornava antagônicas as opiniões da população destas localidades. Todos esses fatores culminaram em perseguições e prisões, por parte da polícia do governo, o que criou um clima ostensivo, marcado pelo constante estado de medo, por parte dos cidadãos que viviam com a desconfiança e com o receio de serem denunciados às delegacias como espões.

A ENTRADA DO BRASIL NA GUERRA

A Força Expedicionária Brasileira tinha como objetivo combater o fascismo de Mussolini na Itália, juntamente com os aliados. Foi criada em 1943, quando o governo brasileiro concedeu terras do nordeste para a instalação de uma base aérea norte-americana. Fica evidente que a neutralidade, até então existente, por parte do Brasil, havia terminado. Devido à falta de treinamento, aos investimentos escassos e ao mau preparo das tropas brasileiras, muitos acreditavam que um soldado brasileiro jamais pisaria em solo europeu para lutar. Em meados de 1944, esse panorama se modificou, e no dia 02 de julho, após reunir um efetivo de 25 mil soldados, compondo o corpo da divisão brasileira, comandada pelo general Mascarenhas de Moraes, os soldados brasileiros partiram para a guerra.

O exército brasileiro é incorporado junto às divisões anglo-americanas, enfrentando temperaturas de até vinte graus negativo, fome e falta de equipamento adequado, nossos pracinhas conseguiram bravamente obter importantes vitórias sobre alemães e italianos, onde a FEB teve sob sua rendição a lendária septuagésima quadragésima oitava divisão panzer do exército alemão, que lutara na Rússia. Foram vitórias decisivas para o controle da Itália por parte dos aliados. Em oito de maio de 1945, é finalmente proclamada a vitória.

O país teve grande dificuldade para organizar o efetivo de guerra, treiná-los e também equipá-los. O lema da “cobra fumando” refletia a improbabilidade de aderência ao conflito, por questões econômicas e também diplomáticas. Somente dois anos depois da declaração de guerra aos países que compunham o Eixo, é que chegou a Europa o primeiro contingente brasileiro, que atuou no sul da Itália. É nítido como o país foi

relutante com a decisão de entrar no conflito. Além disso, mostra que não foi tão bem recebido pelos países que compunham o grupo dos aliados, uma vez que toda ajuda era bem-vinda.

O treinamento da tropa oriunda da região da Serra Gaúcha foi dividido em três etapas: São Leopoldo, Rio de Janeiro e Nápoles. A fase inicial do treinamento foi a mais difícil, ou seja, a que foi realizada em São Leopoldo, onde se juntaram ao efetivo soldados vindos do interior, que não sabiam falar português. Muitos sabiam o alemão e outros apenas o dialeto do país de origem.

A unidade recebeu gente do interior (estes, convocados). Pessoas da colônia alemã que não sabiam falar português. Dava pena, eram pessoas humildes, da colônia, mas tínhamos alguns sargentos que falavam alemão, por serem da região e, isto, facilitava bastante. O nosso comandante, muito rígido, resolveu mandar colocar no braço desses soldados, uma fita preta, com a recomendação de que somente poderia sair do quartel quando eles soubessem um o português razoável. Para tanto, foram convocadas algumas professoras da cidade para dar aulas, que ocorriam à noite (ARIOLI, 2012, p. 87).

A PREPARAÇÃO DA FEB

Jovens de todo o Brasil ajudaram a compor a Força Expedicionária. Fosse a respeito do desejo por justiça em relação ao que se pregava sobre os navios brasileiros afundados, ou por terem sido convocados pelo serviço militar obrigatório. Tardamente formada, a Força Expedicionária Brasileira contava com 25.334 homens. De acordo com Arioli (2012), foi composta por uma infantaria divisionária, três regimentos de infantaria, uma artilharia divisionária, quatro unidades de artilharia, órgãos divisionários e tropas especiais, entre eles 67 enfermeiras, 25 capelães e 28 funcionários do Banco do Brasil. Com exceção das 67 enfermeiras e um outro pequeno grupo de 110 militares, os outros 25.157 homens que compunham a FEB viajaram de navio para o conflito na Europa (ARIOLI, 2012). A viagem durava em torno de 15 dias e o efetivo brasileiro foi dividido em cinco escalões. O primeiro chegou à Itália em julho de 1944.

O fato de o treinamento das tropas durar em torno de 7 meses até seu primeiro envio para a guerra, nos mostra como o governo não estava encarando o conflito como algo iminente. Ao mesmo tempo, possuía fortes aspirações a se tornar aliado dos países que formavam o Eixo. O fato é que isto não aconteceu e a FEB foi montada por pressão americana e treinada aos seus moldes também. No painel em questão podemos

observar uma série de relatos de soldados explicando como foram parar na guerra. Esses relatos mostram que havia um sentimento de raiva que pairava sobre a população brasileira, mas que, ao mesmo tempo, havia confusão de informações.

Os comandantes esperavam combater na África do Norte, portanto as tropas receberam uniformes de verão, mas a Força Expedicionária Brasileira, ou FEB, foi designada para operar com o Quinto Exército dos EUA que combatia contra a renhida defesa alemã em terrenos montanhosos ao norte de Roma, exatamente quando se iniciava um rigoroso inverno. (SKIDMORE, 2000, p. 173).

Com pouco agasalho e principalmente porque não eram acostumados a esse clima, além de armamentos defasados e com treinamento antiquado, os soldados tiveram que se superar constantemente durante a guerra.

RELATOS DO COTIDIANO DOS SOLDADOS

A participação do Brasil na guerra é por vezes desacreditada. A população desconhece grande parte dos feitos destes heróis. Fome, frio e medo eram constantes, no cotidiano de tropas brasileiras. Na Itália, existem vários monumentos em homenagem a este exército, que além de libertar algumas cidades dos domínios nazistas, ainda faziam todo o possível pela população local⁵⁸. Os treinamentos foram fundamentais para o sucesso dos soldados brasileiros, principalmente os que ocorreram após a chegada ao campo de batalha, proporcionando conquistas importantes a FEB.

ROTEIRO DA EXPEDIÇÃO

Toda a expedição da FEB na Europa foi caracterizada por infortúnios, desde a falta de suprimentos, ao mau treinamento das tropas. Porém, mesmo com todos esses percalços, os brasileiros demostraram uma determinação jamais vista. Conquistaram vitórias importantes dentro do território italiano, que geralmente vinham de desvantagem bélica frente aos poderes do Eixo, em especial ao exército alemão. De fato, isso era algo muito relevante, as tropas nazistas tinham uma capacidade militar infinitamente maior que a dos italianos que, por sua vez, já não

⁵⁸ Dados disponíveis em: <https://passeiosnatoscana.com/2014/08/12/conhecendo-a-historia-do-brasil-na-segunda-guerra-em-pistoia-monumento-e-museu-da-feb/>. Acesso em: mar. 2018. Escrito por uma brasileira e uma italiana, a página faz referências aos monumentos italianos que homenageiam os pracinhas brasileiros, evidenciando que além da camaradagem e simpatia apresentados (características típicas), os soldados também dividiam seus alimentos com a população local.

expressava grande poder de fogo. Naquele momento, a Itália tinha parte de seu território ocupado por alemães, o que dificultou as operações da FEB, que mesmo frente a todo o poder do oponente, realizou uma feroz campanha, tendo angariado vitórias decisivas para a conquista da Itália, por parte dos aliados.

CONCLUSÃO

A participação do Brasil no conflito, apesar de um pouco contraditória, foi satisfatória.

Por motivos políticos e econômicos, a FEB foi a Europa e cumpriu o seu papel. O que acontece depois disso são desleixos de uma sociedade que nunca foi preparada para aprimorar o seu ideal coletivo. Resultado? O esquecimento. Esquecimento das boas ações e de seus méritos, ficando muitas vezes somente os pontos negativos, já bem desgastados e marginalizados pela cultura de países mais influentes.

Infelizmente sofremos de ausência de consciência histórica, que deturpa nosso passado e que nos prejudica em uma análise mais ampla. E como a memória é sempre muito questionada por sua “integridade” pela história, os “lugares de memória” sobrevivem à ideia de que não existe memória espontânea, que se faz necessário à manutenção de datas comemorativas e a criação de instituições. Neste caso, a perpetuação dos lugares de memória possibilita, ao ensino de história, um distanciamento dos efeitos causados pelos fenômenos do imediatismo e também dos avanços da sociedade. Nora (1993) também acredita que a aproximação do historiador com seu objeto de estudo, em um contexto de História do Tempo Presente, evitaria o uso de narrativas direcionadas, que pudessem de alguma forma limitar os estudos.

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. A história nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

ARIOLI, Alberto. **Cabelodelo: A odisseia de uma vida**. 1. ed. Caxias do Sul: Quatrilha Editorial, 2012.

BANTI, Alberto Mario. **L'età contemporanea: dalla grande guerra a oggi**. Bari: Laterza, 2009.

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

- CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do IPHAN**, Brasília, nº 23, p. 94-115, 1994.
- CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.
- CAPELATO, Maria Helena. **O Estado Novo: o que trouxe de novo?** Rio de Janeiro: Record, 2007.
- CHAGAS, Mário. Linguagens, Tecnologias e Processos Museológicos. Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, 2001. **Anais...** São Paulo, 2001.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 94, nº 3, p. 111-124, mai./jun. 2000.
- FRANZINA, Emílio. **A história (quase verdadeira) do soldado desconhecido**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- FUNDAÇÃO CECIERJ. **Educação Pública**. Disponível em: http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0069_10.html. Acesso em: 21 fev. 2018.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- HENRIQUES, Major Elber de Mello. **A FEB doze anos depois**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- LEAL, Alberto. **Serviço militar obrigatório: a alternativa adequada**. Diretoria de Serviço Militar. Brasília, 2007. Disponível em: <http://dsm.dgp.eb.mil.br/destaques/servicomilitarobrigatorio.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2017.
- LEITE, Lígia Silva; CABRAL, Giovanna Rodrigues. O uso de sites educativos na prática docente. 6º Encontro de educação e tecnologias de informação e comunicação, nov. 2008. **Anais...** Rio de Janeiro, 2008.
- NETTO, João Brusa. Neutralidade. **A Época**. Caxias do Sul, Ano I. nº49, 3 de setembro de 1939.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. São Paulo, 1993. **Revista Projeto História**. Vol. 10, dez. 1993.
- PASSEIOS, Toscana. **A História do Brasil na Segunda Guerra em Pistoia: Monumento e Museu da FEB**. Disponível em: <https://passeiosnatoscana.com/2014/08/12/conhecendo-a-historia-do-brasil-na-segunda-guerra-em-pistoia-monumento-e-museu-da-feb/>. Acesso em: 19 fev. 2018.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992.

RICOUER, Paul. Três sujeitos de atribuição da lembrança: eu, os coletivos, os próximos. In: RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2008, p. 130-134.

ROSENHECK, Uri. Entre a comemoração do passado e a construção do futuro: os monumentos da FEB em seus contextos. **Militares e Política**, nº 3, jul./dez. 2008.

SKIDMORE, Thomas E. **Uma História do Brasil**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

IL VIAGGIO

Si viaggia per andare e tornare o per tornare ad andare
Si viaggia per tornare al punto di partenza
Si viaggia per fuggire dal punto di arrivo
Si viaggia con i sentimenti, con l'odio, con l'amore
Si viaggia stando fermi
Si viaggia con e nei propri sogni
Si viaggia per conoscere e poi disconoscere
Si viaggia, ma qual è il punto di partenza, il punto di arrivo, il punto di ritorno, il
punto di non ritorno?
Il viaggio è dentro di noi e non ci abbandona mai.

FIGURA 1: Coppia Nelson Peixoto Ribeiro figlio e Silvia Clara Ulivi con il figlio Silvio Jorge Ulivi Ribeiro



FONTE: archivio privato di Silvio Jorge Ulivi Ribeiro.

PREMESSA

Quanto mi accingo a scrivere non è un resoconto di guerra con valutazioni militari, armamenti, battaglie, strategie, argomenti a me totalmente sconosciuti, ma una testimonianza di come la guerra muove i suoi malcapitati personaggi ed i loro sentimenti, in modo del tutto imprevedibile. Essa infatti, nel caos più totale che inevitabilmente provoca, avvicina persone che mai, anche con il massimo della fantasia, avrebbero potuto pensare di incontrarsi e vivere eventi imprevedibili, persino positivi.

Dedico questo mio breve scritto a mio figlio Emiliano e ai miei nipoti gemelli, Maya e Cristiano, perché possano avere un'idea dei "mondi" che hanno, per loro parte, dato origine alla nostra famiglia, la cui nascita e la conseguente evoluzione è stata direttamente influenzata, e in parte determinata, da due grandi eventi storici della prima metà del secolo scorso: le dittature Nazista, Fascista e la conseguente Seconda Guerra Mondiale.

Com'è naturale tali eventi hanno coinvolto numerose nazioni, prima europee, poi mondiali, costringendo moltissimi giovani ad allontanarsi dai loro luoghi di origine per andare a combattere in terre lontane e sconosciute ed hanno lasciato tracce indelebili nella memoria di tutti coloro che direttamente o indirettamente li hanno vissuti.

La singolarità che mi riguarda però è che da sempre, ancora adesso che scrivo, mi sento figlio di due mondi come mi sento figlio dei due padri tra loro sconosciuti e lontani che in tempi e luoghi diversi mi hanno cresciuto. E, nonostante siano trascorsi quasi settant'anni, sento che la guerra di sentimenti che mi ha accompagnato per gran parte della mia vita non mi ha ancora abbandonato e continua a giocare intorno alla figura paterna.

Intorno agli otto anni di età infatti, dopo aver atteso per tre anni l'arrivo in Italia del padre con il quale avevo vissuto fino all'età di cinque anni, ho cominciato a realizzare che il mio vero padre sarebbe rimasto nella sua Terra di origine, il Brasile, da cui, tre anni prima, io e mia madre eravamo partiti per tornare in Italia dalla nonna e dagli zii materni che abitavano a Pistoia. Più tardi mia madre conobbe una persona, Giorgio, insieme crearono una nuova famiglia ed io cominciai a vivere con quel nuovo padre, che, non senza fatica, avrei successivamente chiamato

“babbo.” Con il passare del tempo, amarlo divenne naturale perché mi stava vicino con tutta la dedizione di un “vero” padre pur non essendolo.

Ma, proprio quando credevo di aver risolto il conflitto di sentimenti che mi aveva attanagliato per anni, scegliendo di riconoscere il mio vero padre in colui che disinteressatamente mi aveva cresciuto e che continuava ad amare me e la mia nuova famiglia, mi sono trovato nella condizione di rimettere in discussione l’oblio del mio padre biologico.

E così ho “viaggiato” da un continente ad un altro, da un padre ad un altro, da una cultura ad un’altra, perennemente accompagnato dall’irrequietezza che caratterizza il mio “io” che, costretto a sopportare la convivenza fra i mondi tra i quali continuamente “viaggio”, si trova a lottare nella costante ricerca di un equilibrio e di una pace interiore.

INIZIO

Tutto inizia, e al tempo stesso termina, in quell’afoso pomeriggio del 20 Settembre 2011.

Erano ancora insieme per “Il Viaggio”, il secondo della loro vita di madre e figlio. Nel primo era lei che, giovane donna appena venticinquenne, teneva per mano e guidava il proprio figlio di cinque anni, adesso invece era lui che, ultrasessantenne, teneva abbracciata al proprio petto quell’urna cineraria con i resti mortali di lei.

Anche quel giorno erano soli, così come soli erano arrivati in Italia: lei tornava alla famiglia e all’amato paese lasciandone uno che avrebbe continuato ad amare per tutta la vita, lui arrivava in un mondo sconosciuto, ignaro degli stravolgimenti che avrebbero mutato la sua vita ma sostenuto dalla certezza dell’amore materno.

Procedevo per quel viale afoso, protetto da una doppia fila di cipressi, alla fine del quale ero atteso per la tumulazione delle ceneri di mia madre in un piccolo loculo. I passi erano lenti, appesantiti dalla sensazione che l’urna pesasse tre, quattro, cinque volte più di quanto avevo immaginato.

L’operazione fu semplice e veloce poi, rimasto solo dinnanzi alla piccola parete di mattoni, ripensai alla foto della mamma che avevo trovato in un angolo dell’armadio, riposta accuratamente in una busta. Al momento del ritrovamento, avevo avuto l’immediata sensazione che fosse quella scelta da mia madre per la sua lastra tombale. Osservai la foto con attenzione: era come se attraverso di essa mi leggesse dentro ed ebbi la netta sensazione che volesse scrollarmi dicendomi:

“Su, cosa fai ? Sbrigati, non stare lì con le mani in mano, vai perché quello che dovevi fare lo hai fatto! Io sono qua dovevo volevo essere da anni. Finalmente insieme a tutta la mia la famiglia ho trovato la serenità che ho sempre cercato.”...

Il primo Viaggio, per il bambino l'origine di tutto, per la madre la fine dell' unico vero amore, era iniziato nel porto di Rio de Janeiro, nel caldo Giugno del 1953 dove il piroscafo “Anna” delle linee di navigazione Costa, era ancorato, enorme e sbuffante pronto alla partenza. Dalla balaustra centinaia di persone si sbracciavano lanciando baci per salutare chi era rimasto a terra. Anche Silvia, la madre, e il piccolo Silvio salutavano Nelson in una lingua che per il bimbo era l'unica conosciuta e che avrebbe utilizzato ancora per poco perché si sarebbe dissolta, proprio come la figura del padre che, diventando sempre più piccolo, in brevissimo tempo scomparve alla sua vista e dalla sua vita, ma il piccolo non poteva prevederlo.

Padre, padri ... questo è il perno sul quale gira la storia dei due: quella di lei, Silvia, nata sei mesi dopo la morte del padre e la mia, Silvio, che portavo il pesante fardello del nome del nonno materno, uomo di grande rigore morale e di principi assoluti. Ma chi è ora il padre del piccolo Silvio: Nelson che l'ha generato, cresciuto ed amato nei suoi primi cinque anni di vita o Giorgio che, senza mai chiedere affetto, lo ha cresciuto, amato e lo ha affiancato nelle tappe fondamentali della sua vita?

Già!... Giorgio alla cui morte Silvio aveva pianto lacrime amare per una perdita straziante, come lo è la perdita di un padre che si è amato per tutta la vita e che, pur non avendoti generato, ti ha guidato con dedizione e dolcezza, sostenendoti nelle difficoltà e condividendo le tue gioie, fino a trasformarsi in grande nonno per suo figlio.

Già!.. Nelson, amato, odiato e poi di nuovo amato. Amato, sì, perché la sua e la tua vita scorrono, vicine e lontane da te, senza che tu lo sappia.

NELSON

FIGURA 2: Nelson Peixoto Ribeiro filho



FONTE: archivio privato di Silvio Jorge Ulivi Ribeiro.

Nelson, il mo padre naturale, era figlio illegittimo di un piccolo fazendero e notaio, di Canavieras (Bahia), e di una popolana che lavorava a servizio nella fazenda padronale. Alla nascita, avvenuta il 26 dicembre 1922, ricevette il cognome della madre. Dopo un anno e mezzo fu riconosciuto membro della famiglia Ribeiro, attraverso un atto sottoscritto dal fratello maggiore del padre, davanti ad un pubblico ufficiale, atto che però non fu al momento accettato dal padre naturale.

La madre comunque, impossibilitata a giustificare la nascita e la presenza del piccolo nella fazenda, partorì in un villaggio vicino e quando lo riportò con sé nella casa del padre lo presentò come suo nipote, nascondendo la sua vera identità persino al piccolo Nelson dal quale si faceva chiamare "zia." Qualche anno dopo, la donna sposò un altro uomo e abbandonò Canavieras per seguire il marito, commesso viaggiatore, nei suoi pellegrinaggi di lavoro in quell'immenso paese che era, ed è, il Brasile. Nelson soffrì molto per lo spostamento a cui fu costretto e non riuscì mai ad inserirsi nella nuova famiglia che nel tempo si era allargata con la nascita di due sorellastre gemelle. Sentendosi rifiutato sia dalla madre che dal patrigno, dal quale spesso subiva percosse e ingiuste puni-

zioni, all'età di tredici anni fuggì a Rio de Janeiro per rifugiarsi in casa di uno zio. Anche qui però non ebbe miglior sorte dato che non fu ben accolto dalla moglie dello zio che, tormentata dalla gelosia, sospettando che il ragazzo fosse figlio di una precedente relazione del marito, ne pretese l'allontanamento.

Dopo aver vissuto alcuni mesi per la strada, Nelson trovò lavoro in un bar, ricevendo come compenso un piatto di minestra al giorno e uno scomodo giaciglio notturno sulla pedana del bancone. Passarono così alcuni anni durante i quali svolse svariati lavori; nel tempo egli gradualmente migliorò la sua situazione economica e finalmente riuscì a stabilirsi in una piccola casa in affitto insieme ad una ragazza di nome Rosalina della quale si era innamorato. Purtroppo la felicità della giovane coppia durò pochissimo: infatti la ragazza dovette affrontare un difficile parto gemellare al quale, forse per la giovane età, non riuscì a sopravvivere. Le due piccole gemelle vennero accudite dalla madre di lei, ma dopo tre mesi morirono, lasciando il giovane padre nella più totale disperazione.

Poco dopo arrivò per lui la chiamata al servizio militare e, poiché negli anni in cui aveva abitato e lavorato nella fazenda del padre aveva imparato a cavalcare, fu destinato ai "Dragoes de Independencia", il reparto dei soldati a cavallo. Nelson, come un chicco di riso, si trovò così stritolato da ingranaggi a lui sconosciuti perché mai e poi mai avrebbe immaginato che di lì a pochi mesi, pur con l'entusiasmo e l'incoscienza giovanile, sarebbe stato catapultato in una situazione altamente drammatica ed in un luogo totalmente sconosciuto. Infatti entrò a far parte del contingente militare inviato in Italia a combattere contro i Tedeschi, sulla Linea Gotica.

Il primo sbarco dei militari brasiliani avvenne ad inizio Dicembre del 1944 nel porto di Napoli, mentre il contingente del quale faceva parte Nelson sbarcò a Livorno, poi da questa base fu trasferito nella pineta di S. Rossore (Pisa) per completare l'addestramento e sostituire l'uniforme brasiliana, costituita da una leggera sahariana, tipica dello stile militare colonico francese su cui era stato forgiato l'esercito brasiliano, con le uniformi americane più adatte al clima italiano. Al termine dell'addestramento, lo scaglione fu inviato a Pistoia dove si trovava la retroguardia brasiliana ed il centro di smistamento dei materiali, per le truppe di prima linea, al quale Nelson fu assegnato.

Un ultimo fatto riferitomi da Nelson stesso è che poco prima della partenza per la guerra, venuto a conoscenza dell'identità del suo vero padre, egli cambiò, in modo del tutto autonomo, il proprio nome di Battesimo che era José Rodriguez de Goes in Nelson Peixoto Ribeiro filho, cioè in quello del padre accompagnato dall'appellativo filho, come si usava in Brasile. Al suo rientro in patria dalla Seconda Guerra Mondiale il nome gli fu confermato dal vero padre che lo riconobbe legalmente ma, come vedremo, ebbe una presa di posizione nei confronti del figlio del tutto inaccettabile.

L'INCONTRO

Dove si siano incontrati la prima volta Silvia e Nelson non lo so con certezza, quasi sicuramente nella zona di Porta S.Marco, dove Silva abitava e Nelson era impiegato nel reparto di Fureria del Deposito di Intendenza della FEB. Suppongo che i due si siano conosciuti ad una festa da ballo dove Silvia, giovanissima, aveva il compito di scortare e vigilare le due sorelle più grandi, entrambe appassionate di ballo. L' incontro avvenne di sicuro sotto l'occhio attento delle due sorelle maggiori che improvvisamente da ruolo di controllate si trovarono a ricoprire quello di controllori che assistono impotenti all'innamoramento di due giovani, sbocciato dall'incontro dei loro sguardi.

L'unica cosa certa è che ciò avvenne nel freddo inverno del 1944, quando Silvia aveva da poco compiuto quindici anni. La giovane età della ragazza e l'immediatezza del fatto del tutto impreveduto spinse i familiari a proibire ai due giovani di incontrarsi da soli, fuori dalle pareti domestiche. Fu così che Nelson cominciò a frequentare fin da subito la casa dove abitavano le tre femmine, la madre e il fratello maggiore, Zerboglio che, dopo la morte del padre, era divenuto capofamiglia. Quest'ultimo, consapevole della grande responsabilità che gravava sulle sue spalle, accolse il militare con distacco e freddezza, mentre la madre di lei si mostrò sempre molto protettiva nei confronti di Nelson. Sicuramente in quel giovane soldato brasiliano ella rivedeva il figlio minore, Silvano, morto, pochi mesi prima all'età di diciannove anni in una missione di guerra della Marina Italiana a bordo del cacciatorpediniere "Riboty." Comunque siano andate le cose, in breve tempo Nelson raccolse le simpatie di tutta la famiglia. C'è da tenere conto anche del fatto che i soldati brasiliani suscitarono nella popolazione della nostra città una particolare empatia

perché, essendo allegri e amanti della musica, riuscivano a stabilire positivi rapporti con le persone.

Il periodo del fidanzamento in casa fu breve perché nella primavera dell'anno successivo le truppe alleate sfondarono la Linea Gotica e per l'esercito brasiliano arrivò il momento del rientro in patria. I due giovani però non vollero separarsi e nel tardo Agosto del 1945 si sposarono. Struggente e felice deve essere stato lo stato d'animo di entrambi: felice perché un matrimonio, qualunque sia lo scenario in cui si svolge, si presuppone apra le porte ad un futuro roseo, struggente perché l'ambiente che circondava i due giovani sposi non riusciva a gioire all'unisono con loro. Le due istantanee in bianco e nero scattate circa ottant'anni fa, che Silvia conservava in una scatola di latta insieme ai ricordi del Brasile, mostrano i loro volti pervasi da una felicità che sgorga spontanea, ma non riesce ad emergere completamente perché offuscata dal ricordo ancora vivo della guerra appena terminata.

FIGURA 3: Silvia Clara Ulivi



FONTE: archivio privato di Silvio Jorge Ulivi Ribeiro.

SILVIA

Per Silvia il primo vagito non fu certo di gioia dato che venne alla luce sei mesi dopo la morte del padre.

Prima dell'avvento del Fascismo, suo padre Silvio era macchinista-fuochista delle Ferrovie dello Stato e la famiglia, allora costituita da sei persone, conduceva una vita nel complesso agiata. Silvio però era un socialista convinto e, quando ai dipendenti pubblici e statali fu imposto di prendere la tessera del Partito Nazionale Fascista, si rifiutò di farlo, di conseguenza prima fu picchiato da una squadraccia fascista e costretto a bere l'olio di ricino e poi fu espulso dalle Ferrovie di Stato. Di colpo le discrete possibilità economiche si ridussero notevolmente e lo stipendio della madre Giuseppina, infermiera presso l'ospedale di Pistoia, incinta di pochi mesi, non fu sufficiente al mantenimento della famiglia. Ella infatti doveva provvedere alle due figlie femmine che erano ancora piccole e ai due figli maschi, il maggiore dei quali aveva appena 15 anni. Quest'ultimo dovette interrompere gli studi per trovarsi un lavoro lontano da casa, mentre il più piccolo frequentò il Collegio Conversini dove nel tempo completò gli studi. Il padre invece trovò un'occupazione mal retribuita in una cava di pietre a Castiglion de' Pepoli in provincia di Bologna, ma ben presto si ammalò di una grave forma di polmonite che lo condusse ad una morte repentina che non gli consentì neppure di assistere alla nascita dell'ultima figlia.

Gli anni antecedenti la Seconda Guerra Mondiale, caratterizzati dal lutto e dalle privazioni, condizionarono la crescita di Silvia che, pur se ferita dal dolore di non aver conosciuto il padre, crebbe con un carattere forte e deciso e mai gradì il ruolo di "piccolina" della famiglia, lottando sempre per avere un qualcosa di suo, solo suo. Silvia studiò sino alla 5ª elementare poi fu mandata a lavorare da un sarto che apprezzò la sua particolare tendenza alla precisione, dote che l'accompagnò per tutta la vita e nel futuro si manifestò con risvolti parossistici.

A 15 anni si innamorò perdutamente del giovane brasiliano di nome Nelson che è rimasto il grande Amore della sua vita: amato ed odiato come tutti i grandi amori! Il suo sentimento era pienamente corrisposto dal giovane militare e, a quanto mi hanno riferito le figlie nate dal successivo matrimonio contratto da Nelson molti anni dopo in Brasile, credo che Silvia sia stata l'unico vero amore del mio padre naturale.

FIGURA 4: matrimonio di Nelson Peixoto Ribeiro filho e Sílvia Clara Ulivi: chiesa dello Spirito Santo Pistoia



FONTE: archivio privato di Silvio Jorge Ulivi Ribeiro

VITA IN BRASILE

FIGURA 5: Sílvio Jorge Ulivi Ribeiro con piccoli amici in Brasile



FONTE: archivio privato di Silvio Jorge Ulivi Ribeiro

Silvia e Nelson, si sposarono nella chiesa dello Spirito Santo di Pistoia il 26 Agosto 1945, all'età di 24 anni lui, mentre lei, essendo nata 3 Settembre 1929, non aveva ancora compiuto i 16 anni. Il matrimonio fu celebrato dopo che Nelson ebbe ottenuto l'autorizzazione dal proprio comando militare e Silvia il consenso della madre perché minorenne ed orfana. La mia personale idea su questo matrimonio è che se fosse stato vivo il padre di lei non avrebbe acconsentito alle nozze, ma la precaria situazione familiare e la determinazione di Silvia probabilmente portarono tutti i familiari a pensare che questa sua scelta le offrisse un futuro migliore.

Dopo la celebrazione religiosa, a causa della totale instabilità dovuta alla guerra non ancora terminata ed alla loro precaria situazione economica, i giovani sposi non poterono concedersi neppure un brevissima Luna di miele: Silvia tornò in seno alla famiglia mentre Nelson riprese i suoi doveri di militare.

I primi di Ottobre del 1945, dopo un anno trascorso in Italia, Nelson fu imbarcato a Napoli sulla nave americana da trasporto truppe, "Gen. Meiggs", per fare rientro in Brasile, mentre Silvia, insieme ad altre sei giovani "spose di guerra", si imbarcò sulla "Dom Pedro II" che partì dal porto di Livorno il 06 Ottobre 1945 ed attraccò nel porto di Rio de Janeiro il 31 Ottobre 1945. Finalmente riuniti, i giovani sposi iniziarono la vita matrimoniale basata su un legame che entrambi ritenevano indissolubile e che aiutò Silvia a inserirsi in una realtà totalmente sconosciuta e lontana, superando le iniziali difficoltà legate alla lingua, alle abitudini quotidiane, al cibo e al tipo di abitazione. Ben presto però si trovarono ad affrontare le difficoltà di reinserimento nella società dei soldati che per di più non erano ben visti perché avevano combattuto una guerra "non sentita" dalla maggior parte della popolazione.

Il primo grande problema per Nelson fu quello di trovare un'occupazione stabile e redditizia, egli perciò decise di recarsi dal padre, proprietario di una piccola fazenda, a Canavieras nello Stato di Bahia, per presentargli la sua giovane sposa e ricevere un aiuto a trovare lavoro. Silvia ha sempre raccontato di un viaggio avventuroso della durata di molti giorni, svoltosi a bordo di svariati mezzi di trasporto: piccoli e traballanti aerei, cavalli e canoe per attraversare corsi d'acqua infestati dai piranhas. Questo viaggio mise a dura prova la resistenza della ragazza che, trovandosi catapultata in un ambiente "selvaggio" dal clima violento, ne rimase traumatizzata.

Sicuramente Nelson non aveva valutato lo strapazzo a cui sottoponeva la giovane sposa: il suo intento infatti era quello di chiedere aiuto al padre, che lo aveva ufficialmente riconosciuto al suo ritorno dalla guerra, per trovare una sistemazione e vivere decorosamente con la propria sposa. Purtroppo il suo programma non coincideva con quello paterno che prevedeva un matrimonio con la figlia di un fazendero, suo amico. E fu così che il padre, doppiamente deluso per il fallimento del suo progetto e per il fatto che il figlio avesse preferito una donna straniera ad una ricca brasiliana, rispedì i due giovani sposi da dove erano venuti.

Rientrati a Rio, Nelson trovò un modesto impiego al porto e una piccola abitazione nell' Ilha do Governador. Purtroppo le difficoltà per i giovani sposi non erano terminate! Dopo pochi mesi, Silvia, indebolita dal viaggio e molto provata dal clima tropicale non adatto alla sua gracile costituzione, incinta di due gemelli, abortì spontaneamente e subì due interventi alle tonsille. Fortunatamente la seconda gravidanza andò a buon fine e il 17 Febbraio 1948 nacque il loro primo e unico figlio al quale, in ricordo del padre di lei, fu imposto il nome di Silvio.

Dei successivi cinque anni trascorsi in Brasile con mio padre conosco solo alcuni dettagli emersi sporadicamente dai racconti di mia madre che spesso riferiva di essersi sentita trascurata dal marito, anche se ha sempre riconosciuto l'esistenza di un forte legame tra mio padre e me da piccolo. E neppure conosco le vere motivazioni che portarono mia madre a intraprendere il lungo viaggio di ritorno in Italia, ma posso immaginare che le difficoltà quotidiane aggravate dalla sua cagionevole salute l'abbiano spinta a tornare in Italia per potersi rimettere fisicamente. La versione ufficiale, appresa da mia madre e avallata dalle lettere che intercorsero tra lei e Nelson, è che la famiglia si sarebbe riunita, a breve, o in Italia o in Brasile. Nelson infatti autorizzò il figlio a viaggiare con la madre perché l'accordo era quello che entrambi sarebbero ritornati ma così non fu.

FIGURA 6: Silvia con il piccolo Silvio e gli amici. La partenza da Rio de Janeiro



FONTE: archivio privato di Silvio Jorge Ulivi Ribeiro.

La partenza da Rio de Janeiro avvenne il 27 Luglio 1953 sul transatlantico “Anna” delle linee di navigazioni Costa, che arrivò a Genova il 10 Agosto 1953. Io avevo appena cinque anni e di questo lungo viaggio ho solo dei vaghi ricordi, mentre ricordo bene l’arrivo a Pistoia e gli anni vissuti in casa della nonna e degli zii.

Nonostante il fallimento del matrimonio, Silvia mantenne un forte attaccamento al Brasile trasmettendolo anche a me e fu così che si creò in entrambi un rapporto di odio-amore verso quel paese che aveva affascinato mia madre e che è la terra in cui sono nato. Per quanto mi riguarda, ho sempre sentito una forte attrazione per il Brasile e fin dalla mia maggiore età ho considerato il Monumento votivo di Pistoia un “pezzo” di patria dove vive una parte del mio io.” Esso rappresenta per me un luogo “magico” dove trovo serenità e nel quale mi rifugio quando ho bisogno di isolarmi, ma anche quando voglio ripensare ad alcuni eventi felici quali il matrimonio, la nascita di mio figlio e dei nipoti e, perché no, tutte le volte che il Brasile ci dà la gioia di vincere i Mondiali di Calcio.

RITORNO IN ITALIA

Allo sbarco del transatlantico a Genova, la mamma si aspettava di trovare ad accoglierci la nonna, la zia Mimosa e lo zio Zerboglio ma per

un disguido sull'orario di arrivo, proprio quando la nave attraccava al porto i miei salivano sul treno. E fu così che io e mia madre, ancora una volta ci trovammo soli a gestire una nuova difficoltà, lei però non si perse d'animo: aiutati da alcuni compassionevoli passeggeri che ci aiutarono a caricare i numerosi bagagli, salimmo sul treno e dopo alcune ore arrivammo a Pistoia. Ricordo con esattezza che per arrivare dalla stazione a casa della nonna utilizzammo una carrozza tirata dal cavallo e che il cocchiere ci aiutò a scaricare un pesante baule che, insieme ai nostri abiti, conteneva diversi chili di caffè e di cacao oltre che varie confezioni di sigari cubani che, forse fidandosi dell'aspetto sprovveduto dei due passeggeri, i doganieri avevano ignorato.

Della mia infanzia in Italia ho ricordi vaghi, ma so con certezza che quando chiedevo di mio padre, i primi tempi mi veniva detto che sarebbe arrivato presto, poi in famiglia si parlò sempre meno di lui fino a ch , all'et  di otto anni mi fu detto di non aspettarlo pi . Non ricordo con esattezza quale fu la mia reazione immediata, ma so che al momento la notizia non mi cre  alcun disagio. Stavo bene in casa della nonna che, pur avendo altri nipotini, non aveva occhi che per me; quando lei era assente, poi, venivo ospitato dai vicini di casa con i quali i miei avevano stretto rapporti di amicizia. Anch'essi mi adoravano e spesso mi invitavano a pranzo. La zia Mimosa che lavorava a Prato stava con noi solo il fine settimana tornava; io l'aspettavo con gioia perch  era la mia zia preferita: infatti scherzava sempre con me e, ogni sabato, dopo il rituale del bagno, mi accompagnava a letto e mi raccontava o mi leggeva tante storie. Insomma: ero il "cocco di casa" e tutti, tranne mia madre, erano disposti a perdonare le mie malefatte. La mamma era pi  severa perch  sentiva la grande responsabilit  della mia educazione ed era spesso preoccupata. Solo pi  tardi ne ho capito il motivo.

In base all'allora vigente "Diritto di Famiglia" mio padre, avendo il pieno diritto di "patria potest " sui figli, avrebbe potuto farmi rientrare in Brasile in qualsiasi momento, anche perch  al momento della nostra partenza da Rio de Janeiro, egli aveva sottoscritto il permesso di rientrare in Italia inoltre ogni due anni doveva essere rinnovato il passaporto. Per questo motivo, i primi anni di permanenza in Italia di mia madre furono tormentati dal pensiero di perdermi.

Con il passare del tempo riusc  a tranquillizzarsi, soprattutto perch  i contatti con Nelson si fecero sempre pi  rari fino a diventare quasi inesistenti e cos  restarono per molti anni. Nel frattempo mia madre

conobbe Giorgio e dall'età di tredici anni in poi vivemmo insieme a lui. Confesso che inizialmente non riuscivo a chiamarlo "babbo" (termine comunemente usato in Toscana per rivolgersi alla figura paterna) e cercavo ogni espediente per non usare questa parola quando mi rivolgevo a lui. Con il passare del tempo però l'ho amato come un vero padre e l'ho considerato tale a tutti gli effetti. Non potevo però dimenticare l'esistenza del mio padre naturale, verso il quale avevo maturato un sentimento negativo del quale ho preso piena coscienza quando, divenuto padre di un figlio di cinque anni al quale ero, e son, legato indissolubilmente, mi chiesi come fosse possibile lasciar andar via un figlio di quell'età.

Credo proprio che sia stato in quel periodo che, nonostante l'attrazione che ho sempre avuto per il Brasile, decisi di abbandonare per sempre l'idea di ritornare nella mia terra natale e di cercare notizie di Nelson, anche perché non volevo in qualche modo ferire Giorgio che amava più di ogni altra persona me, mia moglie Lisetta e mio figlio Emilano. Per molti anni sono stato fermo in questa mia decisione fino a ché, a conferma che nella vita non esistono certezze inconfutabili non accaddero i fatti che descrivo al presente.

Nel cuore della notte squilla il telefono svegliandomi di soprassalto, penso subito a mio figlio, in vacanza con amici a Barcellona, invece con mia grande sorpresa mi trovo a parlare con una voce femminile che mi chiede, in un portoghese abbastanza comprensibile, se sono veramente Silvio Jorge Ribeiro, io rispondo di sì e la voce mi dice che: "tuo padre sta qui." Non ci ho visto più dalla rabbia.

Improvvisamente, come un secchio di acqua ghiacciata, sessant'anni di odio mi sono ribolliti nel sangue, sessant'anni trascorsi senza una lettera indirizzata a me, senza una telefonata, senza una parola o un gesto di affetto mentre io sapevo, per vie traverse, che mio padre si era risposato generando due sorelle gemelle e, al momento in cui l'avevo appreso, avevo nuovamente provato frustrazione e rabbia.

Parlai concitatamente con mia moglie interrogandomi sul significato delle parole "sta qui", pensai che forse era in Italia e dissi a mia moglie che se l'indomani si fosse presentato qualcuno a casa nostra, mi doveva fare il piacere di non aprire a quelle persone. A distanza di diversi mesi seguirono altre telefonate alle quali mi negai. Molto più tardi ho poi saputo che le mie sorelle avevano avuto il mio numero di telefono da

una persona loro amica che era stato in visita in Italia e aveva trovato il mio nome nell'elenco telefonico.

Il tempo passava e le mie situazioni familiari, come quelle di tutti, mutavano. Giorgio, cui sarò sempre debitore moralmente e materialmente, morì dopo un anno di malattia durante il quale l'avevo assistito come un figlio. E come un vero figlio avevo sofferto per la sua morte. Pochi mesi dopo, nacquero i miei due nipoti gemelli, Cristiano e Maya, mentre mia madre si aggravò infermandosi del tutto.

In questo burrascoso periodo ricevetti una telefonata dal Brasile durante la quale una signora, che si dichiarò amica di famiglia di Nelson, mi parlò di lui, delle traversie che aveva avuto, della sua lunga solitudine prima di incontrare una donna che in seguito era divenuta sua moglie. Sottolineò anche il fatto che egli non aveva mai nascosto di avere un figlio in Italia, avuto da una moglie italiana, ma che non aveva mai trovato il coraggio di contattarlo perché consapevole del tipo di reazione che avrebbe dovuto aspettarsi. Infine mi avvisò che alla telefonata sarebbe seguita una lettera.

Ripensando a questa telefonata non so come ho fatto a capirne il contenuto in portoghese né perché non avevo staccato subito come nelle precedenti. Ricordo invece con mia grande sorpresa che ascoltai con calma e chiesi alla signora di inviarmi una fotografia della famiglia di Nelson per vedere e cercare di capire se fra me e lui ci fosse una qualche somiglianza. Il momento in cui ricevetti la lettera contenente la foto è stampato nella mia mente: non avevo la forza di aprirla, poi quando finalmente ci riuscii, trovai la foto di un signore anziano che mi apparve subito come il mio sosia da vecchio. Accanto a lui era seduta una signora altrettanto anziana e due donne non più giovani. Il gruppo di famiglia era circondato anche da due belle ragazze e da due maschi che presumibilmente erano i nipoti.

Mi precipitai da mia madre alla quale riferii l'accaduto e lei mi rispose che quello non era più il tempo di parlare del Brasile e del mio padre naturale. Dopo pochi giorni, anche lei morì e la persona che l'aveva accudita mi riferì queste parole pronunciate da mia madre: "Dopo la mia morte Silvio andrà in Brasile per incontrare suo padre e CAPIRE."

A questi fatti seguì un periodo molto travagliato, durante il quale si susseguirono varie telefonate che avevo difficoltà a comprendere. Intanto maturava in me l'idea di intraprendere il viaggio in Brasile per incontra-

re mio padre novantenne dal quale intendevo ricevere molti chiarimenti. Proprio per questo motivo pensai di frequentare un corso di portoghese sperando di “ri”acquisire almeno in parte la mia madre lingua. E così nel gennaio del 2012 io e mia moglie partimmo alla volta di Rio de Janeiro. A questo punto fanno ormai parte del passato la tensione nervosa del viaggio, le lacrime all’aeroporto di Rio mentre abbracciavo le mie sorelle, l’impaccio provato nell’incontro con mio padre e la pesantezza delle mie gambe di piombo che non rispondevano al comando del cuore che chiedeva di fuggire il più lontano possibile dalle persone che piangevano, gioivano, applaudivano, in occasione della grande festa organizzata dai miei familiari alla quale decine di “Ribeiro” era accorsi per conoscermi.

Dopo un secondo viaggio dall’Italia a San Salvador di Bahia, dove mia moglie ed io fummo ospitati dall’ amica di mio padre, protagonista della telefonata, decisi di trascorrere due mesi in Brasile da solo, in casa di mio padre e della sua famiglia. Il mio vero intento era capire se a distanza di ben sessant’ anni fosse ancora possibile ristabilire un rapporto padre-figlio. Ho dovuto però constatare che questo lungo periodo, in cui siamo vissuti in Paesi così geograficamente lontani e diversi per cultura, usi e costumi, ha scavato un solco insormontabile e che, al di là del rinnovato affetto che mi lega al mio vecchio padre naturale, non è stato possibile ricreare quel rapporto di amore filiale che mi è mancato per tutta la vita.

Siamo quindi due persone che durante il periodo di vita che ci rimane si sforzeranno di lasciare un messaggio d’amore nel ricordo di tutti i componenti delle nostre famiglie sia in Brasile che in Italia. E così il prossimo futuro, pur breve che sia, ci ripagherà un poco del passato, che non è stato completamente voluto da noi, ma subito a causa di eventi che ci sovrastano e ci muovono come semplici pedine su una più grande scacchiera che è la vita.

LETTERE NELSON

Riporto qui di seguito alcuni brani di lettere che mio padre scrisse a Silvia dopo la sua partenza. Sapevo della loro esistenza ma non le avevo mai lette perché mia madre non le aveva mai mostrate ad alcuno. Le ho potute leggere solo dopo la morte di Silvia perché le teneva gelosamente conservate in un cassetto insieme ad altri documenti che riportò dal Brasile.

Leggendole mi ha colpito il fatto che, a causa della nostalgia della moglie e del figlio, Nelson iniziò a scrivere mentre i due erano ancora in

viaggio verso l'Italia. L'ultima lettera, datata 07/07/1971 è la risposta a quella di mia madre che conteneva la richiesta di documenti per il divorzio, in essa Nelson chiede, a moglie e figlio, comprensione e perdono.

Rio de Janeiro 11 de Agosto de 1953

Querida Silvia escrevo-te esta carta
ja pouco de saudades tuas e do Silvino.

Silvia hoje faz 17 dias que tu
embargou e so recebi a tua carta da Bahia,
querida tu nao imagina a minha preocupacao para
saber noticias mais detalhada da tua viagem
se foi boa se enjoin se o Silvino sentiu
muito, se chegou magro, Silvia espero que depois
de tu matas as saudades com todos me escreva
com urgencia.

AGOSTO 1953: Prima lettera di Nelson in risposta alla lettera inviata da Silvia durante lo scalo a Bahia

4/2/54

Silvia acabo neste momento de ler a tua
1ª carta data 12/8/53 como me comoven esta
carta por era as primeiras noticias tuas e do Silvino
e como ela esta cheia de esperancas de um
grande futuro nosso, mas o tempo para voce
passou, e voce mudou muito, voce nas
tuas ultimas cartas nao diz mas que sente
saudades minhas e nao diz mas querido de
e nem tampouco como estao agora e simples-
mente estao no fim nem um beijo e amola
mas ~~depois~~ ate hoje a minha ultima carta
de 29/12/54 ainda nao tive resposta e nao
tampouco voce da atencao ao que eu lhe mandei
dizer sobre a casa ou apartamento que devo
comprar com o prazo de 3 meses voce nao
da a minha importancia.

4 FEBBRAIO 1954: I primi dubbi si insinuano

Rio 28 julho de 1958

Silvia recebi a tua carta e lhe respondo com urgência; estes me fazem exatamente 6 anos que estais junto à tua família e ainda não recuperou a tua saúde isto me deixou triste porque eu imaginava que voze junto a todos os teus e na tua terra, gozaria muita saúde, agora vejo quando mal eu te fiz, espero que me perdoe e compreenda que não fiz por mal eu não seria capaz de tanta maldade.

Silvia vejo que meu filho está se tornando um homem, espero que ele saiba te recompensar todos os teus sacrifícios que voze tem feito por ele; sinto de todo meu coração não estar perto para poder ajudar a criá-lo; se ele estiver junto a mim voze tem sabe quanto eu faria por ele, todos os sacrifícios necessário para a sua criação e educação, mas da forma que voze quer e é impossível porque eu não vou não para depender uma mesada e mandar todos os meses, o meu dinheiro pouco vale e o que ganho gasto, voze me conhece bem e sabe que não sei economizar, além do mais vivo só não tenho que fazer nada por mim, minha despesa é muito grande, porque tudo que quero e no dinheiro, estou morando em miteria num apartamento pequeno e pago de aluguel 3500.00, tenho medo de minha vida, aos tempos não quero mais saber de mulher com minha companhia pois tenho certeza que não sou bom esposo.

GIORGIO

FIGURA 7: Giorgio Luigi Bigagli



FONTE: archivio privato di Silvio Jorge Ulivi Ribeiro.

Anche la vita di Giorgio, secondo marito di mia madre e mio padre dal 1961 all'anno della sua morte avvenuta nel 2019, è stata fortemente condizionata dalle vicende legate alla Seconda guerra mondiale alla quale fu obbligato a partecipare da soldato semplice.

Egli infatti era nato il 10 Settembre 1924 in seno ad una famiglia di contadini nella quale il capo riconosciuto non era suo padre, bensì il nonno che aveva poteri decisionali su tutti coloro che vivevano sotto lo stesso tetto. Giunto all'età della leva militare fu chiamato alle armi e inviato in Sicilia dove si trovava l'8 Settembre del 1943, quando il capo del governo italiano Pietro Badoglio lanciò l'infausto proclama dell'Armistizio. Com'è noto, a causa dell'ambiguità del suddetto proclama, si creò un vero e proprio marasma nelle file dell'esercito italiano che di punto in bianco si trovò nella condizione di non sapere chi fosse il nemico da combattere. E fu così che Giorgio, come tantissimi soldati decise di intraprendere un avventuroso viaggio, di circa 1200 Km, dalla Sicilia alla Toscana, durante il quale percorse alcuni tratti in bicicletta o in treno, ma principalmente a piedi, affrontando intemperie e sopportando la fame.

Il 28 Luglio 1944, i Tedeschi eseguirono un rastrellamento a Pistoia e per evitare la cattura Giorgio si nascose nel fienile della casa colonica nella quale viveva la sua famiglia. I Tedeschi però, informati della presenza di molti uomini nascosti, minacciarono di minare le case facendole saltare in aria insieme alle donne e ai bambini. A questo punto, consci del fatto che tali "promesse" sarebbero state mantenute, per evitare stragi di civili, Giorgio ed altri soldati italiani si consegnarono ai soldati germanici che li fecero prigionieri.

Da quel fatidico 28 luglio fino al 15 Aprile 1945, giorno della Liberazione da parte delle truppe alleate, cioè per oltre otto mesi, tutti coloro che erano stati fatti prigionieri subirono un trattamento durissimo perché furono obbligati a lavorare di piccone costruendo trincee lungo la linea difensiva tedesca conosciuta come Linea Gotica che si snodava verso la montagna: da San Mommè, in provincia di Pistoia, a Marano e San Lazzaro, in provincia di Bologna, fino a Lugo di Romagna, in provincia di Ravenna.

Giorgio raccontava che per evitare di essere intercettati dagli alleati gli spostamenti dei prigionieri avvenivano sempre a piedi e di notte, il cibo di cui disponevano era scarso o inesistente: mangiavano patate,

quando andava bene, altrimenti brucavano l'erba dei prati come fanno le pecore. Per quanto riguarda il vestiario, la situazione era ancora peggiore: Giorgio trascorse tutto il periodo della prigionia, persino la notte di Natale del 1944, in pantaloni corti e camicia, senza giacca, dormendo all'aperto sulla paglia, privo di copertura, o avvolto da una misera coperta piena di pidocchi, quando riuscivano a trovarla.

Dopo alcuni mesi, Giorgio iniziò ad accusare forti febbri ma il medico militare tedesco, al quale aveva chiesto una visita, non prese neppure in considerazione la sua richiesta; soltanto una seconda volta, attanagliato da una febbre violentissima, ottenne di riposare per una settimana. Durante il rimanente tempo della prigionia egli si sentì privo di forze e affetto da malanni, ma evitò di chiedere l'intervento del medico militare perché sapeva che i rastrellati non potevano essere trattati come infermi e, nel caso fossero stati dichiarati inabili al lavoro, rischiavano l'eliminazione fisica o l'internamento in un campo di prigionia in Germania.

Fortunatamente, durante un bombardamento delle truppe alleate sulla stazione di Bologna, dove i prigionieri erano stati collocati, in attesa di trasferimento in una località a loro sconosciuta e che molto probabilmente era un campo di prigionieri tedesco, Giorgio riuscì a fuggire. Non appena si trovò a distanza di sicurezza dai soldati tedeschi, intraprese l'ennesimo spostamento verso casa, a piedi, camminando di notte e dormendo di giorno. Durante la fuga trovò aiuto presso una famiglia di contadini che, impietositi dalle sue condizioni, gli procurarono degli abiti civili per proseguire il lungo viaggio con maggiore sicurezza e giungere finalmente a casa, anche se sfinito e cronicamente ammalato.

Nonostante la guerra fosse alla fine, le sue peregrinazioni non erano finite: infatti quest'ultima terrificante esperienza aveva minato il suo fisico che per molto tempo fu soggetto a continue febbri e ricadute. Após várias internações, descobriu que sofria de Tuberculose e foi forçado a sair de casa novamente para tratar a doença no Santório San Camillo de Vittoria Apuana, na província de Fort dei Marmi. Questa malattia infatti era molto contagiosa e non essendoci a quei tempi altra cura efficace se non "aria buona e sostanziosa alimentazione" coloro che ne erano affetti venivano allontanati da casa per essere curati in soggiorni posti in altura o in prossimità del mare dove si praticava l'Elioterapia.

Del suo soggiorno nel sanatorio, durato circa due anni, Giorgio aveva un buon ricordo, non può dirsi altrettanto però del periodo successivo al rientro a casa. Egli infatti raccontava di aver sofferto moltissimo per le conseguenze psicologiche che questa malattia, dopo la guarigione, gli aveva provocato al momento del suo reinserimento nella società. Chi rientrava da un soggiorno in Sanatorio era considerato un “appestato”, i rapporti di amicizia non erano più gli stessi, per non parlare poi di quelli sentimentali!... Al suo rientro a Pistoia, il fidanzamento con la ragazza che amava, fu interrotto bruscamente ed egli dovette affrontare un lungo periodo di solitudine prima di conoscere Silvia, nell'estate del 1957.

L'occasione dell'incontro fu la visita ad un campeggio, organizzato da un'associazione cattolica di cui Giorgio faceva parte, dove il piccolo Silvio aveva soggiornato per una decina di giorni insieme ad altri ragazzi. In seguito Giorgio e Silvia cominciarono a frequentarsi di nascosto ai loro familiari, scoprendo di essere innamorati ed entrambi desiderosi di ottenere finalmente un po' di serenità.

Giorgio si affezionò subito al piccolo Silvio e ben presto decise di andare a vivere insieme a Silvia e al suo fanciullo che fin dal primo momento considerò come un proprio figlio, continuando però ad occuparsi amorevolmente di Alberto, figlio della sua sorella Olga, rimasta incinta di un militare italiano che la lasciò ragazza madre, preferendo fuggire piuttosto che assumersi le sue responsabilità di padre. E così per tutta la vita si fece carico dell'educazione di due figli di cui non era padre.

CONCLUSIONE

Che senso dare a questa storia che ha smosso sentimenti, anche contrastanti, sin dal suo inizio?

Amore, incontri, abbandoni, odio, incomprensioni, viaggi si sono susseguiti per oltre sessant'anni rimbalzando fra due “mondi” lontani e diversi. Tuttavia, a questo punto della mia vita, credo di poter affermare che l'aver chiuso il cerchio dei affetti mi ha dato una serenità che ha ripagato le mie sofferenze. E credo di poter affermare che ciò è avvenuto anche per tutti coloro che sono stati coinvolti in questa storia.

Accadimenti simili a quelli narrati, se ben ricordo, sono stati definiti dagli storici moderni con il termine di “microstoria”, fatti che danno un senso alla Storia, quella con la S maiuscola. Ed è come se questi innumerevoli piccoli accadimenti affluissero, come ruscelli, in un più grande

maestoso fiume, che è appunto la Storia. Questa materia, riconosciuta e divulgata attraverso fatti eclatanti come spedizioni, battaglie, date, atti di eroismo e di viltà, dispersi, prigionieri, massacri, morti, feriti, deportati, invalidi ... tralascia necessariamente gli stati d'animo dei singoli esseri umani e i cambiamenti che avvengono nelle famiglie e che si ripercuotono nel sociale. E più ci si allontana dalla data degli accadimenti più la narrazione dei fatti diventa sintetica, ma il ricordo delle singole situazioni restano indelebili nella mente di chi le ha vissute. Sono perciò convinto dell' importanza che la narrazione del vissuto familiare venga tramandato di generazione in generazione per mantenere vivo il ricordo del passato nei giovani che possono trarre da essa motivazioni e forza per affrontare il futuro.

FIGURA 8: Nelson Peixoto Ribeiro filho e Sílvio Jorge Ulivi Ribeiro



FONTE: archivio privato di Sílvio Jorge Ulivi Ribeiro.

FUTURO

DOIS PAIS, DOIS MUNDOS

Sílvia Ribeiro Jorge Ulivi Ribeiro

Tradução de Gilce Maria Pastore⁵⁹ e Rosana Peccini

A JORNADA

Você viaja para ir e voltar
Você viaja para voltar ao ponto de partida
Você viaja para escapar do ponto de chegada
Você viaja com sentimentos, com ódio, com amor
Você viaja imóvel
Você viaja com e em seus sonhos
Você viaja para saber e depois repudiar
Você viaja, mas qual é o ponto de partida, o ponto de chegada, o ponto de retorno?
A jornada está dentro de nós e nunca nos abandona.

FIGURA 1: casal Nelson Peixoto Ribeiro filho e Silvia Clara Ulivi com o filho Sílvio



FONTE: arquivo particular de Nelson Jorge Ulivi Ribeiro

⁵⁹ Professora, professora e pedagoga.

PREMISSA

O que estou prestes a escrever não é um relato de guerra com avaliações militares, armamentos, batalhas, estratégias, tópicos totalmente desconhecidos para mim, mas um testemunho de como a guerra moveu seus personagens malfadados e seus sentimentos, de uma forma completamente imprevisível. De fato, no caos mais total que inevitavelmente provoca, aproxima as pessoas mais do que nunca, mesmo com a máxima imaginação, poderia ter pensado em conhecer e vivenciar eventos imprevisíveis e até positivos.

Dedico este breve relato ao meu filho Emiliano e aos meus netos gêmeos, Maya e Cristiano, para que eles possam ter uma ideia dos “mundos” que, por sua vez, deram origem à nossa família, cujo nascimento e evolução subsequente foram diretamente influenciados, e parcialmente determinados, por dois grandes acontecimentos históricos da primeira metade do século passado: as ditaduras nazistas, fascistas e a consequente Segunda Guerra Mundial.

Como é natural, tais eventos envolveram muitas nações; primeiro as nações europeias; depois as mundiais, forçando muitos jovens a se afastarem de seus lugares de origem para ir lutar em terras distantes e desconhecidas, tendo deixado traços indelévels na memória de todos aqueles que a viveram direta ou indiretamente.

A singularidade que me preocupa, no entanto, é que sempre, mesmo agora que escrevo, sinto-me o filho de dois mundos como também o filho dos dois pais, desconhecido e distante deles, que em tempos e lugares diferentes me criaram. E, apesar do fato de que quase setenta anos se passaram, desde a guerra de sentimentos que tem me acompanhado durante a maior parte da minha vida, ainda não me abandonou e continua a brincar com a figura paterna.

Por volta dos oito anos, na verdade, depois de esperar três anos pela chegada à Itália do pai com quem morei até os cinco anos de idade, comecei a perceber que meu verdadeiro pai permaneceria em sua terra natal, o Brasil, do qual, três anos antes, minha mãe e eu tínhamos voltado para a Itália junto a nossa avó e tios maternos que moravam em Pistoia. Mais tarde minha mãe conheceu uma pessoa, Giorgio. Juntos eles criaram uma nova família e eu comecei a viver com aquele novo pai, que, não sem esforço, eu mais tarde chamaria de “babbo⁶⁰.” Com o tempo, amá-lo

⁶⁰ Babbo é um termo utilizado para se referir ao pai na intimidade familiar.

tornou-se natural porque ele estava perto de mim com toda a dedicação de um pai “real”, mesmo que ele não fosse.

Mas, quando pensei que tinha resolvido o conflito de sentimentos que me dominaram por anos, escolhendo reconhecer meu verdadeiro pai naquele que me criou altruísta e que continuou a amar a mim e à minha nova família, me encontrei em posição de questionar o esquecimento do meu pai biológico.

E assim eu “viajei” de um continente para outro, de um pai para outro, de uma cultura para outra, perpetuamente acompanhado pela inquietação que caracteriza meu “eu” que, forçado a suportar a convivência entre os mundos entre os quais continuamente “jornada”, encontra-se lutando na busca constante por um equilíbrio e paz interior.

COMEÇO

Tudo começa e, ao mesmo tempo, termina naquela tarde abafada de 20 de setembro de 2011.

Eles ainda estavam juntos para “A Viagem”, a segunda da vida de mãe e filho. No primeiro foi ela quem, uma jovem de apenas vinte e cinco anos, deu as mãos e guiou seu filho de cinco anos, mas agora foi ele quem, com mais de sessenta anos, segurou aquela urna cinerária com os restos mortais dela no peito.

Mesmo naquele dia eles estavam sozinhos, assim como quando chegaram à Itália: ela voltou para sua família e para seu amado país, deixando um que ela continuaria a amar ao longo de sua vida. Ele chegou em um mundo desconhecido, sem saber das turbulências que mudariam sua vida, mas apoiado pela certeza do amor materno.

Eu fui para aquela avenida opressiva, protegida por uma fila dupla de cipreste, no final do qual eu deveria sepultar as cinzas da minha mãe em um pequeno lóculo. Os passos eram lentos, ponderados pela sensação de que a urna pesava três, quatro, cinco vezes mais do que eu imaginava.

A operação foi rápida e fácil, sendo deixada apenas em frente à pequena parede de tijolos. Pensei na foto da mãe que tinha encontrado no canto do armário, cuidadosamente colocada em um envelope. No momento do achado, tive a sensação imediata de que era a escolhida pela minha mãe para sua lápide. Olhei para a foto com atenção: era como se através dela minha mãe estivesse me lendo por dentro e eu tinha a nítida sensação de que ela queria me sacudir e dizer:

“Vamos lá, o que você faz? Apresse-se, não fique aí com as mãos inertes, vá porque o que você tinha que fazer você fez! Estou aqui, tive que ficar por anos. Finalmente, junto com toda a minha família, encontrei a serenidade que sempre procurei.”

A primeira viagem, para a criança foi a origem de tudo, para a mãe o fim do único amor verdadeiro, tinha começado no porto do Rio de Janeiro, no calor de junho de 1953, onde o vapor “Anna” das linhas de navegação Costa, estava ancorado, enorme e assoprante, pronto para partir. Da balaustrada, centenas de pessoas se reuniram para dar beijos para cumprimentar os deixados no chão. Silvia, a mãe e o pequeno Silvio também cumprimentaram Nelson em uma linguagem que para a criança era a única conhecida e que usaria por um tempo, porque se dissolveria, assim como a figura do pai que, ficando cada vez menor, em muito pouco tempo desapareceu de sua visão e de sua vida, mas o pequeno não poderia prever isso.

Pai, pais...

Este é o fundamento no qual a história dos dois gira: a dela, Silvia, nascida seis meses após a morte de seu pai e o meu, Silvio, que carregava o pesado fardo do nome do avô materno, um homem de grande rigor moral e princípios absolutos. Mas quem agora é o pai do pequeno Silvio: Nelson que o criou e o amou em seus primeiros cinco anos de vida ou Giorgio que, sem nunca pedir carinho, o criou, o amou e o apoiou nos marcos de sua vida?

Já!... Giorgio, cuja morte Silvio chorou lágrimas amargas por uma perda dolorosa, assim como a perda de um pai que amou a si mesmo toda a sua vida e que, apesar de não ter gerado você, guiou com dedicação e doçura, apoiando-o em dificuldades e compartilhando suas alegrias, até que ele se tornou um bisavô para seu filho.

Já!... Nelson, amado, odiado e depois amado novamente. Amado, sim, porque sua vida flui, perto e longe de você, sem que você saiba.

NELSON

IMAGEM 2: Nelson Peixoto Ribeiro filho



FONTE: arquivo particular de Sílvio Jorge Ulivi Ribeiro

Nelson, o pai natural, era filho ilegítimo de um pequeno fazendeiro e tabelião, de Canavieiras (Bahia), e de uma senhorita que trabalhava na casa patronal da fazenda. Ao nascer, em 26 de dezembro de 1922, recebeu o sobrenome de sua mãe. Após um ano e meio, ele foi reconhecido como membro da família Ribeiro, através de um ato assinado pelo irmão mais velho de seu pai, na frente de um funcionário público, ato que não foi aceito pelo pai biológico na época.

A mãe, no entanto, incapaz de esclarecer o nascimento e a presença da criança na fazenda, deu à luz em uma vila próxima e quando ela o trouxe de volta para a casa de seu pai, ela o apresentou como seu sobrinho, escondendo sua verdadeira identidade até mesmo do pequeno Nelson, a quem ele chamava de “tia.” Alguns anos depois, ela casou-se com outro homem e abandonou Canavieiras para seguir seu marido, um vendedor viajante, em suas peregrinações de trabalho naquele imenso país que era, e ainda é, o Brasil. Nelson sofreu muito com o deslocamento para o qual foi forçado e nunca foi capaz de se encaixar na nova família que havia se expandido ao longo do tempo com o nascimento de duas meias-irmãs gêmeas. Sentindo-se rejeitado tanto pela mãe quanto pelo padrasto, de

quem frequentemente sofria espancamentos e punições injustas, aos treze anos fugiu para o Rio de Janeiro para se refugiar na casa de um tio. Aqui, no entanto, ele não teve destino melhor, pois não foi bem recebido pela esposa de seu tio que, atormentado por ciúmes, suspeitava que o menino era filho de um relacionamento anterior de seu marido, e não exigiu sua remoção.

Depois de viver alguns meses na rua, Nelson encontrou trabalho em um bar, recebendo um prato de sopa por dia e uma cama noturna desconfortável sob um balcão. Alguns anos se passaram durante o qual ele realizou vários trabalhos; com o tempo, ele gradualmente melhorou sua situação econômica e finalmente conseguiu se estabelecer em uma pequena casa alugada com uma garota chamada Rosalina por quem ele havia se apaixonado. Infelizmente, a felicidade do jovem casal durou pouco: na verdade, a menina teve que enfrentar um difícil parto duplo ao qual, talvez para a pouca idade, ela não poderia sobreviver. Os gêmeos foram cuidados pela mãe, mas depois de três meses morreram, deixando o jovem pai em total desespero.

Pouco depois, recebeu uma chamada para o serviço militar e, como nos anos em que viveu e trabalhou na fazenda de seu pai ele aprendeu a cavalgar, estava destinado ao “Dragões de Independência”, o departamento de soldados montados. Nelson, como um grão de arroz, viu-se tão espremido por engrenagens desconhecidas para ele que nunca imaginou que em poucos meses, apesar de seu entusiasmo juvenil e inconsciência, ele seria transferido para uma situação altamente dramática e em um lugar totalmente desconhecido. Na verdade, ele se juntou ao contingente militar enviado à Itália para lutar contra os alemães, na Linha Gótica.

O primeiro desembarque dos militares brasileiros ocorreu no início de 1944 no porto de Nápoles, enquanto o contingente do qual Nelson fazia parte desembarcou em Livorno; depois a partir desta base ele foi transferido para a floresta de pinheiros de S. Rossore (Pisa) para completar o treinamento e substituir o uniforme brasileiro, composto por um uniforme leve, típico do estilo militar francês no qual o exército brasileiro havia sido forjado, por os uniformes americanos mais adequados para o clima italiano. Ao final do treinamento, o escalonamento foi enviado para Pistoia, onde se encontrava a retaguarda brasileira e o centro de triagem de materiais para as tropas de linha de frente, às quais Nelson foi designado.

Um fato final relatado pelo próprio Nelson é que pouco antes da partida para a guerra, ao saber da identidade de seu verdadeiro pai, ele mudou, de forma bastante autônoma, seu nome de Batismo que era José Rodriguez de Goes e passou a chamar-se Nelson Peixoto Ribeiro filho, ou seja, na de seu pai acompanhado pelo nome filho, como usado no Brasil. Após seu retorno da Segunda Guerra Mundial à sua terra natal, o nome foi confirmado por seu verdadeiro pai que o reconheceu como legal, mas, como veremos, ele tomou uma posição contra seu filho que era completamente inaceitável.

O ENCONTRO

Onde Silvia e Nelson se conheceram, não tenho certeza; quase certamente na área de Porta S. Marco, onde Silvia morava e Nelson trabalhava no departamento de equipamentos do depósito da Intendência da FEB. Estou ciente de que os dois se conheceram em uma festa de dança, em que Silvia, muito jovem, foi encarregada de escoltar e supervisionar as duas irmãs mais velhas, ambas apaixonadas por dança. O encontro certamente ocorreu sob o olhar atento das duas irmãs mais velhas que, de repente, como controladas, encontraram-se no papel de controladoras que testemunharam impotentes ao enamoramento de dois jovens, florescido no encontro de seus olhares.

A única coisa certa é que isso aconteceu no inverno frio de 1944, quando Silvia tinha acabado de completar quinze anos. A pouca idade da menina e o imediatismo do fato completamente inesperado levaram a família a proibir os dois jovens de se encontrarem sozinhos, fora dos muros da casa. Foi então que Nelson começou a frequentar a casa onde viviam as três mulheres, sua mãe e seu irmão mais velho, Zerboglio, que, após a morte do pai, tornou-se chefe da família. Este último, ciente da grande responsabilidade que repousava sobre seus ombros, acolheu os militares com desprendimento e frieza, enquanto a mãe dela era muito protetora nos confrontos de Nelson. Certamente naquele jovem soldado brasileiro ela viu seu filho mais novo, Silvano, que havia morrido, alguns meses antes, aos 19 anos, em uma missão de guerra da Marinha italiana a bordo do destroyer “Riboty”⁶¹. No entanto, as coisas foram bem; Nelson rapidamente pegou as simpatias de toda a família. Vale também levar em conta o fato de que os soldados brasileiros despertaram na população da

⁶¹ *Augusto Riboty* was one of three *Mirabello*-class destroyers built for the *Regia Marina* (Royal Italian Navy) during World War I. (Wikipedia, em 24 out. 2022).

nossa cidade uma empatia particular porque, sendo alegres e amantes da música, conseguiram estabelecer relações positivas com as pessoas.

O período de engajamento em casa foi breve porque na primavera do ano seguinte tropas aliadas romperam a Linha Gótica e para o exército brasileiro chegou a hora de voltar para casa. Os dois jovens, no entanto, não queriam se separar e no final de agosto de 1945 eles se casaram. Pungente e feliz deve ter sido o humor de ambos: feliz porque um casamento, seja qual for o cenário em que ocorre, se pressupõe que abra as portas para um futuro rosado, penoso porque o ambiente em torno dos dois jovens recém-casados não poderia se alegrar em uníssono com eles. As duas fotos em preto e branco, tiradas há cerca de oitenta anos, que Silvia mantinha em uma caixa de lata junto com memórias do Brasil, mostram seus rostos permeados por uma felicidade que flui espontaneamente, mas não volta emergir completamente porque está manchada pela memória ainda vívida da guerra que apenas acabara.

IMAGEM 3: Silvia Clara Ulivi



FONTE: arquivo particular de Sílvio Jorge Ulivi Ribeiro

SILVIA

Para Silvia, a primeira manifestação ao nascer o filho não foi de alegria, pois veio a ocorrer seis meses após a morte de seu pai.

Antes do advento do fascismo, seu pai, Silvio, era um maquinista-bombeiro das Ferrovias Estaduais e a família, então composta por seis pessoas, levava uma vida confortável. Silvio, no entanto, era um socialista firme e quando funcionários públicos e estaduais foram forçados a tomar o cartão nacional do partido ele se recusou a fazê-lo. Foi, então, o primeiro espancado por uma equipe fascista e forçado a beber óleo de rícino e depois expulso das Ferrovias Estaduais. De repente, as discretas possibilidades econômicas foram muito reduzidas e o salário de sua mãe, Josephine, enfermeira do hospital em Pistoia, que estava grávida de apenas alguns meses, não foi suficiente para manter a família. Ela teve que sustentar suas duas filhas, que ainda eram pequenas, e seus dois filhos, tendo o mais velho apenas 15 anos. Este último teve que parar seus estudos para encontrar um emprego longe de casa, enquanto o mais novo frequentou o Colégio Conversini onde com o tempo ele concluiu seus estudos. Seu pai, em vez disso, encontrou um emprego de baixa remuneração em uma pedreira em Castiglione dei Pepoli, na província de Bolonha, mas logo adoeceu com uma forma grave de pneumonia que o levou a uma morte súbita que nem sequer lhe permitiu testemunhar o nascimento de sua última filha.

Os anos antes da Segunda Guerra Mundial, caracterizado pelo luto e pela privação, condicionavam o crescimento de Silvia que, embora ferida pela dor de não ter conhecido seu pai, cresceu com um caráter forte e decisivo que nunca a classificou com papel de “garotinha” da família, sempre lutando para ter algo seu próprio. Silvia estudou até o 5º ano, depois foi enviada a trabalhar para um alfaiate que apreciava sua tendência particular à precisão, um dote que a acompanhava ao longo da vida e que no futuro se manifestou com implicações intensas.

Aos 15 anos, apaixonou-se loucamente pelo jovem brasileiro chamado Nelson, que permaneceu como o grande amor de sua vida: amado e odiado como todos os grandes amores! Seu sentimento era totalmente correspondido pelo jovem militar e, como me foi dito pelas filhas nascidas do sucessivo casamento contraído por Nelson muitos anos depois no Brasil, acredito que Silvia era o único verdadeiro amor do meu pai natural.

IMAGEM 4: matrimônio de Nelson e Sílvia: chiesa dello Spirito Santo Pistoia



FONTE: arquivo particular de Sílvia Jorge Ulivi Ribeiro

VIDA NO BRASIL

IMAGEM 5: Sílvia com seus amiguinhos no Brasil



FONTE: arquivo particular de Sílvia Jorge Ulivi Ribeiro

Silvia e Nelson se casaram na Igreja do Espírito Santo de Pistoia, em 26 de agosto de 1945, aos 24 anos, enquanto ela, tendo nascido em 3 de setembro de 1929, ainda não tinha completado 16 anos. O casamento foi celebrado depois que Nelson obteve permissão de seu comando militar e o consentimento da mãe da Silvia, porque era menor de idade e órfã. Minha ideia pessoal deste casamento é que se seu pai estivesse vivo, ele não teria consentido com o casamento, mas a precária situação familiar e determinação de Silvia provavelmente levaram todos os membros da família a pensar que sua escolha lhe oferecia um futuro melhor.

Após a celebração religiosa, devido à total instabilidade em relação à guerra inacabada e a sua precária situação econômica, os jovens recém-casados não podiam se conceder sequer uma lua de mel muito curta: Silvia retornou à família enquanto Nelson retomava suas funções como militar.

No início de outubro de 1945, após um ano passado na Itália, Nelson embarcou em Nápoles, no navio de transporte de tropas americanas, “Gen. Meiggs”, para retornar ao Brasil, enquanto Silvia, juntamente com outras seis jovens “noivas de guerra”, embarcou no “Dom Pedro II” que partiu do porto de Livorno, em 06 de outubro de 1945, e atracou no porto do Rio de Janeiro em 31 de outubro de 1945. Finalmente reunidos, os jovens recém-casados iniciaram as suas vida de casados a partir de um vínculo que ambos consideravam indissolúvel e que ajudou Silvia a entrar em uma realidade totalmente desconhecida e distante, superando as dificuldades iniciais relacionadas à linguagem, aos hábitos diários, à alimentação e ao tipo de moradia. Logo, enfrentaram as dificuldades de reintegração na sociedade dos soldados que não eram bem vistos porque tinham lutado uma guerra “não sentida” pela maioria da população.

O primeiro grande problema para Nelson foi encontrar um emprego estável e lucrativo. E então, ele decidiu ir até seu pai, dono de uma pequena fazenda, em Canavieiras, no estado da Bahia, para apresentá-lo à sua jovem noiva e receber ajuda para encontrar trabalho. Silvia sempre falou de uma viagem aventureira ou que durou muitos dias, realizada a bordo de vários meios de transporte: aviões pequenos e frágeis, cavalos e canoas para atravessar a água infestada por piranhas. Esta jornada colocou uma pressão sobre a resistência da garota que, lançada para um ambiente “selvagem” com um clima violento, ficou traumatizada.

Certamente Nelson não tinha avaliado a luta a que submeteu a jovem noiva; sua intenção era, na verdade, pedir ajuda de seu pai, que o havia reconhecido oficialmente em seu retorno da guerra, para encontrar acomodação e viver decentemente com sua noiva. Infelizmente, sua agenda não afetou a de seu pai, que incluía um casamento com a filha de um fazendeiro, seu amigo. E foi assim que o pai, duplamente decepcionado com o fracasso de seu projeto e o fato de seu filho ter preferido uma mulher estrangeira a uma brasileira rica, enviou os dois jovens recém-casados de volta para seu local de partida.

Ao retornar ao Rio, Nelson encontrou um modesto emprego no porto e uma pequena casa na Ilha do Governador. Infelizmente as dificuldades para os jovens recém-casados não tinham acabado. Após alguns meses, Silvia, enfraquecida pela jornada e muito testada pelo clima tropical não adequado à sua constituição frágil, grávida de gêmeos, abortou espontaneamente e sofreu duas intervenções de amígdalas. Felizmente, a segunda gravidez foi um sucesso e em 17 de fevereiro de 1948 nasceu seu primeiro e único filho, o qual, em memória de seu pai, recebeu o nome de Silvio.

Dos cinco anos seguintes que passei no Brasil com meu pai, conheço apenas alguns detalhes que surgiram esporadicamente a partir das histórias da minha mãe que muitas vezes relatava ter se sentido negligenciada pelo marido, embora sempre tenha reconhecido a existência de um forte vínculo com meu pai e eu quando criança. Também não sei as verdadeiras razões que levaram minha mãe a embarcar na longa viagem de volta à Itália, mas posso imaginar que as dificuldades diárias agravadas por sua saúde rudimentar levaram a voltar para a Itália para poder se recuperar fisicamente. A versão oficial, aprendida pela minha mãe e endossada pelas cartas entre ela e Nelson, é que a família se reuniria, em breve, na Itália ou no Brasil. Nelson autorizou seu filho a viajar com sua mãe porque o acordo era que ambos voltariam, mas não foi assim.

FIGURA 6: Silvia com o pequeno Silvio e suas amigas. A partida do Rio de Janeiro.



FONTE: arquivo particular de Sílvio Jorge Ulivi Ribeiro

A partida do Rio de Janeiro ocorreu em 27 de julho de 1953, no transatlântico “Anna”, das linhas marítimas Costa, que chegou a Gênova em 10 de agosto de 1953. Eu tinha apenas cinco anos e nessa longa jornada só tenho memórias vagas, enquanto me lembro bem da chegada em Pistoia e dos anos vividos na casa da avó e dos tios.

Apesar do fracasso do casamento, Silvia manteve um forte apego ao Brasil, passando-o para mim também, e foi assim que foi criado em ambos uma relação de amor e ódio com aquele país que havia fascinado minha mãe e que é a terra em que nasci. No que me diz respeito, sempre senti uma forte atração pelo Brasil e desde que cheguei à maioridade, considero o Monumento Votivo de Pistoia um “pedaço” de pátria onde vive uma parte do meu “eu.” É um lugar “mágico” onde encontro serenidade e onde encontro refúgio não somente quando preciso me isolar, mas também quando quero repensar sobre alguns eventos felizes como o casamento, o nascimento do meu filho e netos e, por que não, todas as vezes que o Brasil nos dá a alegria de ganhar a Copa do Mundo.

RETORNO À ITÁLIA

No desembarque do transatlântico, em Gênova, mamãe esperava ser recebida por sua avó, e pela tia e Mimosa e pelo tio Zerboglio, mas por um imprevisto de horário de chegada, justo quando o navio atracou no porto, meus pais embarcaram no trem. E foi assim que minha mãe e eu, mais uma vez, estávamos sozinhos administrando uma nova dificuldade, mas ela não perdeu o ânimo: ajudada por alguns passageiros compassivos que ajudaram-na a carregar as muitas malas, entramos no trem e depois de algumas horas chegamos em Pistoia. Lembro exatamente que para chegar da estação até a casa da vovó usamos uma carruagem puxada a cavalo e que o cocheiro nos ajudou a descarregar um baú pesado que, juntamente com nossas roupas, continha vários quilos de café e cacau, bem como vários pacotes de charutos cubanos que, talvez confiando na aparência simples dos dois passageiros, os oficiais da alfândega tinham ignorado.

Da minha infância na Itália tenho memórias vagas, mas tenho certeza de que quando perguntei sobre meu pai, nos primeiros dias, disseram-me que ele logo chegaria, mas na família cada vez menos se conversava sobre ele até que, aos oito anos de idade, disseram-me para não esperar mais por ele. Não me lembro exatamente qual foi a minha reação imediata, mas sei que no momento as notícias não me causaram nenhum desconforto. Eu estava bem na casa da avó, que tendo outros netos, não tinha olhos, para mim; mas quando ela estava ausente, eu era hospedado pelos vizinhos com quem meus pais tinham formado amizades. Eles me amavam também, e muitas vezes me convidavam para almoçar. A tia Mimosa que trabalhava em Prato⁶² estava conosco apenas nos fins de semana, quando retornava; eu a estava esperando com alegria porque ela era minha tia favorita: na verdade ela sempre brincava comigo e, todos os sábados, depois do ritual do banho, ela me acompanhava até a cama e me contava ou lia muitas histórias. Resumindo: eu era o “queridinho da casa” e todos, exceto minha mãe, estavam dispostos a perdoar meus maus comportamentos. Mamãe era mais rigorosa porque sentia a grande responsabilidade da minha educação e muitas vezes estava preocupada. Só mais tarde eu entendi o motivo.

De acordo com o então atual “Direito de Família” do meu pai, tendo todos os direitos ou “poder de pátria” sobre as crianças, poderia ter me feito voltar ao Brasil a qualquer momento, também porque no momento

⁶² Prato é uma comuna italiana da região da Toscana, província de Prato, Wikipédia em 22/10/2022.

da nossa saída do Rio de Janeiro, ele havia assinado a autorização para retornar à Itália também, a cada dois anos ele tinha que renovar o passaporte. Por essa razão, os primeiros anos da minha mãe na Itália foram atormentados pela ideia de me perder.

Com o passar do tempo, ela foi capaz de se acalmar, principalmente porque o contato com Nelson tornou-se cada vez mais raro até que eles se tornaram quase inexistentes e assim permaneceram por muitos anos. Enquanto isso, minha mãe conheceu Giorgio, e aos meus treze anos de idade morávamos com ele. Confesso que inicialmente não conseguia chamá-lo de “*babbo*” e procurei expedientes para não usar essa palavra quando me dirigia a ele. Com o tempo, no entanto, eu o amei como um pai de verdade e o considerei tal em todos os aspectos. Entretanto, eu não poderia esquecer a existência do meu pai natural, por quem eu tinha desenvolvido um sentimento negativo do qual eu me tornei plenamente consciente quando, tornando-se o pai de um filho de cinco anos de idade, a quem eu era, e eu sou inextricavelmente ligado, eu me perguntava como era possível deixar de lado uma criança dessa idade.

Acho que foi durante esse tempo que, apesar da atração que sempre tive pelo Brasil, decidi abandonar para sempre a ideia de voltar para minha terra natal e procurar notícias do Nelson, também porque não queria de alguma forma machucar Giorgio que amava a mim, mais do que qualquer outra pessoa, a minha esposa Lisetta e ao meu filho Emilano. Por muitos anos, fui firme na minha decisão até que, confirmando que não há certezas irrefutáveis na vida, enquanto os fatos que descrevo no presente não aconteceram.

No meio da noite o telefone toca. Eu imediatamente penso no meu filho, de férias com amigos em Barcelona, para minha grande surpresa eu me encontro conversando com uma voz feminina que me pergunta, em um português bastante compreensível, se eu sou realmente Silvio Jorge Ribeiro, eu respondo sim e a voz me diz que: “seu pai está aqui.” Fiquei uma fúria!

De repente, como um balde de água gelada, sessenta anos de ódio fervido no meu sangue; sessenta anos passados sem uma carta endereçada a mim, sem um telefonema, sem uma palavra ou um gesto de afeto, enquanto eu sabia, por terceiros, que meu pai tinha casado novamente, gerou duas irmãs gêmeas e que, ao estabelecer contato novamente, eu sentiria a frustração e a raiva retornarem.

Falei animadamente com minha esposa, imaginando o que eram as palavras “está aqui.” Pensei que talvez ele estivesse aqui na Itália e disse a minha esposa que se alguém aparecesse em nossa casa no dia seguinte, eu ficaria feliz em não abrir a porta a essas pessoas. Vários meses depois, outros telefonemas se seguiram, os quais eu não atendi. Muito mais tarde eu soube que minhas irmãs tinham, recebido de um amigo deles, que tinha visitado a Itália e tinha encontrado meu nome a lista telefônica, meu número de telefone.

O tempo passou e as situações da minha família, como a de todos, mudaram. Giorgio, a quem sempre serei moral e materialmente endividado, morreu após um ano de doença durante a qual o ajudei como filho. E como um filho de verdade, eu tinha sofrido com a morte dele. Alguns meses depois, meus netos gêmeos, Cristiano e Maya, nasceram, enquanto minha mãe ficou muito doente.

Nesse período tempestuoso, recebi um telefonema do Brasil durante o qual uma senhora, que se declarou amiga da família de Nelson, contou-me sobre ele, sobre as dificuldades que teve, sobre sua longa solidão antes de conhecer uma mulher que mais tarde se tornou sua esposa. Ela também enfatizou o fato de que ele nunca tinha escondido o fato de ter um filho na Itália, que tinha tido uma esposa italiana, mas que ele nunca tinha encontrado coragem para contatá-la porque ele estava ciente do tipo de reação que ele deveria ter esperado. Finalmente ele me avisou que o telefonema seria seguido por uma carta.

Olhando para trás, neste telefonema, eu não sei como eu poderia entender o seu conteúdo em português ou por que eu não tinha me destacado imediatamente como nos anteriores. Em vez disso, lembro-me da minha surpresa que escutei calmamente e pedi à senhora para me enviar uma foto da família de Nelson para ver e tentar descobrir se havia alguma semelhança entre mim e ele. O momento em que recebi a carta contendo a foto está impresso em minha mente: eu não tinha força para abri-la. Então, quando finalmente consegui, encontrei uma foto de um senhor idoso que imediatamente me apareceu como meu velho sócio. Ao lado dele estava uma senhora idosa e duas mulheres não mais jovens. O grupo familiar também estava cercado por duas lindas meninas e dois meninos que eram presumivelmente netos.

Corri para minha mãe para quem eu relatava o que tinha acontecido e ela me disse que não era mais hora de falar sobre o Brasil e meu pai

natural. Depois de alguns dias, ela também morreu e a pessoa que cuidou dela disse que ela falou que “eu deveria conhecer o meu pai e o entender.”

Esses eventos foram seguidos por um período muito conturbado, durante o qual houve vários telefonemas que tive dificuldade em entender. No entanto, amadureceu em mim a ideia de embarcar em viagem ao Brasil para conhecer meu pai de 90 anos, de quem eu queria receber muitos esclarecimentos. É por isso que eu pensei em ir a um curso de português na esperança de readquirir pelo menos um pouco da minha língua nativa. E então, em janeiro de 2012, minha esposa e eu partimos para o Rio de Janeiro. Neste momento a tensão nervosa da viagem agora faz parte do passado. As lágrimas no aeroporto do Rio, enquanto eu abraçava minhas irmãs; o constrangimento de conhecer meu pai e o peso das minhas pernas de chumbo que não respondiam ao comando do coração, que pedia para fugir para o mais longe possível das pessoas que choravam, alegravam-se, aplaudiam, por ocasião da grande festa organizada pela minha família à qual dezenas de “Ribeiro” passaram a me conhecer.

Depois de uma segunda viagem da Itália para Salvador da Bahia, onde minha esposa e eu fomos hospedados pelo amigo do meu pai, o protagonista do telefonema, decidi passar dois meses só no Brasil, na casa do meu pai e da família dele. Minha verdadeira intenção era que nos entendêssemos; sessenta anos depois ainda era possível restabelecer uma relação pai-filho. No entanto, tive que notar que esse longo período, em que vivemos em países tão geograficamente distantes e diferentes na cultura e nos costumes, esculpiu um sulco insuperável e que, além do afeto renovado que me liga ao meu antigo pai natural, não foi possível recriar essa relação de amor filial que perdi em toda a minha vida.

Somos, portanto, duas pessoas que durante o período de vida que permaneceremos se esforçarão para deixar uma mensagem de amor na memória de todos os membros de nossas famílias, tanto no Brasil quanto na Itália. E assim, o futuro próximo, por mais curto que seja, nos compensará um pouco do passado, que não foi totalmente desejado por nós, mas por causa de eventos que nos sobrecarregam e nos movem como peões simples em um tabuleiro de xadrez maior que é a vida.

CARTAS DE NELSON

Abaixo estão trechos de cartas que meu pai escreveu para Silvia após sua partida. Eu sabia que elas existiam, mas nunca as tinha lido porque minha mãe nunca tinha mostrado a ninguém. Eu só podia lê-las após a

morte de Silvia porque ele os mantinha com ciúmes guardados em uma gaveta junto com outros documentos que se referiam ao Brasil.

Fiquei impressionado com o fato de que, por causa da nostalgia de sua esposa e filho, Nelson começou a escrever enquanto os dois ainda estavam a caminho da Itália. A última carta, datada de 07/07/1971 é a resposta àquela de minha mãe que continha o pedido de documentos para o divórcio, nela pede Nelson, à esposa e ao filho, compreensão e perdão.

Rio de Janeiro 11 de Agosto de 1953

Querida Silvia escrevo-te esta carta
já louco de saudades tuas e do Silvino.
Silvino hoje faz 17 dias que tu
embargou e so recebi a tua carta da Bahia,
querida tu não imagina a minha preocupação para
saber notícias mais detalhada da tua viagem
se foi boa se enjoou se o Silvino sentiu
muito, se chegou magro, Silvia espero que depois
de tu matar as saudades com todos me escreva
com urgência.

AGOSTO DE 1953: primeira carta de Nelson em resposta à carta enviada por Silvia durante a escala na Bahia.

4/2/54

Silvia acabo neste momento de ler a tua
1ª carta data 12/8/53 como me comoveu esta
carta por era as primeiras notícias tua e do Silvino
e como ela está cheia de esperanças de um
grande futuro nosso, mas o tempo para voce
passou, e voce mudou muito, voce nas
tuas ultimas cartas não dig mas que sentes
saudades minhas e não dig mas queridos filhos
e nem tão pouco como estais agora e simples-
mente estais no fim sem um beijo e amola-
mas desde até hoje a minha ultima carta
de 29/12/54 ainda não tive resposta e não
tampouco voce da atenção ao que eu lhe mandei
dizer sobre a casa ou apartamento que devo
comprar com o prazo de 3 meses voce não
deu a minha importância.

4 DE FEVEREIRO DE 1954: as primeiras dúvidas se insinuam.

Rio 28 Julho de 1958

Silvia recebi a tua carta e lhe respondo com urgencia; este mês fazem exatamente 5 anos que estais junto a tua familia e ainda não recuperou a tua saude isto me deixou triste porque eu imaginava que voce junto a todos os teus e na tua terra, gozaria muita saude, agora vejo quando mal eu te fiz, espero que me perdoe e compreenda que não fiz por mal eu não seria capaz de tanta maldade.

Silvia vejo que meu filho está se tornando um homem, espero que ele saiba te recompensar todos os teus sacrificios que voce tem feito por ele; sinto de todo meu coração não estar perto para poder ajudar a criado; se ele estivesse junto a mim voce deu sabe quanto eu faria por ele, todos os sacrificios necessario para a sua criação e educação, mas da forma que voce quer e é impossível porque eu não sou rico para despendir uma mesada e mandar todos os meses, o meu dinheiro pouco vale e o que ganho gasto, voce me conhece bem e sabe que não sei economizar, além do mais vivo só não tenho quem para nada por mim, minha despesa é muito grande, porque tudo que quero e no dinheiro, estou morando em miseravel um apartamento pequeno e pago de aluguel 3500.00, tenho medo de minha vida, aos tempos não quero mais saber de mulher em minha companhia pois tenho certeza que não sou bom esposo

GIORGIO

FIGURA 7: Giorgio Luigi Bigagli



FONTE: arquivo particular de Sílvia Jorge Ulivi Ribeiro.

A vida de Giorgio, o segundo marido de minha mãe e o qual considero meu pai de 1961 até o ano de sua morte em 2019, também foi fortemente condicionada pelos eventos relacionados à Segunda Guerra Mundial, em que ele foi obrigado a participar como um simples soldado.

Ele nasceu em 10 de setembro de 1924, em uma família de camponeses na qual o reconhecido líder não era seu pai, mas o avô que tinha poderes de decisão sobre todos aqueles que viviam sob o mesmo teto. Agora, com a idade da inscrição militar, ele foi chamado às armas e enviado para a Sicília, onde estava em 8 de setembro de 1943, quando o chefe do governo italiano Pietro Badoglio lançou a infame proclamação do armistício. Como sabem, por causa da ambiguidade da proclamação supracitada uma verdadeira bagunça foi criada nas fileiras do exército italiano que, do nada, viu-se na posição de não saber quem era o inimigo para lutar. E foi assim que Giorgio, como muitos soldados decidiram embarcar em uma viagem arriscada, cerca de 1200 km, da Sicília à Toscana, durante a qual viajou alguns trechos de bicicleta ou trem, mas principalmente a pé, enfrentando intempéries e suportando a fome.

Em 28 de julho de 1944, os alemães realizaram uma varredura em Pistoia e para evitar a captura, Giorgio se escondeu no celeiro da fazenda onde sua família morava. Os alemães, no entanto, foram informados da presença de muitos homens escondidos. Então ameaçaram minar as casas, explodindo-as mesmo com as mulheres e crianças. Neste ponto, cientes de que tais “promessas” seriam cumpridas, para evitar massacres de civis, Giorgio e outros soldados italianos se entregaram aos soldados alemães que os fizeram prisioneiros.

Daquele fatídico 28 de julho até 15 de abril de 1945, o dia da libertação pelas tropas aliadas, ou seja, por mais de oito meses, todos aqueles que haviam sido feitos prisioneiros foram submetidos a tratamentos severos, porque foram forçados a trabalhar em trincheiras ao longo da linha defensiva alemã, conhecida como Linha Gótica, que se arrastava até a montanha: de San Mommè, na província de Pistoia, em Marano e San Lazarus, na província de Bolonha, até Lugo di Romagna, na província de Ravenna.

Giorgio contou que para evitar serem interceptados pelos aliados, os movimentos dos prisioneiros sempre ocorriam a pé e à noite; a comida que tinham era escassa ou inexistente: comiam batatas, quando estava tudo bem, caso contrário consumiam a grama dos prados, como as ove-

lhas. Quanto às roupas, a situação, se possível, era ainda pior: George passou todo o período de cativo, mesmo na noite de Natal de 1944, de calças curtas e camisa, sem jaqueta, dormindo ao ar livre em palha, sem cobertura, ou envolto em um cobertor escasso cheio de piolhos, quando então foi encontrado.

Depois de alguns meses, George começou a sofrer febre severa, mas o médico militar alemão, a quem havia pedido uma visita, nem sequer considerou seu pedido; apenas uma segunda vez, tomado por uma febre violenta, ele pode descansar por uma semana.

Durante o tempo restante de sua prisão sentiu-se sem forças e doente, mas evitou pedir a intervenção do médico militar, porque sabia que se capturado não poderia ser tratado como enfermo e, se fosse declarado impróprio para o trabalho, arriscaria ser eliminado ou seria internado em um campo de prisioneiros na Alemanha.

Felizmente, durante um bombardeio de tropas aliadas na estação de Bolonha, onde os prisioneiros haviam sido colocados, esperando para serem transferidos para um local desconhecido para eles e que provavelmente era um campo de prisioneiros alemão, George conseguiu escapar. Assim que se viu a uma distância segura dos soldados alemães, ele embarcou em mais um turno para casa, a pé, caminhando à noite e dormindo durante o dia. Durante a fuga, ele contou com a ajuda de uma família de camponeses que não se sentiram incomodados por sua condição; forneceram-lhe, assim, roupas civis para continuar a longa jornada com maior segurança e finalmente chegar em casa, mesmo que exausto e cronicamente doente.

Embora a guerra estivesse no fim, suas andanças não tinham acabado: na verdade, esta última experiência aterrorizante havia minado seu físico, que por muito tempo foi submetido a febres contínuas e recaídas. Após várias internações, descobriu que sofria de tuberculose e foi forçado a sair de casa novamente para tratar a doença no sanatório di Pratolino, localizado nas colinas de Florença. Esta doença era de fato muito contagiosa e como não havia outra cura efetiva naquela época, exceto “bom ar e nutrição substancial”, os afetados foram retirados de casa para serem tratados em estadas colocadas em lugares altos ou perto do mar, onde a helioterapia era praticada.

De sua estada no sanatório, que durou cerca de dois anos, Giorgio teve uma boa recordação, mas não pode ser dito o mesmo do período após

voltar para casa. Na verdade, ele contou que sofreu muito com as consequências psicológicas com essa doença, após sua recuperação física, o que dificultou o momento de sua reintegração à sociedade. Aqueles que voltavam de uma estada em sanatório eram considerados “empesteados”; as amizades não eram mais as mesmas, sem mencionar as sentimentais!... Após seu retorno a Pistoia, seu noivado com a garota que amava foi abruptamente interrompido e ele enfrentou um longo período de solidão até conhecer Silvia, no verão de 1957.

A ocasião do encontro foi uma visita a um acampamento, organizado por uma associação católica da qual Giorgio fazia parte, onde o pequeno Silvio ficou por cerca de dez dias com outros meninos. Mais tarde, Giorgio e Silvia começaram a namorar secretamente, sem o conhecimento de suas famílias, descobrindo que estavam apaixonados e ansiosos para finalmente obter alguma serenidade.

Giorgio imediatamente se apegou ao pequeno Silvio e logo decidiu ir morar com Silvia e seu filho, que desde o primeiro momento o considerava seu próprio filho, mas continuou a se importar também, amorosamente, com Alberto, filho de sua irmã Olga, que engravidou de um soldado italiano que abandonou sua mãe, preferindo fugir ao invés de assumir suas responsabilidades como pai. E assim, ao longo de sua vida, ele se encarregou da educação de dois filhos dos quais não era pai.

CONCLUSÃO

Qual é o sentido dessa história que moveu sentimentos, mesmo conflitantes, desde o seu início?

Eventos semelhantes aos narrados, se bem lembrados, têm sido definidos pelos historiadores modernos com o termo “micro história”, fatos que dão sentido à História, aquele com agá maiúsculo. E é como se esses inúmeros pequenos eventos fluíram, como córregos, para um rio majestoso maior, que é precisamente história. Este assunto, reconhecido e disseminado por meio de fatos flagrantes como expedições, batalhas, datas, atos de heroísmo e covardia, dispersos, prisioneiros, massacres, mortos, feridos, deportados, deficientes etc., necessariamente negligencia os humores dos seres humanos individuais e as mudanças que ocorrem nas famílias e que afetam o social. E quanto mais longe você está da data dos acontecimentos, mais a narrativa dos fatos se torna concisa, mas a memória das situações individuais permanece indelével na mente daqueles que os viveram. Estou, portanto, convencido de a importância da

narrativa da vida familiar ser passada de geração em geração, para manter viva a memória do passado nos jovens que podem tirar dela motivações e força para enfrentar o futuro.

Amor, encontros, abandonos, ódio, mal-entendidos, viagens se seguiram há mais de sessenta anos saltando entre dois “mundos” distantes e diferentes. No entanto, neste momento da minha vida, acho que posso dizer em que fecho o círculo de afetos me deu uma serenidade que compensou meu sofrimento. E acho que posso dizer que isso também aconteceu para todos os envolvidos nesta história.

FIGURA 8: Nelson Peixoto Ribeiro filho com seu filho Sílvio Jorge Ulivi Ribeiro.



FONTE: coleção privada de Sílvio Jorge Ulivi Ribeiro.

FUTURO

INTRODUÇÃO

Há inúmeras maneiras de você homenagear um pai, ainda mais quando o centro da nossa atenção é uma pessoa especial, amado por todos. A emoção toma conta e a responsabilidade aumenta. Foi assim que me senti quando optei por usar a força das palavras para expressar toda a admiração por José Argenta, o meu pai. Nesse breve artigo, divido com vocês um pouco da sua vida, seus momentos de glórias, como foi a participação na Segunda Guerra Mundial e também a relação de amor de uma filha, a quinta de oito irmãos, com esse homem que influenciou muitas pessoas, particularmente, a minha.

Fui uma criança feliz, confiante e comunicativa e isso eu devo aos meus pais que sempre me incentivaram a enfrentar a vida sem medo. Quando reclamava de alguma coisa, dona Theresa, minha mãe, dizia: “quem disse pra você que a vida é fácil.” Era a maneira que encontrava para me encorajar, a não ter medo diante das dificuldades que a vida nos apresenta. Meu pai participou promovendo minha segurança por meio de apoio, incentivo, respeito, limites e valores. Eu sempre o vi como um homem trabalhador e disciplinado. Tudo que sei sobre fé aprendi com ele, assim como as bases que formou a pessoa que sou hoje. Cresci ouvindo suas histórias ao lado da minha mãe e meus irmãos e uma das suas características era dar um toque de leveza, um humor refinado, mesmo nas passagens mais sérias.

Ele era um sujeito alto, com 1,90 metro de altura, corpo atlético, muito bonito, educado e extremamente respeitador das mulheres. Um *gentleman* no sentido mais nobre dessa palavra. Seu olhar transmitia

⁶³ Formada em Comunicação Social - Relações Públicas, pós-graduada em Gestão da Comunicação Integrada, mestrado em Turismo e Hospitalidade. Diretora da BAG Propaganda, sócia fundadora da Direta Contact Center, diretora da Associação dos Profissionais de Relações Públicas de Caxias do Sul (APRP), diretora do Grupo Aberto de Relações Públicas (GARP) e diretora da Associação de Amparo à Crianças e Adolescentes com Câncer da Serra Gaúcha. Fez parte da equipe de criação da Revista NOI (Editora Facchin) e da revista online LIVEIN - MORAR, VIAJAR E VIVER. É sócia da Rumble - Comunicação Inteligente.

doçura, inundava o ambiente de paz e tranquilidade. Nunca o vi gritar ou elevar o tom da voz para fazer valer sua palavra. Falava pouco e, muitas vezes, costumava não verbalizar tudo o que tinha para dizer. Deixava implícito se concordava ou não com alguma coisa pelo modo de olhar, ou ainda com o movimento da cabeça. Nós acabamos nos acostumados com estes sinais.

Uma frase que costumava repetir com frequência era: “quanto menos se fala melhor se compreende.” Nesse aspecto, ele era bem diferente da minha mãe, uma genuína ariana, comunicativa que só ela. Dona Theresa era a líder em casa, sempre mandou – graças a Deus – e ele concordava com essa maneira. Não lembro ele dizer para mim: “hoje você não vai sair de casa.” Tinha o dom de deixar as pessoas alegres e transformar coisas tristes em coisas boas. Tinha um astral muito alto.

DESENVOLVIMENTO

Ele nasceu em Guaporé no inverno de 1920, no dia 28 de julho, uma quarta-feira. Foi um dos dez filhos de Sebastião e Ernília Argenta. Guaporé fica na Serra Gaúcha e conta com cerca de 25 mil habitantes. À época, a economia era essencialmente baseada na agricultura e, como qualquer filho de agricultor, ele passou parte da infância no campo ajudando os pais, sem, contudo, se descuidar dos estudos. Não teve uma vida fácil, assim como ninguém naquele tempo, mas se empenhou para conciliar trabalho com ensino.

A vida dele parecia tranquila, mas aos 12 anos sofreu um duro golpe ao perder o pai, experiência terrível para um jovem. Passados alguns anos, outra mudança: sua mãe se casou novamente, e apesar das adversidades, concluiu o ensino do 1º Grau. Contava 18 anos de idade. Dois anos depois, prestou serviço militar no 6º Regimento de Artilharia, na cidade de Cruz Alta, e retornou para casa oito meses mais tarde. Tudo indicava que seu destino seria o campo. Um dia, porém, recebeu convocação do Exército para fazer parte de um grupo que formaria a Força Expedicionária Brasileira, a FEB. Ele foi um dos 25.834 soldados cuja missão foi se juntar ao esforço dos aliados para combater os países do Eixo na reta final da Segunda Guerra Mundial. Contava 23 anos de idade.

AQUI COMEÇA UMA FASE MEMORÁVEL DA SUA VIDA

Registros do 29º Grupo de Artilharia de Companhia Autopropulsado, de Cruz Alta, indicam que meu pai se apresentou nesta unidade no

primeiro semestre de 1943, muito provavelmente no mês de abril, e lá permaneceu por cerca de seis meses, num tempo em que os canhões ainda eram puxados por cavalos. Depois, foi transferido para São Paulo e, posteriormente, para o Rio de Janeiro. Ele não esqueceu a viagem de trem de Cruz Alta para São Paulo por causa das privações. Foi um sufoco, conforme disse em um depoimento:

A gente não tinha nenhum conforto. Íamos sentados no assoalho do vagão. Não havia bancos. Nas estações do Rio Grande do Sul éramos recebidos com festa, e nos serviam comida quente. Depois, acabaram as recepções calorosas e, na hora das refeições, quase sempre, recebíamos um sanduíche simples.

No Rio de Janeiro permaneceu pouco mais de um ano na Vila Militar, juntando-se à 1ª Divisão de Infantaria da FEB. Ali aprendeu a manusear armamentos pesados e a participar de exercícios. O treinamento teve continuidade na zona norte da cidade, em São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, desta vez com canhões de 105 milímetros. Finalmente, no domingo pela manhã, 2 de julho de 1944, meu pai embarcou no navio *General Mann* para a Europa. Eram 15 mil soldados divididos em três navios; todos americanos. Para não levantar suspeitas de espiões que, diziam, estavam espalhados pelos morros do Rio, a saída do quartel até o porto foi cercada de cuidados, saíram praticamente escondidos. Havia o risco de os espiões enviarem mensagens para submarinos alemães posicionados no oceano Atlântico informando o dia do embarque, dando tempo para preparar um ataque aos soldados brasileiros antes que chegassem a Nápoles, na Itália.

Felizmente, deu tudo certo e a viagem transcorreu tranquila. Ou quase. Nos treze dias e noites, meu pai lembra que ficou quase todo o tempo deitado porque o balanço fazia mal a ele. Para piorar, as camas eram beliches que subiam que nem prateleiras – mas ele ria muito quando falava dessa viagem. Em uma entrevista feita em 2012, pelo jornalista Nelson da Luz, do jornal Diário do Sudoeste, ele contou:

O café a gente tomava em um caneco feio. A fila começava de manhã e ia quase até à tarde para conseguir pegar um cafezinho. Era muita gente. Tinha um barzinho lá dentro, eu comprava umas latinhas de bala, e passava o dia comendo bala, quase passava fome.

De Nápoles, as tropas brasileiras foram deslocadas para Livorno, na região da Toscana, norte da Itália, em barcos menores devido a quantidade de destroços de guerra jogados na água. Uma distância de aproximadamente 600 quilômetros, que normalmente se faz em pouco mais de cinco

horas de carro, levou 36 horas por água. Cada soldado carregava dois sacos, um deles com uma barraca e, o outro, com roupas feitas no Brasil, que não tiveram utilidade na Itália por causa das baixas temperaturas do inverno europeu. Para piorar, foram deslocados para uma região montanhosa em que as temperaturas chegavam a 22 graus negativos. O jeito era dormir de bota e capote.

De Livorno, caminhões do exército americano conduziram os Pracinhas para Pisa, 20 quilômetros mais ao norte, e lá já era possível ouvir o som da guerra. Os brasileiros foram integrados ao 5º Exército dos Estados Unidos. Como a arma designada para meu pai foi artilharia, na Itália ele foi integrado ao comando de artilharia, que com seus projéteis abriam caminho para que os soldados da infantaria avançassem em suas posições. O grupamento dele ficou acampado em Pisa por um mês. Recebeu novos armamentos: canhões, metralhadoras ponto 50 e outras armas e só então entrou em combate. Na entrevista, ele lembra:

As batalhas aconteciam muito a nossa frente, os canhões da artilharia têm alcance de até 12 quilômetros, então eu não via ninguém na guerra, não via ninguém em combate, a infantaria é que estava na frente. Nossos canhões davam apoio se não eles não podiam avançar. A aviação mandava o comando atirar. Quando os pilotos viam algum movimento lá na frente mandavam a gente disparar. Não era nada fácil de atirar com os canhões, era tudo numerado, precisava verificar a luneta, os milésimos de distância e registrar tudo.

O maior feito dele foi participar da tomada de Monte Castelo, sem dúvida, a mais significativa batalha travada pela FEB.

Monte Castelo foi uma operação difícil em todos os aspectos. Foram três tentativas para conquistar o lugar, sendo que as duas primeiras foram repelidas pelos alemães. Havia o profissionalismo da tropa inimiga, o posicionamento em locais altos, o frio, a chuva e a neve. Para os Pracinhas brasileiros, habituados ao clima tropical, essas condições eram totalmente adversas.

A tomada começou em novembro de 1944. A instrução de operações nº 71, enviada ao comandante da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, general Mascarenhas de Moraes, determinava capturar a crista que corre do Monte Belvedere para noroeste, inclusive Monte Castelo, a fim de impedir que o inimigo tivesse sob o seu domínio a estrada 64, que ligava a cidade de Pistoia a Porretta Terme e Bolonha.

O primeiro ataque reuniu três batalhões de infantaria brasileiros, três grupos de artilharia e três pelotões de carros de combate americanos. Os brasileiros avançaram no dia 29 de novembro, mas o ataque fracassou. Foram 190 baixas entre combatentes da FEB. Foi preciso uma segunda ofensiva, um mês depois e, novamente sem sucesso, para que o comando da FEB chegasse à conclusão de que as elevações só poderiam ser tomadas por meio da ação combinada de duas divisões.

A terceira e derradeira ofensiva aconteceu no dia 21 de fevereiro de 1945. As condições climáticas não poderiam ser melhores. O esforço reuniu dois terços da Infantaria, o Esquadrão de Reconhecimento, toda a Artilharia e a Engenharia. O 1º Regimento de Infantaria da FEB partiu às 5h30 para tomar a posição e após mais de dez horas de resistência vencida pelo destemor, pela abnegação e pela fé no cumprimento da missão, os soldados brasileiros hastearam a bandeira verde-amarela, fazendo-a tremular nos montes Apeninos.

Sobre a participação na tomada de Monte Castelo, meu pai contava que esteve presente em uma primeira tentativa de ataque com oito mil soldados, mas foram forçados a bater em retirada. Dizia que “os alemães botaram pra correr” e dava risada. Ele recorda:

Então o general pensou: vamos atacar com 15 mil soldados. Foram três dias e três noites de fogo cerrado e avanço da infantaria. Os alemães não aguentaram, era uma divisão italiana e outra alemã. Nós conseguimos subir, mesmo enfrentando o rigor do frio e a neve. Tínhamos que buscar os projéteis em caminhões localizados a 100, 200 metros de onde estava o canhão. Na primeira noite de combate atolamos o caminhão em um banhado. Nisso, o comando ordenou que fizéssemos buracos e trincheiras porque era perigoso ficar sem proteção. As balas de canhão passavam por cima de nós, e eu pensava: “vamos morrer essa noite aqui.” Nosso cozinheiro chorava e eu dizia: “má filha da mãe, vai chorar pra quê?” (risos). Outro dizia, “Eu vou pra de baixo da ponte.” E nós gritávamos: “não vai pra debaixo da ponte porque lá tu vai morrer.” O alemão queria derrubar a ponte, ora (risos). Eu não tinha medo, éramos do sertão lá no meio dos tigres, lidando na ponta da faca, éramos acostumados com o perigo. E aqueles coitados da cidade tinham um medo que se agarravam.

Dizia que a maioria dos soldados não tinha medo, mas no fundo havia a ideia de não voltar para o Brasil. O sentimento era de que estavam em uma viagem sem volta. Meu pai fez muitos amigos e perdeu alguns deles. Na entrevista, ele narra:

Senti muito pelo Francisco, um amigo nosso do Rio de Janeiro. Ele foi atingido por um estilhaço na barriga. Tinha acabado de voltar de Roma. Tínhamos ganhado oito dias de descanso e fomos a Roma. Quando volta-

mos, em um combate, ele nos disse que estava cansado. Mandamos que fosse deitar na barraca. Nesse dia os alemães descobriram nossa posição e começou a passar granada de canhão por cima de nós. O canhão tem uma lâmina de aço, nós a abaixamos e ficamos lá deitados nos protegendo; a hora que o bombardeio parasse nós mandaríamos bala lá para o outro lado. O Francisco acordou assustado, saiu da barraca e foi atingido, caiu morto.

DE VOLTA AO BRASIL

Após 11 meses e 4 dias na Itália, ele retornou ao Brasil, partindo do porto de Nápoles no dia 12 de agosto de 1945, a bordo do transatlântico SS Mariposa – USA, e após dez dias de viagem desembarcou no porto do Rio de Janeiro. Apesar de ser um navio luxuoso, ele queixou-se do calor por ficar muito tempo no compartimento interno, confinado no alojamento: “Quase não podíamos subir no convés, tomávamos banho de água salgada”, reclamava.

No período que estive na Europa, não teve nenhum contato com a família no Rio Grande do Sul. Caso optasse por enviar uma carta, ela precisava, necessariamente, passar pela aprovação do comando. Fazia parte do regulamento. Quando contava esse episódio, ele desconfiava não poder escrever que a situação estava ruim, tinha que dizer que estava tudo bem. Dava muita risada ao lembrar o dia em que chegou em casa e sua mãe levou um grande susto, parecia ter visto um fantasma. Ela e os irmãos achavam que estava morto.

Ele tinha plena consciência que a missão era importante e que a guerra poderia terminar, tendo a ajuda dos soldados brasileiros. De fato, a tomada abriu caminho para Bolonha e para o Vale do Pó, impondo o fim da guerra na Itália. Com a vitória, a situação ficou complicada para Hitler, tanto que não demorou para Berlim anunciar a rendição. Ele dizia que os soldados alemães aceitaram se entregar somente para os brasileiros. O supremo sacrifício de lutar por ideais de liberdade, democracia e justiça não foi em vão. Na entrevista ao Diário Sudoeste ele lembra qual foi a impressão que os italianos tinham dos soldados brasileiros:

Os italianos achavam que a gente era tudo índio (risos). Antes de chegarmos, os alemães diziam que nós éramos bugres, que comíamos criancinhas. Quando saíamos à noite e víamos uma moça na janela ela a fechava rápido. Mas isso passou, e depois eles perceberam qual era o nosso objetivo lá.

Monte Castelo custou a vida de 478 brasileiros, sendo 103 nos últimos três ataques.

O 29º GAC, de Cruz Alta, salienta que, embora não tenha uma publicação direta dos militares do Regimento nos seus Boletins Internos dos combates em que participou, dada a variedade de Unidades que contaram com os militares do 6º RAM, é muito provável que meu pai tenha participado de ações em Monte Belvedere, Montese, Castenuolvo e a tomada de Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1945, rompendo a famosa Linha Gótica, primeira linha defensiva alemã nos gelados campos da Itália.

Impossível imaginar o que meu pai sentiu ao desembarcar no Rio de Janeiro e ser recebido como herói. Devem ter sido cenas marcantes. Cerca de um mês antes a sua chegada, os jornais noticiaram que a Avenida Rio Branco ficou tomada por uma multidão estimada em 500 mil pessoas para acompanhar o desfile triunfal no dia 18 de julho de 1945. A vibração era tanta que o próprio Exército teve que formar cordões de isolamento para conter a população.

No calor da recepção, informações davam conta que os expedicionários iriam receber diversas vantagens, tendo direito a coisas que jamais sonhariam, incluindo bons empregos. Naquele clima de euforia, parecia que todas as portas se abririam para eles. Eram muitas promessas. A festa da vitória parecia não ter fim. O clima era perfeito para cobrar a promessa feita por Getúlio Vargas aos soldados no dia 2 de julho de 1944, pouco antes de o navio-transporte General Mann levantar âncora com 5.075 expedicionários. Foi um discurso inflamado do presidente da República:

Soldados da Força Expedicionária. O chefe do governo veio trazer-vos uma palavra de despedida, em nome de toda a nação. O destino vos escolheu para essa missão histórica de fazer tremular nos campos de luta o pavilhão auriverde. É com emoção que aqui vos deixo os meus votos de pleno êxito. Não é um adeus, mas um 'até breve', quando ouvireis a palavra da pátria agradecida.

Ocorre que o Brasil vivia sob uma ditadura e o clima político estava visivelmente contra Vargas. Oficialmente, no retorno ao Brasil, a FEB já não existia mais como corpo regular do Exército. Como se sabe, Vargas foi deposto em outubro de 1945 e um dos motivos que contribuiu para sua queda foi exatamente a volta dos soldados que lutaram no *front* para defender a liberdade e derrubar um regime autoritário. O Estado Novo de Vargas não se sustentava mais.

Caso houvesse oportunidade, meu pai certamente continuaria servindo ao Exército. Era disciplinado, atitude que levou por toda a vida. Como esta opção não existia, os expedicionários foram encaminhados automaticamente para a reserva, esquecidos pelas autoridades e os benefícios prometidos, ignorados. Lembro meu pai dizer que nem Vargas acreditava que os jovens soldados fossem voltar, apostando que não iriam suportar o frio, a fome e a própria guerra. Nas palavras do meu pai: “Quando voltamos não nos deram absolutamente nada, nem um muito obrigado. Nos quartéis falaram para nós: se quiserem ficar, fiquem, mas se quiserem, podem ir embora, assim, sem mais e nem menos.”

Quando criança minha imaginação corria solta toda vez que ele falava sobre a tomada de Monte Castelo. Eu pensava: “O que é que esse Monte Castelo? Um monte de terra ou uma montanha? O que é afinal?” Ele tinha toda paciência do mundo para explicar. Outra pergunta que fazia era: “Onde ele ficava na guerra? Escondido em buracos? Em matos? E como dormia? Como tomava banho?” Ele falava e gesticulava para que a gente pudesse compreender.

Ele não tinha problema ao falar do Exército, nenhum trauma. Tinha orgulho de ter participado da tomada de Monte Castelo. Lembrava de histórias como operador de canhões e às vezes em que o barulho o deixava momentaneamente surdo. Ele se sentia um herói cercado da família. Como disse anteriormente, era um homem que observava mais do que falava. Era da sua natureza, mas quando alguém – qualquer pessoa, principalmente filhos – o provocava para falar sobre a Itália, ele não economizava palavras. Quanto mais falava, melhor se compreendia o que passou naquele campo de batalha.

Por vezes, transportava-nos para dentro daquele cenário ao contar, por exemplo, o bombardeio alemão próximo de onde estava e o pânico que tomava conta do batalhão, os gritos dos amigos, cada um protegendo-se do jeito que dava. Como dormiam em sacos, puxar zíper para sair às vezes ficava complicado porque ficava preso justamente quando as bombas estouravam próximas a eles. Dava para imaginar o desespero. Em certas ocasiões, brotavam algumas lágrimas ao lembrar um amigo morto por estilhaços, e de outro que gritava pela mãe. São episódios que o marcaram profundamente.

Eu tinha a impressão de que ele sofreu muito por passar por uma situação extrema que é uma guerra, numa região inóspita, suportar o

inverno europeu com temperaturas negativas, com pouco preparo físico e emocional. Contava que muitas vezes fazia uma refeição, a cada dois dias, e tinha que conviver com companheiros mortos, a maioria vítima de frio, que congelavam abraçados as baionetas. Dizia que era preciso ter sangue frio e equilíbrio emocional para suportar momentos dramáticos. Apesar das adversidades, percebo que ele foi um homem realizado porque o objetivo de lutar pela paz foi atingido. A leitura é de um vitorioso.

O bom é que toda vez que falava sobre a FEB, acrescentava histórias novas. Dizia que além de um pequeno salário que recebia do exército americano, ganhava comida enlatada, pequenas barras de chocolate para manter o corpo aquecido e cigarros para diminuir a ansiedade. Um maço por dia, mas como não fumava, vendia para os americanos. E assim, formou uma pequena poupança. Terminada a Guerra, ele e os amigos compraram um Jeep para conhecer a Itália. Percorreram várias cidades, até que um dia o veículo capotou em uma estrada e foi deixado no local. Todos saíram ilesos. Eu adorava ouvir esta história.

Antes de retornar para casa, ele ficou três meses no Rio de Janeiro, e como tinha muito tempo livre, aproveitava para assistir a rodas de samba e aos ensaios das escolas de samba. Dizia que as mulatas cariocas eram mulheres lindas. Era o auge da Carmem Miranda que ele admirava tanto, a ponto de batizar uma das filhas com o nome de Miranda. Lembra que falei que era bonito? Pois bem, ele teve uma namorada na Itália e parecia ser uma paixão arrebatadora. Eles pensaram até em casamento. Ele queria, ela também, o problema é que meu pai pediu para que ela visse morar no Brasil e ela desejou que ele ficasse na Itália. Como não houve consenso, ele voltou solteiro. Minha mãe morria de ciúmes toda vez que contava essa passagem. Ele dava risada com aquele seu jeito discreto.

Em 1944, José Argenta na Escola de Artilharia do Exército Brasileiro, situada no Bairro Vila Militar no Rio de Janeiro. (Da direita para a esquerda é a 3ª pessoa)



FONTE: Arquivo Pessoal

Com companheiros de front, em 1944.



FONTE: Arquivo Pessoal

Argenta com um colega, nos campos de batalha da Itália.



FONTE: Arquivo Pessoal

FAMILIA

Ele voltou para a mesma casa em Vista Alegre e, novamente, pegou na enxada. Naquele tempo, Vista Alegre era uma pequena comunidade rural, distrito de Frederico Westphalen. Foi emancipada somente no final dos anos 80. Dois anos depois, em 1947, meu pai passou parte de um domingo em uma festa religiosa na igreja local e, como sempre, esbanjando simpatia. Em dado momento, decidiu ir embora, montou em seu cavalo, fez os primeiros movimentos para seguir na direção da casa quando ouviu uma voz feminina:

— Já está indo embora?

Era dona Thereza Balestrin, uma jovem de 21 anos, que já tinha ouvido falar dele, mesmo a família dela morando na localidade de Palmitinho, pouco menos de oito quilômetros distante de Vista Alegre. Não há registros que tenham conversado durante a festa; talvez uns olhares furtivos. Ele confirmou que estava voltando para casa e ela convidou-o para visitá-la. Ele aceitou o convite e desse encontro nasceu o namoro, que avançou para noivado e depois, casamento, que aconteceu no dia 12 de setembro de 1947, uma sexta-feira.

Minha mãe era uma mulher forte, inteligente e diligente, sem esquecer que tinha forte liderança. Costumávamos dizer que era o homem da casa. A administração da casa era toda com ela e ele sempre aceitou isso de forma consciente, não se importava. Isso incluía tomar conta do dinheiro. Todo dinheiro que ganhava, ele entregava nas mãos dela e quando um filho queria algo que envolvia dinheiro ele dizia: é com a mãe.

Em Vista Alegre tiveram três filhos, Miranda, Sérgio e Celito. Depois, a família tomou a decisão de morar em Santo Antonio, extremo oeste do Paraná, fronteira com a província de San Antonio, na Argentina, seguindo a migração de famílias gaúchas que buscavam oportunidades de crescimento em um estado que esbanjava projetos de desenvolvimento econômico. Somente em 1951, emancipou-se de Clevelândia e, 15 anos mais tarde, recebeu o nome de Santo Antonio do Sudoeste. Vale lembrar que a influência da minha mãe pesou nesta mudança.

Meu pai desenvolveu a habilidade de carpintaria e em pouco tempo chamou a atenção na cidade por ser um excelente profissional. Era sempre chamado para erguer casas, igrejas, clubes, não apenas em Santo Antonio, mas também na região próxima. Construiu uma casa ampla para nós, sendo que uma parte foi transformada em pensão. Era uma forma de aumentar a renda. Os clientes, na sua maioria, eram soldados. Minha mãe oferecia comida e junto havia também um pequeno bar onde meu pai costumava vender aperitivos.

Uma das lembranças mais remotas aconteceu quando eu tinha entre 4 e 5 anos. Era hora do almoço, estava na cozinha querendo pegar alguma coisa na mesa e o costume era inverter a posição da cadeira para facilitar alcançar o que se queria. De repente, meu pai e meus irmãos começaram a falar que a nossa casa estava pegando fogo. Foi uma correria. Alguém me tirou da cadeira e me levou para o outro lado da rua. De lá vi as labaredas tomando conta da casa. Foi uma cena terrível. Minha mãe estava grávida e precisou ser acudida. Eu, apavorada, com medo, assistia àquilo.

Todas as recordações do casamento dos meus pais e da guerra foram consumidas pelo fogo. A pensão também. No mesmo dia, lembro que fomos morar em uma casa velha e sem pintura. Meu pai limpou o terreno da casa incendiada, e meus tios, do Rio Grande do Sul, ajudaram, mandando telhas, roupas e brinquedos. No dia do incêndio, na ânsia de salvar o que podia da propriedade, meu pai e alguns amigos pegaram machados e tiraram as aberturas de janelas e portas. Esse material foi aproveitado na nova casa que ele construiu no mesmo terreno e que até hoje permanece intacta.

Ele conseguiu se reerguer voltando à construção civil. Literalmente, ressurgiu das cinzas. É o que hoje em dia chamam de pessoa resiliente, alguém que tem a capacidade de superar adversidades, o que não o eximiu de sentir dor e tristeza. Talvez pelo fato de ser introspectivo tenha es-

condido isso da gente. Pouco tempo depois, no entanto, ainda em Santo Antonio, foi proprietário de um armazém de secos e molhados, alcançou certo êxito, mas como sua vocação era a agricultura, passou o negócio adiante e adquiriu uma chácara.

Nessa época, final dos anos 60, já éramos oito irmãos com os nascimentos de Terezinha, Rosemara, Cesar, Suzete e eu. Preocupada com os estudos dos filhos, minha mãe – sempre ela – queria que tivéssemos um ensino mais qualificado e, por isso, a família mudou-se para Pato Branco, também no sudoeste do Paraná. Venderam a casa e posteriormente a chácara, e meu pai chegou à cidade com emprego garantido no Instituto Agrônômico do Paraná, o IAPAR, órgão de pesquisa vinculado à Secretaria da Agricultura e do Abastecimento. Localizado no km 5,517 da BR-158, em Bom Retiro, o novo emprego ficava a 12 km do centro de Pato Branco. Ele trabalhou na pesquisa de grãos (sementes básicas de aveia, feijão, milho, soja) rotação de culturas, coordenado pelo agrônomo Orival Gastão Menosso. Ele analisava a profundidade de plantio sobre enraizamento de estacas de porta-enxertos, etc.

Acordava todos os dias às cinco horas da manhã e voltava para casa à noite. Como não havia refeitório, eu e meus irmãos e irmãs nos revezávamos para levar o almoço para ele. Íamos de ônibus. Numa dessas vezes, vi uma estrada asfaltada pela primeira vez, recém ela tinha sido concluída, e me encantei com o que vi. Não conhecia asfalto. Parecia um tapete. E foi tão engraçado que me deitei na estrada para ter a certeza.

Esse emprego no IAPAR foi minha mãe quem conseguiu através do Exército de Curitiba. Em 1972, ela achou que era hora dele parar de trabalhar e receber pensão do Exército. Ela mesma decidiu que iria atrás de justiça. Foi novamente ao Exército, em Curitiba, desta vez para pedir a reforma do meu pai.

Ela ficou com pavor do Getúlio Vargas por ele não ter cumprido a promessa que fez aos Pracinhas. Tentei argumentar que era presidente que lutou por algumas causas, o voto feminino foi instituído por ele, mas não havia nada que pudesse fazê-la mudar de ideia. Foi de ônibus sozinha até Curitiba, entrou com a papelada, enfrentou a burocracia até conseguir a aposentadoria como servidor público da qual ele tinha direito por ter prestado serviços à Pátria. Ela coordenou tudo. O pai ficava na dele. Para ele, do jeito como estava, achava bom.

Muitas vezes me pegava pensando que ele sofreu muito pelo fato de o governo não reconhecer o que os soldados da FEB fizeram pelo país. Foram esquecidos ao voltar para casa. Se antes ficava fascinada ouvindo suas histórias, na fase adulta, batia uma tristeza. Daí essa preocupação de querer protegê-lo sempre. Quando você encontra uma pessoa comunicativa, com força de vontade e iniciativa, como a minha mãe, não precisa se preocupar porque ela sabe se virar. Minha sensação era de uma pessoa indefesa. Por mais corajoso que tivesse sido na guerra, achava ele carente porque perdeu o pai muito cedo, a mãe se casou com outra pessoa, teve uma infância difícil. Minha mãe costumava dizer que ele era carente e eu a puxa-saca dele. Admito.

DE OLHO NAS ESTRELAS

Lembro que, ainda pequena em Santo Antonio, os padres, na época das missões, chamavam minha mãe para cozinhar na casa canônica. Ela ficava dias naquela tarefa e eu me queixava dizendo que ela deveria fazer comida para o pai e não para os padres. Ela dava explicações que não me convenciam. Então, eu ia até a casa canônica, via aquela fartura toda à disposição, preparava um pacote e levava para ele. Fiquei tão irritada que um dia fui até o campanário, peguei a corda e toquei os sinos fora de horário habitual. Posso ter feito isso para chamar a atenção, mas no fundo, era a forma de expressar meu sentimento de proteção a ele.

Quando era carpinteiro, ele costumava se ausentar com frequência por alguns dias para executar trabalhos longe de casa, em comunidades rurais próximas, principalmente construção de igrejas, salões de festas e casas. Eu era tão apegada a ele que tinha febre emocional, de saudades. Tinha por volta de 5 ou 6 anos de idade. Minha mãe chamava pessoas para tentar fazer minha febre diminuir e, como não dava resultado, acabava chamando-o de volta. E quando ele voltava, a febre desaparecia.

Ainda pequena, ele dizia: vamos lá fora ver as estrelas? Então, caminhávamos na escuridão, parávamos num ponto, eu apontava na direção do céu e dizia: aquela estrela está se mexendo. Ele explicava que era um satélite, guiado pelo homem e indicava onde as verdadeiras estrelas estavam. Na volta para casa eu dizia que iria cantar para ele. Minha voz era esganiçada, horrível, mas ele dizia que eu cantava igual a um passarinho. Isso marcou demais a minha vida.

Por vezes tinha a impressão de que ele era meu pai no tempo em que participou da guerra. É uma sensação surreal, confesso, pois nem

nascida era, mas desde pequena tinha esta percepção. Talvez isso possa ser explicada no plano espiritual, sei lá. Sei que desenvolvi essa sensação de querer protegê-lo, ser a sua guardiã. Esta talvez seja a palavra que resume o que sentia: guardiã. Sempre fiz o possível para preservá-lo de qualquer sofrimento.

MAS A VIDA PRECISA SEGUIR

Em 1981, eu trabalhava em uma agência do Bradesco, em Pato Branco, e sabe quando bate aquela ânsia de sair de casa? Tentei vestibular para Jornalismo em Curitiba e não me classifiquei, mas finquei pé: preciso sair de casa. Conhecia um amigo que trabalhava no Bradesco de Caxias do Sul que sugeriu fazer vestibular lá. Não tinha jornalismo naquela época, mas minha mãe propôs para que eu continuasse na área da comunicação, e sugeriu que fizesse vestibular para Comunicação Social – Relações Públicas. Em outras palavras, foi ela quem me ajudou a sair de casa.

O empurrão partiu dela porque me achava uma mulher forte, de coragem. Muitas vezes ela pedia para apanhar lenha fora de casa, mas nem sempre havia estoque disponível. Só cortando. Eu tentava fugir daquela tarefa, mas ela era taxativa: “Vai lá e corta, tu tens força.” Não sei se sou a mais forte. Claro que quando decidi ir para Caxias do Sul, ela foi comigo, acertou o lugar onde eu ficaria e depois de uma semana feliz veio a despedida. Foi muito difícil para nós. Na rodoviária, já dentro do ônibus, ela chorou muito. As primeiras semanas foram de adaptação, física e mental, mas meses depois, recebi a visita dela e do meu pai, passamos dias muito felizes.

Um dia cheguei para ela e a agradeci por ter me dado coragem. Hoje não tenho medo de nada. Ela se desculpou não ter podido ajudar financeiramente, e eu respondi que se ela tivesse me dado dinheiro eu não seria uma pessoa tão corajosa. Sabe quem me fez ter pena de homem? Ela. Em casa ela foi puxa-saca dos homens e não das mulheres. Dizia: “Sabe por que tenho pena de homem? Ele não sabe se virar. A mulher tem outro alcance, vê mais longe.” Eu a admirava.

Estava decidida a sair de casa, e dizia que a transferência foi tranquila, mas por dentro estava com o coração partido porque sentia pena dele. Chorava por dentro. Ficava pensando: será que vai ficar bem? É só lembrar que fico emocionada. No fundo, nunca assimilei a transferência para Caxias, mas também sabia que em Pato Branco não poderia ficar. Em muitos momentos pensei em voltar para casa.

Ele me visitou poucas vezes em Caxias. Eu é que sempre ia ao encontro dele nas minhas férias.

Todas as vezes que ligava para casa, ele fazia a mesma pergunta: “quando você virá para me ver? ou está chovendo aí?” E quando eu perguntava se estava tudo bem, respondia para que eu fosse logo. Dizia que não ia viver muito tempo. Nossa, ficava em silêncio, não conseguia segurar as lágrimas, caía em prantos. Depois contava para minha mãe. Outra vez, chorei quase todo o ano todo de 1999, porque ele cismou que não estaria vivo para ver a virada do milênio. No fundo, era uma pequena chantagem para forçar minha ida para Pato Branco. Só eu ficava triste. A virada aconteceu, ele não morreu e desnecessário dizer que foi pura alegria.

A HISTÓRIA ESQUECIDA

Meu pai lamentava o fato de as novas gerações não saber que o Brasil participou como aliado na Segunda Guerra Mundial. Dizia que o país não passava adiante sua história. Havia sentido. Como um tema tão relevante na história do Brasil não ter há décadas merecido o valor das autoridades. Ele dizia: “Pergunta para um jovem se conhece alguma coisa sobre a Segunda Guerra. Os jovens italianos sabem mais sobre a participação dos Pracinhas brasileiros na guerra do que os próprios brasileiros.” E acrescentava: “Não culpo as pessoas, mas as instituições de ensino que não exigem que essa parte da história faça parte do currículo escolar.”

Gostava de repetir a frase “povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la.”⁶⁴ E tem razão. Sempre disse para os filhos que para compreender a vida é necessário conhecer a história. “infelizmente, o Brasil é um país que não passa adiante e não dá a menor importância. Não se fala na Segunda Guerra. Para entender o mundo precisa primeiro conhecer a sua história.”

Embora fosse um homem culto, articulado, que cultivava e multiplicava amizades por onde passava, nunca recebeu convite para participar de atividades político partidárias na comunidade ou para assumir algum cargo público. Acompanhava com curiosidade o que se passava no mundo, no país, no estado e região onde morava, principalmente noticiário político. Era um devorador de jornais e assistia sempre aos telejornais da noite. Estava preparado para responder perguntas feitas sobre qualquer

⁶⁴ A frase originalmente foi dita pelo filósofo inglês Edmund Burke (1729-1797).

assunto. Era um homem com os pés no chão. “Não se iluda, o Brasil não tem jeito”, dizia. Ou então: “Não esperam nada de ninguém.”

Na eleição de 2018 ele chegou para nós e disse que fazia questão de votar. Com 98 anos de idade não tinha obrigação eleitoral, mas havia uma motivação que o levaria às urnas depois de algum tempo afastado delas: o candidato Jair Messias Bolsonaro, um militar como ele, que na presidência da República seria capaz de consertar o Brasil. Meu pai não escondeu de ninguém essa empolgação e tinha a resposta pronta na ponta da língua: “Somente o Exército pode salvar o país, porque no Exército há disciplina e o que as pessoas precisam para vencer na vida é de disciplina.”

Bolsonaro foi o único presidente da República que homenageou os Pracinhas com a Medalha da Vitória.⁶⁵ Em maio de 2019, por ocasião do 74º aniversário do Dia da Vitória, 130 ex-combatentes militares receberam a honraria. Ao todo, 302 pessoas em todo o país, entre civis e militares, foram homenageadas. Na ocasião, o general do Exército, Fernando Azevedo e Silva destacou: “É nosso dever preservar as conquistas que nos foram asseguradas pelos nossos antepassados, honrar a trajetória digna daqueles que lá estiveram e, acima de tudo... Combater o bom combate e a paz acima de tudo.”

Na quarta-feira, 19 de junho, a cidade de Pato Branco parou para ver o 3º Sargento reformado da Força Expedicionária Brasileira (FEB), José Argenta, receber a Medalha da Vitória. No ato, o Subcomandante do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada do Exército Brasileiro de Francisco Beltrão, Major Luiz Roberto Gonçalves, representou o Tenente-coronel Luiz Cláudio Ferreira de Araújo. A cerimônia teve também a presença da Banda de Música do 34º Batalhão de Infantaria Motorizada de Foz do Iguaçu (PR).

Meu pai teve 11 netos e seis bisnetos, gostava da companhia deles a sua volta e todos adoravam ficar no colo dele. Um dos netos, Vinícius, passou no vestibular para Medicina na mesma época do serviço militar. Depois de formado, ele fez questão de se apresentar para cumprir um ano. Ele ficou orgulhoso desse neto. Aliás, recebeu o nome de Vinicius José em homenagem ao meu pai.

Não tinha nenhuma preferência por time de futebol, mas embora essa posição de certa forma o distinguisse do senso comum, não signi-

⁶⁵ No dia 8 de maio de 1945 as tropas do nazifascismo se renderam ao Alto Comando das Forças Aliadas e da antiga União Soviética pondo fim ao conflito.

ficava que fosse inimigo desse esporte. Envolvia-se com futebol apenas quando havia jogos da Copa do Mundo, e assim mesmo assistia só os da seleção brasileira. Em casa todo mundo sabia que era um pretexto para reunir toda a família e promover um grandioso almoço.

Vez ou outra fazia a gente pensar com seus pensamentos que mais pareciam conceitos filosóficos do mais alto padrão. Nunca esqueci, por exemplo, ele dizer: “Minha filha, os dias demoram a passar e os anos passam voando.” Não sei se leu isso em algum lugar, mas sei que disse isso para mim. Sob circunstância alguma, não dizia palavrão. Seu tipo de educação não permitia. Foi um espelho para os filhos. Era bom estar do lado dele.

Sempre que tinha oportunidade, independentemente da ocasião ou de quem estivesse próxima, minha mãe não pensava duas vezes. Olhava fixamente para ele e dizia: “José, mas tu és bonito!” Ele simplesmente abria um sorriso tímido, daquele jeito doce, como o de alguém que retribuí o agradecimento sem precisar exprimir o que sente naquele momento. Apenas sorria com os olhos. E, vamos ser sinceros, ele era bonito. Quando minha mãe morreu, um pedaço dele foi junto porque ela era a vida dele, o alicerce. Tive a sensação de que a vida dele ia acabar, ainda mais que não tinha se restabelecido da morte de um filho.

AO MEU LADO

Nos últimos anos, minha irmã Rosemara, morou com ele. Ele tinha o hábito de não levantar cedo todos os dias, mas quando eu ia visitá-lo, acordava cedo. Tomava o seu chimarrão e só depois tomava café da manhã. Eu aproveitava e preparava a comida que ele gostava. Eram momentos agradáveis. Ele ficava na cozinha conversando comigo e, depois do almoço, tirava uma sesta.

Ele poderia ter vivido mais de cem anos, como previa a minha mãe, mas com a morte do filho, Sérgio, e depois dela, acredito que ele perdeu um pouco o sentido da vida. Ele sofreu um AVC, passou por complicações respiratórias e faleceu no final da tarde do dia 17 de junho de 2020, às 19h45minutos, no hospital de Pato Branco. Eu estava ao seu lado nessa despedida, segurando a sua mão. Faltava pouco mais de um mês para completar 100 anos.

Representantes do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado de Francisco Beltrão acompanharam o velório em Pato Branco e fizeram

escoltar até o crematório em Francisco Beltrão PR. Fizemos uma cerimônia de sepultamento que sensibilizou a cidade.

No dia em que minha mãe morreu, pensei que meu mundo ia desabar. Ela era a líder. Não imaginei que iria acabar quando meu pai morreu, e acabou. Afinal, tive uma relação diferente, muito espiritual, nem sei explicar direito. Para mim ele era um rei, um herói. Não tenho medo de dizer que ele foi o homem mais amado para mim. Fui o cão de guarda da vida dele, minha alma gêmea, não sei explicar direito esse amor.

Custei a aceitar que fiquei sem ele. Na minha mente, iria perdê-lo com mais de cem anos de idade, mas hoje percebo coisas diferentes sem a presença tanto dele, como dela. Meu lugar agora é Caxias. Vou continuar minha vida em Caxias até morrer. Fico feliz por sentir esse amor por ele, mas minha vida entra em uma nova etapa. Embora sinta a sua falta e tenha a sensação de que, às vezes, ele está ao meu lado, pretendo desligar, viajar, dedicar mais tempo para mim. Afinal, a vida é uma coleção de momentos e aprendizados que formam toda uma vida. Palavras refletem apenas as nossas pegadas.

REFERÊNCIAS

29º GRUPO de Artilharia de Companhia Autopropulsado, de Cruz Alta, RS.

ARIOLI, Alberto. **Cabeleto, a história de uma vida**. Caxias do Sul, RS: Quatrilho Editorial. 2012.

BLOG ECOS DA Segunda Guerra – <https://segundaguerra.org/feb-o-retorno-dos-pracinhas-ao-brasil/>.

CENTRO DE Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas – <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>

DIÁRIO DO SUDOESTE – Publicado na edição do dia 2012

EXÉRCITO BRASILEIRO – https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/id/11088198

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/em-busca-da-guerra-boa-dos-pracinhas/>

JORNAL DE BELTRÃO – (<https://www.jornalbeltrao.com.br/noticia/283617/expedicionario-de-98-anos-homenageado-pelo-exercito>)

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO – <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,conquista-do-monte-castelo-simbolo-de-campanha-da-feb-na-italia-faz-75-anos,70003206210>

JORNAL O GLOBO – <https://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/apos-guerra-pracinhas-da-feb-desfilam-na-rio-branco-sob-aplausos-dos-cariocas-8905653>
Publicado na edição do dia 3 de julho de 2013

JORNAL OPINIÃO de Francisco Beltrão Pr. – 26 de agosto de 2011 – edição nº 728 – Ano XIV – Editora JK Ltda (<https://jornalopiniao.com.br/category/opinioao/>)

ALIMENTAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA HISTÓRIA E NA HISTORIOGRAFIA (1950-2020)

*Dennison de Oliveira*⁶⁶

INTRODUÇÃO

A criação e envio para lutar além-mar de uma Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) desencadeou uma série de mudanças e adaptações entre os militares brasileiros. Em questão de poucos meses, um efetivo substancial do Exército Brasileiro teve de deixar suas rotinas de tempos de paz e se conformar às normas, regulamentos, doutrinas e táticas do Exército dos Estados Unidos da América. Nos termos da aliança militar firmada por ambos os países em 1942, os EUA seriam responsáveis pelo treinamento, abastecimento, remuniciamento, transporte, etc. de nossas forças em operações na Campanha da Itália (1944-1945).

Uma das mudanças mais radicais e mais temidas dizia respeito a alimentação. O histórico das campanhas militares brasileiras revelava uma recorrente crise dos abastecimentos, principalmente de alimentos. A associação da guerra e demais campanhas militares a todo tipo de privações, inclusive de alimentos, era uma constante na História Militar brasileira. No caso da Campanha da Itália, pelo menos em parte, tais temores foram rapidamente superados, quando os membros da FEB começaram a ter contato com a alimentação que lhes foi fornecida. Os pracinhas da FEB imediatamente perceberam que não haveria escassez de alimentos e nem qualquer risco de passarem fome, como usualmente aconteceu em outras guerras. Tal fato causou uma profunda impressão a todos brasileiros enviado para lutar além-mar.

O tema da alimentação da FEB é onipresente em todos os relatos dos participantes da Campanha da Itália. Dificilmente pode-se encontrar algum testemunho de um ex-combatente que não faça menção a questão da alimentação em campanha. A temática também foi extensivamente

⁶⁶ Dennison de Oliveira é Professor Titular no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR) E-mail: dennisondeoliveira@gmail.com.

tratada pelos correspondentes de guerra, levando a questão ao conhecimento de um público de massas através da imprensa da época.

É possível encontrar diferentes avaliações sobre a alimentação que foi servida aos pracinhas no decorrer da Campanha da Itália. Nelas se destaca o contraste entre a alimentação usualmente servida nos quartéis e organizações militares no Brasil com o novo cardápio oferecido pelas autoridades militares estadunidenses.

O primeiro contato com a alimentação de origem estadunidense se deu a bordo dos navios que os levaram à Itália. Nos transportes de tropas superlotados com cerca de seis mil homens, com severas restrições de espaço livre, eram servidas apenas duas refeições por dia. A exceção era o pessoal encarregado de tarefas e serviços a bordo, aos quais eram servidas três refeições. A avaliação recorrente dos brasileiros expostos a este primeiro contato com tal cardápio enfatiza duas dimensões antagônicas: por um lado havia a impressão favorável da diversidade de itens, a maioria jamais servida no Brasil, tais como leite e derivados, sucos, frutas, omeletes, embutidos e enlatados de diversos tipos; por outro, a resistência ao paladar agri-doce ou, no limite, ao excessivamente adocicado, sempre dominante nas refeições servidas.

Uma vez em terra firme, aos brasileiros foi oferecida uma dieta na qual predominavam ingredientes de origem estadunidense, complementada por itens enviados do Brasil, como os tradicionais arroz, feijão, farinha, charque, erva-mate, etc. A resistência inicial à dieta de origem estadunidense se devia tanto a recusa ao sabor predominantemente agri-doce quanto à natureza invariante e monótona do paladar de alimentos processados, ultra processados, congelados e refrigerados. Contudo, com o passar do tempo, a tropa brasileira acabou por se acostumar com os novos sabores, tanto mais que se tratava tanto de refeições extremamente variadas na composição dos alimentos quanto abundante nas quantidades que eram servidas.

A ênfase numa alimentação saudável, rica em calorias e equilibrada na sua composição nutricional não demorou a surtir efeito sobre os brasileiros em campanha na linha de frente na Itália. Diversas carências nutricionais recorrentes na alimentação servida nos quartéis no Brasil foram eliminadas. A abundância das refeições sanou todos os déficits alimentares dos quais alguns brasileiros padeciam. Como resultado, ao final da campanha a aparência dos combatentes irradiava saúde e vigor.

Tal aparência sugeria aos indivíduos menos avisados ou mal intencionados que, na verdade, a Campanha da Itália teria sido uma excursão de turismo ou algum tipo de férias no exterior, ao invés de uma interminável e mortal guerra de infantarias num ambiente caracterizado por montanhas íngremes e temperaturas glaciais.

O que se pode concluir do exame das evidências históricas é que a alimentação da FEB durante a Campanha da Itália foi farta, variada e abundante. Eventuais restrições nas quantidades de alimentos servidas se deviam a circunstâncias eventuais de ordem tática ou operacional. De fato, fazer chegar a alimentação aos combatentes na linha de frente, num teatro de operações de guerra de montanha e sob clima hostil e rigoroso, implicava em utilizar animais de carga, como mulas e jumentos, ou apelar ao esforço humano puro e simplesmente. Nestas circunstâncias, as refeições fartas e bem equilibradas, comuns na retaguarda da linha de frente, davam lugar ao consumo exclusivo de rações enlatadas, com as conhecidas implicações relativas à monotonia do sabor, bem como a dificuldade de digestão, manifesta na eclosão de eventuais surtos de diarreia ao fim de muitos dias de consumo exclusivo de tais alimentos.

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA ALIMENTAÇÃO DA FEB

Uma vez finda a guerra, os veteranos conservaram viva a memória das suas experiências com alimentação, citando o assunto em uma variedade de publicações como livros, crônicas, depoimentos e poesias. Demorou ainda alguns anos para que as autoridades militares também publicassem livros em que abordavam as questões relativas ao abastecimento de víveres da FEB. Finalmente, foi no século XXI que pesquisadores universitários descobriram a temática, a partir de diferentes perspectivas ligadas aos domínios da história social, cultural, militar, diplomática, etc. Este texto pretende oferecer, a partir do exame de um número limitado de obras, um breve panorama dos diferentes enfoques a partir dos quais a história da alimentação da FEB foi abordada.

Como mencionado, pode-se encontrar referências à alimentação em praticamente todas as memórias e depoimentos de veteranos de guerra da FEB. Vou me ater aqui em apenas dois deles, ambos constantes da célebre coletânea intitulada *Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB*, publicado em 1950. O valor de tais depoimentos reside no fato de que foram incluídos em obra destinada a criticar e rever a mais importante história da FEB até então publicada, no caso, o livro do Marechal João

Batista Mascarenhas de Moraes, o clássico *A FEB pelo seu comandante*, cuja primeira edição data de 1947.

Embora se trate de obra extremamente crítica e contestadora, os depoimentos que se referem a alimentação da FEB são elogiosos. Trata-se de um importante consenso. Ainda que diversos aspectos da mobilização, treinamento e ação em combate da FEB sejam questionáveis e criticáveis a alimentação não é um deles. Veja-se, por exemplo, o texto do tenente José Alfio Piason, cujo título já antecipa o foco das memórias deste combatente: “Alguns erros fundamentais observados na FEB.”

Mesmo num texto crítico como este se constata que, uma vez na Itália, os combatentes brasileiros tiveram acesso a uma dieta nutricionalmente rica e variada, bem como abundante em quantidade. Ele descreve a alimentação servida nos quartéis brasileiros como gravemente desbalanceada e com déficit nutricional, composta de um conjunto invariante e limitado de opções como café (sem leite), pão (sem manteiga), arroz, feijão e carne. Em contraste, na Itália, as refeições consistiam em enorme sortimento de suco de frutas, café com leite, pão e manteiga, ovos com presunto, cereais, legumes, carne, frutas em conserva, doces (PIASON, 1950).

Outro autor que participou desta mesma coletânea publicada em 1950 foi Ubirajara Dolácio Mendes, responsável pelo capítulo intitulado “Soldado com fome não briga”, no qual tece extensas considerações sobre a alimentação servida aos integrantes da Força Expedicionária Brasileira. Ele reitera as descrições da má qualidade da comida servida nos quartéis brasileiros antes da guerra, bem como o impacto inicial da dieta estadunidense servida a bordo do navio que os levou à Itália.

As contribuições mais relevantes de suas memórias dizem respeito, por um lado, ao difícil período de adaptação dos cozinheiros aos métodos de preparo dos alimentos de origem estadunidense; e, por outro, ao caráter misto da dieta adotada, caracterizada por abundantes ingredientes dos EUA complementada por itens de procedência brasileira. Dolácio lembra de ter comido, além dos ingredientes de origem estadunidense, o famoso feijão com arroz. Inicialmente o prato brasileiro era servido diariamente. Contudo, já próximo ao fim da campanha, com os suprimentos próximos de se esgotar, só se servia arroz com feijão uma ou duas vezes por semana. Este foi, provavelmente, o primeiro autor a descrever em detalhe o caráter misto da culinária da FEB em campanha (MENDES, 1950).

No mesmo ano de 1950 foram publicados outros livros sobre alimentação da FEB. O fim do governo de Eurico Gaspar Dutra (1945-1950) que, durante a Segunda Guerra Mundial ocupou o cargo de Ministro da Guerra, pode ter sido um fator a impulsionar a publicação de novas visões sobre aquele conflito. Se de fato tal evento exerceu influência, sua importância foi apenas relativa, como se viu no caso da coletânea dos Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB que, mesmo assim, teve sucessivas edições apreendidas pelas autoridades militares.

De qualquer forma foi em 1950 que foi publicado um livro onde o assunto era abordado do ponto de vista dos encarregados da estocagem, distribuição e preparo dos alimentos da FEB. Tratava-se do livro do Coronel Fernando Lavaquial Biosca, que comandou o Serviço de Intendência da FEB. Nesta obra, as questões afetas ao envio, estocagem, distribuição, preparo e consumo de alimentos são tratadas de forma sistemática e abrangente.

Como os demais autores ele reconhece o alto valor nutritivo das rações estadunidenses, nota a dificuldade de adaptação ao paladar dos brasileiros e faz reparos quanto às quantidades servidas. Este último aspecto é de particular interesse porque denota a importância da quantidade de alimentos servida em cada refeição como fator de satisfação também de necessidades psicológicas do consumidor brasileiro: na cultura popular da época não bastava a refeição ser objetivamente nutritiva, ela tinha também de ser indiscutivelmente abundante.

Seu ponto de vista sobre a dieta mista, simultaneamente brasileira e estadunidense, é crítico. Biosca era da opinião que tal prática complicou o processo de adaptação à dieta estadunidense, sem oferecer em contrapartida a possibilidade de adesão a um cardápio totalmente brasileiro. Para ele, as autoridades militares deveriam ter optado por uma dieta exclusivamente brasileira ou estadunidense, facilitando assim a organização dos serviços de abastecimento.

Nas memórias do Coronel Chefe do Serviço de Intendência da FEB se destacam as mudanças solicitadas aos responsáveis pelo abastecimento no V Exército dos Estados Unidos, a cuja autoridade estavam submetidos os brasileiros. Biosca fez notar a eles a inutilidade do fornecimento de itens tidos como intragáveis ao paladar brasileiro, como os sucos de tomate e de frutas cítricas. Também demandou, dentre várias outras

mudanças, o fornecimento de maior quantidade de arroz, indicativo da insatisfação da tropa com o volume de comida servida.

Um outro aspecto digno de nota é a pesquisa que o Chefe do Serviço de Intendência da FEB realizou sobre as preferências alimentares dos brasileiros em campanha. Os resultados obtidos permitiram estabelecer que cerca de metade da tropa preferia o então regime misto de alimentação e, outra metade preferia que toda dieta fosse exclusivamente de origem brasileira.

O trecho mais ousado dos escritos de Biosca se refere a proposta de constituição de uma dieta de campanha em tempo de guerra que fosse genuinamente brasileira. A proposta, contudo, dependia para sua efetivação de uma melhoria geral nas condições de seleção, embalagem e transporte dos gêneros alimentícios do Brasil até o front italiano. E, a respeito destas questões, o livro de Biosca é bem vago (BIOSCA, 1950).

O terceiro e último livro lançado em 1950 que se refere ao tema da alimentação da FEB é o do médico Mirandolino Caldas que, no decorrer da Campanha da Itália, exerceu o cargo de chefe do Posto Avançado de Neuro-Psiquiatria da FEB. Antes do embarque para além-mar Mirandolino também atuou no processo de seleção dos recrutados para FEB.

Em seu livro ele nota diversas causas para a resistência dos convocados em serem recrutados para o serviço militar em tempo de guerra. Dentre as causas citadas consta em primeiro lugar as questões econômico-financeiras, relacionadas a perda de fonte de renda ou redução do salário por conta do recrutamento. E, em segundo lugar aparece a má alimentação fornecida nos quartéis. Trata-se de uma evidencia a mais de como de fato era de baixa qualidade as refeições servidas nas organizações militares, obrigando aos que tinham condições financeiras um pouco melhores, a recorrer a bares e restaurantes próximos aos quartéis para obter uma alimentação satisfatória. Entende-se, pois, a recomendação que fez ao comando para que se empenhasse em melhorar as condições de alimentação dos convocados enquanto um importante fator de manutenção (ou erosão) da motivação da tropa para lutar (CALDAS, 1950).

Em 1952 foi publicado outro livro de interesse para o estudo da história da alimentação da FEB. Tratava-se do livro de memórias do General Estevão Leitão de Carvalho intitulado *A serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial* onde narra suas experiências como chefe da delegação brasileira

na Joint Brazil United States Defense Commission – JBUSDC (Comissão Conjunta de Defesa Brasil Estados Unidos – CCDBEU) com sede em Washington (EUA). Esta comissão foi criada para planejar e executar as extensas e complexas operações militares abrangidas pelo texto do acordo de aliança militar firmado por ambos os países em 23.05.1942.

No livro *Leitão de Carvalho* revela que as tratativas entre autoridades brasileiras e estadunidenses relativas à alimentação da FEB jamais foram formalizadas. Na vigência da comissão conjunta foram emitidas 16 resoluções, normatizando uma diversidade de questões que diziam respeito às ações militares conjuntas de Brasil e Estados Unidos. Os temas relativos aos prisioneiros de guerra, justiça militar e alimentação da FEB deveriam ter sido equacionados numa resolução que teria o número 17, mas tal documento jamais foi objeto de deliberação.

A intenção do General Leitão de Carvalho era a de que fosse adotada a decisão de que os suprimentos alimentícios da FEB seriam fornecidos pelo Exército dos EUA, a serem pagos pelo conhecido Lend Lease, mecanismo de financiamento de compras militares de países aliados aos EUA. Dutra, por seu lado, insistia que os estadunidenses se comprometessem inicialmente também com o envio de gêneros alimentícios de origem brasileira, para compor uma fase que entendia de adaptação dos nossos combatentes a uma dieta puramente estadunidense.

Para forçar a adoção desta linha de ação, Dutra iniciou negociações diretas com o chefe da delegação estadunidense da Joint Brazil United States Military Commission – JBUSMC (Comissão Militar Conjunta Brasil Estados Unidos – CMCBEU) com sede no Rio de Janeiro (RJ). Esta comissão também havia sido criada em 1942, e era destinada a estudar e promover a modernização e atualização do Exército Brasileiro, sob os auspícios da aliança militar Brasil-EUA. Como resultado, Leitão de Carvalho foi marginalizado das negociações militares, as quais passaram a ser conduzidas diretamente por Dutra. A questão das responsabilidades no que se referia à alimentação da FEB seguiram indefinidas, um acordo nesse sentido jamais foi formalizado (LEITÃO DE CARVALHO, 1952).

HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA DA HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO DA FEB

Os anos recentes foram marcados pelo crescente interesse dos pesquisadores acadêmicos pela história da FEB, incluindo a história da alimentação dos combatentes brasileiros em operações de combate no

exterior. Provavelmente o estudo pioneiro a respeito foi o de Luciano Meron publicado em 2015 intitulado *Saco vazio não para em pé: a alimentação e os hábitos alimentares na FEB (1944-1945)*. Neste texto são abordados os conflitos decorrentes da adoção de uma dieta estadunidense, notando que na sua composição entraram também alguns componentes brasileiros. O autor também se refere a um tema recorrente nas memórias dos veteranos de guerra brasileiros, sempre impressionados com as diferenças nas práticas de higiene e limpeza na estocagem, transporte e preparo de alimentos nos quartéis no Brasil, em comparação com os métodos e técnicas empregados pelo exército estadunidense.

O texto também se refere a relação afetiva dos brasileiros com a comida a qual estavam acostumados no Brasil, bem como as tentativas dos pracinhas em obter gêneros alimentícios alternativos entre a população italiana. Ele também nota o importante impacto da generosidade brasileira em fornecer alimentos a civis italianos, particularmente os refugiados, bastante carentes de comida e outros gêneros de primeira necessidade naquele estágio da guerra (MERON, 2015).

Como notado, o livro do General Estevão Leitão de Carvalho, lançado em 1952, descrevia a participação dele como chefe da delegação brasileira na JBUSDC que teve sede em Washington durante toda guerra. O próprio autor revela sua marginalização das negociações travadas entre Dutra e os militares estadunidenses da JBUSMC com sede no Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2015). Essa lacuna em nosso conhecimento começou a ser sanada com a pesquisa que publiquei em 2016, abrangendo a documentação relativa a JBUSMC depositada no US National Archives em Maryland (EUA).

Examinando as correspondências trocadas entre militares estadunidenses no Brasil e nos EUA foi possível descobrir diversos aspectos inéditos na história da alimentação da FEB. Os militares dos EUA ficaram sabendo que Dutra estava fazendo um teste com pessoal da FEB, já então em fase de concentração no Rio de Janeiro. O objetivo da experiência era testar a viabilidade de servir aos pracinhas apenas a dieta de origem estadunidense.

A expectativa é que tal teste não se revelasse satisfatório o que, segundo os membros estadunidenses da JBUSMC, obrigaria Dutra ao fornecimento de arroz, feijão e carne-seca. Tais remessas estariam na dependência de provisão de espaço nos porões dos diferentes navios

que levariam a FEB à Itália. No mês seguinte, em 14 março de 1944, os observadores dos EUA constataavam que Dutra considerava levar com o primeiro escalão um suprimento de seis meses de arroz, feijão, farinha de mandioca, mate em folha, mate em pó, cigarros e fósforos. Tais suprimentos se destinavam a prover um período de transição ao fim do qual seria adotada uma dieta exclusivamente estadunidense para a FEB.

Esta abordagem contava com a aprovação do comandante da FEB, o general João Batista Mascarenhas de Moraes, que escreveu a Dutra logo que chegou a Itália em julho de 1944. Os militares dos EUA estavam a par de que Mascarenhas acreditava não necessitar da remessa de gêneros brasileiros, apenas uma certa quantidade de sal, banha e açúcar para temperar aqueles que haviam sido trazidos com o 1º. Escalão da FEB. Ele achava que tal remessa seria suficiente para um período de adaptação dos pracinhas à dieta exclusivamente estadunidense.

O exame da documentação das autoridades militares dos EUA permite saber em que momento se desistiu de adaptar a tropa a uma dieta de origem apenas estadunidense. É revelador o radiograma de Mascarenhas que chegou ao conhecimento dos militares dos EUA na JBUSMC em 9/12/1944. Nele o comandante da FEB fazia Dutra saber da demanda contínua por gêneros de origem brasileira. Para dar conta do incessante abastecimento de itens da dieta brasileira Mascarenhas demandava que fossem mantidos nos depósitos da FEB dezenas de toneladas de café, arroz, sal, banha, açúcar, farinha e erva-mate; centenas de toneladas de feijão; bem como milhões de carteiras de cigarro. O fato comprova o fracasso na tentativa de adaptar os pracinhas a uma dieta puramente estadunidense.

Desta forma, no decorrer da Campanha da Itália, os brasileiros tiveram a enorme vantagem de ser abastecidos com todos itens desejáveis da culinária estadunidense. Ao mesmo tempo tinham acesso a gêneros nacionais como feijão, arroz, farinha de mandioca e café, os quais complementavam e engrossavam a dieta fornecida pelos EUA. Tentando capitalizar em algum grau o fracasso da tentativa de impor uma alimentação exclusivamente estadunidense aos pracinhas, Dutra via na assim chamada dieta mista uma enorme – e real – vantagem: diante de tamanha abundância o brasileiro seria o combatente melhor alimentado da Europa (OLIVEIRA, 2016).

Os autores que mais recentemente se dedicaram ao tema são Durland Puppim de Faria e Fabio da Silva Pereira cujos trabalhos são realizados tanto isoladamente quanto em parceria. Aqui serão examinadas as contribuições do artigo intitulado *Alimentação dos soldados cariocas na Itália: um impacto cultural (1944-1945)*, de autoria de ambos os autores, publicado em 2018.

O texto foi baseado em memórias de pracinhas, na literatura disponível, bem como em fontes depositadas no Arquivo Histórico do Exército (AHEx) localizado no Rio de Janeiro (RJ). No geral, os autores confirmam os principais achados sobre a história da alimentação da FEB, apresentando vários consensos historiográficos. Cabe fazer um reparo no texto, quando examina as evidências colhidas por Mirandolino Caldas, onde informam erradamente a principal causa de resistência dos convocados em se engajar na FEB.

Uma importante achado da pesquisa se refere aos requisitos para a oferta de uma dieta totalmente brasileira aos pracinhas. Nesse sentido, os autores avançam o conhecimento das implicações do processo de transporte, estocagem e distribuição de alimentos que, parcialmente, já haviam sido citados por Biosca. Examinando a documentação disponível constatam que as embalagens brasileiras eram frágeis, não impermeáveis, suscetíveis de expor os alimentos nelas contidos à deterioração e contaminação. Em contraste, as embalagens das rações estadunidenses eram resistentes e impermeáveis, podendo ser estocadas até mesmo ao ar livre.

A pesquisa confirmou, assim, as condições objetivas e os pré-requisitos que o chefe da Intendência da FEB estabeleceu ao examinar a hipótese de se oferecer à FEB uma dieta exclusivamente brasileira. Teriam, necessariamente, se serem sanados a embalagem, transporte e acondicionamento de todos os gêneros alimentícios providos do Brasil e destinados a FEB. Uma vez que tais dificuldades jamais foram sanadas, seguiu sendo limitado o abastecimento dos pracinhas com gêneros de origem brasileira, impedindo a adoção de uma dieta exclusivamente de origem nacional e, praticamente, impondo o consumo de alimentação de origem mista (FARIA; PEREIRA, 2018).

CONCLUSÃO

Dado o estágio atual dos conhecimentos disponíveis sobre a história da alimentação da FEB é possível estabelecer um elevado grau de consenso

entre os pesquisadores que em tempos recentes tem se dedicado ao tema. Muitas coisas não saíram a contento nos processos de recrutamento, treinamento, envio para o front e na entrada em combate da FEB. Mas a alimentação não se inclui entre eles. Embora tenha sido um processo marcado por conflitos e contradições, a alimentação da FEB sempre foi considerada satisfatória, senão excelente.

Obviamente que o recurso a diferentes acervos documentais, bem como publicação de novos depoimentos e memórias inéditas de ex-combatentes, seguirão ampliando nosso conhecimento e permitindo atribuir maior precisão a algumas constatações ainda vagas.

Contudo, é necessário reconhecer que as questões fundamentais relacionada ao tema já foram encaminhadas, senão totalmente respondidas. Assim, não é impossível afirmar que, talvez, estejamos próximos de esgotar o entendimento do tema.

REFERENCIAS

- BIOSCA, Fernando L. **A intendência no Teatro de Operações da Itália**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1950.
- CALDAS, Mirandolino. **O posto avançado de neuro-psiquiatria da FEB**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1950.
- FARIA, Durland Puppim de Faria; PEREIRA, Fabio da Silva. Alimentação dos soldados cariocas na Itália: um impacto cultural (1944-1945). **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, nº14, 2018, p.103-121, 2018
- LEITÃO DE CARVALHO. **A serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1952.
- MENDES, Ubirajara Dolácio. Soldado com fome não briga. In: ARRUDA, Demócrito Cavalcanti de (org.) **Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A. 1950.
- MERON, Luciano. Saco vazio não para em pé: a alimentação e os hábitos alimentares na FEB (1944-1945). In: SEMINÁRIO ALIMENTAÇÃO E CULTURA NA BAHIA. 1., 2014, Feira de Santana/BA. **Anais**. Feira de Santana: Centro de Estudos do Reconcavo, UEFS, 2014. pp. 1-10
- OLIVEIRA, Dennison de. “O combatente melhor alimentado da Europa”: a alimentação da Força Expedicionária Brasileira e a aliança Brasil-EUA durante a Segunda Guerra Mundial (1943-1945). **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, nº 31, p. 116-141, jul.2016.
- OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil-EUA: Nova História do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Juruá, 2015.
- PIASON, José Alfio. Alguns erros fundamentais observados na FEB. In: ARRUDA, Demócrito Cavalcanti de (org.) **Depoimentos de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A. 1950, p. 69-102.

Curitiba, PR, 5/10/2020

O PROCESSO DE UNIFORMIZAÇÃO DA FEB, ENTRE 1943 E 1945.

Julio Zary⁶⁷

INTRODUÇÃO

Ao declarar guerra contra os Países do Eixo, em 22 de agosto de 1942, passou a existir a perspectiva da participação de uma Força-Terrestre brasileira efetivamente na guerra, o que possibilitaria ao Exército Brasileiro (EB) atuar tanto no Norte da África quanto no Mediterrâneo, tudo dependia da duração do Afrika Korps, no primeiro deles. No entanto, a oficialidade brasileira ainda estava buscando respostas às dúvidas surgidas com a rápida derrota da França para a Alemanha, em 1940, tendo em vista as duas décadas que os franceses permaneceram em terras brasileiras, desde 1919, por meio da Missão Militar Francesa, quando passaram diversos ensinamentos da arte da guerra, que se mostraram ineficazes, rapidamente.

Uma das dúvidas que pairavam era sobre a efetividade da preparação do Exército para uma guerra que estava sendo travada na Europa, a de movimento, tendo em vista as notícias que vinham dos *fronts*, em especial a da guerra relâmpago alemã, efetiva na simbiose entre aviação e tanques de guerra. Entre outros aspectos dúbios, os uniformes adotados pelo EB, desde a reforma do regulamento, ocorrida em 1934, eram um tanto quanto ineficientes, pois eram uma mistura de modelos franceses, alemães e ingleses, sendo o equipamento individual da infantaria o modelo britânico Mills, e o capacete era de cortiça, que servia apenas para cerimoniais. Ademais, o uniforme se prestava somente ao clima tropical.

⁶⁷ * Graduação em Ciências Militares, pela Academia Militar das Agulhas Negras (1997). Graduação em Educação Física, pela Escola de Educação Física do Exército (2001). Pós graduação Lato Sensu em Bases Geo-históricas para a formulação estratégica, pela ECEME (2010). mestre em Operações Militares pelo Ministério da Defesa/Exército Brasileiro (2005) e em Ciência da Motricidade Humana, pela Universidade Castelo Branco (2004). Trabalhou como assessor do Exército nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 e oficial de ligação junto ao Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos. Foi observador militar da ONU na fronteira Líbano-Israel-Síria. Experiência na área de História Militar, com ênfase em Força Expedicionária Brasileira. Atualmente é o Comandante do 2º Batalhão de Polícia do Exército.

FIGURA 1 – Uniforme M-34 feito em brim, ineficiente para a guerra dos anos 40.
Também conhecido como 5º uniforme B (RUPE, 1942)



FONTE: Coleção privada.

No entanto, em 1943, com o Brasil declarando sua adesão à Carta do Atlântico, houve uma maior aproximação com os Estados Unidos da América (EUA), o que possibilitou a estruturação da FEB, adicionado ao fato de se abrir a possibilidade da compra de material norte-americano (por meio do lend-lease), o que não incluía uniformes, inicialmente, que ficaram a cargo do Brasil, pois acreditava-se que tínhamos a capacidade para tal, apesar da indústria ser incipiente.

A despeito do envio de uma missão precursora para o Teatro de Operações africano, ainda em 1943, que serviu para se observarem os parâmetros para a confecção dos novos uniformes, o Caderno de Encargos de Intendência demorou a ficar pronto, resultando na produção de uniformes inadequados às agruras do combate, especialmente quando se considera o rigoroso inverno europeu, e que redundou na necessidade de se adquirir, novamente junto aos americanos, os uniformes que suportassem a neve, contrariando a previsão inicial, dita anteriormente.

Por outro lado, a indústria americana, àquela época, totalmente voltada para a produção de guerra, obviamente suportou a nova demanda, que foi atendida por meio da Peninsular Base Section, uma unidade logística do Exército americano, situada na Itália, que já era veterana da campanha do Norte da África e da invasão da própria Itália. Assim, os uniformes, desde o treinamento no Brasil, até a adaptação para a guerra

na neve, passaram por um processo de desenvolvimento penoso, uma vez que foram responsáveis por diversas baixas na FEB.

DESENVOLVIMENTO

A palavra “uniforme” deriva das palavras “una” (uma) e “forma” (forma). Em outras palavras, para um Exército, seu significado geral é: uma vestimenta com um tecido específico, em um corte particular, com cores definidas e insígnias bordadas, estabelecidos em regulamentos ou tradições. Os uniformes, em suma, serviam para demonstrar que um grupo de soldados pertencia a um mesmo exército ou a um determinado país (Rodrigues e Barroso, 1922).

Como supracitado, em 1943, quando se aproximava o momento de se enviar tropas para a guerra, havendo uma Divisão inteira, sob o comando do General Mascarenhas de Moraes, se preparando em diversas partes do território, o regulamento de uniformes específico para a FEB ainda não estava pronto. Ou seja, a FEB ainda estava “desuniformizada” para a guerra, o que perdurou demasiadamente, até o ano seguinte. Enquanto isso, seguia-se o Regulamento de Uniformes previstos para o Pessoal do Exército (RUPE), editado em 1942, que fora aprovado pelo Decreto 10.205, de 10 de agosto daquele ano, o qual normatizava, dentre outras coisas, os tipos de tecidos e as peças de uniformes.

Somente a partir de outubro de 1944, com a confecção do Plano de uniformes da FEB, bem como e do Caderno de Encargos de material de intendência, que se padronizou os moldes e as tendências dos novos uniformes, feitos exclusivamente para a FEB, tendo o equipamento todo seguido o modelo Norte-Americano, até hoje conhecido como NA. Ambas publicações se complementavam e especificavam as técnicas fabris e industriais de produção, nos mínimos detalhes.

Porém, há de se ressaltar que o primeiro escalão da FEB desembarcou em solo italiano em julho de 1944, e que as especificações técnicas e industriais só foram publicadas em outubro, caracterizando um enorme contrassenso logístico para a indústria nacional, o que trouxe reflexos negativos para a FEB, no final de 1944, já em campo de batalha, especialmente no final daquele ano.

Para se ter uma ideia de como foi difícil o inverno de 1944/45, no Teatro de Operações Europeu, somente o Exército americano teve cerca de 46.000 baixas de combate, em face das temperaturas muito abaixo de

zero grau (US Army), ou seja, praticamente o dobro do efetivo de toda a FEB ficou fora de combate, por causa do frio.

Ademais, o Plano de Uniformes foi o passo inicial para a preparação dos uniformes e equipamentos da FEB, e, apesar de não ter mudado totalmente os uniformes já em uso, desde 1934, trouxe novidades e modificações em uniformes existentes, de modo que algumas peças de passariam a ser abolidas, outras toleradas, e algumas incorporadas, de forma a se adaptar e melhorar a preparação da tropa, frente às futuras demandas climatológicas (Araújo, 2014). Porém, entre a produção têxtil e a edição das normas para tal, ocorreu apenas um detalhe: a FEB chegou na Itália. Apesar dos problemas com os uniformes não terem sido instantâneos, uma vez que os primeiros escalões chegaram entre o verão e o outono europeus, e os uniformes de brim, recém confeccionados, conhecidos como 5º B1, não influenciavam negativamente nas operações, no entanto estes ocorreram mais tarde. O sobredito uniforme era composto basicamente de: Blusa de brim VO (Verde-Oliva), calça de brim VO, capacete de aço/fibra tipo americano M-1, ou capacete de pano (tropical), ou bibico, borzeguins de couro preto e perneiras em lona.

FIGURA 2 – Uniforme 5º B1, fabricado no Brasil e usado durante a adaptação ao novo Teatro de Operações



FONTE: Coleção privada.

FIGURA 3 – Túnica do uniforme 5º B1, de 2º Tenente, com bibico e equipamento Mills (porta-binóculos e coldre de revólver)



FONTE: Coleção privada

Após as vitórias iniciais do Destacamento FEB: Massarosa, Camaiore e Monte Prano, a FEB foi deslocada para a sua mais longa missão – a do complexo Apenino, onde ficava o Monte Castello, a partir de novembro. Depois das primeiras tentativas, todas infrutíferas, houve a estabilização da frente italiana, em face das temperaturas, que ficaram cada vez ficaram mais baixas, ao ponto de atingir os 20 graus negativos, e aí surgiu o problema dos uniformes para a tropa.

Desta forma, a única saída possível foi novamente recorrer ao 5º Exército americano, para que os brasileiros pudessem defender as posições no sopé dos daqueles Montes, bem como executar patrulhas de reconhecimento, no meio da inédita neve, para quase 100% do efetivo. Surgiu, então, um dos maiores problemas enfrentados pelo comando da FEB, que foi a inadequação dos uniformes de frio, confeccionados no Brasil, os quais foram feitos em lã, mas não serviam para temperaturas tão baixas. Estes eram os 5º B2, sendo compostos basicamente de: Blusa de lã VO, calça de lã VO, capacete de aço tipo americano, luvas de lã VO e *combat boots* de couro preto, os quais não suportavam o gelo e a neve que os febianos enfrentavam, dentro dos *foxholes* ou nas trilhas.

FIGURA 4 – General Mark Clark em revista a tropa brasileira, que estava com o 5º B2



FONTE: US Army Signal Corps (1944).

FIGURA 5 – Túnica do uniforme 5º B2, de Capitão



FONTE: Coleção privada

Após o acerto dos detalhes, finalmente a PBS começou a distribuir fardamento pesado para a FEB, o que incluía sobretudos, jaquetas de combate, *overshoes* e demais materiais (US ARMY, 1945). Desta forma, a FEB passou a ter melhores condições de defender a frente a ela imposta, também conhecida como a terra de ninguém, a partir do final de dezembro, ou seja, no auge do inverno. Tal fato acabou por atrasar a adaptação da FEB ao frio, tornando-a penosa e diminuindo, assim, seu poder relativo de combate, naquele período.

FIGURA 6: Oficiais da FEB, durante o inverno de 1944/45, com uniformes variados e adequados à neve (casacões, sobretudos etc.)



FONTE: Coleção privada.

FIGURA 7: Oficial da FEB, com sobretudo americano e macacão de tanquista, adaptado às baixas temperaturas



FONTE: Coleção privada.

Passado o inverno, com a finalidade de encerrar a estabilização da frente, em fevereiro de 1945, o 5º Exército americano participou do planejamento da Operação *Encore*, que previa a tomada de Monte Castello pela FEB, e dos arredores (Gorgolesco e Della Torraccia) pela 10ª Divisão de Montanha americana. Então, no dia 21, o 5º e derradeiro ataque ocorreu, com a conquista indubitável do cume tão defendido pelo inimigo alemão, composto por elementos da 232ª Divisão de Infantaria, que era formada por veteranos das campanhas do Norte da África e da Rússia.

FIGURA 8: Montes Apeninos, no setor do 5º Exército



FONTE: CMH Pub 72-34.

A partir da tão sonhada conquista, chegou-se finalmente ao vale do Pó, sendo aquela a última fase da FEB na Itália, momento em que as temperaturas voltaram a subir, e os soldados puderam utilizar uma infinidade de uniformes, mesclando os feitos no Brasil e os americanos, deixando este de ser mais um problema para o comando brasileiro, entre tantos outros. As batalhas finais, Montese, Colecchio e Fornovo, ocorreram em abril daquele ano, semanas antes da capitulação do exército alemão naquele TO, que ocorreu em 3 de maio, pondo fim a mais de 200 dias ininterruptos dos brasileiros em combate.

FIGURA 9: Grupo de Combate do 11º RI se deslocando, durante ataque a Montese



FONTE: Rigoni (2003).

FIGURA 10: Soldado brasileiro de infantaria em final de campanha, com jaqueta americana M-41, calça de lã do 5º B2, capacete americano M-1, overshoes americanos e cinto NA feito no Brasil.



FONTE: Coleção privada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Força Expedicionária Brasileira foi uma força militar, constituída por 25.834 homens e mulheres, que, durante a Segunda Guerra Mundial, representou o Brasil junto às Nações aliadas, na Campanha da Itália.

Esta Força permitiu que o Exército Brasileiro evoluísse, em diversos aspectos, e em especial quanto aos uniformes, fazendo com que a Força Terrestre saísse do modelo 1ª Guerra Mundial para entrar na guerra da era moderna. Em paralelo, possibilitou a participação da indústria nacional, no esforço de guerra, mesmo que parcialmente.

Entre os anos de 1943 e 1945, ficou evidenciado que, para se ter uma participação efetiva na guerra, o Exército deveria modernizar seu fardamento, tendo em vista que o existente, inicialmente, seria incapaz de atender as demandas em um Teatro Europeu. Esta modernização foi idealizada para ser atendida pelo próprio País, no entanto foi dificultada pela indústria nacional não ser tão eficaz, naquele momento, bem como se mostrou incapaz de atender a situação específica de confeccionar uniformes para frio extremo, até porque não existia tão situação por aqui.

Em contrapartida, os uniformes de verão atenderam perfeitamente às demandas, o que pode ser corroborado por não terem sido levantados problemas desta natureza, na maior parte dos relatórios da FEB. Na mesma toada, quanto aos uniformes de inverno, a falha na sua confecção foi suplantada pelo acordo com os americanos, feito na Itália, que per-

mitiu a distribuição de diversos itens de frio, mesmo que tardiamente, possibilitando a permanência dos brasileiros no *front*.

Por fim, conclui-se que a adaptação da FEB, durante os 9 meses que ficou na linha de frente, sintetiza a adaptação do próprio soldado brasileiro às novas situações a ele apresentadas. Seja por esforço próprio, seja por meio de acordos com Nações amigas, o Exército Brasileiro se mostrou, mais uma vez, capaz de responder ao chamado da Nação, demonstrando, de maneira indelével, que seus feitos jamais deverão ser esquecidos das páginas do livro de heróis da Pátria e da democracia do mundo civilizado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ivan Christie de Barros. **Os uniformes de combate da Força Expedicionária Brasileira: Contribuições para atuais e futuras demandas logísticas do Exército Brasileiro**. TCC, ECEME, 2014.

CMH Pub 72-34. **North Apennines**. Disponível em: <https://history.army.mil/catalog/pubs/72/72-34.html>. Acesso em 16 Set 2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Regulamento de Uniformes Previstos para o pessoal do Exército Brasileiro**, 1942.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Brazilian Expeditionary Force in World War II*. São Paulo: Osprey Publishing, Long Island – NY, 2011.

MORAIS, Berta *et al.* In: **Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

RIGONI, Carmen Lúcia. **A atuação da FEB em Montese (Itália) e a Ofensiva da Primavera**. Disponível em: <http://www.portalfeb.com.br/a-atuacao-da-feb-em-montese-italia-e-a-ofensiva-da-primavera/>. Acesso em 22 Set 2020.

RODRIGUES, José Wash; Barroso, Gustavo. **Uniformes do Exército Brasileiro, 1730-1922: Obra comemorativa do Centenário da Independência do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da guerra, 1922.

US Army. Peninsular Base Section – Italy. G-4 Periodic Report. 9 Jan 1945.

US Army. Office of Medical History – Army.mil. Disponível em: history.amedd.army.mil/wwii/coldinjury/Chapter07. Acesso em 22 Set 2020.

US Army Signal Corps. Gen Mark Clark in a Brazilian Expeditionary Force parade. Italy, Nov 1944.

A FUNÇÃO DA FEB NOS CAMPOS DE BATALHA DA ITÁLIA

*André Luiz dos Santos Franco*⁶⁸

1 INTRODUÇÃO

As considerações sobre a função da Força Expedicionária Brasileira (FEB) nos campos de batalha da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, têm seus fundamentos estruturados em duas perspectivas: honra e glória. Além disso, a questão conceitual desta função castrense sobrecarrega-se com a questão imagética acerca dos limites de superação que o soldado brasileiro vivenciou ao longo do conflito bélico dentro do território italiano.

No contexto da historiografia brasileira, esta sobrecarga é inevitável, pois o imaginário sobre as ações da FEB sempre foi colocado, ou sempre esteve implicitamente posto, quando se abordou os atos de bravura dos nossos “pracinhas” em combate. Este artigo, portanto, quer simplesmente resgatar como essa função possuiu um efeito passível de ser reconhecido, tanto pela instituição Exército Brasileiro e seus integrantes, como pela própria FEB.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A ESPECIFICIDADE DA FEB

A FEB foi uma força militar terrestre composta por pouco mais de 25 mil homens e mulheres, que, durante a Segunda Guerra Mundial, colocou o Brasil e a América Latina nos campos de batalha italianos ao lado das tropas Aliadas contra os países do Eixo. A especificidade da FEB pode ser esmiuçada ao se observar a diferenciação entre as funções manifesta e latente da tropa. A função manifesta é aquela que salta aos olhos, é perceptível a quem observa, aberta, declarada e consciente; enquanto a função latente não é intencional, mas inconsciente, ocultando interesses que

⁶⁸ * Coronel de Comunicações, Adido do Exército na Itália. Doutor em Ciências Militares (Escola de Comando e Estado-Maior do Exército). Mestre em História (Universidade Federal do Paraná).

não são manifestos com clareza.⁶⁹ Para Merton, um grupo social cumpre funções objetivas, esperadas, manifestas, para os membros do grupo ou mesmo para o sistema social ou cultural como um todo. Contudo, além de cumprir sua função manifesta, a função à qual se destina ou que se espera, o grupo social pode cumprir funções latentes, funções não intencionais pelo grupo ou mesmo desconhecidas pelo grupo.⁷⁰ O conceito de função latente amplia a atenção do observador para mais além de se saber se a conduta consegue ou não a sua finalidade confessada.⁷¹

Enquanto função manifesta, a FEB foi um instrumento de ação bélica do Estado brasileiro, criada em nove de agosto de 1943, cuja destinação encontrava-se imposta em decreto presidencial. Por outro lado, a função latente da FEB estava atrelada ao inconsciente coletivo dos militares, que se metamorfosearam ao longo do tempo, conflitando, por vezes, com a destinação imposta pelo Estado.

A transição das funções manifesta e latente da FEB pode ser melhor compreendida nos estudos de Castoriadis (2010), no que se refere a racionalidade e a funcionalidade de um grupo, em que o imaginário assume função primordial na orientação e direção do mundo social. Na visão do autor, o imaginário antecede a própria concepção do que o indivíduo ou grupo entende como realidade, sendo esta um produto daquele.⁷²

O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa.” Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos.⁷³

Nesse sentido, o imaginário da FEB foi estruturado por diversas simbologias ao longo da sua história. A figura que apresentou maior relevância na imagética coletiva da tropa foi a “cobra e seu cachimbo”, que passaram a compor os uniformes dos soldados brasileiros na Itália. O lema dessa campanha foi “A cobra está fumando”, em uma referência

⁶⁹ MERTON, R. K. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1970, p. 131.

⁷⁰ SANTOS, A. F. P. R. Principais abordagens sociológicas para análise das profissões. **BIB**, São Paulo, nº 71, 1º sem. 2011, p. 28.

⁷¹ MERTON, 1970, p. 131.

⁷² MAGALHÃES, W. L. O imaginário social como um campo de disputas: um diálogo entre Baczkó e Bourdieu. **Albuquerque – Revista de História**, v. 8, nº 16, jul./dez. 2016, p. 92-110.

⁷³ CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010, p.13.

irônica ao que se afirmava à época, que seria “mais fácil uma cobra fumar cachimbo do que o Brasil participar da guerra na Europa.”⁷⁴

Na sua função manifesta, os brasileiros, ao desembarcarem, traziam no ombro esquerdo um pequeno escudo verde-oliva, bordado em branco com a palavra “Brasil.” Como esse distintivo era da mesma cor do casaco e as letras bordadas eram pequenas, havia dificuldade para identificação visual, ao contrário dos americanos que, com desenho diverso e cores vivas, de longe já se sabia a que unidade pertenciam. O costume era usar no lado esquerdo o emblema da unidade e no lado direito o do corpo do exército ou do exército. Essa função manifesta foi observada pelo ministro da Guerra, general Dutra, quando esteve em visita de inspeção às tropas brasileiras na Itália, e assim autorizou que fosse criado um emblema para uso dos oficiais e praças da FEB, alterando a função manifesta de identificar a tropa pelo nome do país por uma função latente que remetia a um grupo armado muito mais aguerrido e valoroso, que fazia até uma cobra fumar.⁷⁵

FIGURA 1: distintivo da FEB.⁷⁶



2.2 A NEUTRALIDADE DO BRASIL

Em 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial, o Brasil manteve-se neutro, numa continuação da política do presidente Getúlio Vargas de não se definir por nenhuma das grandes potências em conflito. Essa função manifesta do líder nacional foi interrompida no início de 1942, quando os Estados Unidos da América (EUA) e o governo brasileiro acertaram a cessão de bases aéreas na ilha de Fernando de Noronha e ao longo da costa norte-nordeste brasileira para o recebimento de bases militares

⁷⁴ FERRAZ, F. C. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Jorge Zahar Editor, 2005, p. 50-51.

⁷⁵ Disponível em: <https://grupoverdeoliva.com.br/o-simbolo-da-feb/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

⁷⁶ Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>. Acesso em: 31 jul. 2020.

americanas, impondo a realidade da função latente norte-americana sobre o Brasil.⁷⁷

A partir de janeiro de 1942, começou uma série de torpedeamentos de navios mercantes brasileiros por submarinos dos países do Eixo na costa litorânea brasileira, numa ofensiva idealizada pelo próprio Adolf Hitler, que visava a isolar o Reino Unido, impedindo-o de receber os suprimentos (equipamentos, armas e matéria-prima) exportados do continente americano.⁷⁸ A ofensiva submarina do Eixo em águas brasileiras buscava também intimidar o governo do Brasil a se manter na neutralidade.⁷⁹

FIGURA 2: a função latente do período na construção do imaginário coletivo.⁸⁰



A opinião pública, comovida pelas mortes de compatriotas, passou a exigir que o Brasil reconhecesse o estado de beligerância com os países do Eixo. As manifestações de rua, em campanha desenvolvida pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e pela Liga de Defesa Nacional, passaram a exigir a declaração de guerra. Em agosto de 1942, a função manifesta de neutralidade governamental deu lugar para a função latente da opinião pública, primeiro com a declaração de rompimento das relações diplomáticas, no dia 22 de agosto, e em seguida, com a declaração do estado de guerra contra a Alemanha nazista e a Itália fascista, através do Decreto nº 10.358, do dia 31 de agosto.⁸¹

⁷⁷ ALVES, V. C. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: história de um envolvimento forçado. Editora PUCRJ, 2002.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 154.

⁷⁹ SEITENFUS, R. **A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. EdUPUCRS, 2000. p. 308.

⁸⁰ Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/atacado-por-nazistas-navio-mercante-tamandare-foi-pique-no-mar-do-caribe-21625651>. Acesso em: 31 jul. 2020.

⁸¹ ALVES, p. 174.

Após a declaração de guerra, o imaginário da opinião pública brasileira passou a permear um duplo caminho entre a mobilização para o envio à Europa de uma força expedicionária como contribuição à derrota do nazifascismo e a dúvida sobre a viabilidade dessa ação.

2.3 A CRIAÇÃO DA FEB

Em fevereiro de 1943, durante o encontro dos presidentes dos EUA e do Brasil, Franklin Roosevelt e Getúlio Vargas, na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, nasceu a ideia de se criar uma força militar para participar do conflito europeu. Naquela oportunidade, o presidente do Brasil destacou que o envio de tropas dependeria, exclusivamente, do reaparelhamento bélico das tropas brasileiras. No imaginário do líder nacional, a figura de soldados combatendo na Europa não tinha nenhum efeito de sentido, devido à precariedade da estrutura de guerra vigente no Brasil.

No início de março, Vargas aprovou proposta do ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, para estruturar uma força expedicionária, condicionando-a ao recebimento do material bélico americano necessário, inclusive, para a manutenção da defesa do território brasileiro. A função manifesta materializou-se em nove de agosto, por meio da Portaria Ministerial nº 47-44, que criou a FEB, formada pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e elementos não divisionários. Em sete de outubro de 1943, o general de divisão João Batista Mascarenhas de Moraes foi designado para organizar e instruir a 1ª DIE.⁸²

A estruturação da FEB propriamente dita teve início com o envio de oficiais brasileiros aos Estados Unidos, para treinamento. Tratava-se de familiarizá-los com os métodos e táticas militares empregadas pelas tropas norte-americanas, substituindo os franceses, já ultrapassados, que ainda predominavam. Esses oficiais permaneceram por três meses na Escola de Comando e Estado-Maior de Fort Leavenworth. Para Moraes (2005, p. 29), a absoluta insuficiência do material de guerra norte-americano no Exército Brasileiro (EB) e a inexistência de uniformes adequados ao Teatro de Operações (TO) europeu, atrasaram sobremaneira a preparação da FEB, afastando cada vez mais as funções manifesta e latente.

Assim, por diversas razões de ordem política e operativa, somente quase dois anos depois, em dois de julho de 1944, teve início o transporte rumo à Itália do primeiro contingente da FEB, sob o comando do general

⁸² MORAES, J. B. M. de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2005. p. 27.

de brigada Zenóbio da Costa. Antes da partida do navio “General Mann”, o presidente Getúlio Vargas proferiu as seguintes palavras de despedida à tropa, buscando internalizar na tropa e na sociedade brasileira a função latente de superioridade do Estado nacional:

Soldados do Brasil! O presidente da República aqui veio, acompanhado do ministro da Guerra, para trazer-vos os votos de feliz viagem. E, não podendo fazê-lo pessoalmente a cada um, o faz por meio deste microfone. É sempre uma glória lutar-se pela Pátria e por um ideal. O governo e o povo do Brasil vos acompanham em espírito na vossa jornada e vos aguardam cobertos de glórias.⁸³

O general Mascarenhas de Moraes assumiria oficial e, posteriormente, o comando da FEB, quando a tropa estivesse completa. O primeiro escalão da FEB chegou ao porto de Nápoles, no dia 16 de julho de 1944, marcando o início da presença brasileira em terras italianas. As primeiras semanas foram ocupadas se aclimatando ao local, assim como recebendo o mínimo equipamento e treinamento necessário, sob a supervisão do comando americano, ao qual a FEB estava subordinada, já que a preparação no Brasil demonstrou ser deficiente, devido à falta de material de instrução⁸⁴, apesar dos quase dois anos de intervalo entre a declaração de guerra e o envio das primeiras tropas à frente de combate.

O Teatro de Operações do Mediterrâneo, onde a FEB combateu, era comandado pelo marechal Harold Alexander. Além de imenso dispositivo logístico, compunha-se de duas grandes unidades operacionais: o VIII Exército inglês, comandado pelo general Montgomery, e o V Exército norte-americano, comandado pelo general Mark Clark. Cada um desses Exércitos era formado por vários Corpos de Exército, e estes, por várias Divisões de Exército.⁸⁵

A FEB combateu incorporada ao V Exército (V Ex), a partir de cinco de agosto de 1944, na cidade de Tarquinia, próxima de Roma, e ao IV Corpo de Exército (IV CEx), comandado, este, pelo general Crittberg, desde seis de setembro de 1944, com emprego da 1ª Companhia de Engenharia (1ª Cia Eng) (1ª tropa a entrar em ação na península europeia). No conjunto, combateram com a FEB, na Itália, 22 divisões, sendo: seis norte-americanas, seis britânicas, três canadenses, duas polonesas, três indianas, uma sul-africana e uma neozelandesa.⁸⁶

⁸³ *Ibidem*, p. 40.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 47.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 7.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 7-8.

A organização da função manifesta da FEB, na Itália, em cinco de setembro de 1944, foi alicerçada pela 1ª DIE, comandada pelo general Mascarenhas de Moraes, que integrava as seguintes tropas: Infantaria Divisionária, comandada pelo general Zenóbio da Costa, e estruturada pelos 1º, 6º e 11º Regimentos de Infantaria; Artilharia Divisionária, comandada pelo general Cordeiro de Farias; 9º Batalhão de Engenharia; 1º Batalhão de Saúde; 1º Esquadrão de Reconhecimento e pela 1ª Companhia de Transmissões.⁸⁷

A presença do corpo feminino no Batalhão de Saúde da FEB foi um marco na função latente da valorização da mulher dentro da sociedade brasileira. O trabalho anônimo das nossas heroínas foi destacado por diversos chefes militares durante a campanha na Itália. Esse imaginário coletivo pode ser retratado nas palavras do correspondente de guerra Rubem Braga.

Dezembro, 1944. Ontem passei por um hospital de campo instalado em um sobrado à beira da estrada que vai para frente. Ali só ficam os feridos que têm necessidade urgente de ser operados e não podem suportar uma viagem mais longa. No momento só havia cinco homens, todos já operados: três brasileiros, um americano e um alemão. A enfermeira Neuza Melo Gonçalves – morena, alta e bem disposta, que encontrei consolando com uma tagarelíce alegre um pracinha ferido – me disse que todos já tinham sido operados e estavam bem. [...] As enfermeiras brasileiras trabalham, como norma geral, das sete da manhã às sete da noite, com três horas de descanso no meio – mas naturalmente, quando é necessário, dispõem a trabalhar nas horas de descanso.⁸⁸

Outro aspecto importante no campo imagético e psicossocial da função latente da FEB foi a formação multiétnica das tropas brasileiras. Nossos “pracinhas” (oficiais e praças) constituíram a única força miscigenada não segregacionista entre as tropas aliadas combatentes na Europa. Mais uma vez, o cronista coloca luz nessa função latente do grupo social febianos.

Dezembro, 1944. Atualmente, no setor em que se acham, os brasileiros só enfrentam alemães, soldados duros, mas em nada superiores aos nossos homens, que já estão perfeitamente habituados a bater-se com eles, sem nenhum temor das virtudes guerreiras do “soldado incomparável” que a propaganda dos pró-nazistas brasileiros ajudou a exaltar. É preciso conversar com os nossos pracinhas que estão na linha de frente para ver como é que essa nossa gente do povo, esses nossos brancos, mulatos, pretos e caboclos de qualquer canto do Brasil se adaptam a tudo, aguentam tudo, e riem quando a gente diz, para provocar, que o soldado alemão das

⁸⁷ *Ibidem*, p. 258-261.

⁸⁸ BRAGA, R. **Crônicas da guerra na Itália**. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 83-85.

tropas de assalto é o melhor do mundo. – É o melhor lá para as negras dele – me disse outro dia um cabo brasileiro. – Para mim, não.⁸⁹

FOTO 2: A multietnicidade das tropas da FEB.⁹⁰



2.4 A FEB EM COMBATE

A partir do dia 13 de setembro de 1944, o destacamento da FEB, comandado pelo general Zenóbio da Costa, ficou adido e subordinado ao IV Corpo de Exército. Começava assim as operações militares da FEB na Itália.

No dia 15 de setembro, as tropas brasileiras entraram na linha de frente, substituindo elementos norte-americanos pertencentes à “Task Force 45” e à 1ª Divisão Blindada. No dia seguinte, o destacamento da FEB iniciou seu movimento ofensivo, ocupando, na mesma jornada, a cidade de Massarosa.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 73.

⁹⁰ Disponível em: <https://painelnovicias.com.br/geral/147660/os-herois-brasileiros-na-italia>. Acesso em: 31 jul. 2020.

FOTO 3: A FEB sendo recebida pela população de Massarosa.⁹¹



Mantendo a impulsão, no dia 18 de setembro, o destacamento da FEB conquista a cidade de Camaione.⁹² Combatendo em terreno montanhoso, os “pracinhas” conquistaram, no dia 26 de setembro, um importante acidente capital da sua frente de batalha: o Monte Prana. No dia seguinte, o destacamento da FEB iniciou seu deslocamento e concentração para realizar operações no vale do rio Serchio. Em 29 de setembro, as tropas brasileiras, com seus elementos avançados, liberaram, durante o avanço, as cidades de Pescaglia e Borgo a Mozzano.⁹³

No dia 11 de outubro, o destacamento da FEB conquista a cidade de Barga. No dia 24 de outubro, a FEB ocupa a localidade de Sommocolonia.⁹⁴ Devido às conquistas iniciais da FEB, nos meses de setembro e outubro, o comando do IV Corpo de Exército determinou que o destacamento iniciasse seu deslocamento para realizar operações no vale do rio Reno.

A partir de 1º de novembro de 1944, a 1ª DIE estava completa, assumindo, em 10 de novembro, as posições no vale do rio Reno. A missão da FEB era expulsar as tropas alemãs dos Apeninos sententrionais que,

⁹¹ Disponível em: <https://passeiosnatoscana.com/conhecendo-a-historia-do-brasil-na-segunda-guerra-em-pistoia-monumento-e-museu-da-feb/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

⁹² MORAES, 2005, p. 248.

⁹³ *Ibidem*, p. 249.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 250.

por meio do fogo de artilharia dessas posições, impediam o avanço dos aliados no setor principal da frente italiana, sob responsabilidade do VIII Exército britânico (localizado entre o centro da Itália e o mar Adriático).

Iniciava-se assim, a ação mais longa da FEB em terras italianas, quando foi incumbida de tomar o complexo formado pelos montes Castello, Belvedere e outras posições montanhosas em seus arredores, no espaço de alguns dias. Após algumas tentativas fracassadas, nos meses de novembro e dezembro de 1944, ficou evidenciado que para a obtenção do sucesso em tal empreitada seria necessário um ataque conjunto pelo efetivo de duas divisões, simultaneamente, aos montes Belvedere, Della Torraccia, Monte Castello (Gaggio Montano) e Castelnuovo (Vergato), o que mesmo assim, alertava o comando brasileiro, não poderia ser levado a cabo em menos de uma semana.

Durante o rigoroso inverno entre 1944 e 1945, nos Apeninos, a FEB enfrentou temperaturas de até vinte graus negativos, não contando a sensação térmica. Muita neve, umidade e contínuos ataques de caráter exploratório por parte do inimigo alemão, que por intermédio de pequenas inquietações procurava tanto minar a resistência física, quanto a psicológica das tropas brasileiras, não acostumadas às baixas temperaturas. Condições climáticas e reações físicas se somavam aos mais de três meses de campanha ininterrupta, sem pausa para recuperação.

FOTO 4: Artilharia da FEB operando durante o rigoroso inverno.⁹⁵



⁹⁵ Disponível em: <https://medium.com/@diegocataldo/cobras-fumantes-na-segunda-guerra-mundial-d2ab1415261e>. Acesso em: 31 jul. 2020.

Entre o fim de fevereiro e meados de março de 1945, como havia sugerido o comandante da FEB, deu-se a “Operação Encore”, um avanço em conjunto com a recém-chegada 10ª Divisão de Montanha americana. Assim, foram finalmente tomados, entre outras posições, por parte dos brasileiros: Monte Castello (21 de fevereiro), La Serra-Cota 958 (23 de fevereiro) e Castelnuovo (cinco de março), enquanto os americanos tomaram os montes Belvedere e Della Torraccia. A conquista destas posições pelas divisões brasileira e americana possibilitou a ofensiva das tropas aliadas.

A função latente da vitória brasileira em Monte Castello aglutinou corações e mentes dos nossos “pracinhas”, mudando inteiramente o imaginário coletivo do soldado brasileiro e da FEB. Nas metáforas do cronista Rubem Braga, a vitória em Monte Castello ressoava da seguinte maneira:

E sei que cada pracinha que neste momento estiver no alto do monte estará se sentindo rico, como se cada um, dentro do seu “foxhole”, fosse dono de um castelo. Ah, riquezas boas-vindas das Copacabanas e Higiabópolis, aqui, [...] eu vos digo: não invejo vossos lucros de guerra, nem vossas magníficas mulheres, nem vossa vida larga e suave. A riqueza maior está com o pracinha dentro do buraco de lama – no alto, na encosta “do lado de lá” do Monte Castello. Ele é o pária suntuoso, dono de um castelo que custou “lágrimas, suor e sangue”, um castelo de sonho e de pesadelo, de raiva e despeito, um castelo de morte e agonia, e ser dono desse castelo é a suprema pompa, é o grande fausto.⁹⁶

FOTO 5: militar da FEB aponta para o Monte Castello, no dia da sua conquista.⁹⁷



⁹⁶ BRAGA, 1996, p. 156-157.

⁹⁷ Disponível em: <https://www.defesa.tv.br/dia-da-conquista-do-monte-castello-na-italia-pe-la-feb-em-1945/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

No dia nove de abril de 1945, iniciou-se a fase final da ofensiva da primavera com o intuito de romper definitivamente a linha de defesa alemã, que recuara constantemente desde setembro de 1944, mas, ainda, impedia o avanço das tropas aliadas na Itália rumo à Europa Central. No dia 14 de abril, a FEB atacou e conquistou a cidade de Montese. A ação da 1ª DIE foi avassaladora, contando com intensa preparação de fogos de Artilharia e utilização de carros de combate M8, M4 e M10.

Com a fracassada tentativa alemã de retomar Montese e o consequente avanço das tropas das 10ª Divisão de Montanha e 1ª Divisão Blindada americanas, efetivou-se o desmoronamento das defesas germânicas naquele setor, ficando evidenciada a impossibilidade, por parte das tropas alemãs, de manterem, a partir daquele momento, a linha gótica, tanto no setor a oeste, próximo ao mar da Ligúria, quanto no setor a leste, próximo ao mar Adriático.

Após a vitória em Montese, a FEB iniciou o seu aproveitamento do êxito sobre as tropas alemãs. No dia 22 de abril, o 6º Regimento de Infantaria (6º RI) conquista a cidade de Zocca. Com a captura desta localidade, a 1ª DIE iniciou a perseguição já no vale do rio Pó. As últimas batalhas ocorrem nos dias 26 e 27 de abril, em Collecchio, e no dia 28 em Fornovo di Taro. Nessa ação, os efetivos da FEB, que se encontravam naquela região em inferioridade numérica aos alemães, cercaram e, após combates oriundos da infrutífera tentativa de rompimento do cerco, por parte do inimigo, seguidos de rápida negociação, obtiveram a rendição, no dia 29 e 30 de abril, dos efetivos remanescentes de quatro divisões inimigas: duas alemãs (a 148ª Divisão de Infantaria e a 90ª Divisão Blindada) e duas italianas fascistas (a 1ª Divisão Bersaglieri e a 4ª Divisão de Montanha “Monte Rosa”). Em sua arrancada final, a FEB, ainda, chegou à cidade de Turim, e, em dois de maio de 1945, na cidade de Susa, onde fez junção com as tropas francesas na fronteira franco-italiana.⁹⁸

⁹⁸ MORAES, 2005, p. 256.



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função da FEB na Itália, como foi possível esmiuçar ao longo deste artigo, não apresentou uma unidade, pois sofreu influências do imaginário coletivo, que absorveu inúmeras interpretações sobre a função manifesta da tropa brasileira, reverberando funções latentes, que ajudaram a dar uma identidade ao grupo social febiano. A honra dos “pracinhas” nos campos de batalha nasceu do sacrifício de vidas, construindo uma função latente, que uniu a tropa em busca da vitória castrense. Essa conquista amalgamou a função manifesta da glória de ter superado um inimigo poderoso, fato que passou a ser reconhecido, tanto no nível institucional da Força Terrestre, como nível operativo da própria FEB.

Nesse sentido, as funções manifesta e latente se encontram na simples constatação que a ação da FEB na Itália foi laureada de honra e glória, pois a vitória das tropas brasileira em 1944-1945 é uma consagração indiscutível, sob qualquer aspecto. Desde a preparação no Brasil, passando pelo embarque em escalões, pela chegada à Itália, pelo desafio do adestramento final, pelas primeiras missões no vale do Serchio, pelos primeiros reverses, até a sucessão de vitórias, em Monte Castello, Castelnuovo, Montese, Collecchio e Fornovo di Taro.

Por fim, ressalta-se um trecho do ofício que o general Crittenberg, comandante do IV Corpo de Exército, enviou para o general Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, após a vitória em Monte Castello, de-

⁹⁹ *Idem.*

monstrando como a função latente do espírito vencedor dos “pracinhas”, materializou-se na função manifesta da FEB para os Aliados.

[...] Na captura de MONTE CASTELLO e o avanço subsequente contra tenaz resistência inimiga, foi revelado por parte da FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA um espírito ofensivo altamente satisfatório. A coordenação de vosso ataque, tanto entre as próprias unidades como com a divisão vizinha, evidenciou, da mesma forma, um metódico plano de estado-maior e uma excelente supervisão do campo de batalha. A disciplina de fogo, de que o esquema da manobra necessita como um todo, foi bem realizada e demonstrou a louvável ação de comando por parte dos comandantes das unidades subordinadas. O honroso desempenho das tropas brasileiras, sob vosso comando, estabelece um padrão elevado que servirá para estimular todos os outros elementos de vossa divisão, quando chegar a oportunidade de lançá-los em novas ações de ofensiva [...].¹⁰⁰

REFERÊNCIAS

ALVES, V. C. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado**. Rio de Janeiro: Editora PUCRJ, 2002.

BRAGA, R. **Crônicas da guerra na Itália**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FERRAZ, F. C. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MAGALHÃES, W. L. O imaginário social como um campo de disputas: um diálogo entre Baczko e Bourdieu. Albuquerque. **Revista de História**, v. 8, nº 16. jul./dez. 2016.

MERTON, R. K. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1970.

MORAES, J. B. M. de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2005.

SANTOS, A. F. P. R. Principais abordagens sociológicas para análise das profissões. **BIB**, São Paulo, nº 71, 1º sem. 2011.

SEITENFUS, R. **A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2000.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 337-338.



A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

Uma história de tradição

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 120 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

A universidade de hoje

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

A Editora da Universidade de Caxias do Sul

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1.500 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:



Você sabe de onde eu venho?
Venho do morro, do Engenho,
Das selvas, dos cafezais,
Da boa terra do coco,
Da choupana onde um é pouco,
Dois é bom, três é demais,
Venho das praias sedosas,
Das montanhas alterosas,
Do pampa, do seringal,
Das margens crespas dos rios,
Dos verdes mares bravios
Da minha terra natal.

Eu venho da minha terra,
Da casa branca da serra
E do luar do sertão;
Venho da minha Maria
Cujo nome principia
Na palma da minha mão,
Braços mornos de Moema,
Lábios de mel de Iracema
Estendidos para mim.
Ó minha terra querida
Da Senhora Aparecida
E do Senhor do Bonfim!

Você sabe de onde eu venho?
E de uma Pátria que eu tenho
No bojo do meu violão;
Que de viver em meu peito
Foi até tomando jeito
De um enorme coração.
Deixei lá atrás meu terreno,
Meu limão, meu limoeiro,
Meu pé de jacarandá,
Minha casa pequenina
Lá no alto da colina,
Onde canta o sabiá.

Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A razão do meu boral,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

Venho de além desse monte
Que ainda azula no horizonte,
Onde o nosso amor nasceu;
Do rancho que tinha ao lado
Um coqueiro que, coitado,
De saudade já morreu.
Venho do verde mais belo,
Do mais dourado amarelo,
Do azul mais cheio de luz,
Cheio de estrelas prateadas
Que se ajoelham deslumbradas,
Fazendo o sinal da cruz!

Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A razão do meu boral,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil

